



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3283-6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**DO RASCUNHO AO HIPERTEXTO:
EDIÇÃO DE SERMÕES DE FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO
MACHADO**

por

MARÍLIA ANDRADE NUNES

Orientadora: Profa. Dra. Alcília Duhá Lose

**SALVADOR
2012**



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263-6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**DO RASCUNHO AO HIPERTEXTO:
EDIÇÃO DE SERMÕES DE FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO
MACHADO**

por

MARÍLIA ANDRADE NUNES

Orientadora: Profa. Dra. Alícia Duhá Lose

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR
2012**

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Nunes, Marília Andrade.

Do rascunho ao hipertexto: edições de sermões de Frei Domingos da Transfiguração
Machado / Marília Andrade Nunes. - 2012.
242 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alicia Duhá Lose.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

1. Mosteiro de São Bento da Bahia. 2. Machado, Domingos da Transfiguração, Frei, 1824-1908. 3. Sermões. 4. Crítica textual. 5. Filologia. I. Lose, Alicia Duhá. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 801.959

CDU - 801.73

A

Maria das Dores Andrade (*in memoriam*), mãe extraordinária, exemplo de amor incondicional e responsável por todas as minhas vitórias, por ter doado sua vida para mim, por acreditar, investir e se orgulhar do meu potencial, enfim, por ter me dado a oportunidade única de conhecer e conviver com um ser humano tão especial... eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, não só pelo dom da vida, mas, principalmente, pela nova vida que me deu.

À Profa. Me. Marla Oliveira Andrade, grande amiga, fonte de inspiração e coorientadora, por me apresentar e me acompanhar nesses novos horizontes.

Às Luluzinhas Cláudia, Eveline e Valda, por serem minhas Amigas-Irmãs de todos os momentos.

A Pedro, meu super companheiro, pela cumplicidade e apoio, por seu amor, paciência e bom humor constantes.

À Profa. Dra. Alícia Duhá Lose, minha orientadora, pela confiança, amizade, carinho, incentivo e imensa sabedoria partilhada.

A Liana Rodrigues Netto, por ter me apresentado a D. Esperança e me garantido o equilíbrio e saúde necessários para enfrentar as várias ondas da vida.

A Tia Consuelo e Camila, pelo carinho sempre dispensado.

A Carol, pelo cuidado e generosidade com sua “boadrasta”.

Ao meu filhote Boris, companheiro fiel nos dias e madrugadas de trabalho.

Às queridas Lívia Magalhães e Luciene Mangieri, pela grande ajuda em momentos cruciais.

A Esdras Cabus Moreira, pelo suporte em momentos delicados.

Ao Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia, pela comunhão de conhecimentos, vitórias, inquietações e brincadeiras.

Ao Mosteiro de São Bento da Bahia e Faculdade São Bento da Bahia, pelo apoio a esta pesquisa.

Aos professores do Instituto de Letras da UFBA, pelos conhecimentos partilhados.

Aos meus amigos e colegas, pela paciência e apoio constantes.

Àqueles que contribuíram para concretização deste sonho.

A todos, meu carinho e gratidão sinceros!

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes poderão prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, sabia que não era assim. O fim de uma viagem é sempre o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com Sol onde primeiramente a chuva caíra, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago, 1985

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise filológica de seis sermões datados dos séculos XIX e XX, produzidos pelo beneditino Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado. Visa a oferecer o texto dos sermões *Sobre o escândalo*, *Sobre a maledicência*, *Paixão*, *Sermão de Misericórdia*, *Nossa Senhora de Montserrat* e *São Sebastião* através de uma edição conservadora, uma edição modernizada e uma edição digital. Inicialmente, se apresenta a Filologia enquanto antiga ciência das palavras e se discute seu papel na contemporaneidade, estabelecendo, assim, relação entre o objeto de estudo e os elementos que compõem os arredores textuais. Neste momento, se faz o levantamento biográfico do autor dos documentos estudados, acompanhado de informes acerca do local onde ele viveu e está localizado seu acervo, o Mosteiro de São Bento da Bahia. A isso se segue a apresentação do objeto da dissertação, os *Sermões*, com descrições extrínseca e intrínseca, através das quais se destacam as contribuições da Paleografia e Diplomática ao labor filológico, em geral, e à Crítica Textual, em particular. Apresentam-se ainda considerações acerca da estrutura do sermão segundo a retórica, analisando-se também a argumentação no discurso de Frei Domingos. A seguir, tem-se uma reflexão sobre a Edição Conservadora dos documentos, com os critérios adotados para sua realização, além da conceituação de tipologia de erros e exposição dos resultados da revisão da primeira edição semidiplomática, preparada anteriormente, e da transcrição conservadora do material. Ademais, aborda-se a Edição Modernizada, seu conceito e critérios usados para o processo de modernização dos Sermões, destacando-se a peculiaridade desses textos, que se constituem de uma escrita em diferentes fases de gestão, e se segue às considerações sobre os movimentos de correção do autor e da editora e à transcrição modernizada do material. Discute-se, por fim, a respeito da Edição Digital, relacionando-a à Filologia na modernidade, além de se explicar a metodologia adotada na preparação da intitulada *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para salvação* e seus resultados. Os fac-símiles dos sermões e a Edição Digital são apresentados em formato digital (DVD).

Palavras-chave: Mosteiro de São Bento da Bahia. Frei Domingos da Transfiguração Machado. Sermões. Edição conservadora. Edição modernizada. Edição digital.

ABSTRACT

This dissertation presents a philological analysis of six sermons dating from the nineteenth and twentieth centuries, produced by the benedictine Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado. Aims to provide the text of the sermons “Sobre o Escândalo”, “Sobre a Maledicência”, “Paixão”, “Sermão de Misericórdia”, “Nossa Nossa Senhora de Montserrat” and “São Sebastião”, through a conservative edition, a modernized edition and a digital edition. Initially presents Philology as an ancient science of words and discussing its role in contemporary, thus providing relationship between the study object and the elements that make up the surrounding text. At this time, it is the author's biographical survey of the documents studied, accompanied by reports about where he lived and located his collection, the Monastery of São Bento da Bahia. This is followed by the presentation of the object of the dissertation, the Sermons, with extrinsic and intrinsic descriptions, through which we highlight the contributions of Palaeography and Diplomatic to the philological labor, in general, and Textual Criticism, in particular. Presents further considerations about the structure of the sermon, according to rhetoric, also analyzing the arguments in Frei Domingos speech. The following is a reflection on the Conservative Edition of documents, with the criteria adopted for its implementation, in addition to the concept of typology of errors and present the results of the review of the first edition semidiplomatic, previously prepared, and transcription conservative material. Moreover, approaches the Modernized Edition, its concept and criteria used for the process of modernization of Sermons, highlighting the peculiarity of these texts, which are written in a different management phases, and follows the considerations of the movements correction by the author and the publisher and modernized transcription of the material. It is argued, finally, about the Digital Edition, relating to the Philology in modernity, and explain the methodology used in preparing the Digital Edition entitled “Digital Edition of Frei Domingos da Transfiguração Machado Sermons: a hyperlink to salvation” and their results. The facsimiles of sermons and the Digital Edition are presented in digital format (DVD).

Keywords: Monastery of São Bento of the Bahia. Frei Domingos da Transfiguração Machado. Sermons. Conservative edition. Modernized edition. Digital edition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Mosteiro de São Bento da Bahia na Cidade do Salvador, em 1625	22
Figura 2 – Ladeira e Igreja de São Bento, em 1874	23
Figura 3 – Visão aérea do Mosteiro de São Bento da Bahia, séc. XXI	24
Figura 4 – Vista do Setor de Obras Raras da Biblioteca do Mosteiro	26
Figura 5 – Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado	28
Figura 6 – Lápide de Frei Domingos da Transfiguração Machado, acompanhada de tradução	31
Figura 7 – Capa do livro <i>Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira</i>	35
Figura 8 – Caixa que acondiciona os Sermões	37
Figura 9 – “Lombada” da Caixa	37
Figura 10 – Abas hexagonais da Caixa	37
Figura 11 – Caixa dos sermões aberta	38
Figura 12 – Manchas por umidade – fac-símile <i>Sermão de Misericórdia, 1r</i>	39
Figura 13 – Corrosões do papel – fac-símile <i>Nossa Senhora de Montserrat, 1v</i>	39
Figura 14 – Fac-símile <i>Sobre o Escândalo, 3r</i> – primeira campanha	40
Figura 15 – Fac-símile <i>Sobre o Escândalo, 3r</i> – segunda campanha	40
Figura 16 – Desbotamento da tinta – fac-símile <i>Sobre o Escândalo, 1v</i>	40
Figura 17 – Letras <t>, <d>, <q>, <f> e <~> – fac-símile <i>Sermão de Misericórdia, 7v</i>	41
Figura 18 – Fac-símile <i>Sobre o Escândalo, 1r</i>	42
Figura 19 – Fac-símile <i>Sobre a Maledicência, 1r</i>	42
Figura 20 – Fac-símile <i>Paixão, 1r</i>	42
Figura 21 – Invólucro do <i>Sermão de Misericórdia, acompanhado de transcrição</i>	43
Figura 22 – Invólucro do sermão <i>Nossa Senhora de Montserrat, acompanhado de transcrição</i>	43

Figura 23 – Invólucro do sermão <i>Paixão, acompanhado de transcrição</i>	43
Figura 24 – Fac-símile <i>Sobre o Escândalo, 8r, l. 1-3</i>	44
Figura 25 – Fac-símile <i>São Sebastião, 1r, l. 13</i>	44
Figura 26 – Fac-símile <i>Paixão, 2v, l. 1</i>	44
Figura 27 – Fac-símile <i>Sobre a Maledicência, 5r, l. 18</i>	45
Figura 28 – Fac-símile <i>Sermão de Misericórdia, 8r, l. 1-3</i>	48
Figura 29 – Edição conservadora do fólio 7v, <i>Sermão de Misericórdia</i> , p. 98, do livro <i>Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira</i>	140
Figura 30 – Uso de letra minúscula em início de frase, fac-símile <i>Sermão de Misericórdia, 6v, l 7-15</i>	158
Figura 31 – Fac-símile <i>Sermão de Misericórdia, 5r, l 1-12</i>	160
Figura 32 – Página inicial da <i>EDIÇÃO DIGITAL DE SERMÕES DE DOM FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO: um hiperlink para a salvação</i>	226
Figura 33 – Hipertexto “ <i>Sobre o Escândalo</i> ”	227
Figura 34 – Hipertexto “ <i>Sobre o Escândalo: características do documento digitalizado</i> ”	228
Figura 35 – Hipertexto “ <i>Comparação entre transcrições conservadora e modernizada – Sobre o Escândalo</i> ”	228
Figura 36 – Página da <i>Edição Digital de Sermões de Frei Domingos:</i> <i>um hiperlink para a salvação</i>	233

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de emendas autorais nos Sermões	144
Gráfico 2 – Movimentos de correção autoral no sermão <i>Sobre o Escândalo</i>	145
Gráfico 3 – Movimentos de correção autoral no sermão <i>Paixão</i>	146
Gráfico 4 – Movimentos de correção autoral no sermão <i>Nossa Senhora de Montserrat</i>	147
Gráfico 5 – Movimentos de correção autoral no sermão <i>Sobre a Maledicência</i>	147
Gráfico 6 – Movimentos de correção autoral em <i>Sermão de Misericórdia</i>	148
Gráfico 7 – Movimentos de correção autoral no sermão <i>São Sebastião</i>	149
Gráfico 8 – Total de movimentos de correção autoral nos seis sermões de Frei Domingos	150
Gráfico 9 – Intervenções da editora nos sermões de Frei Domingos	151
Gráfico 10 – Intervenções da editora no fólio 3v, <i>Sermão de Misericórdia</i>	155
Gráfico 11 – Intervenções da editora no fólio 1r, <i>Sermão de Misericórdia</i>	156
Gráfico 12 – Incidência de intervenções em notações léxicas, <i>Sermão de Misericórdia</i> , 1r–10v	158
Gráfico 13 – Intervenções efetuadas em <i>Sermão de Misericórdia</i> , 5r	160
Gráfico 14 – Incidência de abreviaturas em <i>Sermão de Misericórdia</i> , 1r–10v	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sermões de Frei Domingos	33
Quadro 2 – Abreviatura por suspensão	45
Quadro 3 – Abreviatura por contração	46
Quadro 4 – Abreviatura por sobreposição	46
Quadro 5 – Abreviatura por sigla	47
Quadro 6 – Semelhança entre letras de Frei Domingos	48
Quadro 7 – Epígrafe em latim	52
Quadro 8 – Conclusão dos sermões	54
Quadro 9 – Modéstia como estratégia argumentativa em sermões de Frei Domingos	56
Quadro 10 – Início de <i>Sermão de Misericórdia</i>	56
Quadro 11 – Preparação dos ouvintes em <i>Sermão de Misericórdia</i>	56
Quadro 12 – Argumentos em <i>Sermão de Misericórdia</i>	57
Quadro 13 – Orientações de Frei Domingos ao público	58
Quadro 14 – Modificação exógena	66
Quadro 15 – Modificações endógenas: salto-bordão	67
Quadro 16 – Modificações endógenas: salto-bordão em <i>Nossa Senhora de Montserrat</i>	68
Quadro 17 – Modificações endógenas causadas por semelhança gráfica	68
Quadro 18 – Modificações endógenas: lacuna do copista	70
Quadro 19 – Modificações endógenas: lapso na digitação e variante do copista	70
Quadro 20 – Diferença na sequência dos fólios de <i>Sermão de Misericórdia</i>	71
Quadro 21 – Intervenções na escrita	151
Quadro 22 – Correção ortográfica	152
Quadro 23 – Diferença no registro de clíticos	152
Quadro 24 – Modernização na escrita	152
Quadro 25 – Emendas na acentuação e notações léxicas	153

Quadro 26 – Emendas na pontuação	154
Quadro 27 – Intervenções na grafia: verbos e palavras com semelhança sonora em letras	156
Quadro 28 – Intervenções na grafia: consoante dobrada	157
Quadro 29 – Intervenções na acentuação e notação léxica, <i>Sermão de Misericórdia</i>	159
Quadro 30 – Comparação entre edição semidiplomática e edição modernizada de <i>Sermão de Misericórdia</i> , 5r, l 1-12	161

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FILOLOGIA E OS ARREDORES TEXTUAIS	18
2.1	O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA	21
2.2	LEVANTAMENTO BIOGRÁFICO DE DOM FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO	27
3	OS SERMÕES: ESBOÇOS E RASCUNHOS	32
3.1	DESCRIÇÃO	35
3.1.1	Descrições extrínseca e intrínseca	36
3.2	SERMÃO: UM TEXTO ARGUMENTATIVO	49
3.2.1	Um olhar sobre a argumentação em <i>Sermão de Misericórdia</i>	55
4	EDIÇÃO CONSERVADORA: FIDELIDADE TEXTUAL	60
4.1	CRITÉRIOS DA EDIÇÃO CONSERVADORA	63
4.2	COMENTÁRIO SOBRE A REVISÃO	65
4.3	TRANSCRIÇÃO CONSERVADORA DOS DOCUMENTOS	72
4.3.1	<i>São Sebastião</i>	72
4.3.2	<i>Paixão</i>	77
4.3.3	<i>Nossa Senhora de Montserrat</i>	105
4.3.4	<i>Sermão de Misericórdia</i>	112
4.3.5	<i>Sobre o Escândalo</i>	122
4.3.6	<i>Sobre a Maledicência</i>	132
5	EDIÇÃO MODERNIZADA: UMA PLURALIDADE DE VONTADES	140
5.1	CRITÉRIOS DA EDIÇÃO MODERNIZADA	142
5.2	MOVIMENTOS DE CORREÇÃO NOS SERMÕES	143
5.2.1	Movimentos de correção autoral	143
5.2.2	Movimentos de correção da editora	150

5.2.3	Modernização de <i>Sermão de Misericórdia</i>: alguns dados	154
5.3	EDIÇÃO MODERNIZADA DOS DOCUMENTOS	163
5.3.1	Transcrição modernizada de <i>São Sebastião</i>	163
5.3.2	Transcrição modernizada de <i>Paixão</i>	167
5.3.3	Transcrição modernizada de <i>Nossa Senhora de Montserrat</i>	193
5.3.4	Transcrição modernizada de <i>Sermão de Misericórdia</i>	197
5.3.5	Transcrição modernizada de <i>Sobre o Escândalo</i>	204
5.3.6	Transcrição modernizada de <i>Sobre a Maledicência</i>	212
6	EDIÇÃO DIGITAL: UMA REALIDADE VIRTUAL	218
6.1	EDIÇÃO DIGITAL DE SERMÕES DE FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO: UM <i>HIPERLINK</i> PARA A SALVAÇÃO	223
6.1.1	Metodologia da Edição Digital	230
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESEJO DE RECOMEÇO	234
	REFERÊNCIAS	237
	APÊNDICE (DVD com Edição Digital)	
	ANEXOS (DVD com fac-símiles dos manuscritos)	

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada *Do rascunho ao hipertexto: edição de Sermões de Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado*, tem como objetivo oferecer seis sermões manuscritos do beneditino Frei Domingos, através de três tipos de edição: semidiplomática, modernizada e digital.

O *corpus* se constitui de sermões manuscritos entre o final do séc. XIX e início do XX, pelo monge responsável pela restauração da Congregação Beneditina Brasileira, Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado, um baiano da Ilha de Itaparica. Trata-se, na verdade, de alguns rascunhos e esboços de pregações a serem proferidas na homilia de determinadas datas litúrgicas, sendo, portanto, um material rico em supressões, acréscimos, rasuras e deslocamentos – uma marca das diferentes fases de gestação dos textos. Trata-se ainda de *sermões*, gênero textual caracterizado pelo forte apelo argumentativo.

É nesse ambiente “dominguiano”, até pouco tempo desconhecido, que se desenvolvem algumas análises e se compartilham algumas inquietações, tendo sempre como norte a ótica da Filologia, ciência que

[...] abraça tudo o que pode contribuir, de perto ou de longe, para a melhor compreensão do espírito ou da letra dos autores, o que faz com que, além dos assuntos precedentes, o filólogo tenha, ainda, que se tornar, conforme o caso, arqueólogo, jurista, geógrafo, historiador, mitólogo etc. (SAUSSURE, 2004, p. 153).

Em conformidade com essa postura investigativa inerente ao labor filológico, buscam-se as informações contextuais e paratextuais, que oferecem ao filólogo os instrumentos hermenêuticos adequados – daí a relevância de se dar a conhecer os arredores do texto (seu autor, o ambiente no qual fora concebido, a caracterização sócio-histórica).

Considerando que o texto é um documento de fatos linguísticos, acredita-se que, através dele, é possível compreender a cultura da comunidade que usa a língua em que esse texto foi escrito – daí a relevância de uma edição

conservadora fidedigna, pautada em critérios rigorosos – optou-se, nesta dissertação, pela edição semidiplomática dos sermões.

Por outro lado, é sempre importante levar ao alcance do grande público a fruição de obras extraordinárias, mesmo que, para tal empreitada, se faça necessário atualizar os padrões linguísticos – daí a relevância da edição modernizada dos manuscritos de Frei Domingos.

Antes mesmo de iniciar esta dissertação, uma inquietação consumia a autora: haveria, na atualidade, alguma edição que permitisse que as edições conservadora e modernizada e seu arcabouço informacional se correlacionassem, de forma harmoniosa e interativa? Adotou-se como resposta a edição digital, a qual cria uma sintonia perfeita entre os diferentes tipos de transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse o texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função com mais confiança e clareza.

Assim, a dissertação traz sete seções, incluindo esta introdução, contextualização histórica, algumas análises, dois tipos de transcrição, as edições (apresentando os critérios de transcrição, a justificativa da escolha dos tipos de edição realizados, os dados referentes aos processos de revisão da edição semidiplomática e da modernizada, os resultados da edição digital e a transcrição dos documentos aqui trabalhados) e as considerações finais.

Na seção 2, intitulada *Filologia e os arredores textuais*, reflete-se, inicialmente, acerca de alguns conceitos fundamentais de Filologia, desde suas origens, na Grécia, até a contemporaneidade, no intuito de esclarecer a relevância das duas seções secundárias ora apresentadas: em *O Mosteiro de São Bento da Bahia*, primeira seção secundária, situa-se o leitor brevemente na história beneditina no Brasil e na Bahia, descrevendo o Mosteiro de São Bento da Bahia, ambiente em que se desenvolveu a pesquisa e onde se encontra guardado o objeto deste trabalho; na segunda seção secundária – *Levantamento biográfico de Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado* – se aborda a vida e obra de Frei Domingos, esclarecendo a importância de se estudar seus documentos.

A terceira seção deste trabalho intitula-se *Os Sermões: esboços e rascunhos* e se constitui de duas seções secundárias: a primeira é *Descrição*, a

segunda, *Sermão: um texto argumentativo*. Essa seção apresenta brevemente o acervo de Frei Domingos e o *corpus* deste estudo: os manuscritos autógrafos *São Sebastião, Paixão, Nossa Senhora de Montserrat, Sermão de Misericórdia, Sobre a Maledicência e Sobre o Escândalo*. A primeira seção secundária traz minuciosas descrições extrínseca e intrínseca dos seis sermões estudados, revelando o caráter interdisciplinar da Crítica Textual, ao tratar do papel da Paleografia e da Diplomática no processo de análise dos documentos. A segunda seção secundária analisa a argumentatividade nos escritos de Dom Domingos e, para tanto, expõe a estrutura tradicional dos sermões segundo a retórica. Tem-se, ainda, a seção terciária *Um olhar sobre a argumentação em Sermão de Misericórdia: alguns dados*, apresentada com o intuito de ilustrar a argumentação nos textos de Frei Domingos.

As três seções seguintes (quarta, quinta e sexta) tratam das edições feitas nos documentos. A quarta seção, que tem três seções secundárias, apresenta a *Edição Conservadora: fidelidade textual*, esclarecendo que se fez uma edição semidiplomática de todos os sermões de Frei Domingos em 2009 e que nesta dissertação se apresenta a revisão de parte de tal trabalho, justificando a relevância de sua realização para os estudos linguísticos. A primeira seção secundária traz os critérios adotados na edição semidiplomática; já a segunda revela os resultados da revisão da primeira edição conservadora e analisa os tipos de erros cometidos pelos seus editores; a última seção secundária, dividida em seis seções terciárias, apresenta a *Transcrição Conservadora dos Documentos*, resultante do processo de revisão.

A quinta seção – *Edição Modernizada: uma pluralidade de vontades* – é dividida em três seções secundárias e nove terciárias. Trata da modernização dos sermões, evidenciando o objetivo de tal trabalho e os critérios adotados em sua efetivação – primeira seção secundária. Esclarece que, como os textos se constituem de rascunhos, ou seja, textos em processo de criação, foram consideradas as emendas produzidas pelo autor e a elas agregadas emendas da editora do material. *Movimentos de Correção nos Sermões* constitui o título e tema da segunda seção secundária, dividida em três seções terciárias: em *Movimentos de correção autoral* se estudam as várias marcas de escritura e reescritura efetuadas por Frei Domingos, organizadas segundo o tipo de

emenda, e, utilizando-se de gráficos, se compara sua incidência em cada sermão; já em *Movimentos de correção da editora* se apresentam as intervenções efetuadas no intuito de adequar os sermões aos padrões ortográficos e linguísticos modernos; a terceira seção terciária, intitulada *Modernização de Sermão de Misericórdia: alguns dados*, faz uma análise detalhada dos movimentos de correção, tanto autorais como da editora, executados em *Sermão de Misericórdia*. A última seção secundária, através da *Transcrição Modernizada dos Documentos*, distribuída em seis seções terciárias, traz os resultados das intervenções do autor e da editora.

A sexta seção discute o papel da Filologia no séc. XXI, relacionando-a às novas tecnologias. Nesse contexto se conceitua *Edição Digital: uma realidade virtual* e se expõe a metodologia adotada para a realização da *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para a salvação*, trabalho desenvolvido com os seis sermões estudados. A edição digital, que se apresenta em DVD, traz, além do material constituinte desta dissertação, informações e recursos adicionais, como a comparação face a face das edições conservadora e modernizada. Por fim, têm-se as considerações finais e referências.

Os fac-símiles dos documentos editados são anexados ao trabalho, em formato digital, em DVD.

Assim, se inicia, a partir deste instante, a trajetória dos Sermões de Frei Domingos, *do rascunho ao hipertexto*.

2 FILOLOGIA E OS ARREDORES TEXTUAIS

PHILOLOGIA. He palavra Grega composta de *Philos*, Amigo, & *Logos*, discurso; & Philologia val o mesmo que Estudo das letras humanas, começando da Grammatica, (que antigamente era a parte principal da Philologia,) & proseguindo com a eloquencia Oratoria, & Poética, com as noticias da Historia antiga, & moderna, com a intelligencia, interpretação, & Critica dos Authores, com a erudição sagrada, & profana, & géralmente com a comprehensãõ, & applicação de todas as cousas que podem ornar o engenho, & discurso humano. Rigorosamente fallando, Philologia he a parte das sciencias, que tem por objecto as palavras, & propriedade dellas (BLUTEAU, 1720, p. 482).

É com esse sentido polissêmico que o padre Dom Raphael Bluteau define Filologia, no séc. XVIII, em seu *Vocabulario portuguez, & latino*. Mas este termo fora cunhado em tempos muito pretéritos, na Grécia antiga. “Admirador da palavra”, “amigo do raciocínio, da argumentação”, com tais acepções se empregou a palavra *philólogos* pela primeira vez em Platão. “Gosto pela erudição” é o significado dado por Aristóteles à *philologia*.

Mesmo com o passar do tempo, a relação entre Filologia e erudição se manteve sempre próxima. Do mesmo modo, sua ligação com a preservação do patrimônio literário da humanidade se tornou constante a partir dos séculos III e II a.C. com os filólogos alexandrinos, cuja célebre biblioteca do Museu de Alexandria teria armazenado de duzentos mil a quatrocentos e noventa mil volumes, no primeiro século de sua existência (CUNHA, 2004).

Contudo, no início do séc. XX, em 1918, Vasconcelos apresenta um conceito mais voltado ao estudo das línguas, afirmando, assim, que Filologia é

[...] aquela Faculdade ou Disciplina, ensinada nas Universidades, que em opposição à *Jurisprudência*, *Medicina* e às Ciências exactas, e a par da *Filosofia* e *Teologia*, abrange as manifestações do intellecto humano, *históricas* e *artísticas*, mas principalmente se cifra no estudo das falas humanas, dentro e fora das literaturas, esses maiores e mais significativos monumentos de arte que o espírito do homem criou, e a melhor imagem dele (VASCONCELOS, 1918, p. 9, grifo do autor).

Na contemporaneidade, a Filologia Textual, como prefere chamar Giuseppe Tavani (1988), é entendida como toda atividade que envolve o estudo de um texto. Não é simplesmente o estudo dos textos, mas através

deles se busca estudar a cultura da comunidade que usa a língua em que esse texto foi escrito. Abrange, portanto, língua, literatura e cultura. Nessa perspectiva, o filólogo é aquele que,

[...] utilizando todos os instrumentos dos quais pode dispor, estuda todos os documentos e se esforça por penetrar no epistema que decidiu estudar, procura, enfim, a voz dos textos e de um passado que já não considera sufocado pelos estratos sobrepostos (PICCHIO, 1979, p. 234).

Para encontrar essa “voz dos textos e de um passado que já não considera sufocado pelos estratos sobrepostos” (PICCHIO, 1979, p. 234), o filólogo precisa adotar a postura de um investigador que busca em várias áreas científicas, algumas aparentemente distantes, as ferramentas necessárias à assimilação do seu objeto. Entre essas ciências e disciplinas que dialogam com o fazer filológico pode-se citar Paleografia, Diplomática, História, Direito, Antropologia, Sociologia, Sociolinguística, Psicologia, Teologia, Lexicologia, Codicologia, Fonologia, Análise do Discurso, Bibliografia Textual, entre tantas outras. Vale lembrar que esse diálogo gera benefícios recíprocos, não sendo, portanto, proveitoso somente à Filologia, mas às demais áreas, que se utilizam dos frutos do labor filológico, especialmente a edição, o que revela uma via de mão dupla. Percebe-se, ainda, o caráter interdisciplinar da Filologia, a qual já não nutre uma pretensão de onipresença (CANO AGUILAR, 2000).

Os estudos filológicos são delineados por três disciplinas: Linguística, que estuda a língua do texto; Ciência da Literatura, que tem por objeto central a determinação do valor literário e histórico do texto; e Crítica Textual, que busca a história dos manuscritos, a determinação da autenticidade dos testemunhos e a restituição do “texto do autor” (TELLES, 2000). Compreende-se, então, que essas três disciplinas dialogam entre si, pois têm como interseção o texto, cujo significado vai além da transposição do ato comunicativo para o suporte material, mas é, sobretudo, um documento de fatos linguísticos, visto que, desde os primórdios dos estudos da linguagem, é ele que leva aos dados da língua (TELLES, 2009). Cabe ressaltar que, na atualidade, os estudos filológicos tanto se ocupam dos textos escritos, como da língua falada, pois, se para abordar sincronias passadas toda documentação de que se dispõe é

escrita, para o presente, a variedade de fontes de informação vai desde o texto escrito às imagens sonoras.

No intuito de garantir a excelência do trabalho da Linguística, da Ciência da Literatura e da Crítica Textual, se torna fundamental, primeiramente, a apresentação de uma edição conservadora fidedigna, resultante de um rigoroso labor filológico, pautado em critérios de transcrição e de reprodução bem definidos e adequados às especificidades do documento estudado (REIS; MILHEIRO, 1989); no que tange ao texto oral, recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada transcrição grafemática, buscando reproduzir fielmente a variante linguística registrada (TELLES; LOSE, 2010). Caso contrário, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras, como assinala Tavani (1988). Um erro de transcrição pode, por exemplo, originar a criação de um novo fato linguístico, que aparenta pertencer ao texto original do autor, mas, na realidade, se deve ao seu editor (BLANCHE-BENVENISTE, 1998), o que compromete tanto os estudos sincrônicos (análise da língua em uma determinada época) como os diacrônicos (análise linguística através dos tempos).

Considerando que a língua é um ser histórico e que é um dos elementos da cultura do povo que a fala, ao penetrar o texto, a Filologia alcança também a cultura de tal comunidade. Percebe-se, assim, que a prática filológica contribui de modo relevante à recuperação/preservação da memória, que, de acordo com Le Goff (1984, p. 50), “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Portanto, antes de adentrar o *corpus* propriamente dito desta dissertação, é imprescindível se compreender o contexto no qual tal material foi concebido.

Conhecer os arredores do texto, sua autoria, o período em que foi escrito, seu valor cultural, enfim, desvendar sua história e memória, atende a função adjetiva da Filologia, que consiste em deduzir do texto aquilo que não está nele. Neste sentido, o filólogo há de

[...] saber, ou há de procurar saber, quando e porque o autor escreveu tal obra; há de entrar, ou há de procurar entrar no seu “mundo”; há de conhecer as razões e as condições que inspiraram a obra, a cultura que lhe foi o fundamento, o grau de arte alcançado até

aquele exato momento, a língua que da cultura e da arte é a expressão e a forma. Em uma palavra, tem de conhecer os motivos e as circunstâncias externas e internas que sugeriram e acompanharam a criação da obra, para estar em condições de repetir, na medida do possível, o trabalho do seu autor, de penetrar, por assim dizer, no segredo da sua fantasia e redescobrir (porque é uma verdadeira descoberta) os momentos e seus aspectos e os processos de sua criação, e reviver do mesmo modo e sentir novamente aquilo que o autor deveria presumivelmente viver e sentir (CHIARI, 1951, p. 235-6).

2.1 O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA

No Mosteiro de São Bento da Bahia foram facultadas diversas aulas de humanidades a todos os seculares que delas quisessem utilizar. Os Beneditinos brasileiros deram sempre provas de amor às ciências, às letras. Patriotas generosos e humanitários até o sacrifício, ninguém lhes pode tirar a palma. [...]

Seus Conventos em ocasiões de necessidades se serviram para recolher batalhões que não tinham quartéis, para enfermarias em tempo de epidemias, para agasalhar emigrados acoitados pelas sêcas e epidemias [...], para repartições públicas. Cederam muitas vezes prédios e terrenos para abertura ou alargamentos de ruas e praças. [...]

Conservadores e defensores de seus direitos e dos bens doados pela piedade dos antigos colonizadores, e dos adquiridos pela indústria, lavoura, trabalhos, fadigas e suores dos seus venerandos antepassados, sempre os defenderam com denôdo contra os assaltos cotidianos [...]

Amigos das liberdades sociais e individuais, nos primeiros Capítulos celebrados no Brasil, no intuito de moralizar seus escravos e de avivar os cuidados maternos, decretaram que as mães de sete filhos legítimos ou legitimados por subsequente matrimônio [...] ficassem dispensadas dos serviços pesados [...] e por fim concedida plena liberdade às mães nas condições mencionadas (MÜLLER, 1947, p. 35-37).

As palavras acima, escritas em 1901 em uma crônica do monge Dom Domingos da Transfiguração Machado, substanciam a natureza do local que ora se apresenta: o Mosteiro de São Bento da Bahia. A partir das informações que seguem nesta seção da dissertação, espera-se atestar sua veracidade.

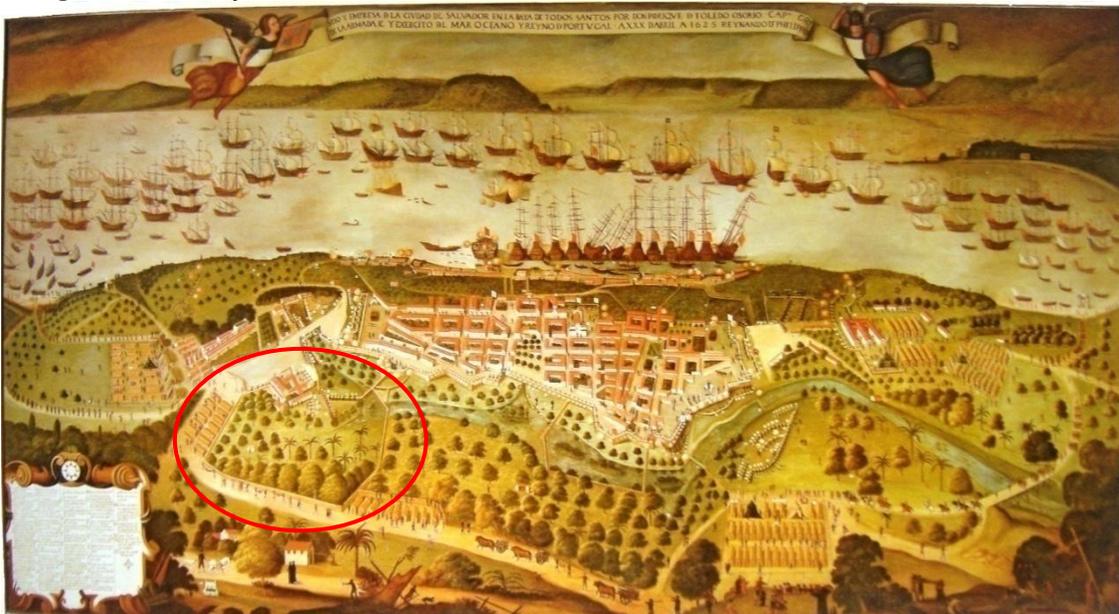
Primeiro das Américas, o Mosteiro baiano foi fundado em 1582 pelos monges vindos de Tibães (Portugal), sob o comando do Frei Antônio Ventura do Laterão (CIMBRA, 2006). Inicialmente, os beneditinos foram acolhidos na Capela de Nossa Senhora da Ajuda, onde moraram enquanto construíam uma igreja maior e o Mosteiro, que foi parcialmente ocupado pelos monges

beneditinos em 1584 (SENNA, 2011). Começava então uma longa história de dedicação à instrução e à cultura, seguindo o lema “*ora et labora*”. À fundação do Mosteiro da Bahia seguiu-se a do Rio de Janeiro, Olinda, Paraíba e São Paulo.

Dependente da Congregação de Portugal, em 1596, os Mosteiros do Brasil foram constituídos em Província, cuja sede foi a Abadia de Salvador. Finalmente, em 1827, a Província Brasileira alcançou da Santa Sé a bula que a constituía em Congregação *Brasiliense*.

Ao longo desses quatro séculos, o Mosteiro sofreu algumas modificações em sua arquitetura. Em 1624, diante da invasão holandesa à cidade do Salvador, ele foi ocupado, sendo alojamento das tropas e quartel-general. Esta ocupação resultou na sua destruição, o que obrigou os beneditinos a reconstruírem um novo templo, depois da rendição holandesa, seguindo o plano do monge arquiteto Frei Macário de São João. Somente na metade do séc. XIX foram construídas a cúpula e uma nova capela-mor.

Fig. 1 – Localização do Mosteiro de São Bento da Bahia na Cidade do Salvador, em 1625



Fonte: Senna, 2011

Em destaque, território pertencente ao Mosteiro depois da rendição holandesa

Fig. 2 – Ladeira e Igreja de São Bento, em 1874



Fonte: Professor Cid Teixeira, 2008
No alto da imagem, a igreja ainda sem as duas torres

Hoje, no Mosteiro de São Bento têm-se colégio, faculdade, museu e biblioteca, além da Basílica. O colégio contempla alunos da educação infantil ao ensino médio; a faculdade oferece graduação em Filosofia, Teologia, Psicologia e História, além de cursos de especialização nessas áreas; no museu encontra-se uma mostra de um acervo de mais de duas mil peças, entre quadros, porcelanas, cristais, ourivesaria, mobiliário, paramentos e imaginária; a Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia, que é aberta ao público, reúne um acervo bibliográfico considerável, tanto no que se refere à quantidade de volumes, como no que diz respeito à qualidade do acervo, que dispõe de obras escritas nas mais variadas línguas, abrangendo as diversas áreas do conhecimento (MOSTEIRO..., 2007).

Fig. 3 – Visão aérea do Mosteiro de São Bento da Bahia, séc. XXI



Fonte: Souza, 2008

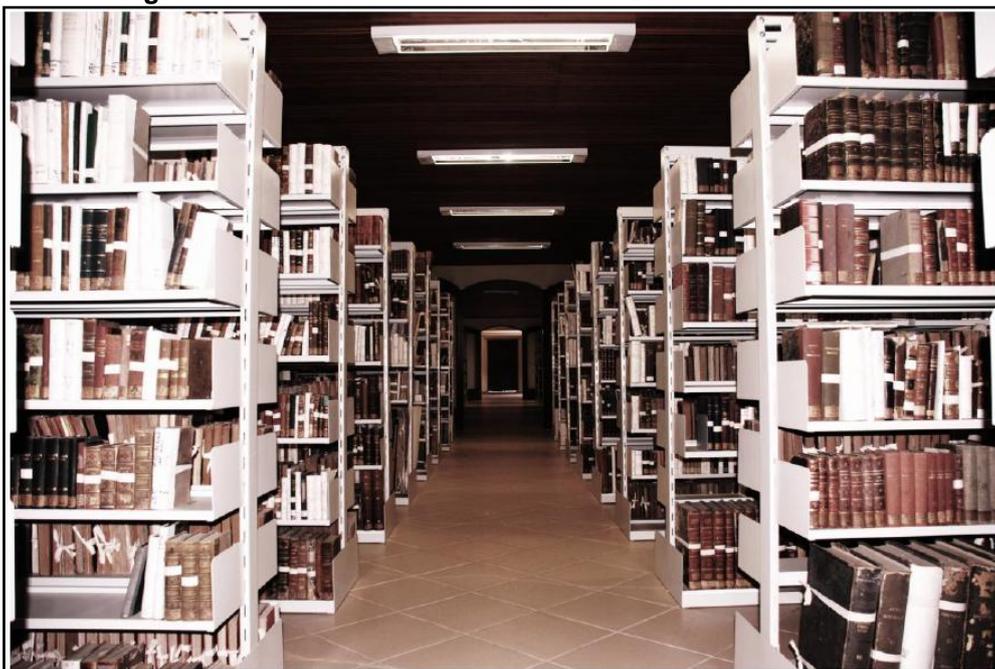
O acervo do Mosteiro, um dos mais importantes do Brasil, é constituído de obras raras, antigas e especiais que datam desde 1503, além de vasta documentação manuscrita e iconográfica, tais como: bulas papais, cartas de profissão dos monges, sermões, livros de pedidos de oração, documentos relativos à vida privada do Mosteiro, documentos de grandes personalidades históricas, como Catarina Paraguaçu, documentos que registram compra e venda de escravos, documentação relativa às propriedades de toda a região metropolitana de Salvador e de outros estados, como mapas, plantas, fotolitos, e diversos outros documentos, com os mais variados temas e estilos. Entre esses documentos se tem o *Dietario das vidas e mortes dos Monges, que faleceram neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Príncipe dos Patriarchas S. Bento*, que relata a história de cada monge que passou pelo Mosteiro de São Bento da Bahia, desde a sua fundação até 1815. Há ainda a Coleção dos *Livros de Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, através da qual “[...] se pode vislumbrar o desenvolvimento urbano de Salvador e adjacências, com os nomes primeiros das ruas, alamedas, bairros. O mesmo ocorre com a constituição das famílias baianas [...]” (ANDRADE, 2009, p. 18).

Dada a sua importância, em 2012, esta Coleção foi nomeada como elemento da Memória do Mundo da UNESCO/Brasil.

Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Biblioteca do Mosteiro possui cerca de duzentos mil volumes. Em relação à estrutura desta Biblioteca, Andrade (2009) apresenta informações esclarecedoras:

[...] é pertinente explicar que o que muitos chamam de Biblioteca do Mosteiro, é, por assim dizer, na realidade, um grande ambiente dividido em 3 setores: o **Setor de Referência**, onde ficam obras impressas do séc. XIX ao XXI, com boa parte dos títulos já catalogadas na base de dados informatizada e disponíveis para empréstimo e consulta [contém 15.082 títulos – principalmente das áreas de Teologia, Filosofia, Letras e Ciências Sociais – e 83.434 exemplares]; o **Setor de Obras Raras** (no *Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro Dr. Norberto Odebrecht*), com obras impressas do séc. XVI ao XIX, às quais apenas pesquisadores previamente autorizados têm acesso [esse setor consta de 13.960 volumes], e o **Arquivo do Mosteiro**, onde ficam todas as obras mais preciosas, por sua raridade e antiguidade, todos os textos manuscritos, e os documentos relativos à ordem monástica e a sua sede, também de acesso restrito a pesquisadores autorizados (ANDRADE, 2009, p. 16).

Encontram-se ainda nas instalações da Biblioteca dois outros setores: o *Laboratório de Conservação e Restauração de Livros e Documentos de São Bento*, que dispõe de modernos equipamentos que permitem o desenvolvimento adequado de tratamentos de preservação de livros e documentos manuscritos raros ou especiais, segundo critérios internacionalmente vigentes; e o Setor de Encadernação, onde se encadernam ou reencadernam periódicos e obras modernas.

Fig. 4 – Vista do Setor de Obras Raras da Biblioteca do Mosteiro

Fonte: Andrade, 2009
Foto de Vítor Oliveira Andrade

O Mosteiro de São Bento da Bahia participou ativamente também da vida política e econômica da Bahia. Defensor da abolição da escravatura desde meados do século XIX, foi a primeira Instituição Religiosa a libertar integralmente os seus escravos em 1871, como se verifica pela documentação da época. Destacou-se ainda no período da Guerra de Canudos, quando abrigou e cuidou dos feridos, fato também documentado em seus manuscritos; além da ativa participação na guerra pela independência da Bahia. Investindo em suas terras, cuja área chegou a corresponder a 16,2 hectares, os monges se dedicaram à agricultura, com cultivo de hortaliças e árvores frutíferas, como limoeiros, laranjeiras e bananeiras, o que garantia tanto o sustento do Mosteiro como uma renda oriunda das vendas. Os beneditinos também instalaram em seus espaços oficinas, que “eram lugares que atendiam, sobretudo, aos serviços de obras das casas religiosas e dos imóveis do patrimônio urbano, acolhendo diversas atividades de carpintaria, marcenaria, cantaria e serralharia” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 169).

De acordo com Le Goff (1984, p. 49), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja

busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [e de sempre]”. Ao se analisar a história dos beneditinos na Bahia, fica evidente a sua relevante contribuição para a constituição e preservação da memória, haja vista sua tradicional preocupação com a cultura e o conhecimento, revelada em seu vasto acervo presente na Biblioteca, no museu e demais instalações do Mosteiro. Assim, conhecer os passos da Congregação Beneditina na Bahia remete, irremediavelmente, ao conhecimento da história dessa terra, afinal, o Mosteiro de São Bento “foi palco, cenário e personagem de inúmeros acontecimentos importantes para a história da Bahia e em especial para a cidade [do] Salvador” (ANDRADE; LOSE, 2007, p. 12).

No Brasil, os beneditinos multiplicaram suas comunidades religiosas, se destacaram como grandes catequistas e edificadores de monumentos arquitetônicos. Mas a partir de 1855 os mosteiros brasileiros viveram dias de trevas, quase sendo extintos por falta de religiosos, devido à perseguição empreendida pelo governo imperial, que fechara os noviciados das Ordens Religiosas no Brasil, aos moldes do que fizera o Marquês de Pombal, em Portugal. É neste cenário que se destaca uma figura célebre: Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado. Para entender seu papel e importância na história da Congregação Beneditina, apresenta-se a seguir um levantamento biográfico.

2.2 LEVANTAMENTO BIOGRÁFICO DE DOM FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO

Nascido em Santo Amaro de Catu na ilha de Itaparica na Bahia no dia 16 de novembro de 1824. Filho do cirurgião Domingos Veríssimo Teixeira Machado e de sua esposa D. Faustina de Souza Vieira. Foi batizado na paróquia onde nasceu. Crismado e ordenado sacerdote por Dom Romualdo Seixas, 16º Arcebispo da Bahia. Entrou para o Mosteiro de São Bento da Bahia com 18 anos incompletos em 13 de junho de 1842, fez a profissão religiosa em

24 de junho de 1843 e em 03 de dezembro de 1847 foi ordenado sacerdote, celebrando em 1907, 60 anos depois, o seu jubileu sacerdotal de diamantes.

Fig. 5 – Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Último Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado foi o responsável pela restauração da Congregação Beneditina do Brasil. Com 33 anos ocupou o cargo de presidente do Priorado de Santos. Nesta função, reconstruiu o Mosteiro e restaurou a Igreja, trabalho elogiado pelo 2º visitador da Congregação, Frei José de Santa Maria Amaral. De regresso à Bahia foi nomeado secretário do Abade Geral, no período de 1878 a 1881, exercendo também as funções de mordomo (responsável pelas obras de construção e manutenção de infraestrutura do Mosteiro) e Mestre de oblatos. Em 8 de maio de 1866, foi eleito Prior do Mosteiro da Bahia. No período de 1881-1884 foi Procurador da Congregação Beneditina Brasileira. Como 1º Visitador (1884-1890) teve ocasião de conhecer a fundo o estado precário da Congregação

Beneditina do Brasil. No Capítulo Geral da Congregação, realizado em 07 de maio de 1890, foi eleito Abade Geral.

O estado precário da Congregação era reflexo de uma forte crise sócio-político-religiosa existente na ocasião. Entre os problemas enfrentados pode-se destacar: de um lado, o enfraquecimento da disciplina regular dos monges cujo número enfraquecia em ritmo acelerado; de outro lado, o Estado se mostrava cada vez mais interessado em interferir nesses assuntos da igreja, tendo como objetivo maior a “contribuição que as virtudes da disciplina religiosa pudessem dar para o bom desempenho dos negócios políticos e sociais do governo” (SENNÁ, 2011, p. 122).

Com efeito, um aviso ministerial do governo imperial de 13 de maio de 1855, proibia a recepção de noviços, e a tentativa de formar novos monges no exterior foi interdita pelo Governo no dia 27 de outubro de 1870. Enxergava-se como consequência de tais ações o desaparecimento das ordens religiosas no Brasil e, assim, o confisco de seus bens.

O Abade Frei Jesuíno da Conceição já estava de posse de uma petição do Vaticano sugerindo que o Mosteiro de São Paulo, juntamente com o seu patrimônio, fosse cedido ao Bispo diocesano para que fosse transformado num Educandário destinado “às filhas das famílias mais ricas da cidade”. Nesta situação, quando Frei Jesuíno abriu o Capítulo para a eleição do seu sucessor, disse: “Com grande tristeza devo dizer, como bem o sabeis, que a nossa Ordem se acha ameaçada de todos os lados. Nas atuais circunstâncias, como vai ser triste e doloroso o pouco tempo que ainda nos resta de vida” (AMARAL, 2006, p. 165). Foi neste contexto que o Abade Geral Dom Frei Domingos da Transfiguração entendeu a missão que teria pela frente, de não deixar desaparecer das terras do Brasil a vida monástica e o Primeiro Mosteiro das Américas, o Mosteiro de São Bento da Bahia.

Após a queda do Império brasileiro, o Abade Frei Domingos pede ao Papa Leão XIII, monges para retomarem a vida monástica brasileira que estava quase no fim. Acolhido o pedido, em 24 de agosto de 1895, Frei Domingos e Dom Gerardo van Caloen, do Mosteiro de Beuron, assinaram decreto dando continuidade à Congregação Beneditina Brasileira (GOMES, 2008). O processo de restauração da Ordem no Brasil foi bastante árduo, exigindo do Frei muita

diplomacia e persistência. As dificuldades causaram desconfiança em muitas pessoas, mas não esmoreceram o monge, que, enquanto conseguia revitalizar a Congregação, respondia às provocações com elegância e firmeza, como se observa a seguir em trecho de uma correspondência enviada ao Frei Pinto, em maio de 1898:

Quando pela primeira vez fui eleito, houve quem me dissesse: prepare-se para sofrer e lutar com terríveis tempestades: a profecia começou a realizar-se no mesmo dia da eleição: houve também quem, reconhecendo que a Congregação era simplesmente um cadáver já em adiantado estado de putrefação, asseverasse que eu fora eleito seu coveiro; pois bem, Revmo, as tempestades vieram, mas o cadáver já começou a ressurgir, e tenho toda confiança na Providência Divina que há de completar a ressurreição começada, florescer e produzir abençoados frutos (MÜLLER, 1947, p. 42).

Outros ramos da Ordem universal também colaboraram para a renovação da Congregação Beneditina Brasileira, entre eles os Cistercienses, Camaldulenses, Olivetanos e Valumbrosianos (CIMBRA, 2006). Os primeiros monges chegaram ao Mosteiro de Olinda em 1895 e no Mosteiro da Bahia em 1898. Nesse mesmo ano, o Papa Leão XIII, em consideração aos merecimentos de Dom Frei Domingos da Transfiguração pelo grande zelo e esforço em prol da restauração da Congregação Beneditina Brasileira e com a finalidade de consolidar essa obra, concedeu-lhe a perpetuidade no cargo de Abade Geral.

Frei Domingos faleceu em 1º de julho de 1908, aos 84 anos de idade, 68 de profissão religiosa, 61 de sacerdócio e 18 de regime abacial. Foi sepultado no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e seus restos mortais foram transferidos em 1982 para o seu Mosteiro de origem, na festa dos 400 anos da fundação do Mosteiro da Bahia. Sua lápide, cujo epitáfio foi entalhado por Dom Gerardo van Caloen, se encontra em frente ao altar da Basílica Arquiabacial.

Fig. 6 – Lápide de Frei Domingos da Transfiguração Machado, acompanhada de tradução



D.O.M.

Aqui jaz

D. Domingos da Transfiguração Machado
 homem de veneranda memória
 Abade Geral da Congregação Brasileira da Ordem
 de S. Bento,
 o qual sendo preclaríssimo aumentou os dotes do
 natural engenho
 com os exímios fulgores da religião Beneditina,
 e depois de persolvido de modo integérrimo
 o diuturno tirocínio da vida monástica
 cumulado de méritos e anos,
 pelos admiráveis desígnios da divina Providência,
 apoiou com firmeza a Congregação a si confiada
 em fase de declínio
 e a reconduziu com eficácia à primitiva
 prosperidade de vida,
 depois de inserir nela novos rebentos,
 e, finalmente, qual outro Simeão,
 entrevendo alegremente o penhor da regeneração
 no gáudio de ver os frutos maduros de tanta obra,
 entrou placidamente no descanso eterno
 na Bahia, 1º de julho
 no ano do Senhor 1908,
 no 84º ano de sua vida,
 no 66º da profissão,
 no 61º do sacerdócio
 Descanse em Paz.

Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Segundo as normas da Congregação Beneditina, todos os documentos pessoais dos monges e aqueles diretamente relacionados à Ordem devem ser mantidos nos Arquivos do Mosteiro, que, até então, se encontravam na Clausura. Contudo, em 2008, foi permitido acesso ao acervo de Dom Domingos. Tal acesso foi motivado pelas comemorações do centenário de sua morte, para as quais os superiores do Mosteiro baiano solicitaram do Grupo de Pesquisa da própria instituição que se fizesse uma publicação para marcar a data. Dessa forma, tornou-se possível conhecer um pouco mais a respeito do Frei através de seus textos, os quais se destacam não apenas pelo conteúdo, mas também pela sua opulência e diversidade linguística, como se pode observar a partir deste trabalho.

Desta forma, a relevância do *scriptor* aqui trabalhado para história da Ordem de São Bento e para história do Brasil é a mais destacada justificativa do propósito de divulgação destes textos aqui editados.

3 OS SERMÕES: ESBOÇOS E RASCUNHOS

Apresenta-se aqui o objeto desta dissertação: rascunhos de sermões manuscritos de Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado, datados do final do séc. XIX ao início do XX. Tais textos são parte do acervo localizado no Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia, os quais compreendem o período de 1893 a 1908 e incluem também correspondências pessoais, como cartas de monges e parentes a ele dirigidas, diário de Frei Domingos quando da Guerra de Canudos (Códice 417), anotações históricas, diretório para celebração dos capítulos gerais, breves e bulas de Leão XIII e Pio X dirigidos ao Frei, notas do Frei sobre assuntos de Direito, além de incluir também seus livros de anotações, entre outros.

Como os textos são, indubitavelmente, sujeitos históricos, estudá-los permite descobrir interessantes informações tanto para a história cultural como para a Crítica Textual (PÉREZ PRIEGO, 1997). É possível encontrar dados sobre a evolução da língua, nível de erudição do escritor, as características de sua escrita, tipo de letra, papel, tinta, condições de acondicionamento do texto, entre outros. Portanto, estudá-los é tarefa deveras enriquecedora.

A empreitada de editar os sermões de Frei Domingos foi dada ao Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia, que atua no Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro da Biblioteca do Mosteiro, e teve como objetivo maior contribuir para preservação da memória do Brasil, da Bahia e da Congregação, além de dar a conhecer os belos textos de Frei Domingos e, conseqüentemente, preservar sua memória também. Fazem parte do material editado dezenove cadernos manuscritos e um datiloscrito em dois testemunhos. A maioria dos textos é rascunho, portanto “manuscrito de trabalho de um texto que está sendo constituído” (GRÉSILLON, 2007, p. 329), assim, são textos inacabados, com muitas hesitações, reveladas em supressões, rasuras, acréscimos e deslocamentos. Tal fato se deve, certamente, ao objetivo principal desse tipo de texto, que é a pregação oral em cerimônias específicas, sendo assim, discursos efêmeros. Esses sermões

foram proferidos por Frei Domingos na homilia de determinadas datas litúrgicas, como o dia do Senhor do Bonfim e o dia da Paixão de Cristo.

Frei Domingos tinha como característica guardar cópias dos seus escritos, o que evidencia um traço relevante de sua personalidade: sua organização.

Os sermões se encontram em fólhos manuscritos, a maioria em recto e verso, alguns em estado delicadíssimo de conservação, escritos em variados tipos de papel – a maioria com gramatura média e pouco porosa, sem marca d'água – e apresentam diferentes cores e tamanhos, a maioria sem pautas (LOSE et al., 2009). Os cadernos de manuscritos são costurados, mas em alguns casos esta costura encontra-se deteriorada.

Pelo que se percebe, os documentos foram reunidos posteriormente por um dos arquivistas do Mosteiro, separados por temas e reunidas as diversas versões de um mesmo texto. Em muitos casos, os fólhos agrupados estão enfeixados em folhas de papel avulso, com anotações e comentários escritos a lápis ou em tinta de caneta esferográfica azul ou preta. A quantidade de fólhos varia bastante entre os sermões. Alguns têm título, outros trazem apenas o tema, como uma espécie de título e esta informação foi usada para auxiliar na ordenação dos documentos, que assim foram distribuídos.

Quadro 1 – Sermões de Frei Domingos

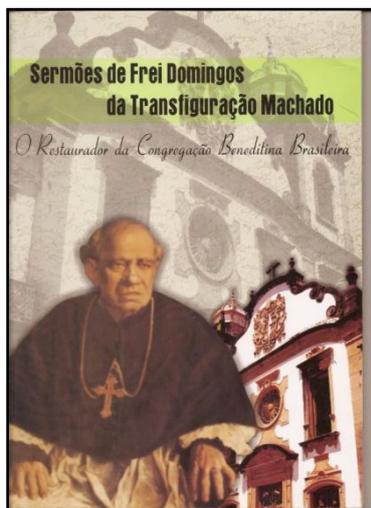
TÍTULO / NOMEAÇÃO	QUANTIDADE DE FÓLIOS
São Sebastião	5
Sobre a Maledicência	7
Sobre o Escândalo	11
Nossa Senhora de Montserrat	6
Paixão	24
Sermão de Misericórdia	10
Passos (1857)	2
Crucificação de Cristo	9
Sermão da Ressurreição	3
Venit Jesus, et Dixit	9

Lava-pés	3
Trasladação dos Ossos de São Bento	10
Sermão de Cinzas 1	6
Sermão de Cinzas 2	7
São Francisco	7
Santa Thereza	6
Sermão de Santa Luzia	7
Sermão das Mercês	4
Bom Jesus das Bouças	4

Fonte: Arquivo pessoal da autora

No intuito de preservar os documentos originais e agilizar o trabalho dos pesquisadores, todos os sermões foram digitalizados, com o auxílio de um conjunto estativo de reprodução ou mesa estativa e uma máquina fotográfica profissional de alta resolução (10 MP), e assim, os fac-símiles foram passados para computadores onde se ajustou apenas cor, brilho e contraste (sem interferir, no entanto, nas características de deterioração dos originais; mantendo furos e rasgos que, por ventura, houvesse), a fim de viabilizar a leitura dentro da melhor qualidade possível. Tais imagens digitais foram usadas como base para a leitura dos documentos que foram, posteriormente, editados de forma conservadora – em edição semidiplomática. Para esta primeira edição reuniu-se parte da equipe do Grupo de Pesquisa do Mosteiro – Marília Andrade Nunes, Marla Oliveira Andrade, Lívia Magalhães, Anna Paula Sandes de Oliveira, Gérsica Sanches e Jaqueline Oliveira, sob a coordenação da Profa. Dra. Alícia Duhá Lose. O resultado desta edição foi publicado no livro *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira* (LOSE et al., 2009), lançado e distribuído gratuitamente no dia em que se comemorava o Centenário de Morte do Frei Domingos, evento em que estavam presentes todos os Abades, Abadessas, Prioros e Prioros da Congregação Beneditina Brasileira.

Fig. 7 – Capa do livro *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira*



Fonte: Lose et al., 2009

Para dar continuidade a este trabalho inicial, que, em função do prazo exíguo para sua realização, se restringiu apenas à edição dos textos, selecionou-se de tal acervo uma amostra de seis sermões. A escolha levou em consideração critérios como riqueza linguística e beleza textual, e assim se constituiu o *corpus* desta dissertação: *São Sebastião, Nossa Senhora de Montserrat, Paixão, Sermão de Misericórdia, Sobre o Escândalo e Sobre a Maledicência*.

3.1 DESCRIÇÃO

A Filologia, como afirma Auerbach (1972, p. 11),

é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas.

Desse modo, é comum que a Filologia dialogue com outras ciências para abarcar os estudos da linguagem, tendo, portanto, em sua essência um

caráter interdisciplinar. Entre estas ciências estão Paleografia e Diplomática, que têm em comum o estudo do texto, mas sob pontos de vista diferentes. Berwanger e Leal (1995) assim as distinguem:

Enquanto a Paleografia lê e decifra os caracteres extrínsecos do texto (letras, números, abreviaturas, ligações e outros sinais gráficos), a Diplomática se ocupa de seus caracteres intrínsecos (idioma, teor, estilo). Se a Paleografia se interessa pelo documento em si, traçando regras para a sua tradução e decodificação formal, a Diplomática faz a interpretação do texto, explora o seu teor e conteúdo, analisa a língua e o estilo e verifica a autenticidade do documento. Dir-se-ia que uma cuida do corpo e a outra da alma do texto (BERWANGER; LEAL, 1995, p. 24).

Com base nos conhecimentos oferecidos pela Paleografia e pela Diplomática, se apresenta a seguir a descrição extrínseca e intrínseca dos documentos constitutivos desse estudo. São observados os aspectos gráficos, materiais e complementares, além de se considerar o conteúdo e a autenticidade. Entre os aspectos gráficos estão: tipo de letra, *ductus*, automatismo, peso da escrita, módulo, ângulo da escrita, relação maiúscula/minúscula, distribuição das palavras (união e/ou desmembramento), pontuação, acentuação, sinais taquigráficos; já os aspectos materiais abarcam: suporte e instrumento da escrita, tintas, encadernação, dimensões e estado de conservação; por fim, elementos complementares: época e origem do documento, relação autor/escrita e original/cópia, e localização em arquivo.

A partir de tal descrição espera-se trazer à luz do conhecimento as características da escrita de Frei Domingos da Transfiguração Machado.

3.1.1 Descrições extrínseca e intrínseca

Os sermões *São Sebastião*, *Nossa Senhora de Montserrat*, *Paixão*, *Sermão de Misericórdia*, *Sobre o Escândalo* e *Sobre a Maledicência* encontram-se no Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia, acondicionados em uma caixa de papelão – cujo formato assemelha-se ao de um livro –, preparada especialmente para este fim. Esse minucioso cuidado no

acondicionamento dos manuscritos corrobora o histórico compromisso beneditino com a preservação e divulgação de livros e manuscritos.

A caixa é formada por quatro abas coladas numa “base”. A área externa da caixa é forrada com percalina verde e a interna com papel de alta gramatura de cor roxa e um pedaço de papel preto. A primeira aba equivale à “capa” e à “lombada” e tem formato quadrangular. A “capa” mede 226mm X 179mm: no lado externo esquerdo há uma tira de couro de porco de 21mm X 226mm que corresponde à extensão do que seria a “lombada”, a qual tem 226mm X 50mm, forrada com couro de porco um pouco desbotado e apresenta o número 308 datiloscrito em um pedaço de papel amarelado colado na parte inferior da superfície de couro, correspondente à localização dos documentos no Arquivo do Mosteiro. A base da caixa equivale à “contra-capa” que tem as mesmas características e dimensões da “capa”. As outras três abas têm formato hexagonal, no lado solto, sendo que a maior destas apresenta as dimensões 124mm X 76mm X 107mm X 76mm X 124mm X 226mm. As outras duas abas têm as dimensões 120mm X 75mm X 60mm X 75mm X 120mm X 166mm. Não há inscrições na parte interior da caixa.

Fig. 8 – Caixa que acondiciona os Sermões

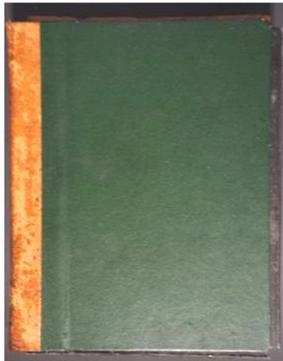


Fig. 9 – “Lombada” da Caixa



Fig. 10 – Abas hexagonais da Caixa

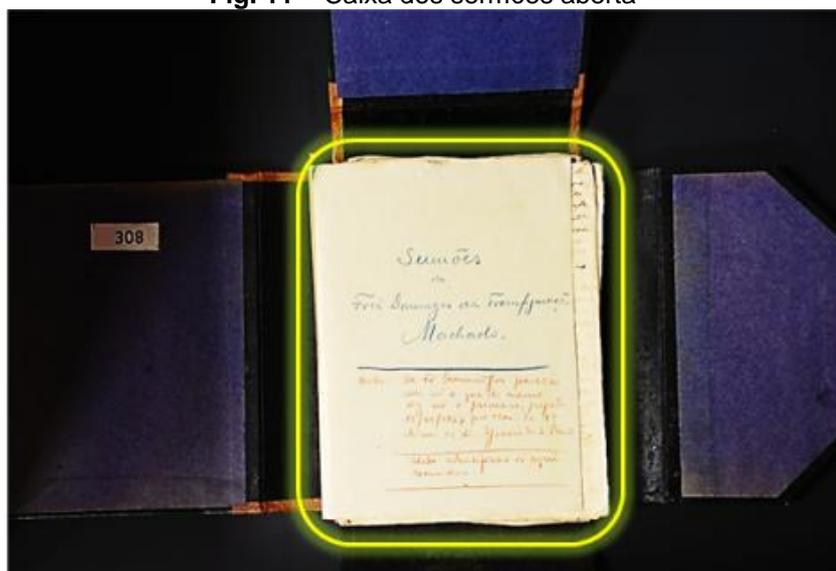


Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

No interior da caixa cada caderno de sermão está separado por uma folha de papel neutro de baixa gramatura. O conjunto de sermões está envolto num papel amarelado de alta gramatura onde está escrito com lápis de cera

azul “Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado”; com lápis de cera vermelho tem-se “Nota: De Fr. Domingos parece ser só o que ele mesmo diz ser o primeiro, pregado 13/XII/1837 por ocas. da 1ª Missa de Fr. Ignacio de S. Paio resta identificar os aqui reunidos” – figura 11. Acredita-se que o arquivista da época seja o *scriptor* desse trecho.

Fig. 11 – Caixa dos sermões aberta



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia
Em destaque o papel que envolve os sermões

Os seis sermões aqui trabalhados são escritos em suporte papel, que, de maneira geral, possui bastante lignina e está acidulado, desidratado e quebradiço. Seu manuseio inadequado gerou avarias, especialmente nas extremidades inferiores, além de manchas oriundas de umidade, gordura e ação de paporófagos. Os fólhos apresentam ainda uma marca de dobra longitudinal, mas não possuem marca d'água; todos têm as mesmas dimensões: 330mm X 215mm.

Fig. 12 – Manchas por umidade – fac-símile *Sermão de Misericórdia*, 1r

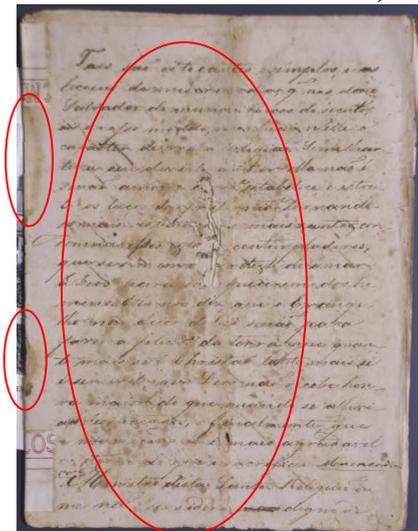
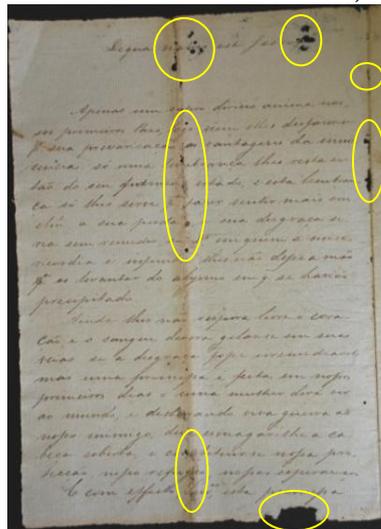


Fig. 13 – Corrosões do papel – fac-símile *Nossa Senhora de Montserrat*, 1v



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

A mancha escrita toma quase todo o papel, sendo observada uma margem imaginária na extremidade esquerda dos fólhos *rectos*, na direita dos versos, e nas extremidades superior e inferior. Apesar de o papel não ter pauta, essa mancha escrita se apresenta sempre em sentido latitudinal uniforme. São manuscritos autógrafos, em grande maioria monotestemunhais; entre os sermões selecionados, encontram-se quatro fólhos do texto *Sobre o Escândalo* que têm dois testemunhos – 3r, 3v, 4r e 4v – as diversas rasuras nesse manuscrito revelam que o texto tem diferentes campanhas de produção, sem se apresentar, como exposto anteriormente, o que seria a versão terminal.

Fig. 14 – Fac-símile Sobre o Escândalo, 3r – primeira campanha

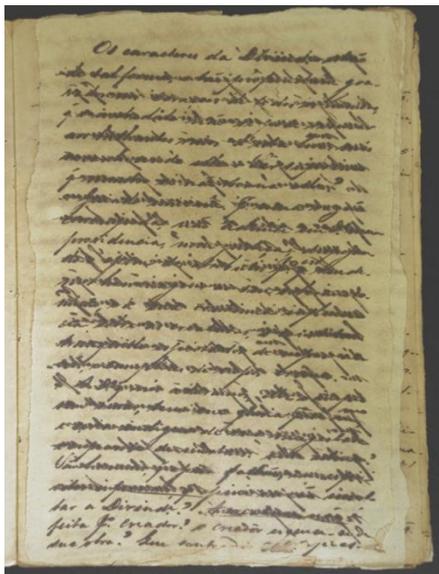
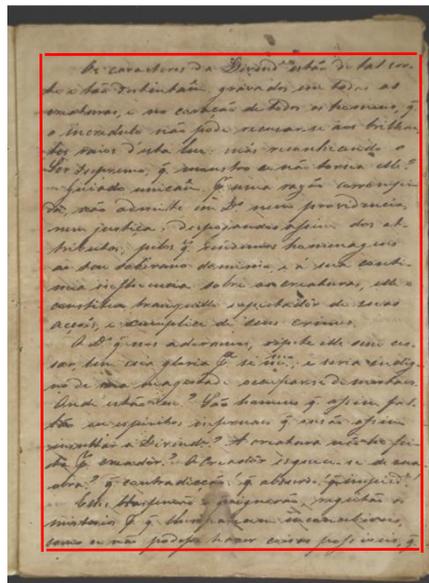


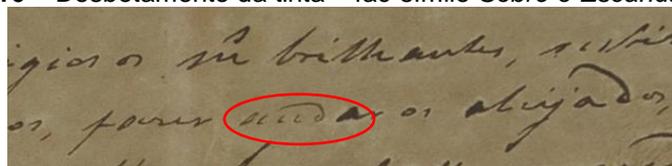
Fig. 15 – Fac-símile Sobre o Escândalo, 3r – segunda campanha



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia
Em destaque a mancha escrita no suporte

Os textos são escritos, majoritariamente, com tinta ferrogálica escura que, devido ao uso excessivo de fixador, terminou correndo o papel, o que dificulta bastante a leitura, visto que todos os fólios são escritos em *recto* e verso. Como é característica da própria composição da tinta, com o tempo, ela ganha uma tonalidade castanha (ACIOLI, 1994, p. 10), culminando, muitas vezes, com seu desbotamento tão avançado que se torna extremamente difícil a leitura do texto.

Fig. 16 – Desbotamento da tinta – fac-símile Sobre o Escândalo, 1v

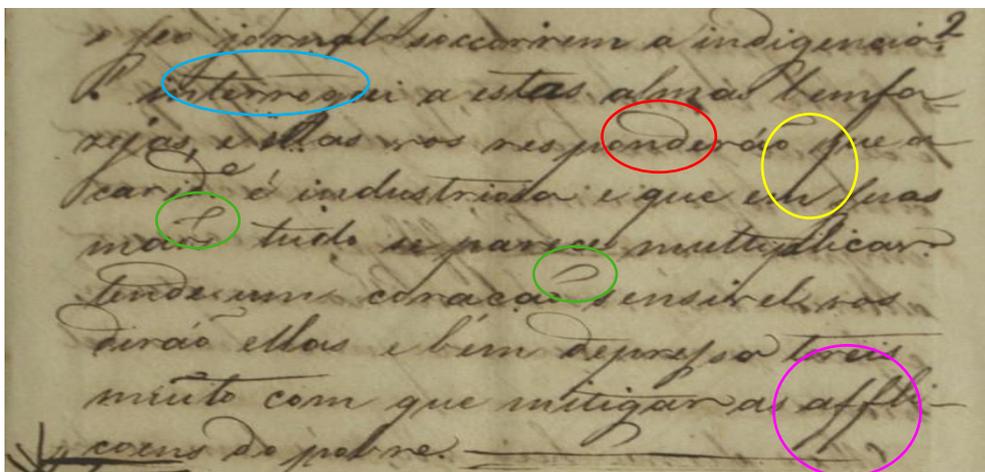


Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Os sermões têm duas *scriptae*: a predominante é de Frei Domingos, autor da escrita primária e dos vários movimentos de correção (emendas de

acréscimos, supressões, substituições e deslocamentos), e a segunda supõe-se que seja do monge arquivista, pelo tipo de informação por ele apresentada. A escrita dos dois *scriptores* é cursiva, ou seja, “as letras são corridas, traçadas de um só lance e sem descanso da mão. Apresentam entre si nexos ou ligações. Sendo seu traçado mais livre, a escrita oferece, quase sempre, uma certa dificuldade na leitura” (ACIOLI, 1994, p. 13). A letra cursiva do *scriptor* 1 é levemente tombada à direita; algumas letras têm sua haste bem alongada, como <p>, <f>, <q> e <g>; a haste do <d> apresenta acentuado tombamento à esquerda; o traço horizontal do <t> se estende até a palavra seguinte; destaca-se também a grafia do til, por ter tamanho grande e curvas expansivas, e ser comumente pousado sobre a segunda letra do ditongo nasal ou depois dela. As letras capitulares são bem distintas das demais e as palavras, de modo geral, distribuídas de forma regular, sem união ou desmembramento indevido.

Fig. 17 – Letras <t>, <d>, <q>, <f> e <g> – fac-símile *Sermão de Misericórdia*, 7v



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

O *scriptor* 2 tem letra cursiva de *ductus* arredondado e tamanho bem maior que a do *scriptor* 1, usa lápis de cera vermelho para escrever apenas o título dos sermões *Paixão*, *Sobre o Escândalo* e *Sobre a Maledicência*, todos no fólio 1r. A letra capitular tem formato e tamanho bem distinto das demais; o

til é tombado à direita, se assemelha ao acento agudo e é grafado muito acima da letra <o>. As figuras 18, 19 e 20 destacam a escrita do *scriptor* 2:

Fig. 18 – Fac-símile *Sobre o Escândalo*, 1r

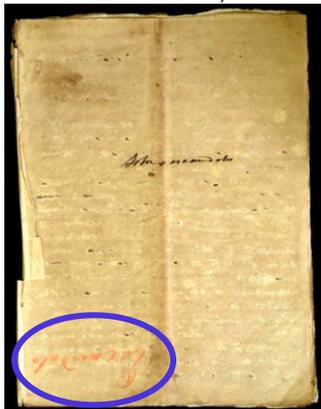


Fig. 19 – Fac-símile *Sobre a Maledicência*, 1r

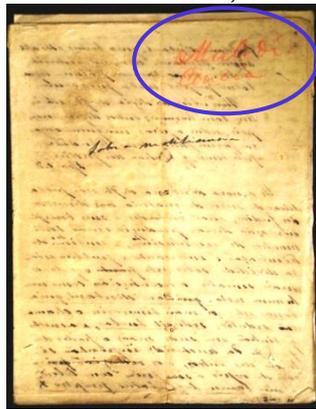


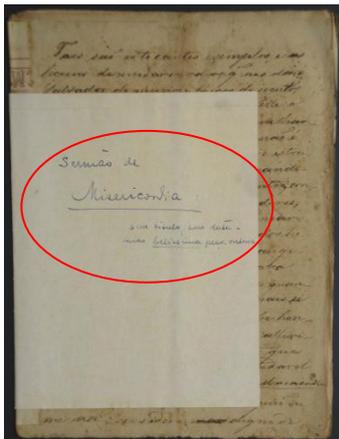
Fig. 20 – Fac-símile *Paixão*, 1r



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Há ainda uma terceira escrita que aparece apenas na folha de papel avulsa que enfeixa os cadernos de *Sermão de Misericórdia*, *Nossa Senhora de Montserrat* e *Paixão*, onde, com caneta de tinta azul ou preta, redige o título e comentários acerca da peça oratória. Esse *scriptor* 3 se supõe ser outro monge arquivista. Tem letra cursiva menor que os demais *scriptores*; o traçado irregular de algumas letras dificulta a leitura, como <d>, <x> e <r>; quando escritas juntas, as letras <e>/<m> e <u>/<n> se assemelham bastante, constituindo outra dificuldade de transcrição. As capitulares se destacam pelo formato e tamanho diferenciado; a notação do til ora se dá acima do ditongo nasal, ora se constitui em prolongamento do <o>. Tal *scriptor* adota a sublinha para destacar algumas palavras.

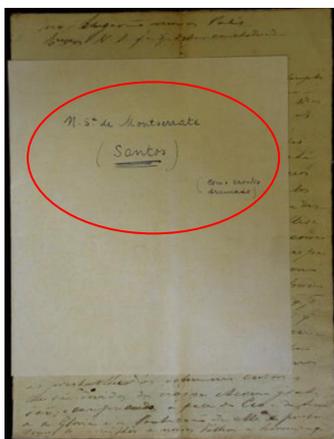
Fig. 21 – Invólucro do *Sermão de Misericórdia*, acompanhado de transcrição



Sermão de
Misericórdia

sem título, sem data-
mas belíssima peça oratoria

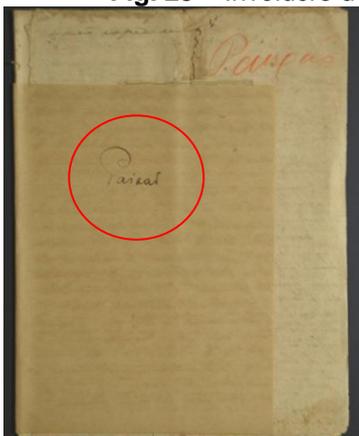
Fig. 22 – Invólucro do sermão *Nossa Senhora de Montserrat*, acompanhado de transcrição



N(ossa) S(enhor)a de Montserrat
(Santos)

((com o exórdio truncado))

Fig. 23 – Invólucro do sermão *Paixão*, acompanhado de transcrição



Paixão

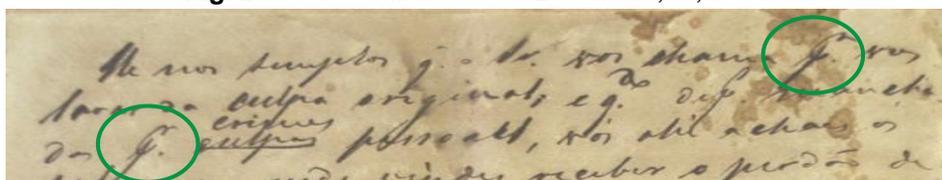
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia
Em destaque nas figuras 21 a 23, escrita do *scriptor* 3

Ao longo da história, o uso de abreviaturas esteve sempre relacionado à economia de tempo e material de escrita. De acordo com Higounet (2003),

As abreviaturas medievais encontraram parte de suas fontes nas siglas e abreviações epigráficas romanas e nos sistemas tironianos. Mas elas também se originaram mais diretamente dos dois repertórios abreviativos particulares que se constituíram durante os primeiros séculos nos textos cristãos e nos textos jurídicos. Com efeito, nos manuscritos cristãos, logo se instaurou o uso de abreviar por contração os termos sagrados, os *nomina sacra*, e de substituir nos manuscritos jurídicos os termos técnicos e usais por abreviações (*notae juris*) de tipos variados (HIGOUNET, 2003, p. 147, grifo do autor).

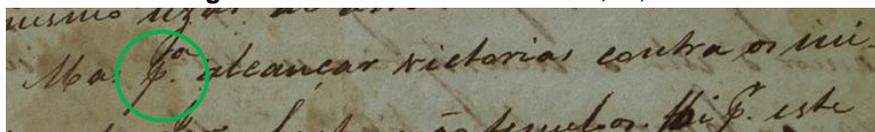
Ainda hoje seu uso é bastante frequente. Ocorre, abundantemente, na escrita de Frei Domingos, que, além de utilizar diferentes tipos de abreviatura, adota formas distintas para abreviar uma mesma palavra e significados diversos para uma mesma abreviatura (polissemia), dificultando a correta leitura e transcrição e acarretando o dispêndio de maior tempo nessa empreitada. Isso ocorre com a abreviatura <pr> que ora se desdobra em <por>, ora em <para>, que, por sua vez, também é representada por <pa>; já <ms> é adotada como abreviatura de <mas> e <mais>.

Fig. 24 – Fac-símile *Sobre o Escândalo*, 8r, l. 1-3



He nos templos q(ue) o S(enho)r vos chama p(a)r(a) vos lavar da culpa original; e q(uan)do dep(oi)s mancha-des p(o)r <culpas> [crimes ↑] pessoaes, vós ahí achae os

Fig. 25 – Fac-símile *São Sebastião*, 1r, l. 13



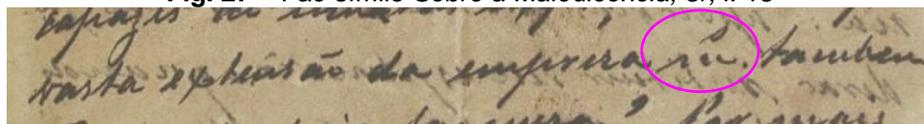
Mas p(ar)a alcançar victorias contra os ini-

Fig. 26 – Fac-símile *Paixão*, 2v, l. 1



seo Pai nada m(ai)s tem a /exigir/ do homem, prim(ei)ra

Fig. 27 – Fac-símile *Sobre a Maledicência*, 5r, l. 18



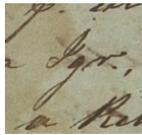
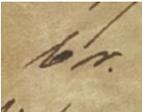
vasta extensaõ da empreza **m(a)s** também

Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Nos seis sermões se observam abreviaturas por suspensão, letra sobreposta, contração, além das siglas.

A abreviatura por suspensão ou apócope, se dá pela supressão dos elementos finais do vocábulo. Esse é o tipo menos frequente nos sermões.

Quadro 2 – Abreviatura por suspensão

ABREVIATURA	DESDOBRAMENTO	FAC-SÍMILE
Igr.	Igr(eja)	 São Sebastião, 1r, l. 14
Cr.	Cr(istãos)	 Sobre o Escândalo, 2r, l. 12

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A abreviatura por contração ou síncope forma-se mediante a supressão de elementos do meio da palavra, sendo composta, portanto, de letras do início e fim ou do início, meio e fim da palavra (SPINA, 1994; BERWANGER; LEAL, 1995). Sua incidência também não é muito comum nos manuscritos de Frei Domingos.

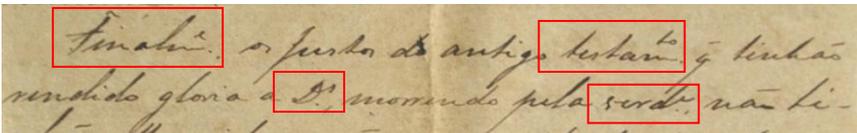
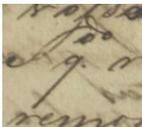
Quadro 3 – Abreviatura por contração

ABREVIATURA	DESDOBRAMENTO	FAC-SÍMILE
Sr.	S(enho)r	 Paixão, 2r, l. 16

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O tipo de abreviatura mais frequente nos sermões de Frei Domingos é por sobreposição, que consiste na colocação de letras em caracteres menores inscritos por cima da abreviatura (BERWANGER; LEAL, 1995, p. 62). Esse é, certamente, o tipo de abreviatura mais usado nos documentos analisados, tendo inúmeras ocorrências em todos os sermões.

Quadro 4 – Abreviatura por sobreposição

ABREVIATURA	FAC-SÍMILE
Finalm ^e testam ^{to} D ^s verd ^e	 <i>Finalm(ent)e, os Justos do antigo testam(en)to q(ue) tinhaõ rendido gloria a D(eo)s, morrendo pela verd(ad)e, não ti-</i> Paixão, 2v, l. 10-11
aq ^{les}	 São Sebastião, 1r, l. 4
q ^{do}	 Sermão de Misericórdia, 7v, l. 20

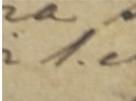
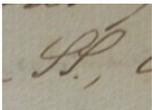
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Esta abreviatura por sobreposição é muito usada nos sermões de Frei Domingos para escrever palavras de diferentes classes gramaticais e variadas

terminações. As ocorrências mais frequentes se dão com vocábulos que têm as terminações <ade>/<ades>, <ento>/<entos> e <ente>.

Por fim, tem-se a abreviatura por sigla que, de acordo com Flexor (1991), se constitui quando a palavra é representada apenas por sua letra inicial, grafada em maiúsculo. Esse tipo de abreviatura é muito comum nos manuscritos analisados. Quando a sigla se constitui de uma letra dobrada significa que a palavra está no plural ou superlativo, como se observa na sigla <SS>, que significa <Santíssima>, no sermão *Nossa Senhora de Montserrat*, 3r.

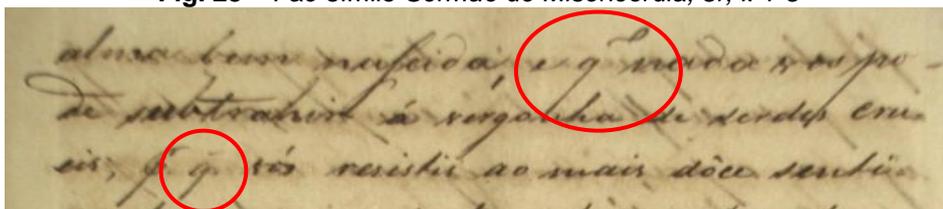
Quadro 5 – Abreviatura por sigla

ABREVIATURA	DESDOBRAMENTO	FAC-SÍMILE
JC.	J(esus) C(hristo)	 <i>Sobre o Escândalo, 5r, l. 9</i>
S.	S(anto)	 <i>Paixão, 3r, l. 23</i>
SS.	S(antí)s(sima)	 <i>Nossa Senhora de Montserrat, 3r, l. 3</i>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Às vezes, as siglas aparecem também com sinais, que Spina (1977) denomina sinal abreviativo. Ainda segundo Spina (1977, p. 45), “a sigla foi o processo mais antigo de abreviação por supressão ou apócope”. Frei Domingos costuma usar um traço sobreposto ao <q>, sigla da palavra <que>; algumas vezes esse traço ganha formas mais sinuosas e se posiciona depois da sigla.

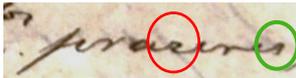
Fig. 28 – Fac-símile *Sermão de Misericórdia*, 8r, l. 1-3



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Além das abreviaturas, a semelhança na grafia de algumas letras dificulta bastante a leitura dos sermões de Frei Domingos. É o que ocorre entre <r>, <s> e <z>; e <t>; <m>, <n> e <u>; <p> e <ss>; <s> e <t>; e <f> e <p>.

Quadro 6 – Semelhança entre letras de Frei Domingos

LETRAS SEMELHANTES	
<s> / <z>	 <p>prazer</p> <p>Paixão, 13r, l. 11</p>
<p> e <ss>	 <p>passar</p> <p>Sobre o Escândalo, 1v, l. 12</p>
<m>, <n> e <u>	 <p>consumação</p> <p>Paixão, 13v, l. 15</p>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

As orações e períodos são distribuídos em parágrafos, cujo início é sempre marcado pelo recuo à direita. No que tange à pontuação, destaca-se o uso constante de dois pontos; sinais de exclamação e interrogação também são recorrentes, talvez como forma de interação com o público, afinal, esses sermões foram produzidos visando à oralidade. Outra marca é o emprego irregular de vírgula: é comumente grafada antes da conjunção <e>, como no

trecho <ou abater seo orgulho, e sua revolta> (*Paixão*, 9v, l. 24); não é usada, contudo, para separar vocativos, como em <Quanto a nós, meos /S(enho)r(es)/ nos sabemos, q(ue) q(uan)do> (*Paixão*, 2r, l. 6).

Como esses textos se constituem de rascunhos, os movimentos de emenda são constantes, sendo comuns supressões, acréscimos e deslocamentos. Essa característica será analisada mais profundamente na quinta seção deste estudo.

Os textos são sempre divididos em duas partes: a primeira é iniciada por uma epígrafe em latim correspondente a uma passagem bíblica, que é discutida e retomada em momentos posteriores; em seguida, tecem-se considerações sobre a temática de tal citação, recorrendo-se, para tanto, a algumas personagens e fatos históricos; e, por fim, a segunda parte do sermão, intitulada Discurso, apresenta as ponderações do pregador acerca da temática apresentada no início do texto e seu convite aos ouvintes para que ajam segundo a orientação bíblica. O conteúdo específico desse *corpus* será tratado na próxima subseção, que aborda o aspecto argumentativo dos sermões de Frei Domingos.

A análise ora apresentada permite concluir que os sermões *São Sebastião*, *Nossa Senhora de Montserrat*, *Paixão*, *Sermão de Misericórdia*, *Sobre o Escândalo* e *Sobre a Maledicência* são textos autênticos do beneditino Frei Domingos, devido à observação das características de sua escrita.

3.2 SERMÃO: UM TEXTO ARGUMENTATIVO

No intuito de alcançar o objetivo de restaurar, depurar e interpretar textos, a Filologia, constantemente, dialoga com outras áreas, seguindo ao mesmo tempo como auxiliar e apoio de outras disciplinas, perdendo, assim, sua pretensão de onipresença (CANO AGUILAR, 2000). Para contemplar um estudo filológico dos sermões de Frei Domingos, já se estabeleceu, nas seções anteriores, parceria com História, Paleografia e Diplomática.

Neste instante, quando se deseja compreender a organização dos textos quanto ao seu aspecto semântico, torna-se necessário considerar o forte apelo argumentativo inerente à sermonística e tão presente em todos os sermões analisados. Esclarece-se que, por ora, não se pretende avançar por alguma linha particular da Análise do Discurso ou da Teoria da Argumentação ou afins, mas buscar nessa ou naquela fonte informações que possam auxiliar na compreensão do texto, do prisma filológico.

Ao se fazer a descrição dos sermões, se considerou seus aspectos gráficos, materiais e complementares, mas não se contemplou ainda seu conteúdo. Para tanto é relevante refletir, primeiramente, sobre a composição desse gênero textual – o sermão. Tem suas origens etimológicas no latim *sermō*, que significa “conversa, conversação, discurso” (SARAIVA, 1993, p. 1091), e, tomando-se de empréstimo as palavras de Cagnat-Deboeuf (2001), se pode assim conceituá-lo:

[...] um tipo de conferência feita em púlpito durante a tarde e obedecendo a um certo número de regras, como a de pregar ao mesmo tempo o dogma e a moral: o pregador deve ensinar a seu público uma verdade evangélica e dela retirar uma consequência prática para a vida cotidiana (CAGNAT-DEBOEUF, 2001, prefácio).

Como já foi dito, os sermões de Frei Domingos foram preparados visando à realização oral em homilias, o que corrobora a ideia de Cagnat-Deboeuf (2001) no que tange às condições de sua realização. A questão do ensinamento de “verdade evangélica e dela retirar uma consequência prática” remete à retórica, conhecida popularmente como a arte do bem falar, do convencimento e da persuasão. Tradicionalmente, retórica é definida como “um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende” (LAUSBERG, 2004, p. 75).

Os sermões de Frei Domingos consistem em uma tentativa constante de convencer os ouvintes a seguirem o que é pregado na Bíblia, adotando, para tanto, mudanças significativas em seu cotidiano. No sermão *São Sebastião*, por exemplo, se faz um apelo para que os fieis sigam o exemplo de mártires como Sebastião que lutaram contra os inimigos da igreja, e assim salvaram sua alma;

Paixão relembra todos os sofrimentos que Cristo enfrentou para salvar a humanidade; *Nossa Senhora de Montserrat* justifica as homenagens prestadas a Virgem Maria; *Sobre a Maledicência* trata do conceito de maledicência e, principalmente, dos tipos de pessoas maledicentes; *Sermão de Misericórdia* esclarece que a conduta que realmente agrada a Deus está pautada na ajuda aos mais necessitados; *Sobre o Escândalo* mostra como o comportamento dos ímpios e libertinos desagradam o Senhor.

Ainda segundo Lausberg (2004), há cinco fases de elaboração de um sermão: i) *inventio* (ato de encontrar pensamentos que sirvam como instrumentos intelectuais e afetivos para alcançar a persuasão do público); ii) *dispositio* (correta seleção e ordenação desses pensamentos, formulações linguísticas e formas artísticas); iii) *elocutio* (expressão linguística dos pensamentos encontrados pela *inventio*); iv) *memoria* (memorização do discurso); v) *pronuntiatio* (pronúncia do sermão e gestos concomitantes).

A quarta e quinta etapas se referem à pregação propriamente dita. Como os rascunhos de Frei Domingos permitem analisar as fases iniciais, se considerarão as características de cada uma dessas partes que, serão, em seguida, destacadas nos textos do beneditino.

A *inventio* e a *dispositio* se materializam na *elocutio*, momento em que o orador redige o texto, o qual é composto de três partes distintas: exórdio, quando se prepara o ouvinte, visando à sua benevolência e atenção para a matéria a ser exposta; proposição e argumentação, momento de apresentação e defesa do tema; e, por fim, conclusão, que consiste na retomada da matéria, a fim de comprovar e conduzir sua validade perante o público (LAUSBERG, 2004).

A busca pela empatia do público começa antes mesmo de serem proferidas as primeiras palavras no exórdio: a imagem do pregador diante da comunidade é essencial na conquista da credibilidade do seu discurso; exerce influência nesse processo até mesmo a organização do espaço da igreja onde se tem:

– Embaixo: os ouvintes, que, justamente, pelo fato de pertencerem à Igreja, são considerados Sujeitos em busca de um Objeto de valor, a salvação, que eles só podem obter mediante o aperfeiçoamento de sua devoção e de seu conhecimento da doutrina.

- Ligeiramente acima dos fiéis, de pé no púlpito: o pregador, espécie de mediador autorizado da palavra de Deus, de “fiador” do sentido autorizado pela Tradição. Ao proferir o sermão, ele faz as vezes de um Adjuvante dotado de uma dupla competência: prática (devoção) e teórica (conhecimento da doutrina). [...]
- No alto, no universo celeste: Deus, Destinador da totalidade da atividade enunciativa, “fiador” da relação de lugares que o sermão estabelece entre os participantes da pregação e, de modo mais amplo, da própria comunidade que os engloba, isto é, a Igreja (MAINGUENEAU, 2008, p. 206).

A figura carismática de Frei Domingos acompanhada de sua conduta exemplar à frente da Congregação Beneditina Brasileira e seu profundo conhecimento e vivência constituem uma estratégia inicial favorável à aceitação de seus sermões, afinal, “[...] aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor” (PLANTIN, 2008, p. 112). O exórdio se inicia, na maioria dos sermões – *Paixão, São Sebastião, Sobre a Maledicência, Sobre o Escândalo e Nossa Senhora de Montserrat* –, pela citação de uma passagem bíblica em latim como epígrafe, diretamente relacionada ao tema do discurso, seguindo-se à tradução ou paráfrase e ao resumo da pregação. A opção pelo uso do latim pode ser entendida como meio de valorizar a língua primeira da Igreja Católica e também do pregador se fazer intermediador entre Deus e os ouvintes (MAINGUENEAU, 2008). A tradução ou paráfrase das passagens bíblicas reforça a legitimação do pregador como mensageiro divino.

Quadro 7 – Epígrafe em latim

SERMÃO	ABERTURA
<i>Sobre o Escândalo</i>	<i>Beatus qui non purit scandalis atus in nu. Feliz aquelle q(ue) não fizer de mim um objecto de escandalo. S(aõ) Mat(eus) 11.</i>
<i>São Sebastião</i>	<i>Nolite timere cos q(ue) occiducut corpus. Não temais a aq(ue)les q(ue) podem tirar a vida ao vosso corpo.</i>
<i>Paixão</i>	<i>Consummatum est. João 19, 20</i>
<i>Sobre a Maledicência</i>	<i>Cuidam dicebant, quia bonus est: alii autem dicebant, non, sed seducit turbas: nemo tamem palam loquebatur propter metu Judgorum. <Uns> Alguns dizia de J(esus) C(hristo), elle é um bom homem; outros diziaõ, não pois seduz o povo; ninguem ouza-</i>

	va porem fallar com liberdade, pelo temôr, q(ue) tinhaõ dos Judêos. S(aõ) Joaõ c(apitulo) 7.
<i>Nossa Senhora de Montserrat</i>	<i>Dequa natus est Jesus</i>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A parte central do sermão tem duas fases: *proposição* e *argumentação*. A *proposição*, “[...] que está anteposta [no exórdio], tem como função a comunicação daquilo que se quer provar” (LAUSBERG, 2004, p. 92). Pode-se, neste momento, fazer uma enumeração de pontos a serem desenvolvidos no sermão ou uma breve narração de acontecimentos relacionados à temática exposta.

A enumeração é usada em dois sermões de Frei Domingos: em *Sobre o Escândalo*, se dá a enumeração de milagres operados por Cristo, os quais não devem ser objeto de escândalo por parte dos cristãos; em *Sermão de Misericórdia* se enumeram as lições de misericórdia deixadas por Cristo.

A narração é apresentada na proposição dos outros sermões do beneditino: em *São Sebastião*, se resume a passagem bíblica na qual Jesus orienta que os fieis não temam os inimigos da igreja que podem ferir seu corpo, visto que não o podem fazê-lo a sua alma; em *Paixão* se narram os últimos momentos de Jesus na cruz e se comenta o mistério de suas últimas palavras – *Consumatum est* – para refletir sobre as consumações a que tais palavras se remetem; *Nossa Senhora de Montserrat* narra o cenário decadente resultante do pecado cometido por Adão e Eva (referidos no sermão como “*primeiros pais*”) que antecede a vinda da Virgem Maria, figura que tem o papel de restituir a inocência e esperança ao mundo; em *Sobre a Maledicência* se apresenta e comenta uma passagem bíblica que trata dos diferentes discursos das pessoas acerca da obra de Jesus Cristo. Em sua pregação, Frei Domingos dialoga com vários textos bíblicos, que, como se observou já na proposição, são analisados, resumidos ou comentados. Pode-se constatar, com isso, que o sermão é um texto essencialmente heterogêneo, na medida em que se associam a eles vários outros textos.

Em seguida, tem-se a fase da argumentação, cujo objetivo é a apresentação de provas que sustentem a ideia defendida na pregação. Frei Domingos usa diversas formas para sustentar sua argumentação. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) ressaltam que a boa argumentação tem como efeito aumentar a intensidade de adesão para, com isso, desencadear a ação planejada ou, pelo menos, uma disposição para agir nos momentos necessários. Entre os sermões de Frei Domingos percebe-se que a argumentação é apresentada principalmente na segunda parte do texto, intitulada pelo monge como “Discurso”, momento em que ele apresenta seus argumentos e tece comentários que funcionam de modo ambíguo:

Por um lado, o comentário permite construir (indefinidamente) novos discursos: o excedente do texto primeiro, sua permanência, sua condição de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo e oculto, do qual ele é considerado o detentor, a reticência e a riqueza essenciais a ele conferidas [...] em suma, tudo isso proporciona uma possibilidade aberta de falar. Mas, por outro lado, o comentário tem por único papel, quaisquer que sejam as técnicas empregadas, dizer, enfim, o que estava ali sendo articulado, silenciosamente (FOUCAULT, 1971, p. 27).

A conclusão do sermão, também conhecida como breve, tem duas funções essenciais: i) constatar a veracidade do que foi defendido – através da correlação entre a proposição e a conclusão ou por meio de uma rápida repetição e reunião das provas apresentadas na argumentação; ii) provocar a adesão final do ouvinte. Para encerrar o sermão *São Sebastião*, Frei Domingos repete o que apresentara no início da pregação; já em *Paixão*, ele retoma todas as provas apresentadas no decorrer de seu texto.

Quadro 8 – Conclusão dos sermões

SERMÃO	CONCLUSÃO BREVE
<i>São Sebastião</i>	Que mais claro testemunho de seu valor? Sebastião empregou os seus dias em socorrer os Cristãos, em tudo o q(ue) pode, e sustentou intrepidam(ent)e a fé de J(esus) C(hristo) sem temer o tyrano, e p(o)r isso alcançou immortaes triunfos, glorias immortaes.
<i>Paixão</i>	[...] Mas todos os temperam(en)tos em materia de dever são á temer: querer

	<p>tudo conciliar é tudo perder: inocentar adocam(en)tos q(uan)do a lei é clara e precisa, não é salvar a regra mas nossas paixões, todo o accordo entre a mentira e a verd(ad)e se faz sempre á despensas da verd(ad)e, e o Evangelho principalm(ent)e é uma doutrina q(ue) propoem regras</p>
--	---

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Constata-se, com a breve análise ora apresentada, que Frei Domingos se utiliza da estrutura clássica do sermão ao produzir seus textos. Para corroborar com o que se diz, apresenta-se, a seguir, uma análise de *Sermão de Misericórdia*, no intuito de ilustrar a argumentação nos textos de Frei Domingos.

3.2.1 Um olhar sobre a argumentação em *Sermão de Misericórdia*

A argumentação, segundo Grize (1990, p. 40), é “[...] um procedimento que visa intervir sobre a opinião, a atitude e até mesmo sobre o comportamento de alguém”. É com estes objetivos que Frei Domingos apresenta o *Sermão de Misericórdia*, no qual trata da relevância de se assistir aos mais necessitados.

Conforme Vignaux (1981), argumentar equivale a enunciar algumas proposições que escolhermos compor entre si. Reciprocamente, enunciar equivale a argumentar, pelo simples fato de que escolhermos dizer e avançar determinados sentidos em vez de outros. No *Sermão de Misericórdia* Frei Domingos faz escolhas bem coerentes com sua meta. Toma como ponto inicial a apresentação de exemplos e lições de misericórdia deixados pelo Salvador. Ele lembra aos fiéis que todos os bens vieram do Senhor e que estes devem ser divididos entre as pessoas de modo justo, portanto, não agrada a Deus a existência de ricos com grandes fortunas e pobres com inúmeras necessidades.

Carismático e profundo conhecedor da palavra cristã, o frei mostra-se sempre cauteloso e modesto ao apresentar suas ideias aos ouvintes, o que também não deixa de ser uma estratégia argumentativa bastante usual no

universo religioso cristão. É o que se observa em várias passagens do *Sermão de Misericórdia*:

Quadro 9 – Modéstia como estratégia argumentativa em sermões de Frei Domingos

FÓLIO	LINHA	TRANSCRIÇÃO
1r 1v	23 1-3	me não considera <mais> digno de de ser um interprete, senaõ quando advogar a causa dos misera-veis
2r	1-4	Deos de Misericordia, agora mais que nunca necessita vosso indigno Ministro dos vossos auxilios; vinde pois em meu socorro

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ele inicia o Sermão convidando os “ricos do século” a seguirem o exemplo do Salvador, estratégia retomada ao longo do texto.

Quadro 10 – Início de *Sermão de Misericórdia*

FÓLIO	LINHA	TRANSCRIÇÃO
1r	1-5	Taes são os tocantes exemplos e as liçoens de /misericordia/, q(ue) nos deo o Salvador do mundo: Ricos do seculo, eis o vosso modelo, reconheceis nelle o caracter de vossa religião. Semelhar-

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Frei Domingos tem a preocupação em preparar seus ouvintes para as ideias que serão apresentadas. Para isso, ele faz uma oração e depois se dirige diretamente ao público:

Quadro 11 – Preparação dos ouvintes em *Sermão de Misericórdia*

FÓLIO	LINHA	TRANSCRIÇÃO
2r	4-10	preparae tambem a alma dos meus ouvin-tes, e fazei que elles comprehen=daõ q(ue) he necessario usar de mise=

		ricordia p(ar)a com os pobres a fim de poderem /alcançar/ a vossa; e vós, Cristãos, /prestae-me/ atenção.
--	--	---

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 54) afirmam que

[...] uma argumentação eficaz é aquela que consegue incrementar a intensidade de adesão, de modo a desencadear entre os ouvintes a ação visada (ação positiva ou abstenção), ou de modo a pelo menos criar, entre eles, uma disposição para a ação, que se manifeste no momento oportuno.

Por se tratar de uma pregação o desejo de alcançar uma ação é evidente. Além de seu carisma, Frei Domingos utiliza diversos argumentos, através de fatos, histórias-relato, questionamentos, suposições, como estratégias de convencimento.

Quadro 12 – Argumentos em *Sermão de Misericórdia*

FÓLIO	LINHA	TRANSCRIÇÃO
2v	1-4	A principal causa de nosso erro nesta matéria é não nos remontar-mos verdadeira fonte de todos os bens transmitidos p(o)r nossos Pais
34r	5-17	os ultrajes que mais despedação meu coração, e minhas entranhas paternaes, são as lagrimas e as murmuraçoens sacrilegas, q(ue) vossa barbara insensibilidad(ad)e arranca dos desgraçados, porque é então, q(eu) é atacada a m(esm)a misericordia, o principal de meus attributos, a alma dos meus desejos, a essencia da m(esm)a essencias eu dissimulo todos os outros crimes, os supporto com paciencia, esperando a inevitavel eternid(ad)e;
5r	4-6	o pobre vos é confiado e não tem outro recurso outro pai, e p(ar)a assim dizer outro Deos senão vós
5r	6-12	Deos vos favoreça repito ainda! estas palavras ditadas pelo habito e

		não pela reflexão são uma chime- ra em vossa boca um objecto de desespero p(ar)a o pobre, e uma ironia p(ar)a Deos.
5r	20-22	El- les são o ôsso do vosso ôsso, a carne da vossa carne;
6v	7-15	ó ricos injustos? todos os seres ra- cionaes tem um fim a cumprir so- bre a terra, qual é pois o vosso? sap- tisfazem vossos fantasticos desejos, por em trabalho toda a natureza, e todas as artes em torturas p(ar)a saptisfazer vossos caprichos? Ah! se vos julgais p(ar)a um fim tão fricolo que ideia for- mais de Deos?
8v	5-9	Em causa mais consolante do que dar uma esmola que sem destruir o meu luxo nem o meu fausto pode le- var a alegria ao seio de uma familia honesta e virtuosa
10r	16-21	Assim mesmo morto como o vedes, he sempre o Deos de justiça, e de vingança. Estes olhos assim mesmo fechados ainda estão sondando o vosso cora- ção feroz e insensível.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em algumas passagens do Sermão, o Frei é ainda mais enfático em seu propósito, dirigindo-se diretamente ao seu público, declarando-lhe como agir e pensar.

Quadro 13 – Orientações de Frei Domingos ao público

FÓLIO	LINHA	TRANSCRIÇÃO
6r	9-13	se por um momento vos despojasseis de vossas decoraco- ens e vos colocasseis a par de um pobre, vós dirieis; - todos nós somos filhos da mesma mai, elles são como nós
6v	1-5	vós vos julgarieis in- justos(,) p(ar)a com os pobres, abaxarieis os olhos em sua presença, e vos en- vergonharieis de vossa pretend(enci)a felicid(ad)e

10v	10-16	Vinde pois peccadores, vinde aproveitar vos d'este preciosos sangue vinde prostar-vos aos pes de J(esus) e dizer com migo Meu Deos, meu Divino J(esus), meu bom Redemptor, tende misericordia de nós
-----	-------	---

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Acredita-se que o *Sermão de Misericórdia* alcança seu papel, na medida em que, por meio de argumentos variados – uso de fatos, história-relato, indagações, entre outros – consegue convencer que a ideia nele defendida é coerente. Assim, Frei Domingos elimina a dúvida e a contestação de seus ouvintes, fundando então uma crença justificada e um consenso legítimo acerca de tudo que deve ser feito para que ricos e pobres cumpram a sua função aqui na terra. Neste Sermão, portanto, a função doutrinária é atingida devido ao uso adequado da argumentação, que “[...] incide sobre aquilo em que é preciso crer, sobre aquilo que é preciso fazer, a que é preciso renunciar ou não, recusar ou aceitar” (PLANTIN, 2008, p. 45).

4 EDIÇÃO CONSERVADORA: FIDELIDADE TEXTUAL

Desde os primórdios da humanidade, se tem notícia da preocupação do homem em preservar sua história. Cuida-se da preservação de esculturas, pinturas, obras arquitetônicas, paisagens naturais e também da linguagem, na forma de textos em geral. A preservação é um meio de se garantir a perpetuação e transmissão dessa história. No que tange à linguagem, já é sabido que a Filologia abarca seu estudo global, se ocupa de todas as suas formas, como afirma Auerbach (1972). Dentro desse universo filológico, a ecdótica, ou crítica textual, ou ciência da interpretação, é responsável pelo estabelecimento, ou restabelecimento, e edição do texto (MOISÉS, 1974, p. 166). A propósito desse papel da crítica textual e o da ecdótica, Cambraia (2005, p. 13-4) faz uma distinção:

No que se refere à expressão *crítica textual*, costuma-se empregá-lo em língua portuguesa como designadora do campo de conhecimento que trata basicamente da *restituição da forma genuína dos textos*, i. é, de sua *fixação* ou *estabelecimento* (cf. Houaiss, 1967, v. I, p. 204; Azevedo Filho, 1987, p. 15; Spina, 1994, p. 82).

Já o termo *ecdótica* tem sido utilizado para nomear o campo de conhecimento que engloba o *estabelecimento de textos* e a sua *apresentação*, i. é, sua *edição* (cf. Azevedo Filho, 1987, p. 15; Spina, 1994, p. 82): nessa acepção, o termo abarca não apenas o processo de restituição da forma genuína de um texto mas também os procedimentos técnicos para apresentar o texto ao público.

Divergências à parte, o que não se questiona é a grande contribuição da Crítica Textual: recuperação, e por conseguinte, perpetuação do patrimônio escrito de uma dada cultura (CAMBRAIA, 2005).

Tradicionalmente, a Crítica Textual tem como matéria o documento literário, mas hoje se debruça também sobre os não literários. Na atualidade, o crítico desempenha diferentes tarefas, de acordo com as especificidades do seu objeto. Assim, apresentam-se três modalidades da Crítica Textual: i) Crítica Textual Tradicional, voltada para textos com original ausente, propõe-se à restituição de um texto que se aproxime o mais possível do original; ii) Crítica Textual Moderna, aplicada a textos com original disponível, tem como objetivo editá-lo, estabelecendo um texto que represente, aproximadamente, as

intenções originais (ou finais) do autor (MCGANN, 1991); iii) Crítica Textual Genética, aplicada a complexos de manuscritos autógrafos (notas, esboços, versões transitórias, cópias a limpo e texto definitivo), busca o processo de criação, de gênese do texto (DUARTE, [1997-]).

Considerando as características do objeto do presente estudo – manuscrito disponível em testemunho único, texto em processo de criação – caberia a tarefa de estabelecimento do texto representativo do desejo autoral. Para tanto, faz-se necessário apresentar uma boa edição. Por edição se entende: i) “reprodução de uma obra, manuscrita ou mecânica, para sua difusão” (LÁZARO CARRETER, 1962, p. 154, tradução nossa)¹; ii) “texto de uma obra preparada com critérios filológicos” (FARIA; PERICÃO, 1988, p. 15); iii) “conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura – isto é, para oferecer a um tipo caracterizado de leitor” (DUARTE, [1997-]). Esse último conceito mostra-se mais completo por abarcar reprodução do texto, método para tal intento e perfil do público-alvo.

Os tipos fundamentais de edição são variados, desde as mais conservadoras, que fazem pouca (ou nenhuma) intervenção durante o processo de transcrição do texto, como a diplomática e fac-similada, até as mais interventivas, como a edição interpretativa e modernizada. Uma vez que os sermões de Frei Domingos nunca passaram por nenhuma edição, optou-se, primeiramente, por fazer uma edição conservadora com vistas a trazer a lume um texto fidedigno que pudesse, posteriormente, permitir análises e estudos seguros acerca da sua malha constitutiva, ou seja, língua, texto e cultura; além disso, buscou-se preparar uma edição que fosse acessível ao público menos especializado. Assim, preparou-se a edição semidiplomática, que se caracteriza por ter um grau médio de intervenção do crítico textual:

Enquanto na edição diplomática a mediação do editor se restringe à reprodução dos elementos do modelo, já a paleográfica [ou semidiplomática, paradiplomática ou diplomático-interpretativa] o editor atua de forma mais interventiva, através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

¹ “Reproducción de una obra, manuscrita o mecánica, para su difusión” (LÁZARO CARRETER, 1962, p. 154).

A edição semidiplomática dos sermões de Frei Domingos preserva as características gerais do texto, mas desenvolve suas abreviaturas, usando, para isso, um código específico. Como todo trabalho filológico, essa edição seguiu critérios rigorosos, os quais serão apresentados adiante, e teve como prioridade a apresentação de um texto fiel ao seu original. Para isso se valeu de diferentes recursos tecnológicos, comungando da opinião de Tavani ao afirmar que

[...] o que importa é que se tenha presente e se utilize toda a forma de recursos que a ecdótica – ou crítica textual – oferece atualmente ao editor, e todos os instrumentos mais refinados que se podem aplicar ao exame das variantes, inclusive os que cada editor será capaz de forjar sob o estímulo e segundo as exigências concretas do texto que se propõe editar (TAVANI, 1988, p. 43).

A primeira etapa dessa empreitada foi a digitalização dos manuscritos, que foram fotografados com câmara digital profissional de alta resolução (10 MP) e, posteriormente, seus fac-símiles foram transferidos para computadores, onde foram editados no programa *Picture Manager*, da *Microsoft*, a fim de corrigir cor, brilho, contraste, e, dessa forma, garantir melhor visualização do texto a ser transcrito. Os fólhos foram transcritos e seu texto foi digitado em tabelas, constituídas de três colunas – a primeira informa o número do fólho, a segunda indica a linha do texto, e a última apresenta a transcrição propriamente dita, que reproduz o texto tal qual se configura no original, usando-se, para tanto, códigos representativos dos movimentos de escrita do autor. A numeração das linhas, presente na segunda coluna da tabela, foi registrada em intervalos de cinco linhas, sendo também apresentada na última linha do fólho.

Concluída a etapa de transcrição, se seguiu a preparação da publicação dos textos, lançados no livro *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira* (LOSE et al., 2009), do qual a autora desta dissertação foi uma das autoras.

4.1 CRITÉRIOS DA EDIÇÃO CONSERVADORA

Ao se preparar a edição conservadora e ao revisá-la, foram utilizados os seguintes critérios²:

- respeita-se, dentro do possível, a disposição do texto na página. Para tal, toda a transcrição é feita dentro de tabelas com linhas de grade ocultas em formato de arquivo *.doc*, o que evita *desformatações* acidentais;
- os fólios de cada texto não se encontram numerados, portanto, atribuiu-se a cada *Sermão* uma numeração relativa à quantidade de fólios que cada texto apresenta. Desta forma, a cada sermão inicia-se a numeração do fólio 1, indicando se o texto se inicia no *recto* ou no verso do fólio;
- numeram-se as linhas dos fólios contando apenas aquelas preenchidas com escrita ou sinais muito particulares do *scriptor*. Desta forma, as linhas são numeradas de cinco em cinco, a partir da primeira;
- a grafia original do texto é conservada na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o lapso do *scriptor*;
- as abreviaturas presentes no texto são desdobradas ao longo da transcrição. O desdobramento é indicado através do uso de marcadores – parênteses;
- indica-se a partição silábica com o auxílio de hífen ou hífen duplo (semelhante ao sinal de igual utilizado nas operações matemáticas) quando o *scriptor* assim o fizer, reservando-se o travessão maior para indicar o traço de preenchimento da linha, apenas quando este é utilizado no original;
- os acréscimos posteriores, feitos por outro *scriptor*, são apresentados em itálico;
- as alterações (rasuras, substituições, supressões etc.) realizadas ao longo da escrita (pelo próprio *scriptor*) são inseridas no texto da transcrição, utilizando-se para isso, alguns operadores – por vezes tomados de empréstimo à crítica genética –, como os que se veem a seguir:

² Esses critérios são os mesmos utilizados pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia para a transcrição dos primeiros documentos editados pelo Grupo e que foram também utilizados na edição conservadora dos sermões de Frei Domingos já publicada em livro, com algumas adaptações de acordo com as necessidades surgidas ao longo do trabalho.

- () para desdobramento de abreviaturas
- (†) rasura ilegível
- [†] escrito não identificado
- (...) leitura impossível por dano do suporte
- / */ leitura conjecturada
- < > supressão
- () rasura ou mancha
- <†> supressão ilegível
- [] acréscimo
- [←] acréscimo na margem esquerda
- [→] acréscimo na margem direita
- [↓] acréscimo na entrelinha inferior
- [↓↓] acréscimo na entrelinha inferior, abaixo de outro acréscimo na entrelinha inferior
- [↑] acréscimo na entrelinha superior
- [↑↑] acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior
- [↑] acréscimo na margem superior
- [↓←] acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
- [↑←] acréscimo na margem esquerda, acima do trecho substituído
- [< >] acréscimo suprimido
- < > / \ substituição por sobreposição
- < > [←] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda
- < > [↓] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha inferior
- < > [↑] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha superior
- < > [→] substituição por supressão e acréscimo na margem direita
- < > [↓←] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
- < > [↑←] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, acima do trecho substituído

Para situações específicas do *corpus*, a editora se valeu dos seguintes critérios:

- para a questão do limite vocabular (separação ou união), 1) procura-se manter como no original até quando possível, 2) busca-se a forma mais produtiva no documento, em caso de dúvidas, ou 3) arbitra-se;
- o critério de leitura conjecturada normalmente utilizado pelo Grupo de Pesquisa foi desmembrado, resultando, nesta edição, em dois marcadores: duas barras oblíquas / /, delimitando o(s) caracter(es) conjecturado(s) por oxidação de letra; ou um asterisco logo depois do(s) caracter(es) conjecturado(s), delimitando-os com duas barras oblíquas /caracter(es)*/ para as demais conjecturas;
- marcas não identificadas pelo contexto são representadas por [†];
- não é considerada ligadura quando o *scriptor* se vale do traçado de algum diacrítico ou parte de caracter para formar a palavra seguinte e quando é perceptível que dois termos primeiramente foram escritos sem ligadura e só depois houve inserção, entre eles, de sinal de pontuação;
- quando o *scriptor* lança o sinal de nasalidade sobre a segunda letra do ditongo nasal <ao>, assim é mantido na transcrição;
- quando o termo é encontrado com tachado simples assim é transcrito, do mesmo modo se procede com o tachado duplo. Fielmente se faz;
- o sinal semelhante a apóstrofe pode assumir função abreviativa ou função indicativa de nasalidade. A editora deve arbitrar;
- duplicam-se os parênteses quando já há parênteses no texto original.

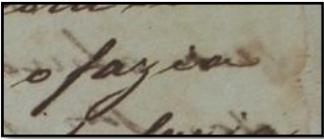
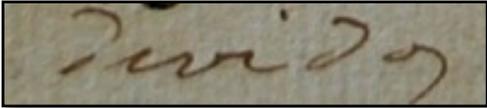
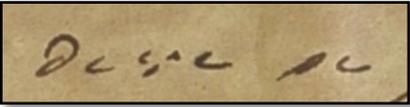
4.2 COMENTÁRIO SOBRE A REVISÃO

Segundo Tavani (1988), quando não se dispõe de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem se tornar arbitrárias, intempestivas e inseguras. Assim, no intuito de garantir a qualidade das análises e edições produzidas, revisou-se a edição conservadora dos sermões que são objeto deste estudo, preparada em 2009 pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia.

Sabe-se que no processo de transmissão de um texto podem ocorrer dois tipos de modificações: exógenas, derivadas, fundamentalmente, da corrupção do material, e endógenas, advindas do processo de reprodução do

texto (CAMBRAIA, 2005). A partir da descrição intrínseca e extrínseca dos sermões de Frei Domingos pôde-se perceber que alguns fólhos estão deteriorados, com manchas e corrosões no papel. Essa corrupção do papel dificultou a transcrição dos sermões, se configurando como uma das prováveis razões de alguns erros encontrados na edição de 2009.

Quadro 14 – Modificação exógena

CORRUPÇÃO	FAC-SÍMILE	EDIÇÃO 2009	EDIÇÃO 212
mancha por tinta	 São Sebastião, 2r, l. 7	fazer	fazia
mancha por tinta	 Nossa Senhora de Montserrat, 1r, l. 24	dividas	devidas
clareamento da tinta	 Sobre o Escândalo, 2r, l. 10	[†] se	deve se
clareamento da tinta	 Sermão de Misericórdia, 1r, l. 14	S(e)n(h)or	Ceo

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Quanto às modificações endógenas, nesse processo de revisão, foram consideradas apenas as não-autorais involuntárias, também conhecidas como erro de cópia, ou seja, aquelas ocorridas por lapso de terceiros (CAMBRAIA, 2005, p. 10). Entende-se como erro “qualquer desvio, qualquer inovação num

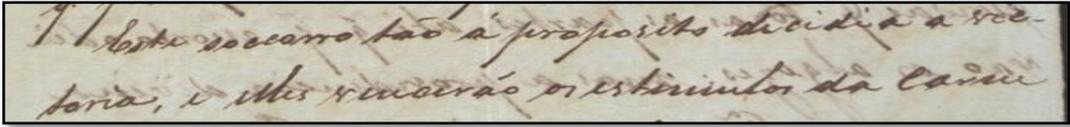
texto original” (CUNHA, 2004, p. 330). Acredita-se que o fato de a edição conservadora dos sermões de Frei Domingos ter sido feita a seis mãos contribuiu para tais ocorrência.

Um erro bem comum entre os copistas, em geral, é o salto-bordão, assim caracterizado:

Quando há no modelo utilizado para a cópia duas palavras iguais em pontos diferentes de uma mesma página de um manuscrito ou impresso, não raramente costuma-se saltar o texto que há entre essas duas palavras. Isto dá-se porque o copista não percebe que, ao retornar os olhos para o modelo, após ter registrado na sua cópia a primeira ocorrência da palavra em questão, seus olhos se fixam em uma palavra igual, mas em um ponto situado adiante no modelo (CAMBRAIA, 2005, p. 10).

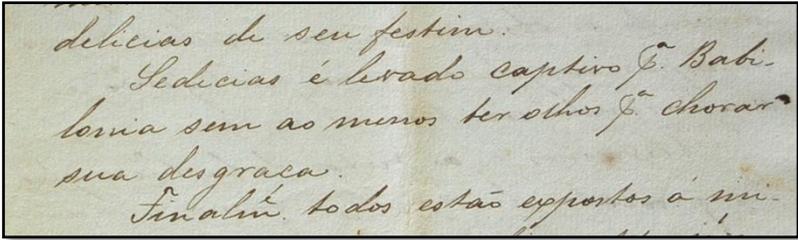
No fólio 3r, l. 20-21, de *São Sebastião*, não se tem duas palavras iguais mas a semelhança gráfica da sua terminação pode ter sido a causa do erro na transcrição:

Quadro 15 – Modificações endógenas: salto-bordão

EDIÇÃO DE 2009	EDIÇÃO REVISADA
<i>fac-símile São Sebastião, 3r, l. 20-21</i>	
	
Este socorro vencerão os estímulos da carne	Este socorro tão á proposito decidia a victoria, e eles vencerão os estímulos da carne
Fonte: Arquivo pessoal da autora	

No sermão *Nossa Senhora de Montserrat*, 4r, as linhas 8 e 9 se iniciam por uma palavra semelhante, <delicias> e <Selicias>, respectivamente, gerando o salto-bordão.

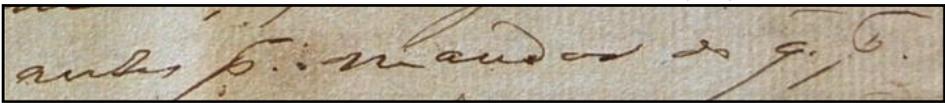
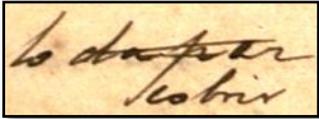
Quadro 16 – Modificações endógenas: salto-bordão em *Nossa Senhora de Montserrat*

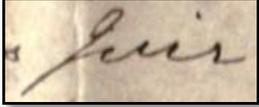
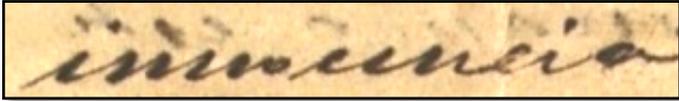
EDIÇÃO DE 2009	EDIÇÃO REVISADA
<p>fac-símile <i>Nossa Senhora de Montserrat</i>, 4r, l. 8-12</p> 	
<p>delicias de seu festim. Finalm(ent)e todos estão expostos á mi-</p>	<p>delicias de seu festim. Sedicias é levado captivo p(ar)a Babilonia sem ao menos ter olhos p(ar)a chorar sua desgraça. Finalm(ent)e todos estão expostos á mi-</p>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outro fator que pode ocasionar a modificação endógena involuntária é a semelhança gráfica entre algumas letras e palavras. Frei Domingos grafa, por exemplo, a abreviatura das palavras “por”, “pois” e “para” de forma muito parecida. As letras <r>, <s> e <z>; <p>, <f> e <ss>; <n>, <m> e <u>; e <t> se assemelham bastante.

Quadro 17 – Modificações endógenas causadas por semelhança gráfica

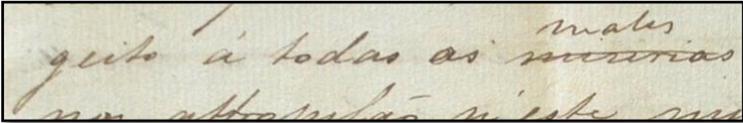
EDIÇÃO DE 2009	EDIÇÃO REVISADA
<p>fac-símile <i>Nossa Senhora de Montserrat</i>, 1r, l. 18</p> 	
<p>antes p(o)r mandar do q(ue) p(o)r</p>	<p>antes p(ar)a mandar do q(ue) p(ar)a</p>
<p>fac-símile <i>Paixão</i>, 5v, l. 21</p> 	
<p><dapar></p>	<p><da paz></p>

<i>fac-símile Paixão, 23v, l. 8</i>	
	
Juis	Juiz
<i>fac-símile Paixão, 9v, l. 1</i>	
	
p(o)r	p(ar)r
<i>fac-símile Sobre o Escândalo, 5r, l. 21</i>	
	
f/or*/ssar	passar
<i>fac-símile Sobre a Maledicência, 2r, l. 4</i>	
	
innocencia	innocencia

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na revisão se percebeu também o que Vidmanova (1979 apud CUNHA, 2004) classifica como lacuna de copista, que é a omissão de palavras e frases.

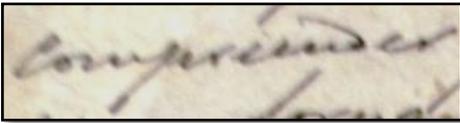
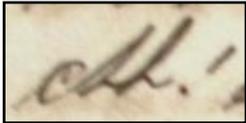
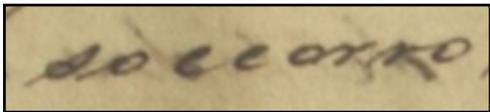
Quadro 18 - Modificações endógenas: lacuna do copista

EDIÇÃO DE 2009		EDIÇÃO REVISADA	
<i>Nossa Senhora de Montserrat, 3v, l. 5</i>			
			
geito á as <miserias> males		geito á todas as <miserias> males	
<i>Paixão, 21r, l. 3</i>			
			
p(o)is, á		p(o)is meos lr (mão)s, á	

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em outros casos, constatou-se, como causa provável do erro, um lapso na digitação, no momento da transcrição, não sendo, portanto, fruto de leitura equivocada do editor. Houve, ainda, erros decorrentes da variante do copista, que, por distração, efetuou a transcrição segundo os padrões de sua época.

Quadro 19 – Modificações endógenas: lapso na digitação e variante do copista

CAUSA	FAC-SÍMILE	EDIÇÃO DE 2009	EDIÇÃO REVISADA
lapso	 <i>Paixão, 24r, l. 2</i>	comreender	compreender
lapso	 <i>Sermão de Misericórdia, 6r, l. 5</i>	AH!	Ah!
variante do copista	 <i>Sermão de Misericórdia, 2r, l. 4</i>	socorro	socorro

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ao se revisar a edição de *São Sebastião* notou-se que faltavam dois fólios, *4r* e *4v*, que não foram editados em 2009. Em *Nossa Senhora de Montserrat*, se constatou que o fólio 1 foi costurado com as faces *recto* e verso invertidas, portanto, onde, em 2009, se tinha *1r*, na revisão se tornou *1v*, e vice-verso. No *Sermão de Misericórdia* observou-se uma diferença na sequência dos fólios:

Quadro 20 – Diferença na sequência dos fólios de *Sermão de Misericórdia*

EDIÇÃO DE 2009	EDIÇÃO REVISADA
<i>3r</i>	<i>4r</i>
<i>3v</i>	<i>4v</i>
<i>4r</i>	<i>5r</i>
<i>4v</i>	<i>5v</i>
<i>5r</i>	<i>6r</i>
<i>5v</i>	<i>6v</i>
<i>6r</i>	<i>7r</i>
<i>6v</i>	<i>7v</i>
<i>7r</i>	<i>3r</i>
<i>7v</i>	<i>3v</i>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Contudo, a mudança mais expressiva nessa revisão se deu no sermão *Paixão*. Percebeu-se que tal sermão estava incompleto e que os 15 fólios atribuídos ao sermão *Corpo*, na verdade, eram sua continuação. Assim, constatou-se que *Paixão* tem 24 fólios e que, em vez de dezenove, são dezoito os sermões manuscritos constituintes do acervo de Frei Domingos. Esse problema se deu nos textos *São Sebastião*, *Nossa Senhora de Montserrat*, *Sermão de Misericórdia* e *Paixão* pelo fato de que os cadernos originais dos sermões estão com sua costura ou cola, as quais prendem as folhas, deterioradas, tendo, com isso, muitas folhas soltas; outro fator é a falta de paginação nos cadernos.

Vale ressaltar, porém, que a constatação de erros na primeira edição dos sermões de Frei Domingos não diminui seu valor filológico, afinal, se sabe que, por mais afinco que tenha o filólogo na prática de seu ofício, está suscetível ao erro, posto que, como bem afirma Tavani (1993),

[...] a filologia textual, aplique-se ela a textos de hoje ou de ontem, é um terreno repleto de armadilhas de todo tipo, por meio das quais é preciso andar sempre com o maior cuidado: para o filólogo, o texto é um pouco como o ciclope de Karl Kraus que, com o olho maligno, procura sabotar o trabalho do editor. A única vantagem que este tem sobre o adversário é que o ciclope textual tem, como todos os ciclopes dignos do nome, um único olho, enquanto o filólogo geralmente tem dois: se os souber usar, terá boas probabilidades de poder dominar o outro e de o obrigar a revelar a sua verdadeira natureza (TAVANI, 1993, p. 571).

Aquela edição fez jus ao papel fundamental da Filologia de garantir a preservação e divulgação do patrimônio linguístico. Espera-se que a edição que aqui se apresenta possa também alcançar o objetivo de trazer um texto mais fidedigno.

4.3 TRANSCRIÇÃO CONSERVADORA DOS DOCUMENTOS

4.3.1 São Sebastião

fólio	linha	
1r	1	S(ão) Sebastião
		Nolite timere cos q(ue) occiducut corpus. Não temais a aq(ue)les q(ue) podem tirar a vida
	5	ao vosso corpo.
		Para <ganhar> /[alcansar <u>batalhas</u>]\ victorias contra os inimigos do estado he necessario ter tropas numerosas, disciplinadas, bem armadas, ambiciosas
	10	de reputação, e de gloria, he necessario ter experiência, aproveitar as menores vantagens e mesmo uzar de astucias.
		Mas p(ar)a alcançar victorias contra os ini- migos da lgr(eja), basta não temel-os; foi p(o)r este
	15	modo q(ue) a Religião Christã alcançou im- mortais triunfos, e se corou de glorias im- mortais [na sua primitiva]: e foi p(ar)a mais fortalecer os animos q(ue) J(esus) C(hristo) recommendou, q(ue) não temessemos aq(ue)les
		q(ue) podem tirar a vida á nosso corpo, p(o)r q(ue)
	20	se elles o podem fazer, jamais poderão per-

- der a alma; Nolite timere eos
 Com as vistas nesta recommendação, era q(ue)
 os Martyres se apresentavão /seos tyrannos*/
 sem os temer ensinando a doutrina de J(esus) C(hristo)
 25 e soffrendo todos os tormentos até acabar a
 propria vida, e p(o)r isso alcançarão a pal-
 27 ma da victoria, e se tornarão dignos de
- 1v 1 q(ue) a Igr(eja) sempre solicita em louvar os q(ue) mor-
 rem p(e)la Fe de J(esus) C(hristo) <†> apresenta á nossa
 veneração.
 5 Más, S(e)n(ho)res, se os Martyres da Fe são dignos,
 de nossa veneração e de nossos elogios, eu
 descubro n'aq(ue)le q(ue) a Igr(eja) hoje oferece aos nos-
 sos cultos, em Sebastião um motivo de
 maiores encomios.
 10 Louvem-se os outros de ter combatido os
 inimigos da nossa Religião, e padecido p(o)r
 amor d'ella o martyrio: eu tenho p(ar)a jun-
 tar ao louvor de Sebastião, q(ue) elle conservou
 pura a sua alma <emprega> conservando
 sem cargos no meio de uma corte jdolatra,
 15 e q(ue) sobreviveo aos tormentos p(ar)a p(o)r um se-
 gundo martyrio, fazer conhecer q(ua)l o seu
 valôr, e q(ua)l a onnipotencia de Deos q(ue) obrava
 nelle tantos prodigios.
 20 Mostrar p(o)r q(ue) se conservou puro, e q(ue)
 sem temor soffreo até morrer p(e)la Fé será
 21 o objecto do meu discurso.
- 2r 1 Discurso
 Da estirpe de Judá nasce o illustre Daniel,
 e precizado de viver p(o)r muitos annos na re-
 gia salla de Nabucodonosor, de Balthasar,
 5 e de Cyro, soube sempre distinguir os deve-
 res p(ar)a com seu Rei, dos deveres p(ar)a com seu
 Deos: se o seu nascimento illustre o fazia
 estimavel aos Gentios, mais estimavel o fazia
 á Deos a virtude, com q(ue) sempre guardou
 10 illeza a alma, e fiel o entendim(en)to na pura
 distribuição de seus affectos: vigilante sem-
 pre em proteger os afflictos tornou-se res-
 peitado dos mesmos Leoens.
 15 E o que vimos em Sebastião ainda q(uan)do
 empregado no serviço do cruel Diocleciano?
 No meio de uma côrte pagã elle conserva
 sua alma pura: sabe dar a Cezar o q(ue) he de
 Cezar, e á Deos o q(ue) he de Deos; sabe não con-

- fundir os respeitos, nem misturar as obla-
 20 ções: ao Rei serve como fiel militar, á
 Deos como verdad(ei)r(o) e fervoroso Catholico.
 Ouvistes vós fallar d'aquelle bom velho
 Thobias, q(ue) orava com lagrimas, e sepultava
 os mortos no captiveiro de Babylonia, co-
 25 mo consolava os captivos, como os fortalecia
 26 na Fé, como os firmava na Religião, sem
- 2v 1 temer o Rei idolatra q(ue) pretendia fazel-os
 cahir na adoração dos ídolos dos Assirios?
 Pois eis o mesmo em que se emprega Se-
 bastião, sem temer o Diocleciano, q(ue) podia
 5 tirar a vida á seu corpo, mas não perder
 sua alma, dá sepultura honrosa aos restos
 dos S(an)tos Martyres, q(ue) ou havião servido de
 pasto ás feras, ou suspensos nas forças, nos
 cadafalsos, atormentados nos cavalletes,
 10 ou queimados nas fogueiras d'aquelles ty-
 rannos, d'aquelles ímpios, d'aquelles bar-
 baros. Sem temer a perda da estima
 de seu Rei visita os Carceres, em que
 fazia o barbaro gemer milhares de
 15 Christaõs, q(ue) negavão adoração á seus i-
 dolos; os exorta, os fortifica, os faz cons-
 tantes na confissão da Fé: eu me apres-
 so á apresentar-vos um facto em q(ue) mos-
 trou o seu zelo p(e)la fé q(ue) professava.
 20 Caminhavão p(ar)a o Martyrio <, > Marco, e Mar-
 ciliano, quando lhy sahem ao encontro, os ob-
 jectos os mais os charos q(ue) possuem sobre a ter-
 ra, os charos paes, as amadas esposas, os
 queridos filhos, os parentes, os amigos, e to-
 25 dos banhados em lagrimas, com as pala
- 3r 1 vras entre cortadas de gemidos lhes instão,
 lhes persuadem a voltar a adorar os Ido-
 los, p(o)r q(ue) só assim poderião salvar a vida
 e livrar a tantos de tantos padecim(en)tos.
 5 No meio d'este combate entre os sentim(en)tos
 da natureza, os laços do amôr, e da amiza-
 de com os deveres de Christão, qual de vós
 não ficaria perplexo? a victoria começa
 a dicidir-se á favor da natureza: já Mar-
 10 co e Marceliano começam a enfraquecer,
 quando no meio do conflicto se apresenta
 Sebastião, q(ue) mais se preza de ser Christaõ
 do q(ue) Capitão da primeira Cohorte de Dio-
 cleciano; e assim falla aos enfraquecidos:

- 15 Que fazeis, diz elle, que fazeis vós q(ue) vos alis-
tastes debaixo das bandeiras as mais triun-
fantes? não queiras p(o)r estas falsas persua-
zoens perder a corôa e palma da victoria
q(ue) p(o)r momentos esperaes.
- 20 Este socorro tão á proposito decidia a vic-
toria, e eles vencerão os estímulos da carne
e do sangue, q(ue) já se rebelarão contra as
rezoluçoens do espirito.
Com seu discurso não só fortaleceo os dois
- 25 Martyres, q(ue) impavidos caminharão p(ar)a o pati-
bulo, mas até converteo muitos dos Idolatras
q(ue) allí se achavão.
- 3v 1 Não se demorou o Ceo em premiar esta obra.
Já a noticia corre p(o)r toda parte, vôa até o
palacio de Diocleciano: q(ue) horror, q(ue) desordem,
q(ue) rancor não imprimio ella em seu bar-
5 baro coração?! Ah! eu não tenho palavras
com q(ue) vos possa pintar o aspecto d'(e) esse
monstro sanhudo: terrivel monstro, q(ue) bra-
ma desesperado, descarrega todo o furor de
sua colera no rosto de Sebastião, más este com-
10 padecido de sua cegueira procura inutilm(ent)e
fazer de um barbaro um Christão: mostra-lhe
o engano, em q(ue) está, prova a ver(da)de <ao> e santi(da)de
da Lei de J(esus) C(hristo), más tudo he baldado, são va-
gas, q(ue) se despedação contra um duro rochedo:
15 em vão se cansa Sebastião, o tyrano lhe dá
as costas, e manda, q(ue) seja traspassado de set-
tas: chegae, chegae, feliz mom(en)to p(ar)a onde se
dirigem todos os dezejões de Sebastião.
As settas disparadas em seus corpo abrem
20 feridas p(o)r todas as partes, até q(ue) p(o)r morto o dei-
xão os algozes: mas a providencia divina
o conserva p(ar)a um novo <triumfo>, <p(ar)a> combate,
e um novo triumpho, p(ar)a dar mais um testi-
munho de suas maravilhas: p(o)r Irene foi
25 elle achado no campo sustentado pelo Ceo
26 como Elias no dezerto.
- 4r 1 O deixarão os algozes porem ainda o Provi-
dencia, o consevava p(ar)a um novo triumpho,
p(ar)a um outro martyrio, e p(o)r dar mais
um evid(ent)e testimonho de suas mara-
5 vilhas: p(o)r Irene foi elle achado no Can-
po sustentado p(e)lo Ceo, como Elias no de-
zerto.
Ainda uma vez Sebastião vae á pre-

- 10 zença de Diocleciano, ainda uma
 vez tenta a conversão do barbaro:
 Diocleciano fica estatico entre assustado,
 e furioso vacillando n'estas duas re-
 flexões, se seria um fantasma ou se
 alguma falsid(ad)e teria corrompido os algo-
 15 zes p(ar)a não executarem os seus decre-
 tos.
 Dep(oi)s de algum tempo de perplexid(ad)e
 resolve abrazado em colera, q(ue) se mul-
 20 tipliquem os tormentos no <inno> corpo
 do innocente até fazer exalar os ulti-
 mos alentos.
 Chegae algozes, <vinde descarregar vossos>
 <golpes sobre> vós achareis um valeroso <Ge>
 Guerreiro sempre firme no seu posto,
 25 sempre pacifico, e tranquillo. Em q(ue)
 26 parte do seus corpo quereis descar-
- 4v 1 carregar os vossos golpes? as settas ja o
 tem rasgado todo, e elle sobreviveo no
 Martyrio, só p(ar)a se renovassem as feridas
 sobre as chagas antigas.
 5 Morre em fim Sebastião mas <sua al->
 <ma vosa a recibes a corôa da immortalid(ad)e>
 Se o tyrano pode tirar a vida ao seu
 corpo, não pode p(o)r[4↑] maes[5↑] ameaças[6↑], p(o)r m(ai)s
 [tormentos→]
 p(o)r mais[1↑] promessas[2↑] e caricias[3↑] q(ue) fizesse
 10 perder sua alma, ella vae receber a
 corôa da immortalid(ad)e a palma do martyrio
 Que m(ai)s claro testemunho do seu
 valeroso animo? Sebastião empregou se
 em fortalecer os fracos, en enterrar os
 15 Christãos, e sustou entrepidam(ent)e a fé de
 J(esus) C(risto) sem temer o tyrano; e p(o)r isso al-
 cançou immortaes triunfos glorias
 immortaes: este he um dos testimu-
 20 nhos q(ue) lgr(eja) apresenta da santid(ad)e de
 sua doutrina. Imitae o p(oi)s na ca-
 rid(ad)e e se for necessario no sua alivio
 <se quereis e gazar> e alcançareis á
 m(es)ma corôa, a m(es)ma gloria immortal
 24 q(ue) eu á todos vós desejo.
- 5r 1 Ainda uma vez Sebastião vai á presen-
 ça de Diocleciano, ainda uma vez tenta
 a conversão do barbaro; mas elle abrazado
 em colera manda q(ue) se multipliquem os

- 5 <tyranos> tormentos <até q(ue)> no innocente, até q(ue) exale os ultimos alentos.
Chegae algozes, vós achareis um valoro-
zo guerreiro firme no seu posto, sempre
pacifico e tranquillo: em q(ue) parte do seu
10 corpo quereis descarregar os vossos golpes?
as settas ja o tem rasgado todo, e elle so-
breviveo ao martyrio só p(ar)a se renovarem
as feridas sobre as chagas antigas.
Morre em fim Sebastião, más se o tyra-
15 no pôde tirar a vida á seu corpo, não
pode p(o)r mais ameaças, p(o)r mais tormentos
q(ue) o fizesse soffrer, não pode perder sua al-
ma, ella recebeo a <coroa> palma do mar-
tyrio, e a côroa da immortali(da)de.
20 Que mais claro testemunho de seu va-
lor? Sebastião empregou os seus dias em
soccorrer os Cristãos, em tudo o q(ue) pode, e sus-
tentou intrepidam(ent)e a fé de J(esus) C(hristo) sem te-
mer o tyrano, e p(o)r isso alcansou immor-
25 taes triunfos, glorias immortaes.

4.3.2 Paixão

1r 1 não expediente

3 Paixão

1v 1 Consummatum est. João 19, 20

Taes são as últimas palavras, com que o
Salvador, expirando na Cruz, consumma hoje
5 seo sacrificio: taes os últimos; suspiros que as S(an)tas
mulheres e o discipulo /am*/ado recolhem de sua
bôca muribunda /taes*/ as últimas instruções
q(ue) recebem de seo bom mestre. He assim q(eu)
elle deixa a terra, e /seus*/ discipulos [igualm(en)te↑] consterna-
10 dos tanto p(e)la dor d(...)a perda, <e> (como) pelo
profundo mysterio /destas*/ ultimas palavras
Consummatum /est*/
Com effeito, o q(ue) (...)m elles compreender [colligir↑]
d'aqui? á q(uan)tos e quaõ /trist*/es pensam(en)tos seo espirito
15 <triste e> abatido e timido; se naõ abandona
n'este terrivel mom(en)to?! (...) talvez q(ue) o sol q(ue) se eclipsa,
a terra q(ue) se aballa e se cobre de luto; os se-
pulgros q(ue) se abrem; os mortos q(ue) ressucitaõ to-

- 20 da a natureza q(ue) se perturba; e parece querer voltar ao Chaos, talvez lhes persuadaõ, q(ue) J(esus)C(risto) acaba de lhes anunciar /que tu*/do vae a acabar com elle: q(ue) o mundo n/ão po*/dera sobreviver á morte de seo autôr; q(ue) o at/tenta*/do commettido contra sua pessôa não dev/era ser*/ expiado, senaõ com a ruina inteira do /unive*/so: e tudo q(uan)to lhe tinha
- 25
- 2r 1 ouvido dizer, <á resp(ei)to> durante sua vida mortal á resp(ei)to da proximid(ad)e deste ultimo dia, não contribue pouco á confirmal-os neste pavoroso pensam(en)to, elles julgavaõ q(ue) tudo ia a acabar
- 5 Consũmatum est.
Quanto a nós, meos /S(enho)r(es)/ nos sabemos, q(ue) q(uan)do chegar a ultima consummação, ah! o Filho do Homem na aparecerá humilhado e cuberto de opprobios sobre uma Cruz; tal como nós o vemos hoje.
- 10 mas virá sentado em uma nuvem de gloria, rodeado de seos Anjos e precedido do poder. terror e magestade. Appliquemos-nos p(oi)s a desenvolver a santa obscurid(ad)e d'esta ultima palavra: ella encerra grandes instruções, e toda a doutrina da Cruz.
- 15 Em primeiro lugar, o S(enho)r tinha m(ui)tas vezes declarado p(o)r\ seos Profetas, q(ue) os sacrificios dos bodes e dos touros não lhe agradavaõ: elle regeitava a imperfeição destas hostias; e elle não as teria suportado, se não descobrisse n'ellas os signaes figurativos da immolação de seo F(ilh)o. Ellas erao preludios grosseiros, q(ue) suspendiaõ sua justiça, mas q(ue) não podiaõ satisfazel-a: a morte de J(esus) C(risto) satisfez e preencheo tudo o q(ue) os antigos sacrificios tinhaõ de defeituoso: e a justiça de
- 20
- 25
- 2v 1 seo Pai nada m(ai)s tem a /exigir/ do homem, prim(ei)ra consummação.
Em segundo lugar, Jerusalem não tinha feito morrer senaõ os Profetas q(ue) lhe tinhaõ sido enviados. e a medida de /seos/ crimes ainda não estava cheia. Era necessario, q(ue) o sangue do Filho de D(eo)s fosse derramado, e q(ue) a iniquid(ad)e destepovo ingrato fosse assim consummada; segunda consummação.
- 5
- 10 Finalm(ent)e, os Justos do antigo testam(en)to q(ue) tinhaõ rendido gloria a D(eo)s, morrendo pela verd(ad)e, não tinhaõ offerecido senaõ uma vida triste e desgraçada, exposta ás tentações da carne e dos sentidos, e um corpo sujeito à maldição da morte.

- 15 J(esus)C(risto) porem renuncia á m(ai)s feliz de todas as vidas,
q(ue) nenhum peccado poderia jam(ai)s manchar; elle
offerece uma alma q(ue) ninguem poderia arran-
car-lhe, se elle m(es)mo não quisesse livrem(en)te entregar:
e saboreando voluntariam(ent)e a morte da q(ua)l estava
20 izento p(e)la condição de sua natureza, dá á seo
Pae a m(ai)s decisiva prova de amôr, q(ue) nenhum
Justo lhe tem ainda dado: terceira consumação.
Quero dizer, que a morte do Salvador encerra trez
consumações, q(ue) vão nos explicar todo o misterio
25 deste gr(an)de sacrificio, cujo spectaculo a lgr(eja) renova,
26 e cuja recordação ella hoje honra _
- 3r 1 Uma consumação de justiça da parte de seo Pae;
uma consumação de malicia da parte dos ho-
mens; uma consumação de amôr do lado de J(esus) C(risto).
Estas trez verd(ad)es faraõ o objecto de todo o discurso,
5 e a historia das ignominias do homem Deos.
ni ahi acharemos instruções solidas, e verd(ad)es q(ue) o
mundo não conhece, p(o)r q(ue) o mundo não conhece
a J(esus) C(risto); e nós veremos q(ue) a Cruz é a condenação do
peccadôr, e a consumação de sua ingratitude.
10 Vos sois, p(o)rt(an)to, Cruz adoravel, o unico azilo, q(ue) nos
resta, vós sustentaes hoje nossa esperança, nossa
salvação, nosso remedio, nossa lei, nosso Evange-
lho, tudo esta suspenso em vossos braços: <com> /em\ vós
esta depositado o penhor divino de nossa paz, de
15 nossa reconciliação com D(eu)s: vós sois hoje um
trono de misericordia, de q(ue) nos podemos aproxi-
mar com bast(ant)e confiança. É p(o)r tanto aos vossos
pes q(ue) nos nos <lançamos> prostramos com toda
a Igreja _ O Crux, ave
20
Discurso.
D(eo)s não seria sabio, nem Santo, nem justo
nem m(es)mo bom, [diz S(anto) Agostinho↑] se o peccado podesse
ficar impune.
elle deve á sua gloria o vingar o ultrage q(ue) o pec-
25 cador lhe faz p(o)r sua revolta; deve á sua sabedoria
- 3v 1 o estabelecer a ordem q(ue) o peccadôr perturba p(o)r
sua transgressão; deve á sua bond(ad)e reter os cri-
mes q(ue) o peccadôr impune autorisa p(o)r seos exem-
plos; deve á sua santid(ad) não se communicar
5 [mais↑] a uma creatura envolvida no lôdo do peccado
e tornal-a desgraçada, abandonando-a; em uma
palavra, deve á todas as suas perfeições a pu-
nição do peccado.
Porem sua justiça, q(ue) exige a punição do

- 10 peccador, nada acha q(ue), tocando-o, possa repara-
 ral-a e satisfazel-a; esta victima não é dig-
 na d'elle: o homem tem podido offendel-o, mas
 não reparar a offensa: p(o)r q(ue) o q(ue) é o homem,
 diz Job, comparado com D(eu)s? era p(oi)s necessario, q(ue)
 15 uma victima de um grande preço <fosse> viesse
 substituir o lugar do homem: q(ue) a terra, nada
 podendo offerecer q(ue) podesse apaziguar o seuD(eu)s
 e reconciliar-o com o homem, os Ceos se abai-
 xassem p(ar)a produzir um Justo, q(ue) se tornasse o
 20 reconciliador da terra: e q(ue) uma hostia, unica
 q(ue) fosse capaz de glorificar ao S(enho)r p(o)r suas humi-
 lhações mais, do q(ue) o homem ultrajal-o p(o)r sua
 revolta, viesse se colocar entre seos raios e nossos
 crimes e chamar sobre si todos os tratos q(ue) sua
 25 justiça tinha preparado contra nós. Tal
 26 he o dezejo da sabedoria e da bond(ad)e de D(eo)s no gr(an)de
- 4r 1 sacrificio, q(ue) seo F(ilh)o hoje offerece p(o)r todos os homens.
 E p(ar)a melhor compreender esta verd(ad)e, [adverti] lembraevos
 eu vos rogo, q(ue) o peccado encerra trez desordens; uma
 desordem no espirito, p(e)la falsa idéa q(ue) o peccador
 5 liga á acção prohibida: uma desordem no co-
 ração q(ue) se revolta contra a lei, e não quer m(ai)s
 se submeter á seo D(eu)s; uma desordem nos senti-
 dos, q(ue) sahem de seo uzo natural arrastando a
 razão a q(ue)m deviaõ seguir. Ora o Salvadôr
 10 em sua agonia, expia hoje estas trez desordens
 p(o)r penas proporcionadas: primeiram(en)te a justi-
 ça de seo Pae se applica a contristar o seo espi-
 rito, representando-lhe os m(ai)s vivos horrores do
 peccado; em segundo lugar, a humilhar a sua
 15 alma cubrindo-a com toda a vergonha do pecca-
 do; á lançar o seo corpo no ultimo desfaleci-
 mento, fazendo-lhe sentir d'antemaõ todas as dô-
 res devidas ao peccado. A exposiçaõ simples
 da historia nos fornecerá as provas d'estas verd(ad)es
 20 o objecto m(es)mo interessa m(ui)to vossa atençaõ sem
 q(ue) seja necessario q(ue) eu vol-a peça _
 Tendo-se aproximado a hora em q(ue) J(esus) C(risto) devia
 passar deste mundo á seo Pae, dep(oi)s de ter dado á
 seos discipulos as ultimas provas do seo amôr na
 25 instituiçaõ da nova Paschoa, e os ter fortificado
 26 contra o escandalo de sua Paixaõ, p(e)la graça
- 4v 1 desta nutriçaõ celeste, e p(o)r todo q(uan)to as ultimas ins-
 truções de um pae, e de um bom mestre tem de
 mais tocante, não ignorando tudo o q(ue) lhe devia
 acontecer, sae acompanhado p(o)r seos discipulos, co-

- 5 mo uma victima q(ue) corre ao lugar onde deve ser immolada. Vae ao jardim das Oliveiras tratar p(e)la ultima vez com seo Pae, do gr(an)de misterio da redempção dos homens.
- 10 Como seos discipulos, eraõ ainda fracos, elle quiz lhes poupar o spectaculo de seos desfalecim(en)tos e de sua agonia; separa-se delles e proster-na-se com a face p(o)r terra, e aceitando, em prezença de seo Pae, toda a amargura de seo Calix lhe diz, Pae justo, eis em fim o dia de vossa gloria e de meos opprobrios; as victimas, e os holocaustos da lei não eraõ dignos de vós, mas vós me tendis dado um corpo, cujo sacrificio e torm(en)tos vaõ aplacar vossa justiça: eu não tenho vindo ao mundo senaõ p(ar)a fazer vossa vontade santa, e a lei da morte q(ue) vós tendes pronunciado contra mim desde o principio do mundo, tem sempre sido o m(ai)s ardente desejo de meo coração.
- 15 A penas a alma santa do Salvador tem
- 25 assim aceitado o ministerio sangrento de nos-
- 26 sa reconciliação, q(ue) a justiça de seo Pae começa
- 5r 1 a consideral-o como um homem de peccado. Desde entaõ não vendo m(ai)s nelle o Filho amado em q(ue)m tinha posto todas as complacencias, não conhece mais do q(ue) uma hostia de expiação e de colera, carregada com todas as iniquid(ad)es do mundo, e a q(ue)m não pode m(ai)s <disfarsar> deixar de immolar a severid(ad)e de sua vingança. He aqui q(ue) todo o peso de sua justiça começa a cahir sobre esta alma
- 5 pura e innocente; é aqui q(ue) J(esus) C(risto), como verdad(ei)ro Jacob, vae lutar toda a noite contra a colera de um D(eo)s m(es)mo, e onde vae se consumir d'antemaõ seo sacrificio: mas de uma maneira tanto m(ai)s dolorosa, q(uan)to sua alma vae
- 10 expirar, p(o)r assim dizer; sob os golpes da Justiça de um D(eo)s irritado; entretanto, q(ue) sobre o Calvario, ella não será entregue senaõ ao furôr e poder dos homens.
- 15 Por q(ue) em primeiro lugar a justiça de D(eu)s afflige a alma de J(esus) C(risto) <retraçando> dezenhando nella os m(ai)s vivos horrores do peccado. E p(ar)a melhor profundar esta prim(ei)ra circunstância de sua agonia, lebrai-vos de q(ue) o q(ue) diminue de ordinario em nós o horror do peccado, é
- 20 primeiram(en)te um defeito de luz.
- 25

- 5v 1 ** e lh! nossa alma, toda abismada [mergulhada↑] nos sentidos, quase q(ue) não é tocada senão p(e)lo q(ue) é sensível: o horrôr <devido> do peccado q(ue) a mata, e a separa eternam(ent)e de D(eu)s, não a toca; ella se assusta
- 5 aterrora-se com a lembrança da eternid(ad)e de supplicios q(ue) lhe estão preparados, mas não pela infamia, e horror á transgressão á qual estes supplicios são devidos: julga ao contrario, q(ue) a pena excede a ofensa, e q(ue) D(eo)s é m(ui)to severo, punindo infidelid(ad)es passageiras com torm(en)tos
- 10 eternos. Assim se considera o peccado q(ue) apaga de nossa alma o sêllo de nossa salvação, o character, e os signaes de filhos de D(eu)s, e q(ue) nos torna seos inimigos; considera-se como uma
- 15 fraqueza, uma propensão da natureza, um<a> desvario da id(ad)e, uma lei do temperam(en)to: e como não se conhece nem a verd(ad)e eterna, q(ue) o peccado ultraja, nem a justiça q(ue) arma contra si, nem a ordem, q(ue) perturba, nem a charid(ad)e
- 20 q(ue) extingui, nem a Santid(ad)e q(ue) desonra, nem os bens eterno q(u)e rouba, nem mesmo toda a estensão dos males horriveis, em q(ue) nos precipita, pouco se o teme, p(o)r q(ue) não se o conhece. ## Mas a alma santa do Salvador, cheia de
- 25 graça, de verd(ad)e, e de luz; ah! ella vê o peccado
- 6r 1 em todo o seo horrôr, vê a desordem, a injustiça, a mancha immortal; vê as consequencias deploraveis, a morte, a maldição, a ignorancia, o orgulho, a corrução, todas as paixões
- 5 desta fonte fatal nascidas e espalhadas p(o)r toda a terra. Neste mom(en)to doloroso. a existencia de todos os seculos se lhe apresenta, desde o sangue de Abel até a ultima consumação. vê uma tradição não interrompida de crimes sobre a terra. Percorre esta
- 10 historia (horrivel) do universo e nada escapa aos secretos horrores de sua tristeza: vê as m(ai)s monstruosas superstições estabelecidas entre os homens, o conhecim(en)to de seo Pai apagado;
- 15 os crimes m(ai)s infames erigidos em divind(ad)es os adulterios, os incestos, as abominações ter seos altares e seos templos; a impied(ad)e e a irreligião tornados o partido dos m(ai)s moderados e m(ai)s sabios. Se se volta p(ar)a os seculos cristaãos, descobre os males peteiros de sua
- 20 Igreja, os sismas, os erros, as dissensoões, q(u)e devião um dia despedaçar o misterio precioso de sua unid(ad)e as profanações de seos al-

- 25 tares, o indigno uso de seos Sacram(en)tos, a extinção quase da fé, e os costumes corrompidos do paganismo restabelecidos entre seos Discipulos.
- 6v 1 Sei o q(ue) se offerece á [esta↑] sua alma santa. Ella recorda-se em particular da historia de cada um peccador; desde esse mom(en)to fatal, em q(ue) se arruinou vossa alma ate hoje nada lhe escapa
- 5 de todos os horrores de vossa vida criminosa, vós q(ue) me escutaes. Ella vê essa paixão vergonhosa, q(ue) vos tem acompanhado em todas as id(ad)es, e q(ue) tem infeccionado todo o curso de vossa vida: vê suas graças sempre inuteis em vosso coração, suas luzes sempre requitadas: vossa preeminencia, vosso nascim(en)to, vossos bens, vossos talentos, q(ue) são beneficios de sua mão liberal, transformados, p(e)la perversid(ad)e de vosso coração, em fonte e occasião de todos os vossos crimes; vê os abismos secretos de vossa consciencia, q(ue) vós
- 10 abstendes [fugis↑] de esclarecer n'este dia de salvação; essas inquietações, essas agitações de uma mão /pu*/ (†)r q(ue) vos fazem balançar entre o dever, e vãos temores; ella vê vossa alma tal q(ua)l é hoje, ** combatida talvez p(o)r uma mudança de vida, **
- 20 agitada dos m(ai)s vivos remorsos e entretanto não podendo se resolver a despedaçar sua cadeias: fatigada p(e)lo crime, mas não tendo a força de se declarar p(e)la virtude; enfastiada do mundo, mas não podendo separar-se delle
- 25 desgraçada em sua infidelid(ad)e porem sempre
- 26 infiel; q(ue) direi eu, tocada do solemnid(ad)e deste
- 7r 1 dias santos, e entretanto indo talvez destruir todo o fructo destes gr(an)des misterios, e das verd(ad)es ouvidas pregadas durante estes dias de penitencia, pela profanação das coisas santas, e p(o)r uma Paschoa q(ue) coroará todos os vossos crimes.
- 5 Eis todos horrores de q(ue) esta alma santa se a- ## cha carregada per(an)te seo Pae. Não ha vingança no [†] desde o sangue de Abel derramado, nem impudicias monstruosa desde q(ue) os filhos fizeraõ
- 10 alianças vergonhosas com as filhas dos homens; nem impied(ad)e execravel desde q(ue) a posterid(ad)e de Caim começou a estabelecer Cid(ad)es, e a achar no ferro e no cobre idolos dignos de suas homenagens; nem blasfemias, des q(ue) os filhos de Noé empreenderaõ um edificio contra o Ceo; nem attentado
- 15 contra a pied(ad)e Paternal desde q(ue) Caim insutou a embriaguez misteriosa do S(an)to Patriarcha; em uma palavra não ha monstruosid(ad)es sobre a ter-

20 ra <desde> em toda a estençaõ (dos) Seculos passados
 e futuros, q(ue) neste mom(en)to terrivel não se mos-
 tre á esta alma innocente. É sobre esta
 cruz terrivel q(ue) ella abate seo chefe sagrado:
 todos os crimes de todos os homens tornaõ-se cri-
 mes propios: ella leva um mundo de iniqui-
 25 d(ad)es, mas mil vezes m(ai)s pezado q(ue) o q(ue) ella leva
 26 pela força de sua palavra:

7v 1 e <ella> p(o)r q(ue) ella brinca sustentando o Universo,
 diz a Escripura, entretanto q(ue) aqui, ella se
 queixa no Profeta, q(ue) os peccadores tem agravado seo
 jugo, q(ue) elles tem posto sobre seos hombros o fardo
 5 de seos crimes, e q(u e) ella não tem podido sustentar [carregar↑].
 ## A falta de zelo, é a seg(un)da causa q(ue) diminue
 em nós o horrôr do peccado: Nos sommos pouco
 ((ou nada)) tocados dos ultrages q(ue) se faz a D(eu)s, p(o)r q(ue)
 nos pouco ((ou nada)) o amamos: p(o)r q(uan)to o amor
 10 é a medida da dôr: nós não somos sensiveis
 senaõ á nossos interesses propios, á nossa gloria,
 á nossos prazeres, á nossa fortuna, p(o)r q(ue) nos não
 amamos, senaõ á nós mesmos, e é o grande
 vicio dos gr(an)des principalm(ent)e. A gloria de D(eu)s
 15 é p(ar)a nós uma simples es<u>peculaçaõ, q(ue) nada
 deixa de real, nem vivo em nosso coração;
 com tanto q(ue) sejaõ as pessoas q(ue) estaõ debaixo
 de nossa dependencia, fieis em suas funçoes,[obrigaçoês↑]
 vivas no q(ue) nos interessa, ligadas á nossas pes-
 20 soas, attentas á nos satisfazer; q(ue) vivaõ sem
 costumes, sem regra, sem temor de D(eu)s, tudo isto
 é contado p(o)r nada.
 Mas a alma santa do Salvador, q(ue) não
 procura senaõ a gloria de seo Pae, e q(ue) o ama com
 25 um amôr immenso, e m(ai)s ard(ent)e do q(ue) o de todos
 26 os Cherubins; ah! ella sente vivam(ent)e todos os

8r 1 ultrages, q(ue) se faz á sua grandeza suprema.
 A dôr de David sobre as prevaricaçoês da terra,
 a amargura e zelo de Elias, sobre os escandalos
 e idolatria de Israel; tristeza e lagrimas de
 5 Jeremias, sobre as infidelid(ad)es de Jerusalem, não
 eraõ senaõ fracas imagens da tristeza da alma
 do Salvador á vista dos crimes de todos os homens,
 e como nada se pode acrescentar<,> ao excesso
 de seo amôr, nada falta tambem ao excesso
 10 de sua dôr e de seo martirio.
 Ah! nós queriamos saber algumas vezes
 se nos estamos de boa fé voltados p(ar)a D(eu)s, e se vive-

- mos em seo amor, e em sua graça.
 Eu sei q(ue) ninguem sabe se he digno de amor
 15 ou de odio; mas se si podesse assegurar nesta
 vida, seria perguntando a nós mesmos se os es-
 candalos, de q(ue) somos todos os dias testemunhas,
 nos affligem, e nos enchem de dôr; se os discurs-
 20 sos dos impios, as dissoluções dos mundanos, no
 meio das q(ua)es vivemos, os males da Igr(eja), as profa-
 nações dos templos e dos altares, a licença pu-
 blica e a depravação dos costumes, enchem nos-
 so coração de amargura. Se nós vemos <nossos>
 com olhar tranquillo nossos Irm(ão)s se desgarrar, e
 25 ultrajar o S(enho)r, á q(ue)m pertencem, si nós achamos m(es)mo
- 8v 1 uma especie de prazer em viver com elles,
 nós não amamos. Quando se ama a D(eu)s
 se he tocado dos interesses de sua gloria, e o
 amôr q(ue) não sente os ultrages q(ue) se fazem ao
 5 q(ue) se ama, não he senão uma indifferen-
 ça criminosa, q(ue) m(ai)s se parece com odio do
 q(ue) com amôr.
 Finalm(ent)e, a ultima causa q(ue) diminue em
 nós o horror do peccado, é a falta de santid(ad)e.
 10 Como nós nascemos peccadores, nos familiarisa-
 mos com a idéa do crime: olhamos p(ar)a o pecca-
 do com olhos peccadores, e elle nos parece me-
 nos hediondo, p(o)r q(ue) não nos assustamos do q(ue) elle
 nos parece. Mas a alma santa do Salva-
 15 dor em sua agonia, ah! ella nada acha
 q(ue) a possa animar contra o horror do crime.
 Esta alma m(ai)s pura e m(ai)s Santa q(ue) todas as in-
 telligencias celestes, se vê carregada de todas
 as nossas iniquid(ad)es; de sorte q(ue) com <os> os olhos
 20 de um puodôr divino ella vê sobre si as m(ai)s
 vergonhosas impudicias dos corações; com os
 olhos da denuncia se vê ennegrecida p(o)r [seos↑] odios
 e furores; com os olhos da m(ai)s viva religião se
 vê injuriada p(o)r suas impied(ad)es e blasfemias; em
 25 uma palavra, com os olhos da m(es)ma virtude, se vê
 26 carregada de todos os seos vicios.
- 9r 1 Ah! é entãõ q(ue) ella se olha com horrores indisiveis,
 é entãõ q(ue) ella não pode soffrer a vista de si m(es)ma, e q(ue)
 começa a cahir em um desfalecim(en)to e tristeza mortaes,
 5 Capit contristari et moltus esse: (Mat(eus) 1.26.51) Ah! ella
 quereria desviar p(e)lo menos ainnocencia de suas vistas
 deste objeto horroroso: mas a justiça de seo Pae a <força>
 obriga a se occupar des [mau grado seo↑] á seo pezar; é uma luz
 rigorosa

- q(ue) a persegue, e q(ue) lhe não permite poupar-se p(o)r um só
 mom(en)to a suas vistas interiores, toda a ignominia de -
 10 q(ue) ella está cuberta: e sem duvida ella teria expirado
 sob o rigor destas provas se a justiça de seo Pae não
 <lhe tivesse> o reservasse p(ar)a torm(en)tos m(ai)s longos, e p(ar)a
 um
 sacrificio m(ai)s estrepitoso.
- Ó vós q(ue) me escutaes, vede a alma de Jesus [quase↑] expi-
 15 rando de dôr e de desfalecim(en)to, e tocada de todo o horror
 q(ue) inspira o peccado, q(uan)to se o vê com a luz de Deos!
 Eis a imagem da dor, que vós deveis levar ao tribunal,
 onde deveis nestes dias aplacar a justiça de D(eo)s sobre
 20 vossos crimes. Jesus em sua agonia é o modelo dos
 penitentes, e entretanto vós vos aproximaes com os
 olhos enchutos, o coração tranquilo, m(ai)s sensiveis
 a vergonha de uma confissão do q(ue) á multidão e enor-
 mid(ad)e dos peccados, de q(ue) vos devieis envergonhar: entre-
 25 tanto vós contaes a vergonhosa historia de vossa vida
 como se contaõ factos indifferentes, e nós precisamos
- 9v 1 empregar todo a energia da palavra divina p(ar)a
 vos despertar de vosso lethargo, p(ar)a vos arrançar
 alguns fracos sentim(en)tos de conpunção: e e necessario
 5 questionar, contestar, conjurar, inflamar-se, re
 lactar m(es)mo as regras p(ar)a vos fazer aceitar os reme-
 dios: e si queremos abrir vossos olhos sobre o estado
 deploravel de vossa consciencia, e vos obrigar
 a arrancar o olho q(ue) vos scandaliza, e vos apar-
 tar da occasião onde perecereis, vós resistis,
 10 vos queixaes, <e> nos acuzaes de pertub<adores>[ar↑]
 <d>as consciencias e de lançar os peccadores
 no desespero. Ó D(eu)s! é assim q(ue) se vos agra-
 da? Saõ estas as santas agonias da peniten-
 cia? E q(uan)do vossa graça faz sobre uma al-
 15 ma tocada esses impressões vivas e rigorosas
 q(ue) precedem a conversão, os Anjos da Igreja,
 os Ministros da reconciliação, tem algum ou-
 tro ministerio, q(ue) não seja como o do Anjo[consolador↑], q(ue)
 hoje enviais á vosso Filho? O de sustentar o
 20 peccador na <sua> tristeza de sua penitencia,
 de consolal-o em seos temôres de enchugar su-
 as lagrimas, de moderar o excesso de sua dor;
 e longe de despertal-o de sua negligencia [tibiaza↑]
 ou abater seo orgulho, e sua revolta, lhe adoçar
 25 a amargura de seo Calix, e a vergonha de sua
 humilhação?
- 10r 1 Eis, meos Ir(mãos), a segunda circumstancia da agonia

- do Salvador, a vergonha de q(ue)seo Pae o cobre; anniqui-
 laçaõ q(ue) sua justiça d'elle exige p(ar)a espiar o orgulho
 do peccado, isto é, p(ar)a reparar a segunda desordem.
- 5 Porq(ue), primeiram(ent)e; elle é humilhado no espirito de
 seos discip(u)l(os), test(emunh)os de seos temores e abatim(en)to
 tua al-
 ma santa perde perante elles toda a constancia á
 vista da morte; elle q(ue) os tinha tantas vezes animado
 á soffrer, contradiz hoje sua doutrina p(o)r seo exemplo:
- 10 é constrangido á [↑lhes] fazer [↑uma] confissão publica de seo te-
 mor e de sua tristeza: implora m(es)mo seo soccorro, e os
 [↑lhes supplica] conjura de não abandonal-o em seo abatim(en)to e no
 excesso de sua pena: Sustinete hic, et vigilate mecum
- 15 Ah, meos Ir(mãos), Pedro pode ainda reconhecer o Christo
 F(ilh)o de D(eo)s vivo? não retrata elle ja em segredo a glo-
 ria de sua confissão? e não começa ja p(o)r suas
 duvidas, e p(o)r sua surpresa a renunciar seo divi
 no Mestre? Eis toda a confuzão q(ue) o S(enho)r [↑Salvador] he
 obrigado
 a suffrer [↑supportar]: elle não se contenta de carregar os nos-
 sos crimes, toma tambem sobre si toda a vergonha:
- 20 e nós? nos queremos q(ue) nossa penitencia nos hon-
 re perante os homens: nós procuramos até nos sig-
 naes de nossa penitencia [↑arrepim(en)to], os suffragios
 [↑louvores] publicos:
 tudo [↑6] o q(ue) nos poderia [↑7] humilhar [↑8], evitamos[↑1] como
 [↑2]
- 25 imprudencia [↑3] e um excesso [↑4] de zêlo [↑5]: nós limita-
 mos nossa virtude aos deveres q(ue) o mundo aprova:
- 10v 1 nós tínhamos procurado a <†>tima dos homens em
 nossos desvios, nós a procuramos , ainda em nossa
 penitencia: de sorte q(ue) é a m(es)ma vaid(ad)e q(ue) nos tinha fei-
 to peccadôres, q(ue)m nos torna penitentes.
- 5 Em segundo lugar, humilhação no soccorro, q(ue)
 elle recebe de um Anjo. Seo desfalecim(en)to é tão ex-
 tremo, o terror da morte faz em sua alma impres-
 sões tão sensiveis, ou p(ar)a melhor dizer, a mão de seo Pae
 pesa sobre elle com tanto rigôr, q(ue) é necessario q(ue) um
 Anjo desça do Ceo p(ar)a o consolar, p(ar)a o fortificar, p(ar)a o a-
 judar, como Simão Cyrinio sobre o Calvario, á levar
 10 esta Cruz invisivel: Apparuit illi Angelus de
 colo confortaus cum ((Luc. 22.43)) Anjo do Ceo!
 não era este certam(ent)e o vosso ministerio! vós não
 vos aproximaveis d'elle senão p(ar)a o servir e adorar,
 15 e hoje elle se tem humilhado á baixo de vós! elle,
 q(ue) tudo sustenta p(e)la virtude de sua palavra, não
 pode m(ai)s sustentar-se a si m(es)mo ! está em vossas
 mãos fraco, tremulo, quase expirando, e não a-

- 20 chando força senão em um soccorro tão vergo-
nhoso á sua gloria!! [†] J(esus) C(hristo) não quer ser con-
solado p(o)r seos discip(u)l(os), e aceita o ministerio de um
Anjo consoladôr, p(ar)a nos ensinar q(ue) em nossas afflic-
ções não devemos procurar consolação nos vãos
discursos dos homens, q(ue) parecem interessar-se p(o)r
25 nossas desgraças; más na pied(ad)e e simplicid(ad)e
- 11r 1 dos ministros do S(enho)r, destes enviados do Ceo, q(ue) nos ex-
poem a sabedoria e a justiça de suar ordens so-
bre nos: p(ar)a nos ensinar q(ue) o S(enho)r é zeloso sobretudo
da fidelid(ad)e das almas q(ue) soffrem; q(ue) é tirar a glo-
5 ria de nossos soffrim(en)tos procurar doçuras q(ue) não
sejão da fé e da religião; q(ue) o silencio faz todo o
merito de uma alma afflicta: q(ue) comunicar aos
homens os nossos soffrim(en)tos p(ar)a enternecel-os sobre nos-
sos males, é [↑p(o)r assim dizer,] revelar o segredo de D(eo)s em
nós, e per-
10 der o direito de nos entreter, e consolar com elle.
Finalm(ent)e, humilhação no sonno e na fuga
de seos discip(u)l(os). O espectaculo de sua agonia não
os toca; elles veêm com olhos indifferentes seo bom
Mestre lutar contra amorte, e adormecem frouxa-
15 m(ent)e: é necesario q(ue) o Salvador lhes exprobre sua in-
diferença, não podeis vigiar uma hora inteira
commigo? sic nom potuistis una hora vigilare
mecum? (Mat(eus) 26. 40.) Elle soffre tudo só: parece
q(ue) tudo, até seos queridos discip(u)l(os), entrão nos interesses
20 da justiça de seo Pae. Ah! nos somos tão delica-
dos sobre a fidelid(ad)e de nossos amigos! o menor resfri-
am(en)to nos desgosta; a m(ai)s ligeira [↑ leve] falta de atenção
nos agrava; nós nos queixamos todos os dias, q(ue) aq(ue)les
q(ue) nos são m(ai)s obrigados entrão nos interesses oppos-
25 tos aos nossos: aprendamos de J(esus) C(hristo) a nada esperar
- 11v 1 das creaturas, senão ingratições <†> Dem(ai)s os ho-
mens tem razão de esquecer nossos beneficios; a
vaid(ad)e, o capricho, o interesse proprio, tem de ordi-
nario maior parte do q(ue) a amizade nos obzequios
5 q(ue) de nós recebem: nós nos procuramos a nós m(es)mos
obrigando-os; mas J(esus) C(risto) escolhendo seos discip(u)l(os)
não
tinha consultado senão seo amôr p(o)r elles: e sua
ingratidão é tanto m(ai)s humilhante p(ar)a J(esus) C(hristo) q(uan)to
sua
ternura m(ai)s sincera p(ar)a com elles. ##
10 Eis todas as humilhações, q(ue) o Salvadôr
soffre em sua agonia: mas era necessario ainda

- expiar o praser injusto, terceira desordem do peccado: assim a dôr violenta da <peca> sua alma ávis-
ta do suplicio q(ue) seo Pae lhe prepara, é a tercei-
15 ra circunstancia de sua agonia. Com effeito todos
sabem q(ue) esperar p(o)r um torm(en)to q(ue) se vê prez(ent)e e
inevi-
tavel é sempre m(ai)s cruel q(ue) o m(e)smo torm(en)to, e q(ue) se
mor
re de uma man(ei)ra m(ui)to m(ai)s dolorosa p(e)lo temor, do q(ue)
(...)
20 pela dôr. Ora a justiça do Pae apresenta dis
tintam(ent)e á alma do Salvador todo o aparelho[↑rato] da
Cruz: a noite do Pretorio; os escarros, as bofeta-
das, os açoutes, os escarneos, o linho fatal,
estas imagens aterradoras o crucificação com na-
tecedencia. Em sua paixão seos torm(en)tos
25 se succederão uns aos outros, elle não será ao
- 12r 1 mesmo tempo, esbofteado, flagelado, corroado, es
[carnecido↑] crucificado: aqui porem tudo se passa ao m(e)smo tem-
po: todas as suas dôres se reúnem, e sua alma to-
5 da inteira esta mergulhada em um mar de tri-
bulação e d'amargura. Sobre o Calvario, toda a
natureza em desordem se interessa p(o)r elle: seos
m(es)mos inimigos o reconhecem p(o)r F(ilh)o de D(eo)s, aqui elle
soffre nas trevas e no silencio, e seos m(ai)s queridos
discip(u)l(os) o abandonão.
10 Assim esta alma s(an)ta não podendo m(ai)s suportar
o pezo de seos males, e retida Em seo corpo p(e)lo rigor
da justiça divina; triste até a morte, e não poden-
do morrer; <fora do estado da> sem poder dar fim ás
suas penas nem sofrel-as; pareci combater p(e)lo
15 desfalecim(en)to e dores de sua agonia contra amor-
te e a vida; e um suor de sangue q(ue) se ve correr
p(o)r terra, é o triste fructo destes puniveis exforços,
Et factus est sudor ejus sicut gutto sangui-
nis decurrentis in terram ((Luc(as) 22. 44)) Pae
20 justo! s/eria*/ ainda necessario sangue á este sa-
crificio interior de vosso Filho? não basta o q(ue) deve
ser derramado p(o)r seos inimigos? é necessario
q(ue) vossa justiça se apresse, p(o)r assim dizer,
24 p(ar)a vel-o derramar-se?
- 12v 1 Eis até onde este D(eo)s q(ue) nós cremos tão bom, teve
sua vingança contra seo proprio F(ilh)o q(ue) elle vê car-
regado de nossos crimes. Que obrigação p(o)r nós das
reparações rigorosas da penitencia, e de não viver

5 senão p(ar)a expiar os desregram(en)tos de nossos prim(ei)ros cos-
tumes! Entretanto são os m(es)mos soffrim(en)tos de J(esus) C(risto)
q(ue) ser-
vem de pretesto á nossa impenitencia: nós julga-
mos q(ue) tendo elle tudo soffrido p(o)r nós, nada nos tem
deixado á fazer: e q(ue) não nos teria nos communi-
10 cado as vantagens de seos soffrim(en)tos, se fosse ne-
cessario q(ue) nos soffressemos como elle: Ó meo
Salvadôr! vós não tendes p(oi)s sido o homem de dôres,
senão p(o)r nos autorizar a ser homens voluptu-
osos e sensuaes? vossos soffrim(en)tos serão p(oi)s a ne-
15 gação de vossa doutrina? vossa Cruz a dispen-
sa de vossos preceitos crucificantes? e vossa morte
dolorosa o adoçam(en)to do vosso Evangelho?
Que meos lr(mãos), o preço q(ue) seo sangue tem dado
á nossos soffrim(en)tos, os torna inuteis? J(esus) C(risto) tem tudo
20 soffrido p(o)r nós é verd(ad)e, isto é, nós eramos [↑seriamos] todos
con-
denados á soffrer; mas se elle não tivesse soffrido
p(o)r nós, nossos soffrim(en)tos serião regeitados. Elle tem
p(o)rtanto, oferecendo sua propria vida , disposto
a justiça de D(eo)s a aceitar o fraco sacrificio
25 de nossa penitencia: o merito de seo sangue
26 unindo nossas lagrimas e nossas macerações ás

13r 1 ás suas, lhes tem dado um preço digno de D(eo)s;
dep(oi)s q(ue) J(esus) C(risto) morrêo p(e)lo homem, e no lugar do
homem
o homem pode soffrer p(o)r D(eo)s; o homem não é m(ai)s
indigno de D(eo)s: eis o preço do sangue de J(esus) C(risto); e é
5 insensato o pretender q(ue) sua Cruz nos tem dispen-
sado de soffrer, p(o)r q(ue) ella so q(ue)m nos tem tornado es-
teis os nosso soffrimentos.
Entretanto, dep(oi)s de ter sacrificado ao mundo
e ás paixões a m(ai)s bella parte de nossa vida, o m(ai)s le-
10 ve sacrificio na penitencia nos, inquieta; dep(oi)s de
ter tudo soffrido p(e)lo mundo, p(e)la fortuna, p(e)los prazeres,
nós nos lastimamos q(uan)do é necessario soffrer um só
instante p(o)r J(esus) C(risto): nós achamos seo jugo pezado;
nossas paixões tinham sido dificeis e peniveis,
15 nossa virtude torna-se [↑deve ser] commoda e tranquila:
e ser ter experimentado outros rigores em uma
nova vida m(ai)s do q(ue) o ter deixado certos costumes
desordenados, q(ue) talvez m(es)mo não nos convinhão
mais, nós julgamos q(ue) tudo está feito, e q(ue) o S(enho)r
20 nada m(ai)s pede. Como nós conhecemos tão
pouco a justiça de D(eo)s meos lr(mãos)! Não ha
remissão, diz o Ap(ocali)p(se), sem effuzão de san-

- 25 gue ((Hebr(eus) 9. 22)) A penitencia é um sa-
crifício sangrento; isto é, q(ue) suas dôres devem dei-
vem passar até na [↑sobre uma] carne rebelde, e q(ue) D(eo)s não
- 13v 1 se vella p(ar)a o peccadôr, senão q(uan)do o excesso de seo
arrendim(en)to o tem lançado em uma agonia
de tristeza, e q(ue) as paixões tem expirado debai-
5 xo dos golpes de suas macerações e de seos
soffrimentos. Nós vos adoramos p(oi)s, ó
meo Salvador, em vossa agonia, como
o modelo dos Penitentes: eis o q(ue) deve nos
valer p(ar)a nos reconciliar com vosso Pae.
<Ir> Eu tinha p(o)rtanto razão de dizer, q(ue)
10 a agonia de J(esus) C(risto) era uma consumação
de justiça do lado de seo Pae, p(oi)s q(ue) el-
le lhe fez soffrer todos os horrores, toda
a vergonha, e todas as dores devidas ao
15 peccado; mas sua morte é ainda
uma consumação de malícia da <to-
Da> parte dos homens; é o q(ue) vamos ver
no seguim(en)to ((continuação)) desta his-
toria_____
- 20
- 22 Segunda parte
- 14r 1 A malicia dos homens se consumma hoje
de duas man(ei)ras p(e)la morte de J(esus) C(hristo): ella se
consuma
primeiram(ent)e, p(o)r q(ue) tem chegado ao seo m(ai)s alto ponto,
e p(o)r q(ue) os Judeos enchem a medida de seos antepassados
5 p(e)lo maior de todos os crimes: em segundo lugar, ella
se consuma, p(o)r q(ue) acha sua expiação e seo remedio.
É esta dupla consumação, q(ue) o Anjo predisia á
Daniel, lhe annunciando a morte do Christo: a preva-
ricação será consumada, lhe disia elle, p(e)la malicia
10 da q(ue)les q(ue) lhe darão a morte: est consumetur pra-
varicatio ((Dan(iel) 9. 24)) e o peccado será destruido, e
achará a morte: et finem accipiat peccatum,
et deleatur iniquitas ((Ibid)). esta doutrina nada
tem de espantoso desde q(ue) o Ap(ocali)p(se) nos ensinou, q(ue)
p(e)lo pe-
15 cado J(esus) C(hristo) condenou o peccado: e q(ue) elle se tem
servido
da maior malicia dos homens p(ar)a obrar nelles e
maior misericordia.

20 Ora, eu digo q(ue) a malicia dos homens tem chegado
 hoje ao seo m(ai)s elevado ponto; quer a considereis na
 fraqueza e perfidia dos discip(u)l(os) q(ue) renuncião o Sal-
 vadôr; q(ue)r na má fé dos Padres e dos Doutores q(ue) o julgão,
 na inconstancia do povo q(ue) pede sua morte; na fra-
 queza de Pilatos, q(ue) o condena; e emfim na hu-
 manid(ad)e dos algozes q(ue) o crucificação. Continuemos
 25 a narração de suas dôres; e considerai com migo
 26 todas estas circunstancias.

14v 1 Primeiram(ent)e, na fraqueza, ou na perfidia dos discip(ulos)
 q(ue) o trahio ou o abandonarão. Á penas, diz o Evangel(ho),
 J(esus) C(hristo) ao sahir desta triste agonia, acabava de fallar á
 seos discip(u)l(os), eis q(ue) Judas, um dos doze, chega á frente
 5 de uma tropa de soldados armados de espadas e faz
q(ue) vem da parte dos Principes dos Sacerdotes e dos
Anciaõs, p(ar)a prender o Salvador ((Mat(eus) 26. 47))
 Quem acreditaria, meos Ir(mãos), q(ue) um Discipulo elevado
 p(e)la escolha do m(es)mo J(esus) C(hristo) á sublime dignid(ad)e do
 Apostolado,
 10 o comp(anhei)ro de suas jornadas, o confid(ent)e de seos segredos,
 a test(emunh)a de sua innocencia, de sua santid(ad)e, e de seos
 prodigios, o honrado de sua familiarid(ad)e, nutrido
 á pouco com sua carne e o seo sangue; appareceri-
 a á testa de seos algozes, dirigindo o projecto de
 sua morte?! Q(ue) tristeza p(ar)a o coração de J(esus) C(hristo), o
 15 ver
 um amigo, um Apostolo destinado á fazer conhece-
 lo, e adoral-o todos os homens, e á morrer p(o)r elle, e
 p(o)r sua doutrina, tornar-se o principal autor de
 sua perda? Ah! meos Ir(mãos), q(uan)do uma vez se está li-
 gado á J(esus) C(hristo), p(e)la renovação dos costumes, como este Dis-
 20 cipulo; q(uan)do se tem conhecido o abuzo do mundo, e
 as gr(an)des verd(ad)es da fé, e q(ue) se torna como elle infiel,
 a infidelid(ad)e não conhece limites: torna-se capaz
 de tudo desde q(ue) </mau(di)to*/> se tem tornado vã a graça
 24 q(ue) nos tinha retirado da desordem: o grão da

15r 1 virtude, á q(ue) tinhamos sido elevado, torna-se [↑a medida] do abis-
 mo q(ue) se cava em tornando a cahir: não ha excesso
 q(ue) se não <possa> deva esperar, daq(ue)les, q(ue) dep(oi)s de ter
 ca-
 minhado p(o)r algum tempo nos caminhos de D(eo)s, vol-
 5 tãõ p(ar)a o seculo e se declarão inimigos [↑contra] de J(esus)
 C(hristo).
 Considerai, com effeito, até onde este infiel discip(ulo)

leva a perfidia: elle vem á testa de uma cohorte p(ar)a
 prender seo divino Mestre, elle oculta a enormid(ad)e
 de seo desejo com os m(ai)s ternos test(emunh)os de amizade:
 10 dá um osculo sacrilego em J(esus) C(hristo), um osculo, diz S(ão)
 Leão, q(ue) despedaça o coração de seo divino Mestre,
 de uma man(ei)ra mil vezes m(ai)s dolorosa do q(ue) a lança
 do Soldado sobre o Calvario; elle faz do m(ai)s doce
 signal da paz, o signal [↑do] m(ai) s infame de todos os
 15 attentados; elle ousa aproximar os labios impios
 q(ue) acabavão de dizer aos Padres: q(ue) quereis vós me
 dar, e eu vol-o entregarei? ((Mat(eus) 26, 15)) dos labios
 sagrados daq(ue)le q(ue) pode fulminar o peccadôr só com
 o sopro de sua bôca: e apesar de sua perfidia,
 20 elle não ouve senão palavras de paz e de clemen-
 cia: J(esus) C(hristo) ainda o trata de amigo _Amice queren-
 do ignorar o seo desejo ad quid venisti? ((Mat(eus) /14,45*/))
 como p(ar)a fazer-lhe comprehender q(ue) ainda é tempo de
 arrepende-se, e q(ue) tudo p(ar)a elle ainda não he deses-
 25 perado: Discipulo infiel! não sentis vós abrir-

15v 1 se o vosso coração, e reviver toda a vossa ternura
 p(ar)a um tão bom Mestre? podeis vós sustentar a
 doçura de suas vistas, tão favoraveis aos discip(ulos)
 infieis, a magestade de sua pessoa, o resplendor
 5 divino de seo semblante, a afabilid(ad)e de suas pa-
 lavras, sem cahir á seos pés de dôr, e sem lhe pe-
 dir com uma torr(en)te de lagrimas q(ue) elle esqueça
 vossa perfidia?
 Quantos imitadôres de seo exemplo nesta San-
 10 ta solenid(ad)e! q(uan)tos perfidos, q(ue) não se aproximão de
 J(esus) C(hristo)
 nos pés do altar, senão com um coração resolvido
 á trahil-o: q(ue) não lhe dão um osculo de paz na
 participação do sacram(en)to adoravel, senão p(ar)a
 salvar as apparencias; senão p(o)r q(ue) a sua posição
 15 os expoem á vista dos homens p(o)r faltar á este
 dever; senão p(o)r mera decencias e p(ar)a não dar lugar
 aos discursos e ás reflexões publicas; q(uan)tos Cristãos
 indignos á q(ue)m o S(enho)r dirá ainda q(u)ão os vê aproximar-
 se do altar santo; Infieis vós trahistes o F(ilh)o do
 20 homem com um osculo! vós escolhestes o simbo-
 lo <da paz> o m(ai)s precioso do meo amôr p(ar)a me
 carregar [↑cobrir] de novos ultrages! Osculo Filina
 hominis tradis.((Luc(as) 22. 48))
 Eis p(oi)s o Salvador do mundo entre as mãos de 1
 25 traidor, de uma tropa de furiosos: aqui começa

- 16r 1 a historia publica de suas ignominias. J(esus) C(hristo) preso, amarrado, e tratado como um malfeitor. Pedro á principio apresenta-se em sua defesa; e o Salvador lhe ordena q(ue) guarde sua espada, ensinando q(ue) as
- 5 armas do seo Evangelho [↑sua Igreja] são todas espirituaes: q(ue) a paciencia, a oração, a santid(ad)e são as m(ai)s seguras defesas de seos Ministros; q(ue) podendo elle empregar as legioões dos Anjos p(ar)a combater seos inimigos, elle se tinha contentado de orar p(o)r elles: q(ue) sua
- 10 doutrina não devia espalhar-se e sustentar-se senão p(e)las maximas da carid(ad)e, de doçura e da humild(ad)e q(ue) elle ensina: e q(ue) enfim a espada q(ue) elle nos coloca nas mãos não é destinada senão a destruir as paixões, e não os peccadores. Assim
- 15 Pedro se contradiz bem depressa: um zelo indiscreto, onde domina o assomo não se sustenta e o primeiro perigo descobre sempor a illusão e a fraqueza. Já elle não segue senão de longe a este divino Mestre, a q(ue)m esta tropa insolente
- 20 conduz perante o pontifice: eis a ostentação de zelo e coragem q(ue) acaba p(o)r uma criminosa timidez: Não se segue a J(esus) C(hristo) p(o)r m(ui)to tempo q(uan)do se o segue de longe e como q(ue) arrastado: nada é m(ai)s desgraçado do q(ue) collocar o assomo no lugar do zelo; julga-se defender a J(esus) C(hristo), e não se procura senão sa-
- 25
- 16v 1 satisfazer a si m(es)mo: e os vingadores indiscretos da verd(ad)e lhe causão algumas vezes maior danos p(o)r seos escandalos e quedas, do q(ue) seos m(es)mos inimigos p(o)r sua revolta _____
- 5 Com effeito, eu oiço já este fraco discipulo protestal altam(ent)e em casa de Caifaz, q(ue) elle não conhece a J(esus) C(hristo): uma mulher o aballa, uma simples interrogação o torna apostata e perjuro; elle assegura até três vezes q(ue) elle não é discip(u)l(o) de
- 10 J(esus) C(hristo), e isto á<os> vista de seo bom Mestre, atado, flagelado, escarnecido, caluniado: elle suscita esta nova dôr á suas cadéias. Grande D(eo)s! q(ue) queda! o principe dos Pastôres, a coluna das Igrejas, o Apostolo da Circuncisão, o discip(u)l(o) chamado
- 15 bemaventurado p(e)lo m(es)mo J(esus) C(hristo) e á q(ue)m o Pae celeste tinha revelado o Misterio do Cristo! Pedro á testa do rebanho, e fallando em nome de todos os outros discip(u)l(os) confessa generosam(ent)e a J(esus) C(hristo): logo q(ue) está só e apartado dos Fieis a q(ue)m deveria

- 20 sustentar, reunir, animar nesta triste occasião,
 elle cahe! Os Pastores não estão em seguran-
 ça senão q(uan)do rodeados de suas ovelhas; elles es-
 tão guardados, em q(uan)to as guardão; mas logo q(ue)
 elles se apartão, q(ue) as abandonão, tem tudo á
 25 temer, é no meio de seo rebanho q(ue) o S(enho)r os reveste
- 17r 1 de força, os enche de luz, e os acumula de bençãos,
 p(or)q(ue) então elle os considera como seos e Ministros, á
 q(ue)m tem prometido sustentar nas funções peniveis
 de seo ministerio: nóutra parte, elle não os conhece
 5 mais, não são m(ai)s do q(ue) homens fracos, comuns, sem
 força, sem firmesa, sem dignid(ad)e e como elles são
 inuteis á sua lgr(eja), elles se tornão indifferentes á si
 m(es)mo: as m(es)mas funções q(ue) são [fazem↑]os seos deveres,
 são tam-
 bem toda a sua segurança e sua força.
 10 * Mas uma queda tão cobarde não risca do cora-
 ção de J(esus) C(hristo) este discip(u)l(o) infiel: elle o acha ainda dig-
 no de suas vistas: á través das calunias dos Pa-
 dres, das imposturas das falsas test(emunh)as, dos ultrages
 dos sacrilegos q(ue) o insultão, dos gritos tumultuo-
 15 sos dos q(ue) pedem sua morte; elle reconhece com
 uma atenção cheia de doçura e de bond(ad)e este fraco
 Apostolo: elle fixa seos olhos divinos sobre elle e com
 uma linguagem muda, e q(ue) suas ignominias tor-
 não ainda m(ai)s tocante: É esta, lhe diz elle, a fide-
 20 lid(ad)e q(ue) me tendes tantas vezes jurado? se eu pude
 vos suster sobre as ondas, discip(u)l(o) fraco, e vos garan-
 tirar de toda a violencia dos ventos e das tempest(ad)es
 [↑receiaes] temeis vos q(ue) eu não tenha a força p(ar)a vos
 defender
 contra todo o poder dos homens? vossa queda me
 25 tem humilhado m(ai)s do q(ue) todos os ultrages de q(ue)
- 17v 1 me vedes carregado, vós acabais de jurar q(ue) me não
 conheceis! mas eu assim m(es)mo ainda vos conheço, ape-
 zar disso ainda vejo em vós o chefe de minha lgr(eja)
 e o Pastôr de meos rebanhos: eu vos amo ainda, tão
 5 indigno como sois, e as lagrimas amargas q(ue) vejo
 correr de vossos olhos, são ao m(es)mo tempo o fructo
 de meo amôr p(o)r vós, e a expiação de vossa falta.
 Apenas é feito o ultraje, é logo esquecido. E q(uan)tas
 vezes, ao sahir m(es)mo do crime, J(esus) C(hristo) tem lançado
 sobre
 10 nós, como sobre este Apostolo infiel, uma vista
 de misericordia, q(uan)tos tem crocitado em vossos cora-

- ções remorsos vivos e pungentes, nos tem aberto os olhos sobre a indignid(ad)e de nossa vida, nos tem talvez m(es)mo feito vestir lagrimas de arrependim(en)to
- 15 de tristeza, de desgosto de nós m(es)mos? Mas não tem sido então [↑senão] lagrimas passageiras, sensibili(da)des de um mom(en)to, uma tristeza, em q(ue) entrava m(ai)s <†> / amôr\ proprio do q(ue) odio do peccado. Afflige-se pela demora de uma agonia secreta, p(o)r não se poder achar a feligid(ad)e nos
- 20 prazeres dos sentidos: quereria-ser-se feliz e tranquilo no crime, e se entristece p(o)r não sel-o-, desagrada-se de si m(es)mo p(o)r não se poder formar uma situação fixa e inabalavel
- 25 na iniquid(ad)e; desgosta-se de suas <iniquidades> [↑inquietações]
- 18r 1 e não de suas desordens; se he tocado [↑do] vacuo, e não do horrôr e da injustiça das voluptuosid(ad)es crimi- nosas: não é p(o)r ser inimigo de D(eo)s q(ue) se desagra- da, é p(o)r q(ue) se he pasado á si m(es)mo. É assim q(ue) a ma
- 5 licia <dos> he hoje consumada na ingratitude dos seos discip(u)l(os), q(ue) entregão ou renunção o Salvador. Mas em segundo lugar, élla é ainda consuma- da na má fé dos Padres q(ue) o condenão. Porq(ue) primei- ram(ent)e, o arrependim(en)to de Judas não os toca; elle vem
- 10 lhe declarar <q(ue)> com o desespero no semblante, q(ue) elle tem peccado entregando o sangue inocente; jam(ai)s houve testem(unh)o menos suspeito, é o inimigo de J(esus) C(hristo) q(ue) depoem em favor de sua innocencia; é um
- 15 traidor q(ue) ainda não gozou o fructo de sua traição, e q(ue) vem restituir o preço funesto: é um infortuna- do, q(ue) nada m(ai)s tendo a esperar de seo Mestre, e vendo o humilhado, ultrajado, á ponto de ser
- condenado, não se pode lisongear de q(ue) um dia elle reconhecerá sua volta; a força da verd(ad)e só
- 20 lhe arranca a confissão de seo crime; q(ue) de m(ai)s favoravel do q(ue) sua retratação? Entretanto estes Juizes de iniquid(ad)e q(ue) se tinham servido de sua fra- queza, fechão os olhos ao seo arrependim(en)to: o nego- cio é vosso, lhe dizem elles; tu videris; não é
- 25 delles a condenação [↑de um] do innocente, não é delles
- 18v 1 o derramar o sangue do Justo, e encher a medida p(e)lo maior de todos os crimes; Ó D(eo)s! como sois terrivel q(uan)do endureceis os corações.
- * Estes principais dentre os Judeos tinham
- 5 resistido até aos milagres, e aos ensinoss de J(esus) C(hristo). O Paralitico curado, a Peccadôra convertiva,

- o Cego de nascim(en)to esclarecido, Lazaro ressus-
 tado, tinham sido p(oi)s elles inuteis instruções,
 hoje o m(es)mo Judas morrendo desesperado não
 10 os toca, nem os espanta. É o abuzo continuo
 das graças q(ue) conduz sempre ao endurecim(en)to.
 Vós, q(ue) resistis á D(eo)s desde longo tempo, chega-
 reis á um ponto, q(ue) nem as mortes as m(ai)s me-
 donhas, nem as verd(ad)es as m(ai)s terriveis, nem as sole-
 15 nid(ad)es as m(ai)s santas, nem as conversões as m(ai)s to-
 cantes, jam(ai)s vos tocarão, e talvez já tenhaes
 chegado a este estado. Á força de abafar os
 vossos remorços de vos defender contra vossos
 proprios [↑conhecim(en)tos] esclarecim(en)tos, e de resistir á
 verd(ad)es q(ue)
 20 uma <feliz> boa educação, e um natural feliz
 tinha plantado mil sementes de virtude em
 vosso coração, vós vos tendes viveis tranquilos
 em vossos crimes; nada vos desperta de vosso
 adormecim(en)to, nem as verd(ad)es q(ue) nós anunciamos
 25 nem os Misterios q(ue) celebramos; a libertina-
 gem q(ue) não era antigam(ent)e em vós mais do q(ue)
 27 um arrebatam(en)to [↑impeto] da id(ad)e e do temperam(en)to tem
- 19r 1 se tornado em horrorosa filosofia; o crime vos
 toca quasi tanto como a virtude; os prazeres das
 paixões vos achão quasi tão frio e tão filosofo
 como os santos attrativos da graça; vós offereceis
 5 á D(eo)s e ao mundo um fundo de desgosto, de insen-
 sibilid(ad)e, onde as paixões vos tem lançado, mil
 vezes m(ai)s terrivel p(ar)a a salvação do q(ue) os arrebatam(en)tos da desordem. Como estaes longe do reinado
 de D(eo)s, e q(uan)to serieis felizes, se podesseis som(ent)e com-
 10 prendel-o!
 ## Em segundo lugar o Principe dos Sacerdotes
 admirado do silencio de J(esus) C(hristo) sobre todas as acusa-
 ções de q(ue) se o carregava; descobrindo, ((parece))
 em sua paciencia, em sua doçura, e na ma-
 15 gestade de seo semblante, alguma couza m(ai)s
 q(ue) humana; lhe diz, eu vos conjuro em nome
 de D(eo)s vivo, q(ue) nos digaes seo [s†iso] Christo F(ilh)o de
 D(eo)s? Porem se he um desejo [↑sincero] de conhecer a
 verd(ad)e, p(ar)a q(ue) interrogal-o da santid(ad)e de seo Mi-
 20 nisterio? Perguntae á João Baptista q(ue) vós
 consideraes como profeta, e q(ue) tem confessado
 q(ue) elle era o Christo; perguntae a suas obras,
 q(ue) ninguem antes d'elle tinha feito, e q(ue) declaração
 q(ue) é o Pae q(ue) o tem enviado: Perguntae ás tes-
 25 temunhas de sua vida, e vereis se a impostura

- 27 tem jam(ai)s sido acompanhada de tantos caracteres de innocencia, e de santid(ad)e: interrogae as Escrip-
- 19v 1 turas, vós q(ue) deix(a)des a chave d(†) (†)cia, e vede se Moysés e os Profetas não lhe tem rendido testi-
munho: interrogae os cegos á q(ue)m tem dado a vis-
ta, os mortos q(ue) tem ressusiitado, os leprosos q(ue)
5 tem curado, o povo q(ue) tem sustentado, as ove-
lhas de Israel q(ue) elle tem guiado, e todos vos dirão q(ue) D(eo)s jam(ai)s concedeo tal poder aos homens: interrogae ao Ceo q(ue) se tem aberto tantas vezes sobre sua cabeça, p(ar)a vos advertir q(ue) este era o F(ilh)o
10 amado: e se estes testemunhos ainda vos não bastaõ, interrogae ao Inferno, e aprendei dos demonios q(ue) lhe obedecem saticredo dos corpos e confessando q(ue) elle é o Santo de D(eo)s. Mas aqui não se procura seriam(ent)e a ver(da)de;
15 arma-se sim um laço á innocencia; e [↑o p(ar)a] como acontece quasi sempre prevenidos de suas paixões, se consulta e não se quer ser desengana-
nado, parece querer instruir-se; e se desgostar de ser esclarecido. ##
20 Entretanto o Salvador, p(ar)a nos ensinar q(ue) as paixões e os prejuizos dos homens não devem nos impedir de render homenagem [↑gloria] á ver(da)de; ((principalm(ent)e q(uan)do nosso character nos obriga á publicar q(ue) nós a devemos á aq(ue)les m(es)mos q(ue) querem fazer
25 isso contra nós, e q(ue) não é necessario <q(ue) ella> esperar q(ue) ella seja recebida favoravelm(ent)e; e elle confessa q(ue) [↑elle é] o Cristo prometido pelos Profetas, e anuncia <q(ue)> /á\ seos Juizes, q(ue) elles verão o F(ilh)o do homem sentado á direita de D(eo)s
30 e vindo sobre as nuvens do Ceo con magestade
- 20r 1 Dizendo-lhe (...) vós não quereis me reconhecer em m(es)ma baixeza, vós me reconhecereis /u*/m dia q(uan)do eu aparecer sobre uma nuvem /de*/ gloria arodeado de poder de terrôr de ma
5 jestade: eu apareço agora como um crimi /n*/oso, eu serei então vosso Juiz, e o das na /ço*/ês reunidas. Ella falla em D(eo)s carregado /co*/mo está de cadeias e de opprobrios mas el (†) nos faz tambem entender q(ue) no seculo fu /t*/uro tudo mudará de face: q(ue) o pobre e o as- (†)licto estarão sentados sobre tronos de luz e de /g*/loria: q(ue) estes homens justo, a q(ue)m se calca aos /p*/és, e a q(ue)m se despreza como fracos de espirito

/b*/rilharão então no meio dos ares como astros
 15 /p*/uros, e julgarão o Universo como J(esus) C(hristo), entre-
 /t*/anto q(ue) os grandes e poderosos, os q(ue) julgão a
 /te*/rra, q(ue) parecem neste mundo os arbitros
 /d*/a fortuna e do destino dos povos e dos Impe-
 /r*/ios, estes heroes q(ue) o mundo <tinha> tanto res-
 20 /p*/eitava, e q(ue) não brilhavão senão com [†]
 [†]loria humana, serão degradados, humilha-
 /do*/s, considerados como o oprobrio dos homens,
 [†] não aparecerão cobertos senão de seo
 /o*/rgulho e ate seos crimes.
 25 Entretanto uma declaração tão terrivel, e
 /t*/ão capaz de abrandar o furôr deste Juises, é p(ar)a
 [†] Salvador uma resposta de mestre. Este Pontifice
 /i*/ndigno rasga suas vestes sacerdotaes, e profeti-
 29 /s*/a, sem o saber, p(o)r esta acção, diz S(ão) Leão, q(ue) está

20v

1 p(ar)a sempre despojado da d(†) de seo sacerdo-
 cio do q(ua)l J(esus) C(hristo) novo Pontifice vai entrar em
 possessão á dir(ei)ta de seo Pae no sanctuario
 verdad(ei)ro onde elle está sempre vivo á fim
 5 de interceder p(o)r nós. Blasfemou, gritou
 elle, não precisamos m(ai)s de testimunhas.
 Este Juiz corrupto torna-se o accusador,
 todas as regras da equid(ad)e são violadas, elle
 não espera os votos, elle os inspira. Um só
 10 d'esta assembléa, antigam(ent)e a m(ai)s veneravel
 do mundo, não ousa declarar-se protector
 da innocencia, tudo entra laxam(ent)e na pai-
 xão de seo chefe: ahi não se acha um só
 Gamaliel, q(ue) p(o)r seos conselhos de moderação
 15 procure pelo menos suspender a iniquid(ad)e
 desta sentença ((como é raro o ousar ser o
 unico em favôr da razão, e da justiça!))
 e sem q(ue) tenha precedido deliberação al-
 20 iniqua vosos tumultuos os q(ue) pronunção
 q(ue) J(esus) C(hristo) é digno de morte. Reus est mortis Mat(eus)
 [↑26 _ 66]
 O meo Salvadôr! nesta sentença sacrilega
 vós adoraes a sentença q(ue) vosso Pae pronuncia en-
 tão contra vós; é de sua boca eterna q(ue) vós ou-
 25 vis sahir estas palavras irrevogaveis de vossa
 condenação: elle é digno de morte: Reus est
 mortis! Aqui não se faz senão prestar <†> /a\ vóz
 perfida ao oraculo celeste, assim vós não vos
 queixaes de sua injustiça; vós vos calaes como
 30 o cordeiro q(ue) se vae imolar, e vós respeitaes

- 21r
- 1 na injustiça de sua sentença, as ordenes
justas e adoraveis de vosso Pae.
Aprendamos p(oi)s, meos Ir(mão)s, á não nos queixar
dos homens dos tratam(en)tos injustos q(ue) nós recebemos
5 d'elles: consideremos nossos inimigos nos desejos
de D(eo)s e na ordem de nossa predestinação eter-
na. Reconheçamos, á travez dos golpes q(ue) suas
paixões nos dão, a sabedoria e a mão invisí-
vel do soberano q(ue) os dirige: e recordemos-nos de
10 q(ue) desde o mom(en)to em q(ue) os homens se tem tor-
nado nossos <inimigos> perseguidores, elles se
tem tornado m(ai)s respeitaveis p(ar)a nós, p(a)r(a) q(ue) se tem
tornado os ministros da justiça de D(eo)s á nosso
respeito, e não <são senão> fazem senão execu-
15 tar com nosco neste mundo as suas ordens.
Mas continuemos. Todos os passos q(ue) vai
dar d'aqui em diante o Salvadôr, não serão
m(ai)s do q(ue) novas ignomínias: assim a mali-
cia dos homens é, em terceiro lugar, consu-
20 mada na inconstancia do povo q(ue) pede a sua
morte ///* Ao sahir da casa de Caifaz, onde
J(esus) C(hristo) passava uma noite tão ignominiosa
q(uan)to amára: entregue á insolencia e á brutali-
lid(ad)e dos ministros e servos do Pontifice, expos-
25 to durante toda a noite aos oprobrios, cuja re-
cordação faz estremecer a nossa fé e arran-
car lagrimas á pied(ad)e, abandonado de todos
os seos Discipulos, não esperando o dia se-
nãõ p(ar)a ver [↑recomeçar] com m(ai)s clareza a historia de su-
30 as ignominias aos olhos de toda Jerusalem;
31 elle é conduzido ao Pretorio á travez das ruas
- 21v
- 1 desta cid(ad)e ingrata e inconstante, seguido co-
mo um celerato, de uma multidão sediciosa
q(ue) o insulta. Q(ue) mudança nós o tinhamos
visto entrar á poucos dias em Jerusalem ao ru-
5 ido da aclamações publicas, e como um Rei
triumfante q(ue) vem entrar na possessão de
seo Imperio; hoje q(ue) novo sequito ((apparato))
carregado de confuzão de todos os anatemas
d'este m(es)mo povo sublivado e q(ue) pede sua mor-
10 te com gritos estridentes. ////
Vos quereis ó meo D(eo)s q(ue) vossos servos apren-
dão neste exemplo a não contar com a gloria
do mundo, e com a estima dos homens tão
inconstante e tão p(o)uco solida: ainda m(ai)s de
15 não sacrificar o dever e a consciencia á seos

- vãos julgam(en)tos á se unir unicam(ent)e á vós, q(ue) nos vedes sempre taes q(ua)is somos, e cujos julgam(en)tos só conservão-se eternam(ent)e.
- 20 Com effeito até onde este povo infiel não leva o excesso de sua inconstancia e cegueira? Q(uan)tos crimes não comete em um só? Primeiram(ent)e uma injustiça mostruosa: se lhe propoem livrar a Jesus ou um indigno malfeitor cujos crimes publicos tinham tornado digno de morte ((e objecto da execração geral.)) Q(ue) parallelo o Salvador dos homens com um celerato e homicida!
- 25 Entretanto Barrabas é o preferido p(e)los sufragios publicos: pelos Padres, Anciaões, Doutores, p(e)la multidão perante o Tribunal de um Juiz infiel,
- 30 á face de toda a Judéa, e no acontecim(en)to o m(ai)s espantoso de q(ue) Jerusalem jam(ai)s tem ouvido
- 32 fallar.
- 22r 1 Ah! nós somos tão sensiveis á m(ai)s leve preferencia q(ue) nos humilha! nosso orgulho leva taõ longe os ressentim(en)tos; p(o)r pouco q(ue) se nos esqueça, q(ue) se refira nossos concurr(en)tes e nossos iguaes, nós tanto clamamos
- 5 contra a injustiça dos homens: nos sensuramos a escolha de nossos maiores, e rebaixamos o merito daq(ue)les q(ue) se nos refere. Aprendamos de J(esus) C(hristo) q(ue) os julgam(en)tos dos homens não decidem nada de real p(or) nós, q(ue) a realid(ad)e está só no q(ue) se faz p(o)r D(eo)s p(o)r q(ue) jam(ai)s
- 10 fica sem recompensa: q(ue) se a ambição tem sido o unico motivo dos serviços prestados á patria é justo q(ue) sejamos punidos p(o)r nossa m(es)ma ambição, e q(ue) a verdad(ei)ra virtude peresa mais em tornar-se digna das graças do q(ue) em recebê-las.
- 15 Em segundo lugar um furôr cego. Um Magistrado pagão não ouza á principio condemnar a J(esus) C(hristo) elle declara que tem as mãos puras do sangue d'este Justo: e este povo furioso pede q(ue) seo sangue cahia sobre elle e sobre seos [↑sua]
- 20 filhos [↑posterid(ad)e]. elle consente, pede [↑deseja] q(ue) este anate-
- ma se conserve eternam(ent)e sobre a cabeça de seos descendentes: sanguis ejus super nos et super filios nostros: ((Math(eus) 27 – 25.))
- 25 E o acontecim(en)to [↑cor-] responde á seus desejos, ainda hoje tornados o oprobrio do universo, errantes fugitivos, desprezados; sem altar, sem lugar, Sem sacrificio, elles levão p(o)r toda a parte so-

- bre sua fronte o signal deste sangue derramado ((ferrête de sua reprovação))
- 30 É assim q(ue) os julgam(en)tos injustos tornão-se fontes da maldição nas familias; D(eo)s exige até
- 31
- 22v 1 á quarta geração o sangue q(ue) a injustiça de um só de seos antepassados sensado sobre os tribunaes e m(ui)to devotado ás paixões de outrem, faz temerariam(ent)e derramar: vê se essas casas tocadas
- 5 p(o)r uma mão invisivel, espantar o mundo p(o)r sua decadencia, e até o fim, a posterid(ad)e levar sobre a fronte a iniquid(ad)e de seos paes. Em terceiro lugar: uma negra ingrátidaõ Antigam(ent)e tocados dos beneficios de J(esus) C(hristo) elles tinhaõ
- 10 querido elege(o) p(ar)a seo Reo; hoje protestão altam(ent)e q(ue) não querem outro rei senão Cesar; regeitão o F(ilh)o de Davi, o Rei cujo reinado deve ser eterno, e não querem q(ue) reine sobre elles Nolumus hunc regem super nos ((Luc(as) 19. 14.))
- 15 Non habemus regem, nisi Caesarem ((João 19. 15)) Não é esta, meos Ir(mãos), ((vós principalm(ent)e q(ue) habitaes os palacios dos Reis)) a linguagem q(ue) vos dirigis todos os dias á D(eo)s no fundo de vosso coração? Quantas vezes tendes vós dito em
- 20 segredo, resistindo á suas inspiraçoẽs santas: Nos não queremos q(ue) reineis ainda sobre nós: não é ainda tempo de vos servir, de renunciar ao mundo e á nossos desvarios; é necessario esperar uma id(ad)e m(ai)s avançada: agora é a estação de avançar e chegar aos lugares q(ue) nos são devidos: nós não podemos servir a outro D(eo)s senão á Cezar, senão á corte e á nossa fortuna<?> /\ Eis vossa unica divind(ad)e Um Principe religioso só q(ue)r q(ue) D(eo)s reine sobre elle, depoem á seos pes o septro, a coroa
- 30 o Imperio: todas ás suas homenagens são
- 31
- 23r 1 som(ent)e p(ar)a D(eo)s, e todo o vosso culto se refere á elle m(es)mo, aprendei pelo menos a merecer suas graças imitando seos exemplos. Em quarto lugar, a malicia dos homens
- 5 é ainda consumada na fraqueza de Pilatos, q(ue) apesar de sua consciencia e luzes, não ousa declarar J(esus) C(hristo) innocente: e considerai [↑observae], eu vos rogo, na conduta deste magistrado corrupto, todos os signaes de

10 uma indigna fraquesa, q(ue) sacrifica a consciencia
 e o dever á fortuna. Primeiram(ent)e elle reconhe
 ce q(ue) lhe não pertence pronunciar sobre tod(o)/as\
 <o>/as\
 <†>/oês\
 q(ue) se formão contra J(esus) C(hristo);
 q(ue) não
 sendo instruido na Lei, não pode entrar em
 um negocio q(ue) parece pertencer som(ent)e á Reli-
 15 gião dos Judeos, cujo julgam(en)to só pertence ao
 Pontifice. Entretanto par(a) não desagradar aos
 principaes dos Judeos, elle se colloca em estado
 de julgar sem autorid(ad)e e sem conhecim(en)to
 Sem conhecim(en)to p(o)r q(ue) ignora a lei, sem autorid(ad)e
 20 p(o)r q(ue) o S(enho)r não tem constituido os Magistra-
 dos como juizes da verd(ad)e e da doutrina.
 Seo tribunal é o azilo e sustentaculo da
 Igreja, mas não a regra e a lei; á elles
 pertence prestar sua autorid(ad)e mas não as
 25 decisões e os suffragios: e elles devem dei-
 xar á aq(ue)les á q(ue)m o S(enho)r tem confiado o deposito da
 Fé, o cuidado de conserval-a, e de combater os
 erros q(ue) podem lhe <†>/pr\ejudicar:
 Em segundo lugar, não dizem a Pilatos, se-
 30 vós reenviaes este Jesus absolvido, vós sereis im-³

23v 1 está no ceo, q(ue) elles não terão sido sobre a,
 terra senão reis de teatro, durante a scena
 curta e rapida de sua vida, se elles não
 tem em seo tribunal, a justiça e a pied(ad)e
 5 q(ue) só podem fazel-os reinar eternam(ent)e; q(ue)
 todos os titulos pomposos q(ue) os distinguem
 dos outros homens perecerão com elles,
 e q(ue) então perante o Juiz inexoravel,
 onde aparecerão como criminosos, e des-
 10 pojados de todo o brilhantismo passagei-
 ro q(ue) os cerca, se lhes perguntará co-
 mo Pilatos a J(esus) C(hristo) Rex es tu? Sois Rei?
 Não se vos perguntará se tendes descen-
 dido de sangue illustre; se tendes occu-
 15 pado <q>/a\ltos postos sobre a terra; se tendes
 commandado exércitos; se tendes rei-
 nado sobre Provincias e Imperios; tudo
 não existe mais: não era mais do q(ue) uma
 decoraçã vã e uma scena passageira
 20 e não parecia grande e brilhante senão
 aos olhos daq(ue)les á q(ue)m os sentidos illudião,
 q(ue) confundião o tempo com a eternid(ad)e,

³ O texto assim se encontra no manuscrito, apesar de, aparentemente, carecer de sentido em relação ao fólio seguinte.

- e q(ue) não julgavão senão sobre vans apa-
 rencias. Mas sois vós grandes á meos
 25 olhos e de meos escolhidos? Rex es tu?
 Q(ue) trazeis vós q(ue) vos distingua dos outros
 homens? tendes reinado sobre vossas
 paixões <?>/i\justas? tendes vencido a
 vós m(es)mos? tendes sido elevados á cima
 30 dos outros homens pela inocencia de
 31 vossos costumes, pela vivaci(dad)e de vossa
- 24r 1 fé, antes q(ue) pela eminencia da vossa
 posição? vossas paixões sempre leva-
 das aos ultimos excessos, p(o)r q(ue) em vossa ele-
 vação, ellas não tinham jam(ai)s outro freio
 5 q(ue) vossos desejos insensatos, não vos tem
 degradado a meos olhos á baixo da m(ai)s
 vil populaça? q(ue) signaes vos farão re-
 conhecer senão as destiñoões do crime e
 ignominia? Rex es tu? ah! é então
 10 q(ue) a maior parte dos grandes confundi-
 dos, reconhecerão q(ue) sua grandeza e rei-
 nado não erão senão deste mundo.
 q(ue) elles não tem sido Grandes no tempo,
 senão p(ar)a ser(e)m humilhados emais desgra-
 15 çados na eternid(ad)e q(ue) tudo tem perecido p(ar)a
 elles com o mundo; e q(ue) de tudo o q(ue) elles
 erão nada m(ai)s resta do q(ue) o desespero eterno
 de ter abusado.
 Mas estas grandes intruções surpre-
 20 ndem a Pilatos, mas não o tocão. O Salva-
 dor acabava de lhe declarar só lhe per-
 tencem aq(ue)les conhecem a verd(ad)e, e ouvem sua
 voz; q(ue) os amantes da vaid(ad)e e da mentira
 nada comprehendem de sua doutrina;
 25 q(ue) p(ar)a conhecer a santid(ad)e e sublimid(ad)e de
 suas maximas é necessario amal-as;
 e q(ue) só o amôr da verd(ad)e da a intelligencia.
 O q(ue) é a verd(ad)e lhe pergunta este ma-
 29 gistrado infiel: quid est veritas? ((J(oão) 38))
- 24v 1 e sem esperar pela resposta de J(esus) C(hristo) nos faz
 compreender q(ue) o conhecim(en)to da verd(ad)e raras
 vezes torna-se negocio de importancia p(ar)a
 os grandes; q(ue) <os discursos q(ue) elles> <seos discurs->
 5 <sos são quase sempre ociosos> os discursos
 q(ue) os entretem são m(ai)s ociosos e (†) q(ue) instruti-
 vos, q(ue) elles se algumas vezes consultão

- 10 é m(ai)s p(ar)a procurar sufragios [↑apoio] p(ar)a suas paixões, do q(ue) p(ar)a instruir-se: q(ue) as verd(ad)es desagradáveis não chegam á elles, p(o)r q(ue) ninguém as ama após, p(ar)a ouzarem desagrados; e q(ue) pelos benefícios com q(ue) recompensação aos q(ue) os enganão, merecem ser enganados.
- 15 Tanta santid(ad)e e grandeza nas respostas de J(esus) C(hristo), é p(ar)a Pilatos uma linguagem nova q(ue) o surprehende e toca: elle declara ao povo q(ue) este homem não é criminoso, <naõ> /mas\ não o livra como innocente,
- 20 elle se contenta em pedir q(ue) o absolvão, ou q(ue) o dispensem de condenal-o, fluctuando sempre entre o dever e a fortuna: querendo sempre misturar a equid(ad)e e a paixão. Mas todos os temperam(en)tos em
- 25 materia de dever são á temer: querer tudo conciliar é tudo perder: inocentar adocam(en)tos q(uan)do a lei é clara e precisa, não é salvar a regra mas nossas paixões, todo o accordo entre a mentira e a verd(ad)e se faz sempre á despensas da verd(ad)e, e o Evangelho principalm(ent)e é uma doutrina q(ue) propoem regras
- 30
31

4.3.3 Nossa Senhora de Montserrat

- 1r 1 Dequa natus est Jesus
- 5 Apenas um sopro divino anima nossos primeiros Paes, logo vêem elles desfazer-se p(o)r sua prevaricação as vantagens da innocencia: só uma lembrança lhes resta então do seu primeiro estado, e esta lembrança só lhes serve p(ar)a fazer sentir mais cruelm(en)te a sua perda, e sua desgraça seria sem remedio, se D(eo)s, em quem a misericordia é infinita lhes não desse a mão p(ar)a os levantar do abysmo em q(ue) se havião precipitado.
- 10 Ainda lhes não respira livre o coração, e o sangue devera gelar-se em suas veias se a desgraça fosse irremediavel: más uma promessa é feita em nossos primeiros dias = uma mulher deve vir

- 20 ao mundo, e declarando viva guerra ao
 ao nosso inimigo, deve esmagar-lhe a ca-
 beça soberba, e constituir-se nossa pro-
 23 tecção, nosso refugio, nossas esperanças
 E com effeito, S(e)n(ho)res, esta promessa
- 1v 1 nos ligarão nossos Paes
 Em vos N(osso) S(enhor) q(ue) é q(ue) estes constituem
- 5 Sim, S(e)n(ho)res , p(o)r min fallão todos esses templos
 e altares, erigidos com tanta pomba e
 magnificencia, em honra de M(ari)a, em todas
 as aldeas, em todas as ci(da)des, em todas as
 Nações do Mundo Cristão! hoje
- 10 A devoção com q(ue) [lhe↑] prestaes estes
 cultos solennes. tudo tudo nos está
 dizendo, o q(ue) dizem os P(adr)es, a Igr(eja) nos
 ensina, e a experiencia dos seculos
 nos confirmas: isto é q(ue) M(ari)a é a des-
 15 puzadôra dê todas as graças e Mise-
 ricordias: q(ue) á ella devemos recorrer
 em nossas necessi(da)des, q(ue) ella é a nossa
 poderosa Advogada, Advogada, como
 Diz, S(ão) Pedro Damião, q(ue) chega ao trono
 20 de seu Filho, antes p(ar)a mandar do q(ue) p(ar)a
 pedir, mais como soberana do q(ue)
 como serva; Non oram, sed in-
 peram, domina, non ancilla.
 Continuemos p(oi)s S(e)n(ho)res continuemos
 25 as prestarlhes os solennes cultos q(ue)
 lhe são devidos de nossa eterna grati-
 dão; e confessando á face do Ceo e da terra
 a [†] Gloria e a Protecção de M(ari)a procu-
 29 remos (...) a nossos Filhos a herança q(ue)
- 2r 1 muitas vezes reite/r*/ada tem sido:
 realizada na /ordem*/ dos tempos, e Deos
 tem baixado ao /mundo*/ p(ar)a revestir-
 se da carne humana nas purissi-
 5 mas entranhas de uma Virgem, de
 uma Virgem cuja maior gloria é ser
 a Mãi do mesmo D(eo)s – de qua natus
est Jesus
 <E J(esus) C(hristo) <dep(oi)s> p(ar)a concluir a grande o-.>
 10 <bra da Redempção tem constituido á.>
 <esta mesma Virgem como nossa Mãi.>
 <á fim q(ue) confiando n'ella, esperemos.>
 <em sua protecção.>

- 15 <Daqui ja vedes, <S(e)n(ho)res>, q(ua)l<a> deva ser o
<objecto do meus discurso; p(ore)m S(e)n(ho)res o q(ue)
<poderei eu dizer da M(ari)a S(antíssima) a q(ue)m hoje ve-
<neramos com o titulo de S(e)n(ho)ra do Mont-
<serrat; [a o mínimo dos oradôres↑] eu, ha pouco chegado á esta
20 <terra, com cinco dias apenas p(ar)a prepa-
<curro> <rarme á fallar de M(aria) S(antíssima), de q(ue)m
<p(o)r quais q(ue) dicesse nada diria?>
<Porem, S(e)n(ho)res, eu confio m(ui)to, em sua pro->
<teccão, e espero q(ue) ella me não hade>
24 <abandonar; procurarei p(oi)s mostravos>
- 2v 1 <q(ue) M(aria) S(antissima) a mãe de J(esus) C(risto) dep(oi)s de um bre->
<q(ue) M(aria) S(antissima) a mãe de J(esus) C(hristo) sendo constitui->
<da p(o)r seu Filho a Mãi dos peccadôres>
<jamais nos tem abandonado q(uan)do á ella>
5 <recorremos em nossas atribulações.>
<Tal será o objecto do meo discurso.>
<Virgem S(antissima) aqui tendes á vossos pés>
<um humilde Oradôr p(ar)a fallar á este audi->
<torio da vossa protecção, começar p(o)r isso>
10 <desde já a desempenhala p(ar)a com migo>
<alcançando de vosso Filho Jesus as gra->
<ças de q(ue) necessito p(ar)a inspirar a confi->
<ança em vós aos meus ouvinte, á>
<q(ue)m peço [desculpa] atenção.>
15 E esta V(ossa), sendo a Mãi do <m(es)mo> D(eo)s, e p(o)r conse-
quencia superior á tudo o q(ue) é inferior ao m(es)mo D(eo)s, p(o)r um
excesso de amôr verdadeiram(en)te divino, nos tem
tomado sob sua protecção adoptando-nos
como Filhos ao pe da cruz no meio do
20 [turbilhão↑] das angustias do Calvário.
Ja daqui, S(e)n(ho)res, podereis colligir q(ua)l o obje-
cto do meu discurso, e meu vos rugarieis
julgando q(ue) eu [adiquiera falla↑] procure <sondar> penetrar no abysmo
<de Gloria> insondavel da Gloria da M(ã)e de D(eo)s
25 Não S(e)n(ho)res, o meu fim é som(ent)e excitar a vossa
devoção, a vossa pied(ad)e p(ar)a com esta extremosa
Mãi á quem hoje prestamos tão solennes
cultos debaixo do titulo de Montserrat.
29 de q(ue)m temos recebido tantos beneficios, e
- 3r 1 Discurso
Para melhor conhecermos a grandeza
os beneficios, q(ue) <em todas as epocas> te-
mos recebido de Maria S(anti)s(sima), cumpre
5 antes de tudo, S(e)n(ho)res, examinar a multi-
dão de males. q(ue) pezão sobre nós; cum-
pre conhecer bem o estado de fraqueza,

- e de miseria á q(ue) nos tinha reduzido o peccado, e os perigos q(ue) nos ameação p(o)r
 10 toda a parte; e então lembrando-nos q(ue) foi ella quem dissipou p(o)r seu Filho, as trevas da nossa ignorancia, nos res-
 tituiu os direitos de q(ue) fomos despoja-
 dos, e carinhoza Mãi nos ampara
 15 e protege nos perigos; será facil co-
 nhecer, ou ao menos avaliar uma
 parte dos beneficios, q(ue) temos recebido
 d'esta Mãi extremosa.
 O berço, S(e)n(ho)res, é o primeiro theatro
 20 das miserias do homem; e o aliado do seu
 nascim(en)to, o q(ue) dá principio á penoza
 carreira de sua infelid(ad)e. Fracos mor-
 taes trazemos impresso <na> o character
 24 da fragilid(ad)e. Ramos desgraçados de
- 3v 1 um [tronco↑] inficionado temos d'entro em nós
 o principio de corrupção. Em uma pa-
 lava; o homem descendente de Adão
 nasce peccadôr, e em consequencia su-
 5 geito á todas as <miserias> males e perigos q(ue)
 nos attropelão n'este mundo.
 Abramos a historia a mais autenti-
 ca, e ahi veremos em cada pagina
 d'esde o <principio> berço do mundo uma
 10 prova da nossa miseria, e infelid(ad)e
 Adão é o primeiro, q(ue) com suas <maos>
 lagrimas rega [↑a terra] sempre ingrata á seus
 suores. Abel, o innocente Abel morre
 <ensopado> /banhado\ no seu [↑proprio] sangue ás fratricidas
 15 mãos de Caim: este errando vagabun-
 do traz estampado no seu rosto o pavor
 e sobresalto, julgando ver em cada um
 homem um assassino.
 As agoas do Diluvio dão sepultura
 20 á todo o Mundo, e Noé apenas escapa-
 do da geral sumbersão serve de escar-
 nio á um mau Filho, q(ue) é logo¹ conden-⁵
 nado á um² triste³ captiveiro⁴.
 24 O Egipto é castigados com pragas
- 4r 1 inauditas, e o mesmo Moysés vê m(ui)tas
 vezes lavrar a morte em seu povo p(o)r
 mil calamid(ad)es diferentes.
 Baltazar vê, no meio de sua côrte
 5 esplendida, uma prodigiosa mão la-
 vrar o decreto de sua morte, e n'essa

- mesma noite é arrancado á vida nas
delicias de seu festim.
Sedicias é levado captivo p(ar)a Babi-
10 lonia sem ao menos ter olhos p(ar)a chorar
sua desgraça.
Finalm(ent)e todos estão expostos á mi-
lhares de perigos, como diz o Ap(ocali)p(se) nos¹
campos², nas⁵ cid(ad)es⁶, nos³ caminhos⁴, nos⁷ Im-
15 perios, não achando em toda a redon-
deza m(ai)s do q(ue) hostilid(ad)es nos homens, mor-
tand(ad)e nas feras, perigos e flagellos nos
elementos conjurados. O Ceo fexando
seus diques nos deixa gemer na fome e
20 na miseria. Eis, S(e)n(ho)res, eis o esboço das mi-
serias do genero humano!!
Grande D(eo)s! e teremos nós de lutar
sempre contra ventos tão contrarios? fra-
<geis> [cos↑] baixeis lançados no incapellado
25 mar de tantas desgraças como nave-
- 4v 1 vegar p(o)r meio de tantos cachopos sem ter-
mos quem nos guie?
Mas não: alegrai-vos, tristes filhos de
Adão. <Profetas santos Justos da antiga>
5 < Lei enchugas as vossas lagrimas> eu ja vejo
a pura estrella da manhã m(ai)s <pura> [brilhante↑] q(ue) o
Sol, [em seu zenill, ↑] q(ue) nos vem conduzir á salvação, re-
movendo os obstaculos, acolhendo benigna
as nossas supplicas, e nos protegendo, e
10 amparando em todos os perigos.
Desviemos p(oi)s as vistas do luctuoso² qua-¹
dro q(ue) acabei de traçar, e vamos appreci-
ar as prerogativas, e reconhecer a protec-
ção d'esta Virgem immaculada, origem
15 de todos os beneficios.
Formada pela mão do Eterno p(ar)a do
seu sangue formar-se aquelle q(ue) é a m(es)ma
Cari(da)de p(o)r essencia, e principio de todo o
amôr:... destina[↑da] p(o)r D(eo)s p(ar)a um dia ser Mãi
20 do mesmo D(eo)s, ella <não> [↑nasce sem q(ue)] participe da<s>
<consequenci> dezobediencia: um muro de
separação se levanta entre ella e o peccado;
e a torr(ent)e de iniqui(da)des, q(ue) desde principio
do mundo tem assolado a terra, passa p(o)r
25 ella, sem a tocar, e respeitando-a como
- 5r 1 Templo de D(eo)s vivo, não se atreve a atacar
o seu Espirito.
A terra q(ue) a vê nascer a bafeja com

- 5 os negros vapôres do crime: a vai(da)de; a cu-
 biça, a vingança e todas as demais pai-
 xões, q(ue) nos fazem gemer debaixo de sua ty-
 rannia jamais pertubão a paz de sua
 alma: semelhante á Esposa dos Cantores
 ella fica reclinada em um leito de flôres,
 10 em q(uan)to todos os mais filhos de Israel va-
 gão pelo escabroso da montanha.
 Nascida p(oi)s cheia da Graça de D(eo)s é pro-
 digio das Graças e Santi(da)de: não conhecen-
 do os principios p(o)r onde passa o Justo p(ar)a
 15 chegar p(o)r degaus a<o> perfeição, toca logo
 ao seu mais alto gráo, e p(o)r premissas
 da Graça recebe logo a enchente de to-
 da ella, e o poder de destrubuil-as em nosso favôr.
 Santos Patriarchas, Profetas santos, Jus-
 20 tos da antiga lei, vós o reconhecestes, e
 p(o)r isso ao Ceo a implorastes com lagri-
 mas e suspiros como o unico refugio,
 fortaleza, e consolação em q(ue) <punhe> depo-
 24 sitaveis toda a vossa confiança.
- 5v 1 O q(ue) poderemos p(oi)s receiar sendo pretigidos
 p(o)r tal Mãi? E não foi o mesmo
 J(esus) C(hristo) que<m> proximo a expirar declarou do al-
 to da cruz, q(ue) em M(aria) S(antis)s(ima) nos deixava uma
 5 Avogada, uma Protectora, e o q(ue) é mais ain-
 da uma extremoza Mãi. Ecce mater tua?
 <Logo q(ue) ha de mais natural do q(ue) recorrer->
 <mos á esta Mãi terna e compassiva em nos->
 <sas tribulações?>
 10 <Se não ouzamos levantar os olhos p(ar)a o Se->
 <nhôr, <á> q(uan)do o temos offendido, nós o fitamos com>
 <uma dôce confiança n'esta Virgem sobera->
 <na, cujo o coração maternal se enche de ter->
 <nura p(ar)a com os filhos, q(ue) adotara nas an->
 15 <gustias do Calvario.>
 E poderá ella esquecer-se p(o)r um só mom(en)to
 dos filhos [recommendados[↑]] na ultima hora das agonias do
 nosso Redemptor?
 Não Virgem S(antis)s(ima), vós sois a Mãi do mais
 20 perfeito amôr; em vós nada é austero, nada
 terrível; mas tudo <é> ternura, tudo suavi(da)de.
 Poderosissima diante de D(eo)s, de q(ue)m formaes as
 Castas delicias, vós sois ao m(es)mo tempo nossa
 Mãi, e p(o)r isso cheios de confiança nós
 25 vos invocamos em nossas tribulações, e

- 6r 1 E quem jamais poderá duvidar do interesse
q(ue) ella toma p(o)r aquelles q(ue) a invocão com o
<titulo de S(e)n(ho)ra do Montserrate?>[verdad(ei)ra devoção?↑]
5 <Com effeito, S(e)n(ho)res, este Templo erecto> [consagrado↑] á S(e)n(ho)ra
do Montserrat [erecto] no cimo desta montanha,
como uma atalaia p(ar)a vigiar e dirigir com
segurança os navegantes ao Porto, e proteger
aos habitantes d'esta Ci(da)de.... estes quadros
estes signaes de reconhecim(en)to, q(ue) eu vejo [como↑] ser-
10 vindo de adôrno ás paredes d'este Tem-
plo, <não> são outros tantos padrões de
gloria, <e> [publicos↑] testemunhos dos beneficios q(ue)
D'ella recebemos todos os dias.
O q(ue) p(oi)s poderei eu mais dizer á vista
15 de [taes↑] provas, mais elequentes <ainda> em seu
[←m(es)mo] silencio do q(ue) a lingua do <mais sabio>
Oradôr ainda o mais sabio e o mais
sublime?
<Virgem, S(antis)s(ima), Senhora do Montserrat, ter->
20 <na Mãi do nosso D(eo)s, todos nós cheios da m(ai)s>
<profunda gratidão confessamos á face>
<do Ceo e da terra a vossa gloria, e a vossa>
<protecção: dep(oi)s de vosso Filho, é p(o)r vós q(ue) to->
<dos respiramos, é p(o)r vós q(ue) a Colera do Eter->
25 <no se dissipa, é p(o)r vós ainda q(ue) somos li->
- 6v 1 <livres das desgraças q(ue) nos cercão n'este mun->
<do; seja p(oi)s bemdito o vosso nome.>
E ja q(ue) estaes constituida nossa Mãi
e protectora, continuae a mitigar os nos-
5 sos males, e a proteger a aq(ue)les q(ue) vos invocão
com piedosa devoção; Estendei o vosso man-
to sobre este devotos <lrman(da)de> q(ue) com tan-
to fervôr vos consagrão tão solennes cultos;
Continuae, [s(e)n(ho)ra↑], ainda vos supplico, continuae
10 a inflamar os seus corações prodigalizan-
do vossos beneficios e vossas Graças, p(o)r q(ue)
se tornem dignos de <vos> cantar louvores
em vossa honra na Gloria eterna, q(ue)
eu á todos dezejo.
15 Com effeito [emfim espalhados p(e)lo Universo,↑] S(e)n(ho)res todos
esses templos dedi-
cados á <esta Virgem Purissima,> [M(ari)a↑] debaixo de <mi > /<di>\
[<ferentes>↑] <lhares> de titulos differentes; <este m(es)mo templo>
<em q(ue) ate a voz p(e)la vez prim(ei)ra n'esta>
19 <Ci(da)de consagrado á S(e)n(ho)ra do Montserrat.>

4.3.4 Sermão de Misericórdia

- 1r 1 Taes são os tocantes exemplos e as
lições de /misericordia/, q(ue) nos deo o
Salvador do mundo: Ricos do seculo,
eis o vosso modelo, reconheceis nelle o
5 character de vossa religião. Semelhar-
te a seu divino /althor*/ ella não é
senão amôr e carid(ad)e estabelece e estrei-
ta os laços da fraterni(da)de tornando-
os mais respeitosos e mais santos; con-
10 demna estes exitos contempladores,
que searvem /do*/ pretexto de amar
aDeos para /se es/quecerem dos ho-
mens. Ella nos diz que o Evange-
lho não deceo do Ceo senão para
15 fazer a felici(da)de da terra que quan-
to mais se é Christão tanto mais se
é sensível; que Deos não recebe hon-
ra maior do que quando se allivi-
a os desgraçados, e finalmente, que
20 a misericordia é mais agradavel
/e mais*/ eterna do que o sacrificio. Misericordia
[bolo↑] Ministro desta Santa Religião ou
23 me não considera <mais> digno de
- 1v 1 de ser seu interprete, senão quan-
do advogar a causa dos misera-
veis, e é sem duvida ao meu Mi-
nisterio antes do que aos vaões sofis-
5 tas do seculo, que pertenceo fazer
retumbar estas palavras taõ fre-
quente e friamente celebradas - a
beneficencia, e a humani(da)de,
Esforçar-me-hei pois hoje a fa-
10 zer fallar em favor dos pobres o
sentimento, e ame(...)ão, o Evange-
lho, e a natureza; farei se é possi-
vel, q(ue) corem esses ricos munda-
nos, q(ue) jamais experimentaraõ o
15 prazer de ser humanos, e q(ue) a-
carretaõ a vergonha de ser insen-
siveis; reclamarei com uma san-
ta liber(da)de os sagrados direitos da
indigencia fazendo sentir a todos vós
20 que quando recuzais a esmola so-
is taõ injustos quanto crueis, tam-
22 to p(ar)a com Deos, como p(ar)a com os pobres.

- 2r 1 Deos de Misericordia, agora mais
que nunca necessita vosso indigno
Ministro dos vossos auxilios; vinde
pois em meu soccorro; prepara
5 tambem a alma dos meus ouvin-
tes, e fazei que elles comprehen=
daõ q(ue) he necessario usar de mise=
ricordia p(ar)a com os pobres a fim
de poderem /alcançar/ a vossa; e
10 vós, Christãos, /prestae-me/ attençaõ.
- 2v 1 Discurso
- A principal causa do nosso erro nesta
materia é não nos remontar-mos a ver-
5 dadeira fonte de todos os nossos bens: trans-
mitidos p(o)r nossos Pais, ou adquiridos p(o)r
nossos cuidados, nós julgamos deve-los ou
ao Nascimento, ou a industria: tocados
pelo apparato de tantas leis, q(ue) nos ga-
10 rantem sua possessão, e punem os
raptores, não /julgamos */ haver pobres
sobre a terra, a /quem */ pertence par-
te dos nossos bens: contemplamos nos-
sos vastos dominios, os percorremos
15 cheios de complacencia, e ávista de
tão ricas possessoens gritamos na a-
legria do nosso coração: tudo isto é meu.
E q(uan)do pronunciamos estas palavras
milhares de homens morrem de fo-
20 me; nós o sabemos ah! e poderia-
mos ignorar e todavia, ou esta ideia
tocante não desperta nossos remor-
sos, ou as paixoens <d>os abafão: estra-
24 nha <a> cegueira q(ue) nos torna injustos
- 3r 1 injustos p(ar)a com Deos e p(ar)a com os homens.
Sim, Christãos, Deus quer q(ue) o homem
seja util ao homem. q(ue) o pobre, eo rico se
encontrem; q(ue) o mais opulento seja tam
5 bem o mais misericordioso; que subs-
titua providencia; q(ue) faça com o seu
superfluo o que ella julga não dever
fazer p(o)r si mesma; que esta diversid(ad)e
de bens, e de riquezas faça nascer a
10 necessid(ad)e da uniaõ, as relaçãoens; e os

- socorros mutuos; que uma harmonia real resulte de uma apparente desordem; que esta mesma desordem seja um meio de salvaçaõ; que faça germinar as mais nobres virtudes; que produza em uns a generosid(ad)e, em outros o reconhecimento; em uns o prazer de dar, em outros o de receber; nestes uma terna compaixaõ, n'aquelles a confiança, e em todos o respeito ao Pai commun.
- Reconhecei agora vosso crime, ó ricos insensiveis.
- 3v 1 Deos quer dar nas vossas pessôas consoladores á terras, e vós vos tornais seos flagellos; elle tem julgado tirar a uns o superfluo, e vós os privais do necessario; elles tem permittido que a partilha dos bens seja desigual e vós a tornaes monstruosa; ella devia fazer pobres unicamente, e vós fazeis desgraçados; não devia produzir senaõ virtudes e vossa dureza só cauza crimes: <eu vejo em> [eu vejo em uns↑] <uns todas as as privaçoens; em outros> <todos gozos; aqui> todos os prazeres <ali> [em outros↑] todas as necessid(ad)es; < de um lado> [aqui↑] a alegria em toda a sua extençaõ; <do> <outro> [ali↑] o desespero em todo seu furor; n'estes a propriedade que insulta, n'aquelles a pobreza que aniquila; de uma parte victimas, da outra tirannos; finalmente não ha Deos nem p(ar)a o rico, q(ue) o esquece, nem p(ar)a o pobre q(ue) blasfema.
- 23 Ouvi ricos <†> [tyranos↑], ouvi o que diz o
- 4r 1 o Senhor: é p(o)r vós ricos injustos que o meu nome é blasfemado, e ultrajado da maneira a mais insultante, e mais cruel; propter vós nomen Dei
- 5 blasfematur: os ultrajes que mais despedaçãõ meu coração, e minhas entranhas paternaes, são as lagrimas e as murmuraçoens sacrilegas, q(ue) vossa barbara insensibili-

- 10 d(ad)e arrasta dos desgraçados, porque
é então, q(ue) é atacada a m(esm)a miseri-
cordia, o principal de meus attri-
butos, a alma dos meus desejos, a
essencia da m(esm)a essencia: eu dissimu-
15 lo todos os outros crimes, os suppor-
to com paciencia, esperando a ine-
vitavel eternid(ad)e; más vossa inflexivel
dureza excita m(esm)a indignação, e pa-
ra assim dizer, não permite repou-
20 so a m(esm)a justiça: em todos os momen-
tos os gritos dos pobres chegão no me-
o trono armão meu braço, e precipi-
23 tão m(esm)a vingança; eu conto todos os sus
- 4v 1 suspiros, e lagrimas dos desgraça-
dos, eu ouço suas imprecaçoens, e accu-
mulo sobre vossas cabeças tantos a-
nathemas, quantos gemidos elles sol-
5 tão: propter gemitum pauperum
nunc exurgum.
Deos vos favoreça! dizemos nós
friamente ao pobre q(ue) nos importuna:
más pergunto eu são bem intelligen-
10 teis estas palavras tanto p(ar)a vós como
p(ar)a elles? Deos vos favoreça! isto é es-
perai q(ue) Deos faça um milagre em
vosso favor, que p(ar)a vos soccorrer trans-
torne todas as leis da natureza e to-
15 das as regras da providencia. Que
horriavel consolação! Deos vos favo-
reça! quereis que Deos renove cons-
tantemente as maravilhas do di-
serto, que mude as pedras em pão;
20 que envie seus anjos aos pobres como
m(ui)tas vezes fez a seus prophetas? pode
elle conforme o plano ordinario de
23 sua sabedoria soccorelos melhor
- 5r 1 melhor do que p(o)r meio de vós? seus
dons são vossas riquezas todos os se-
us beneficios estão em vossas maos
o pobre vos é confiado e não tem
5 outro recurso outro pai, e p(ar)a as-
sim dizer outro Deos senão vós: De-
os vos favoreça repito ainda! es-
tas palavras ditadas pelo habito e

- 10 não pela reflexão são uma chime-
ra em vossa boca um objecto de
desespero p(ar)a o pobre, e uma ironia
p(ar)a Deos.
<Mas se recuzar a esmolla é injustiça>
- 15 Ricos, grandes, poderosos do ceculo de
qualquer forma q(ue) se vos chame eis vos-
sos irmãos: multiplicai as barreiras cri-
ai distincçoens imaginai novas distan-
cias eis vossos irmãos: fallai-me de
vossos titulos de vossas honras, de
20 vossos escravos, eis vossos irmãos: El-
les são o ôsso do vosso ôsso, a carne da
vossa carne; toda preheminencia
23 q(ue) não tende a seu allivio, é um titu
- 5v 1 titulo barbaro, uma chimera mons-
truosa: o mesmo Deos não seria dig-
no ((permitti que assim diga)) de nos-
sas homenagens si elle fosse uni-
camente grande; a natureza que
5 dá á todos os homens os mesmos
sentidos, as mesmas faculd(ad)es, e as
mesmas necessid(ad)es, lhes tem forneci-
do os meios de as saptisfazer e em
10 consequencia os pobres tem sobre
vossos bens um direito inviolavel:
tudo o que possuis além do neces-
sario formou seu patrimonio e em
consequencia dar-lhes uma esmo-
15 la é restituir-lhes uma parte do
que é seu.... E q(ue)m poderá ver a
sangue frio um punhado de ou-
sados suberbos invadir o univer-
so e desherdar seu pudor a mai-
20 or parte dos homens dos bens que
a natureza lhes tem concedido?
Conheceis vós a força deste raciocinio
23 vós que gozais tranquillamente de
- 6r 1 de vossos immensos thesouros? não cer-
tamente: a voz da natureza tão po-
derosa, e tão forte não pode ser ou-
vida no meio do ruido da opulencia:
5 Ah! se fosse possivel que ella penetras-
se atravez desses orgulhosos saberes
onde a voluptuosid(ad)e reina em todos

- os sentidos ou se por um momento
vos despojasseis de vossas decoraco-
10 ens e vos collocasseis a par de um
pobre, vós dirieis; - todos nós somos
filhos da mesma mai, elles são
como nós destinados a participar
de seos bens communs, e de gozar
15 de seus beneficios; é sua pobreza
que faz nossa oppulencia, e en-
tretanto nós habitamos debai-
xo de dourados tectos, e elles não
tem onde reclinar suas cabeças!!
20 !!!
Parece-me que a esta ideia bem
longe de vos encher de orgulho o
23 fausto q(ue) vos cerca vos argueria de
- 6v 1 de um crime; vós vos julgarieis in-
justos<,> p(ar)a com os pobres, abaxarieis
os olhos em sua presença, e vos en-
vergonhariéis de vossa pretend(enci)a
5 felicit(ad)e
Que fazeis pois sobre a terra
ó ricos injustos? todos os seres ra-
cionaes tem um fim a cumprir so-
bre a terra, qual é pois o vosso? sap-
10 tiszfazer vossos fantasticos desejos, por
em trabalho toda a natureza, e todas
as artes em torturas p(ar)a saptiszfazer
vossos caprichos? Ah! se vos julgais
p(ar)a um fim tão frivolo que ideia for-
15 mais de Deos? e si pensais que esta-
is sobre a terra p(ar)a serdes uteis a vos-
sos irmãos, que ideias formais de vós
mesmos?!
20 Más p(ar)a qur provar-vos p(o)r longos discurs-
sos uma injustiça condemnada pelo gri-
to da natureza?
Em vão procurareis desconhecer os
23 direitos que tem os pobres sobre o vos-
- 7r 1 vosso superfluo; o sentimento os reclama,
e é p(o)r isso que a cauza dos pobres
sempre triumpha. Em vão procura-
reis vos illudir, a vossa injustiça vos
5 estará sempre presente, e é p(o)r isso que
o pobre é um objecto, que vos afflige

- e de que procurais vos desembaraçar como vosso inimigo; seu aspecto vos importuna <e vos afflige>; o recusar allivia-los vos humilha secretam(ent)e, e sua presença vos pune horrivelmente.
- 10 Mas dirme-heis vós, nós bem conhecemos q(ue) somos obrigados a soccorrer os pobres, mas nós não temos obrigação de dar-lhes o que nos é necessário e tudo quanto possuímos nos é preciso p(ar)a conservar a nossa dignid(ad)e e a decencia do nosso estado * po
- 15 is bem explicai-me qual o segredo de q(ue) se servem m(ui)tas pessoas elevadas a maiores dignid(ad)es e que tendo uma
- 20 fortuna m(ui)to inferior a vossa hon-
- 23
- 7v 1 honrao a Deos nas pessoas dos pobres: dizei-me qual o prodigio ou se qui
- zardes a magia de que se servem m(ui)tos artistas que possuindo unicamente
- 5 o seo jornal soccorrem a indigencia?! interrogai a estas almas bemfa
- zejas, e ellas vos responderão que a carid(ad)e é industriosa e que em suas
- 10 mãos tudo se parece multiplicar tendes um coração sensível sos
- dirão ellas e bem depressa tereis muito com que mitigar as affli-
- *coens do pobre .
- 15 Agora pois vai triumphar a causa que eu deffendo agora que eu não
- mais vos digo sêde justos, mas sêde humanos: eu quero de alguma sorte commover vosso amôr proprio
- e irritar vossa vaid(ad)e fazendo-vos
- 20 sentir que q(uand)do recuzais a esmolla violais sem remorso já não digo que
- as principaes regras da moral [evangelica↑], más
- 23 as mais doces inclinaçoens de uma
- 8r 1 alma bem nascida, e q(ue) nada vos pode subtrahir á vergonha de serdes cru-
- eis, p(o)r q(ue) vós resistis ao mais dôce sentimento, e ao mais tocante espetaculo.
- 5 Dae-me um coração q(ue) ame, dizia

- S(an)to Agostinho, e elle sentirá o que eu digo: eu não exijo tanto: não quero um coração que ame, <naõ> um coração ter-no e sensível, naõ; dae-me somente um
- 10 coração q(ue) não seja barbaro, e elle comprehenderá o q(ue) eu profiro; e elle comprehenderá o q(ue) eu profiro; elle sentirá q(ue) não ha na terra doçuras incomparaveis ás que a caridade nos ministra,
- 15 que um só instante consagrado ás <mi> <sericordia> obras de misericordia offerece á alma mais contentamento, e mais alegria do que todas as delicias do libertino, e do voluptuoso; que bem diversos dos prazeres de uma alma corrupta, os de um coração caritativo são tão vivos quanto duradores; que o homem jamais se julga tão elevado e tão
- 24 nobre como quando se vê compadecido,
- 8v 1 finalmente que o rico tão desgraçado q(ue) não pode ser flexível á compaixão, tanto ignora o preço das riquezas como os prazeres q(ue) ellas lhe podem ministrar.
- 5 Que cousa mais consolante do que dar uma esmola que sem destruir o meu luxo nem o meu fausto pode levar a alegria ao seio de uma familia honesta e virtuosa?
- 10 Eu me figuro soccorrendo á essa familia; parece-me ouvir q(ue) todos pronunciam o meu nome [com tanto acatamento↑] como se fosse o de um Santo ou de um anjo, que cheios de transpostes <elevaõ suas> me cobrem de
- 15 bençãos, <que elevaõ> que elevaõ do fundo de suas almas uma oração fer/vo-/rosa a implorando em meu <socorro> favôr eu veja sua puras mãos elevadas ao Ceo, a imagem da serenidade brilha
- 20 em seus rostos, todos os corações cerrados até entaõ pela miseria se dilataõ e palpitaõ de alegria.
- 23 Ah! eu os vejo todos, a mãi apertan-
- 9r 1 do ao seu seio os filhinhos, cujas caricias ella tinha sido obrigada a repellir, os filhos rindo-se p(ar)a sua mãi; o

5 pai cheio de alegria no meio d'esta
 chara familia; de quem havia fugido
 amargurado p(ar)a não mais ver seus sof-
 frimentos; mais q(ue) nunca elle goza
 entãõ da felicidade de ser pai. Ah!
 e haverá uma alma taõ fria, que
 10 não se sinta commovida á vista de
 um quadro taõ tocante?!!
 Dizei-me; qual de vós tem uma
 alma taõ feroz que se não commo=
 va á vista de um tão tocante especta-
 15 culo? Se ha n'este auditorio uma
 tal fera que se apresente
 Ninguem apparece, ninguem ergue
 a voz para me responder!.
 Vinde vós, S(e)n(ho)r, vinde, [ate esta cruz↑] concluir o
 20 que eu taõ indignamente hei prin-
 21 cipiado.

9v 1 Que he isto, meu Divino Jesus? he
 pois esta a imagem verdadeira do
 Deos de grandeza e magestade, de
 omnipotencia e de gloria, que eu de-
 5 vo <adorar> reconhecer e adorar? Sois
 vós o especiõso em formozura entre os
 filhos dos homens?
 Eu só vejo em vós a imagem de
 um pobre: vosso corpo despido, e cuber=
 10 to de chagas, e não tendo por leito
 mais do que uma cruz, me reprezen-
 ta o de um pobre q(ue) implora no lei-
 to da morte a compaixaõ dos ricos, e
 alivio p(ar)a seus males....
 15 Ah! e não ha quem se apresse /a me */
 tigar suas dôres?...
 Applaudi-vos, ricos desumanos, can-
 tae victoria/ vós desejaveis q(ue) não hou=
 20 vesse um Deos que pudesse ver e casti-
 gar vossas [injustiças, e↑] crueldades.
 Fazei agora o que quizerdes, bebei
 algozes dezalmados, bebei tigres sanhu
 23 dos, bebei d'esse sangue de q(ue) estaes taõ

10r 1 sequiosos; feri, rasgae, acabai de des-
 pedaçar este Santissimo cadaver
 Aqui o tendes sem vista p(ar)a observar
 vossos delictos; com as mãos pregadas

- 5 em uma cruz p(ar)a não vos castigar,
saciae a vossa crueldade ...
Mas q(ue) tenho eu dito?... eu deliro ...
Naõ, naõ vos feliciteis, naõ vos felicitais
do vosso chimerico triumpho.
- 10 Temei agora mais q(ue) nunca os gritos
dolorosos d'este sangue, a impu=
tação d'esta morte, assim como a
de todas aquellas, cuja causa tem
sido a vossa barbara insensibilidade.
- 15 teme a Justiça d'este Deos.
Assim mesmo morto como o vedes,
he sempre o Deos de justiça, e de
vingança.
Estes olhos assim mesmo fechados
- 20 ainda estão sondando o vosso cora=
ção feroz e insensível. Esta boca as=
sim mesmo muda ainda profire
- 23 a condenação contra a vossa indife=
ferença; estas mãos assim prega=
das ainda tem poder p(ar)a vos castigar,
este sangue frio e congellado ainda
<grita> clama justiça contra vos
- 5 Más ai, q(ue) a minha pertuba=
ção me engana! naõ meu Divino
J(esus) eu naõ ouço mais do q(ue) gritos
de misericordia, e de perdão n' este
sangue innocentissimo.
- 10 Vinde pois peccadores, vinde
aproveitar vos d'este precioso sangue
vinde prostar-vos aos pes de J(esus) e di=
zer com migo
Meu Deos, meu Divino J(esus), meu
- 15 bom Redemptor, tende misericordia
de nós, de nós q(ue) tantas vezes temos
negado ao pobre o <sustento> [paõ↑] necessario
p(ar)a seu <vida> sustento. Ah! S(e)n(ho)r, nós
confessamos nossas iniquidades, e pro=
testamos q(ue) nunca mais havemos de com=
mettelas, perdoae-nos pois por vosso
amor, p(o)r vosso sangue, e por vossa in=
finita Misericordia

4.3.5 Sobre o Escândalo

- 1r 1 Sobre o escandalo
- 1v 1 Beatus qui non purit scandalis atees in
nu.
Feliz aquelle q(ue) não fizer de mim
um objecto de escandalo. S(aõ) Mat(eus) 11.
5
- 10 Obrar <os> prodigiosos m(ai)s brilhantes, restituir
as vistas aos cegos, fazer andar os aleijados, cu-
rar os leprosos, <fallar> fazer fallar os mudos,
<ressuscitar os mortos> ouvir os surdos, ressus-
sitar os mortos, instruir os pobres, não
passar em fim sobre a terra senaõ p(ar)a <deixar>
<em toda a parte os signaes de> [enchel-a de↑] seus beneficios
será p(o)r ventura objecto de escandalo?
15 Não sem duvida; p(o)r q(ue) p(oi)s q(ue) dep(oi)s da enu-
meração de todos estes milagres nos ad-
verte q(ue) não os tomemos como um <objecto>
motivo de queda? p(o)r q(ue) promette <ella> uma
recompensa á aq(uel)les q(ue) não se escandalisa-
20 rem de sua doutrina, e de sua moral?
Beatus qui non purit scandalis atus
si me. Não é p(ar)a condenar nas pes-
soas dos Farisêos, a malignid(ad)e de uma in-
finid(ad)e de /Cr(istaõs)* / igualm(ent) [†] de sua
25 perda e da de seus irmãos?
- 2r 1 Ah! quanto não é commum esta desgra-
ça hoje na Igr(eja) de J(esus) C(hristo)?! <O impio não con->
<tente de regeitar as verd(ad)es da Religiaõ, e de>
<menosprezar sua moral, faz todos os ex->
5 <forços p(o)r seus escritos, p(o)r seus discursos p(o)r seus>
<exemplos, p(o)r abalar os [†], e <seduzir> [involver↑] os>
<fracos na revolta. E seria promettido a um>
<ministro desta Religiaõ Santa. >
Não é m(ai)s contra a Seita Farisaica, q(ue)
10 q(ue) a Religiaõ deve se por em guarda: é so-
bre seus proprios filhos, q(ue) ella se vê obriga-
da a chorar, saõ os /Cr(istaõs)* / escandalosos, <impi->
os isto é, impios e libertinos <escandalosos>,
de profissaõ, q(ue) ella se vê forçada a con-
15 denar, gemendo sobre sua perda.

- Penetrado dos sentim(en)tos desta terna mã,
venho mostrar ao impio e ao libertino, q(ue)
atacando a doutrina do Evangelho e sua
moral elles cavaõ a sua ruina, <e a de>
20 <seus irmãos> e escandalizando seus irmãos
<tornaõ-se a seus irmãos tornaõ-se> a cau-
za de sua ruina, e p(o)r tanto reos de cri-
mes enormes, conforme o q(ue) diz J(esus) C(hristo) Des
graçado daq(ue)le q(ue) <der> o escandalizar sy Asomi-
25 mi illi per qum scar dalen venis.
- 2v 1 He segundo estas idéas q(ue) tenho designio de
vos fallar hoje, mas de q(ue) serviraõ ó meu
D(eo)s as minhas palavras se vos m(es)mo naõ <†>
tocardes os corações de meus ouvintes, e os
5 <naõ> <†> Descei p(oi)s ó Divino espiri
to p(ar)a preparar-<lhe> os corações e ajudar-me
á inspirar-lhes o horror á impied(ad)e e ao
8 escandalo. <'>
- 3r 1 Os caracteres da Divind(ad)e estaõ de tal sor-
te e taõ destintam(ent)e gravados em todas as
creaturas, e no coraçãõ de todos os homens, q(ue)
o incredulo naõ pode recusar-se aos brilhan-
5 tes raios d'esta luz: más reconhecendo o
Ser supremo, q(ue) monstro se naõ torna elle?
Guiado unicam(ent)e p(o)r uma razaõ corrompi-
da, naõ admite em D(eo)s nem providencia,
nem justiça: despojando o assim dos at-
10 tributos; pelos q(ua)es rendemos homenagens
ao seu soberano dominio, e á conti-
nua influencia sobre as creaturas, elle o
constitui tranquillo expectadõr de suas
acçoõs, e cumplice de seus crimes.
15 O D(eo)s q(ue) nos adoramos, repete elle sem ces-
sar, tem sua gloria p(ar)a si m(es)mo; e seria indig-
no de sua magestade occupar-se de mortaes.
Onde estaõ eu? São homens q(ue) assim fal-
laõ ou espiritos, infernaes q(ue) ousaõ assim
20 insultar a Divind(ad)e? A creatura naõ he fei-
ta p(e)lo creadõr? O creadõr esquece-se de sua
obra? q(ue) contradicçaõ! q(ue) absurdo! q(ue) impied(ad)e!
Elles blasfemaõ o q(ue) ignoraõ, regeitaõ os
misterios p(o)r q(ue) lhes parecem inconcebiveis,
25 como se naõ podesse haver coisas possiveis, q(ue)

- 3v 1 q(ue) excedaõ á comprehensaõ dos homens.
E dep(oi)s disto deverá parecer espantoso o
ouvir o incredulo menosprezar a idéa de um
D(eo)s feito homem, de um D(eo)s redemptor?
5 Na opiniaõ do impio, diz S(aõ) Gregorio Papa,
é uma irrisaõ crer q(ue) o Autor da vida tenha
dado a sua p(e)los homens: assim elles se escan-
dalizaõ d'aq(uil)lo m(es)mo q(ue) deveriaõ considerar como
a fonte de todos os bens: semelhantes aos Ju-
10 dêos, q(ue) pediaõ a morte de J(esus) C(hristo), proferem to-
dos os dias contra elle as m(es)mas imprecaçoẽs; co-
mo reconhecer, gritaõ elles, um D(eo)s no filho de
um vil mecanico, e submeter-se á seu im-
perio? Nolumus hunic regem sefur nos.
15 Ah! e quaes as funestas consequencias d'es-
ta cegueira? Eu lançarei, diz o S(enho)r p(o)r bõca de
Isaiás, eu lançarei um véo sobre <†> [seus↑] olhos
<do impio> p(ar)a q(ue) <este> não vejaõ a verd(ad)e: e p(ar)a
acu-
mulo de sua desgraça eu indurecerei seu
20 coraçãõ, afim de q(ue) ele pereça em sua iniqui-
dade: Quanto mais eu fi-
zer brilhar á seus olhos os meus prodigios,
tanto menos perceberás <elle> a mãõ poderosa,
q(ue) os opera, q(uan)to mais fallar á seu coraçãõ
25 pela voz de sua consciencia, e de meus mi-
4r 1 ministros, menos elle escutará, etnoa ex-
andict. Desprezando tudo o q(ue) eu tenho fei-
to p(o)r elles, reconhecerãõ, porem ja tarde, q(ue) eu
sou o Soberano dos Ceos e da terra: et suint
5 quia ego Dominus: ameaças tanto m(ai)s ter-
riveis, q(uan)to ellas não fazem impressaõ algu-
ma no coraçãõ do impio.
De q(ue) serviraõ com effeito os milagres, q(ue)
Moysés da parte de D(eo)s fez em prezença de
10 Faraó? De conduzir m(ai)s seguram(ent)e este desgra-
çado Principe á sua perda. E de q(ue) serve
hoje aos incredulos, o q(ue) a Religiaõ tem de
mais augusto, e de m(ai)s sagrado? De forti-
fical-o na perversid(ad)e.
15 Com effeito, q(ue) idéa forma o impio da O-
raçaõ? Elle a considera como o refugio
dos espiritos fracos e timidos. Como fal-
la a resp(ei)to dos sacram(en)tos? ah! elles servem
todos os dias em suas sociad(ad)es profanas, de
20 objecto de <sua zombarias> [seus escarnios↑]. como considera

- a palavra de D(eo)s? A eloquencia, e os rasgos de um Pregadôr poderaõ agradar-lhe, sem q(ue) as verd(ad)es as m(ai)s respeitaveis, e as m(ai)s tocantes do Evangelho cheguem á sua alma. Como
- 25 trata as decisões e as leis da lgr(eja)? Elle as
26 considera como effeitos de uma politica, áos
- 4v 1 quaes julga naõ dever submeter-se, senaõ q(uan)to é necessario p(ar)a salvar as apparencias. Ha finalm(ent)e na Religiaõ alguma coisa de sagrado q(ue) elle respeita, elle q(ue) esparge todos os
- 5 dias sobre os ministros do altar, e sobre nos-
sas ceremonias, a [†] a m(ai)s insult(an)te?
Ah! q(ue) gloria pode-se colher do vaõ titu-
lo de espirituoso, p(o)r q(ue) elles se chamaõ espiritos
subtis q(uan)do elle é adquirido p(o)r taes horrores?
- 10 Em sua aparente tranquilid(ad)e naõ impoem á seus proselitos: é no artigo da morte q(ue) o espero; é ao tribunal de D(eo)s q(ue) appello. A moral evangelica tem tanta ligação com a doutrina, q(ue) elles regeitaõ quasi sempre os dogmas de uma p(ar)a combater mali-
ciosam(ent)e os preceitos da outra: escravos das paixões elles dizem em seu coração, q(ue) naõ ha D(eo)s; isto é unidos unicam(ent)e aos objectos ter-
restres, obraõ como se naõ houvesse D(eo)s. dixit insipiens in corde suo, non est Deus.
- 20 Eis p(o)r q(ue) elles se tem corrompido, eis p(o)r q(ue) <†> <tem> elles tem voltado todas as suas vistas, <p(ar)a> e todos os seus pensam(en)tos p(ar)a a iniquidade corrupti suest, e abominabilis facti sent
25 in studius suis.
- 5r 1 Segundo a moral do Evangelho é necessario ser casto, isto é, reprimir e domar os movim(en)tos da carne; renunciar inteiram(ent)e os objectos encantadores, q(ue) seduzem, e captivaõ; evitar
- 5 as occasiões do peccado; e fugir até da apparencia do vicio. Ab omiu <specie > [suali↑] abstimte. E como se comporta o libertino á resp(ei)to de uma lei, q(ue) elle tem o praser de menospre-
zar? Se conforme o oraculo de J(esus) C(hristo) aq(uel)le q(ue)
- 10 olha p(ar)a uma mulher com desejos corrompidos é culpavel, haverá um só dia em sua vida, em q(ue) elle naõ cahia na impureza? O q(ue) busca elle nos espectaculos, nos passeios, nos theatros senaõ novos objectos ca-

- 15 pazes de irritar uma paixão enfraquecida pela libertinagem? Subornar a inocencia do sexo fraco, illudir a simplicid(ad)e ou a vigilancia dos paes, tentar a fidelid(ad)e das domesticas, violar os laços do
- 20 sangue, e da amisade, sacrificar em fim a saude e <p> /a\ fortuna p(ar)a passar ver gonhosam(ent)e (m(es)mo conforme o mundo) seus dias com pessoas sem honra sem pudôr, eis a corrução e a vida do libertino:
- 25 corrupti facti sunt, e abominabiles
- 26 facti sunt.
- 5v 1 Segundo a moral do Evangelho é necessario ser sobrio, isto é, moderado na comida, e na bebida: é necessario nutrir o corpo sem o tornar nosso m(ai)s cruel inimigo, inflam(an)do seus appetites desordenados
- 5 Bebamos e comamos diz o libertino; embriaguemonos nas delicias da voluptuosid(ad)e, aproveitemos nossos mom(en)tos, <p(oi)s talvez> elles são curtos, e talvez a morte não nos deixe gozar do dia de amanhã:
- 10 Oras enim morriencisei. Insensatos, vós não contaes em o numero de vossos dias senão aq(uel)les [em↑] q(ue) tendes perdido a razaõ com o vinho?
- Receber como provas as desgraças q(ue) nos vem de nossos irmãos; dominar a colera, abater o orgulho do coração, moderar a ambição, fazer justiça, amar o próximo, perdoar de todo o coração á seus inimigos, <†> em resumo a moral do Evangelho _ Diligite inimicos vestros.
- 15 Menosprezar ao contrario a humild(ad)e, considerar como almas baixas aq(uel)les q(ue) a praticaõ, não dar a conhecer aos outros suas desgraças senão p(o)r murmurações, e imprecações contra o Ceo, entregar-se á todos os movim(en)tos da Colera, despedaçar todas as leis da equid(ad)e, maldizer, e caluniar o proximo, não poupar m(es)mo aq(uel)les q(ue) o sangue, e a
- 20 amizade deverião nos tornar charos, por o cumulo da desgraça de um rival ou de um ini-
- 25
- 26
- 6r 1 migo infortunado, fazer em fim consistir a honra em uma baixa vingança eis as maximas do libertino, corrupti et abominabiles facti suns. Ah! <†> <rapidos progressos não faz a corrup->
- 5 <çaõ dos costumes em um coração, q(ue) não adora> <senaõ os objectos de suas paixões?> Embriagado em seus prazeres o libertino não

- 10 conta os dias senão p(o)r suas prevericações: ellas
 se augmentão cada vez mais, e esses thezouros
 de iniquid(ad)es pesando sobre sua cabeça, assegu-
 ra sua perda, consequencia quasi <necessaria>
 sempre infallivel <†> necessaria.
 <Cavando sua propria ruina elles se encar->
 <regaõ tambem p(o)r seus escandalos da perda de>
 15 <seus irmãos.>
 <Examinando-se a conducta do> <†>
 <impio e do libertino, parece q(ue) não ficaõ satis->
 <feitos senão arrastrando seus irmãos ao preci->
 <picio q(ue) elles se tem cavado>: semelhantes á es-
 20 ses animaes promptos sempre a lançar em tor-
 no de si o veneno q(ue) extrahem das m(ai)s salutife-
 ras hervas, e das mais bellas flôres, estão sem-
 pre empenhados a insuflar em seus irmãos a
 impied(ad)e, e a corrução: sua lingua contem o
 25 veneno da serpente: sua bôca é como um se-
 26 pulcro aberto, donde só sahem palavras de mor-
- 6v 1 te: monstros de iniquid(ad)es, autores da mentira,
 não tendem senão a perder aq(uel)les q(ue) tem escapa-
 do á corrução do mundo: nascidos p(ar)a a desgra-
 5 ça do genero humano, veem com alegria o cum-
 prim(en)to <d'esta> [da↑] terrivel prediçaõ do Filho de D(eo)s
 sobre a necessid(ad)e dos escandalos, sem contudo
 se lembrar de suas funestas consequencias,
No homini illi, per quem scandalum venit.
 <Desgraçados p(oi)s daq(uel)les q(ue) de torna p(ar)a seus
 irmãos>
 10 <uma occasião de queda: quer faça perder o pre->
 <cioso deposito da fé, p(o)r suas impied(ad)es, q(ue)r os enca->
 <minhe á corrupção p(o)r seus discursos, ou p(o)r seus>
 <exemplos, elle se torna igualm(ent)e responsavel>
 <da <sua> perda os seus irmãos No homini illi>
 15 Não contentes de se perder, empregão todos
 os esforços p(ar)a desviar as almas innocentes do ca-
 minho da verd(ad)e e da virtude, e achaõ uma espe-
 cie de consolação em conduzir os outros p(e)los cami-
 nhos da corrupção, e da iniquid(ad)e [p(ar)a m(ai)s facilm(ent)e
 começaõ→][conduzil-os á perdição↓]
 20 <Percorrei as diferentes socied(ad)es, vós as vereis>
 <presididas sempre p(o)r um d'esses doutôres da>
 <†> <da iniquid(ad)e, apostolos do D[†], cujo>
 <fim unico é subjugar os fracos p(o)r seus perni->
 <ciosos principios: ignoraõ elles q(ue) lançando>
 25 <no espirito de seus /prosclitos*/ duvidas sobre a Re->
 26 <ligião, se tornaõ culpaveis de toda impied(ad)e>

- 7r 1 Com effeito Cr(istão), /sentir-se*/ culpado de crimes os mais odiosos e vir aparecer no lugar o m(ai)s santo da terra, vir apresentar-se ante D(eo)s sem ser tocado p(e)lo menos de vergonha e dôr, sem pensar ao menos nos meios de sahir de um estado taõ deploravel; sem formar ao menos alguns sentimentos de religião X.
- 5
- 10 260
- Mas se contudo ao crime sem remorsos, sem desejo algum de arrependim(en)to. (até o fim
- 15 261
- 16 Grande D(eo)s até o fim 2 paginas int(eira)
- 8r 1 He nos templos q(ue) o S(enho)r vos chama p(a)r(a) vos lavar da culpa original; e q(uan)do dep(oi)s manchas p(o)r <culpas> [crimes↑] pessoas, vós ahi achaes os tribunaes onde vindes receber o perdão de
- 5 vossas culpas, q(uan)do o Ministro do S(e)n(ho)r tocado de vossas miserias, e instruido de vossos arrependim(en)to, vos diz <†> vass sair absolvidos de vossos crimes. He ahi q(ue) J(esus) C(hristo) p(o)r boca de seus ministros vos distribue o paõ da
- 10 palavra; e onde vindes <offerecer> expôr vossas necessid(ad)es e implorar a, bençaõs do Ceo He finalm(ent)te nos Templos q(ue) J(esus) C(risto) se offerece sem cessar á seu Eterno Pae, <q(ue) é immo->
- 15 <lado como> como victima immolada p(o)r nossas culpas: onde elle nos dá <o paõ> [<no>↑] <sua propria carne p(o)r> no sacram(en)to do amor sua propria carne p(o)r nosso sus-
- 18 tento.
- 9r 1 <de suas desgraçadas victimas? basta q(ue) elles> <tenhaõ espalhado as primeiras sem(en)tes da im-> <pied(ad)e p(ar)a responder p(o)r todo o seu desenvolvim(en)to> <os excessos dos discipulos, q(ue) elles tem encami->
- 5 <nhado p(ar)a a irreligiaõ, saõ obras suas. > <Os incredulos começaõ ordinariam(ent)e p(ar)a ata-> <car o Autar da Religiaõ, e descarregando con-> <tra a Divind(ad)e seus primeiros golpes: elles re-> <conhecem, é verd(ad)e, em D(eo)s; seriaõ insultos, e>
- 10 <m(ai)s dignos de nossas lagrimas do q(ue) de nossos>

- <raciocinios se negassem sua existencia, >
 <mas sem fazer alguma distincão de id(ad)e, nem>
 <do estado das pessôas perante q(ue)m dogmatisaõ, >
 <elles fazem do Ser supremo uma divind(ad)e>
 15 <ao gráo de seus caprixos: hincitando seu>
 <poder despresando a justiça, consideraõ sua>
 <providencia, sua clemencia, e a /maior*/ parte>
 <de seus atributos como invenções, dos homês, >
 <parece m(es)mo q(ue) fallaõ antes de uma chimera>
 20 <do q(ue) do creador e conservador do Universo. >
 <Naõ deixando assim á Magestade Divina>
 <senaõ o nome de Divind(ad)e, jamais lhe attribu->
 <em algum dos acontecim(en)tos da vida: um>
 <accaso q(ue) elles menos comprehendem do q(ue) ex->
 25 <plicaõ, é p(ar)a elles a cauza secreta de todas as>
 26 <revoluções fisicas e moraes q(ue) se passaõ no mundo>
- 9v 1 <Os bens, as riquezas, e as commodid(ad)es da vida>
 <seg(und)o esses filhos de Espicúro saõ o fructo e as me->
 <recidas recompensas do espirito, do trabalho, e>
 <da industria, e m(ui)tas vezes da fraude e da injus->
 5 <tiça: a morte naõ é outra cousa m(ai)s do q(ue) a dis->
 <soluçãõ natural de uma fragil maquina: >
 <sistema monstruoso q(ue) aniquila todo o sentim(en)to, >
 <toda a virtude, toda a esperança, toda a consola->
 <çaõ! É! dizem elles com a mulher de Job, >
 10 <vós procuraes mitigar vossos males com piedosos>
 <prejuisos? Deixareis p(o)r ventura de morrer, p(o)r>
 <q(ue) recorreis a D(eo)s?>
 <Dep(oi)s de haver prescrito á Divind(ad)e uma>
 <tranquilla indiferença, combatem a Religiaõ>
 15 <sem outras provas m(ai)s do q(ue) seus sofismas, ah! >
 <e com bastantes> <†>
 Para naõ revoltar seus proselitos começaõ p(o)r
 estabelecer a malignid(ad)e de uma Religiaõ; na in-
 tenção de render á D(eo)s uma homenagem m(ai)s pu-
 20 ra se julgaõ autorizados p(ar)a examinal-a: dep(oi)s
 ridicularisaõ todos os cultos, sem exceptuar o
 do Evangelho, confirmando d'esta sorte na irre-
 ligiaõ aq(uel)les <q(ue)> cujos prejuisos fingem elles á prim
 cipio querer corrigir, cuja crença fingem
 25 esclarecer.
- 10r 1 Oh! depravação do espirito humano! houve
 jam(ai)s um tempo em q(ue) se tenha tratado tão in-
 de/centem(ent)e*/ as verd(ad)es as m(ai)s augustas e as maxi-
 mas as m(ai)s santas? q(ue) digo eu? é na missa,

- 5 no meio dos excessos do vinho q(ue) se discutem os pontos os m(ai)s sublimes da doutrina, e da moral; e q(ue) decizões poderão sahir de tais consilios perturbados p(el)o vinho? completas iniq(uida)des Ah tremamos á vista da. finestas conse-
- 10 quencias da irreligio: os filhos imitadores de seus pais q(ue) previnão a razão p(ar)a sacudir o jugo da religião: o timido filho q(u)onstante em seu erro, q(ue) recuse as consolações, q(ue) so a Religião pode opperar: a id(dad)e viril arrebatada
- 15 p(e)lo fogo das paixões q(ue) se revolte contra suas maximas, o sexo antigam(ent)e tão recommen- dou se p(o)r sua submissão, e seus fervores, sacuda o jugo, e dispute abertam(en)te os corações q(ue) ainda estão unidos á Religião: Mas temão lhes
- 20 desde este mundo a sua desgraçada sorte: no dia do julgam(en)to o [nosso↑] tribunal, ó mentes carregadas de suas iniq(uida)des, e daq(ue)las q(ue) houveram inspirado aos outros: elles reconhecerão, porem tarde, todo o horror de seu estado: /Vos homini illi perquam scandalum*/
- 10v 1 Uma outra sorte de impios dignos da m(es)mas maldições, infesta a Igr(e)ja de J(esus)C(hristo): são os libertinos escandalosos; isto é esses inimigos declá-
- 5 rados da moral evangelica, q(ue) p(o)r suas acções, discursos, e promessas arrastão os outros á violar as maximas do Evangelho. E como são communs esses doutores da seducção neste nosso seculo, em q(ue) parece q(ue) uma parte dos homens está occupada da perda da outra?
- 10 Ah! q(ue) gloria colhem elles de espalhar a corrupção? q(ue) vantagem achão em fazer desgraçados? E q(ue) prazer cruel colheis vós, q(ue) não respirais senão a libertinagem de ismolar essas tenras victimas, lhes insuflando a mocid(ad)e o veneno
- 15 da impureza? Por q(ue) vós servir de sua fraqueza p(ar)a seduzil-as pelos encantos da voluptuosi(da)de? Por q(ue) vos cabe ir coser a lã do cordeiro q(uan)do ocul- tais a voracid(ad)e do lobo? ah traidores, vossas promessas são chimeras, vossos juram(en)tos
- 20 perjurios, vossos presentes dons funestos! Vós Pais e Mães, p(o)r q(ue) p(o)r uma conduta desregrada ensinão á vossos filhos a não herdar de vós senão os vicios? O q(ue) podereis exigir da virtude e da sabedoria d'(e) essa filha q(ue) expondes á
- 25 seducção, sob pretexto de instruil-a no mundo? Por q(ue) deixal-a freqüentar esses mesmos
- 26

- 11r 1 espectáculo, esses m(es)mos passeios, e divertim(en)tos onde começastes a vos corromper? Se são filhas de vossa ternura, ah! o vosso odio seria preferível.
- 5 <Vós> Perniciosas e perfidas Dalilas, qual é o fim d'(e)esses infeitos indecentes, d(e)esses gestos immodestos, d'(e)esses olhares encantadores, d'(e)esses discursos apaixonados? P(o)r q(ue) sem vos contentar dos espectáculos, dos passeios,
- 10 das reuniões p(ar)a exercer o imperio de vossos encantos e subtrativos acumulais os vossos crimes vindo aos templos apresentar seo Todo Poderoso vossos adoradores? Por q(ue) profanar a santi(da)de de nossos misterios p(ar)a triunfar mais seguram(ent)e da fraqueza dos homens?
- 15 Vos, malvados de profissão p(o)r q(ue) induzir os outros com vosso sorriso maligno, e com vossos gestos de aprovação a desacreditar vossos irmãos? Ignorais todos vós q(ue) p(o)r vossos exemplos e p(o)r vossos escandalos causais a perda de vossos irm(aos)?
- 20 Más direis vos, somos p(o)r ventura o guarda, de nosso lrm(ao) p(ar)a responder p(o)r suas acções? Ah! como ouzaes <vós> vos servir da m(es)ma linguagem do fraticida Caim? O sangue de
- 25 vosso irmão q(ue) tendes derramado: quero diser
- 26 a sua alma q(ue) [tendes↑] corrompido p(o)r vossos exemplos
- 11v 1 de lascivia p(o)r vossas promessas encantadôras, p(o)r vossos conselhos seductores, p(o)r vossas perfidas aprovações, clama vingança ao trono do S(enho)r assim não menos criminosos do q(ue) esse primeiro <fratricida> [reprovado↑] Caim, vos não tendes a esperar senão maldições. nunc igilur su aliditus eris
- 5 Ainda ajuntareis q(ue) vossos exemplos não tirão a liber(da)de de vossos irmãos, e q(ue) assim é injustam(ent)e, q(ue) se lança sobre vós as folhas de q(ue) elles se tornão culpaveis.
- 10 Ah. será melhor q(ue) em lugar de procurardes vãs escuzas, seniz, libertinos de profissão de escandalisar vossos lrm(ao)s é o unico meio de subtrair vossas cabeças
- 15 as desgraças de q(ue) estaõs ameaçados aq(ue)les q(ue) não contentes de sua perda se encarregão ainda da condenação dos outros vos homini illi per scandalum venir
- 20 Será melhor q(ue) <†> prostrados aos pes de vosso D(eo)s, imploreis o perdão de vossos escan-

dalos: e penetrados de um verdadeiro arrependi(men)to, com o coração de dôr digais com migo.

4.3.6 Sobre a Maledicência

1r	1	Maledicencia
	5 6	Sobre a male/l*/icencia
1v	1	Cuidam dicebant, quia bonus est: alii autem dicebant, non, sed seducit turbas: nemo tamem palam loginbatur propter metu Judgorum.
	5	<Uns> Alguns dizia de J(esus) C(hristo), elle é um bom homem; outros diziaõ, naõ pois seduz o povo; ninguem ouzava porem fallar com liberdade, pelo temõr, q(ue) tinhaõ dos Judêos.
	10	S(aõ) Joaõ c(apitulo) 7.
	15	Se a nova doutrina de J(esus) C(hristo) naõ podia deixar de servir de materia aos discursos dos Judêos, suas virtudes e seus beneficios naõ deviaõ produzir senaõ testemunhos de reconhecim(en)to, e sentim(en)tos de admiraçaõ: entretanto o publico estava dividido sobre este <ponto> objeto: os mais sensatos o reconheciaõ como um homem recto: <u>quidam dicebant, quia bonus est</u> : os mais temerarios o chamaõ sedutõr, <u>seducit turbas</u> , e aquelles q(ue) tinhaõ em suas maõs o poder da força <de> da auctorid(ad)e impunhaõ silencio aos outros, e os <reduziaõ> privaõ de expõr o seu juizo com liberd(ad)e
	20	
	25	
	28	<u>Nemo tanem log(...)</u>

- 2r 1 O Farizêos, os maiores inimigos de J(esus) C(hristo), em-
pregavaõ todos os meios de desacreditar no
espírito do pôvo a conducta de J(esus) C(hristo), de en-
venenar a innocencia, e santid(ad)e de suas
5 palavras, fingindo porem acreditar
n'este, e ser do numero de seus discipu-
los: tal é o character do /detrator*/, elle
occulta debaixo do véo de estima, e das
doçuras da amizade o fel, e a amargura
10 da maledicencia.
Ora posto q(ue) este vicio seja tal q(ue) ne-
nhuma circumstancia o pode excuzar,
é entretanto elle o mais engenhozo em
se disfarçar, e á quem o mundo m(ai)s adop-
15 ta. Naõ é q(ue) o character do maldizente
deixe de ser taõ odiozo aos homens, como
abominavel aos olhos de D(eo)s, conforme a
expressaõ do Espirito Santo: más é q(ue) n'este
numero naõ se comprehendem senaõ
20 certos maldizentes de malignid(ad)e mais
negra, e m(ai)s grosseira, q(ue) sensuraõ sem ar-
te e sem graça; e q(ue) tendo bastante ma-
licia p(ar)a sensurar naõ tem aquella doçu-
ra, e espirito necessarios p(ar)a agradar: es-
25 tes saõ odiozos aos olhos de todos, e tambem
um pouco raros; e se eu houvesse de fallar
som(ent)e á elles bastaria expôr o q(ue) a maledi-
28 cencia tem de indigno á reza e á reli/giaõ*/
- 2v 1 /a*/ inspirar-<lhes> horrôr á aq(uel)les q(ue) se sentissem
culpados.
Más ha uma outra sorte de mal-
dizentes, q(ue) condemnando este vicio cahem
5 tambem n'elle; q(ue) desacreditando sem
resp(ei)to seus irmãos, se applaude de sua
moderaçaõ: q(ue) tirando o veneno adocica-
do até o coração, naõ olhaõ p(ar)a o estrago q(ue)
fazem: é d'este genero de maldizentes
10 q(ue) o mundo está cheio, <†> os azillos S(an)tos
m(es)mos naõ estaõ izentos d'este vicio, e po-
de-se até dizer q(ue) naõ ha uma só pessoa
q(ue) tenha conservado sua lingua pura.
Importa p(oi)s fallar á todos sem excessaõ,
15 e mostrar-lhes q(uan)to ha de baixo, de cruel,
e de irreparavel <se este> no vicio da ma-
ledicencia; as consequencias q(ue) elle traz
com sigo, e o perigo de condemnaçaõ
eterna p(o)r isso q(ue) é quasi irreparavel

- 20 os damnos p(o)r elle causados.
- 3r 1 A lingua, diz o sabio tem feito mais estra-
gos do q(ue) a espada: multi ceciderimt in
sre gladii, sed non sic quasi qui interie-
runt per linguam. Ella he, conforme
5 o Apostolo S(aõ) Tiago um mundo intei-
ro de iniquid(ad)es. Lingua universitas
iniquitatis: ella póem em movimento
e inflama o curso de nossa vida com
o fogo mesmo do inferno: inflamat
10 rotam mativitatis inflamata a gehen-
na. Nossa vida p(oi)s agitada p(o)r uma
diversid(ad)e continua de aborrecim(en)tos se de-
senvolve ao movim(en)to e graõ de nossa lin-
goa, q(ue) a enche de iniquidades.
15 E quantos males naõ tem ella pro-
duzido tanto aos particulares como á so-
ciedade mudando o bem em mal, <di>
sugando, diminuindo, ou mesmo ca-
lando? todos bem o conhecem, e entre-
20 tanto nada ha mais commum do q(ue)
<†>, tornar suspeitas as acçoões as
mais innocentes; <†> ainda m(ai)s
nada ha taõ commum como envene-
nar acçoões virtuosas a ponto de tornalas
25 odiosas, do q(ue) chamar os mais rectos,
26 ou mais modestos orgulhozos, os mais
innocentes hypocritas; <e haver> em to-
das as conversações naõ se trata senaõ
em disacreditar o proximo: e haverá coi-
sa alguma q(ue) maiores dannos cauze?
5 Abramos a historia, e vejamos
Que nomes, q(ue) côres deraõ os Farizêos
ás obras de J(esus) C(hristo)? elles faziaõ passar sua
maneira de viver commum e sem sin-
gularid(ad)e p(o)r uma conduta relachada:
10 sua condescendencia em sentar-se á
meza com os publicanos p(o)r um escan-
dalo, seu zêlo em instrui <o> /r\ o povo e seus
successos em se fazer ouvir p(o)r insinua-
çoões de revolta, e sedição: seu ardôr em
15 se declarar contra as tradiçoões supers-
ticiosas p(o)r insultos á lei: seus mil<g> /a\gres
em fim p(o)r obras combinadas com Be-
elzebut: e o q(ue) pretendiaõ elles? nada
- 3v 1

- 20 menos do q(ue) atrahir sobre J(esus) C(hristo) o odio da
nação, a vingança dos Romanos, as
imprecações dos sacerdotes, em uma pa-
lavra a cruz e a morte! e com efeito
chegaraõ ao fim apeteçido: elles o crucifi-
caraõ não com as mãos, mas com a lin-
25 goa: nada mais lhes custou do q(ue) mal-
26 dizer nundando <o> [em ↑] mal o bem q(ue) J(esus) C(hristo) fazia
- 4r 1 Mas sem m(es)mo desfigurar o bem, tratando
som(ent)e de diminuir em occasiaõ oportu-
na o merito, e o valôr, seguem-se os m(es)mos
efeitos. Assuero lendo os annaes de
5 seu reino <†> e achando
q(ue) Mardocheo havia descoberto uma gran-
de conspiração perguntara á seus offi-
ciaes q(ue) recompensa tinha elle recebido.
Ora, se esses officiaes p(o)r inveja á eleva-
10 ção de um estrangeiro tivessem procu-
rado côres p(ar)a escurecer a importancia
de um tal serviço, e taõ grande prova
de fidelid(ad)e: Mardocheo teriaficado
sem recompensa: teria m(es)mo sido morto
15 na forca q(ue) Aman mandara [fabricar↑]<†>;
e todo o povo judêo teria sido degola-
do em todo o reino.
Finalm(ent)e sem mesmo abrir a boca, sem
fallar, ha meio de maldizer com o si-
20 lencio: uma affectação de dissimular o
bem é muitas vezes m(ai)s funesta do q(ue) a
maledicencia declarada.
Faraó preocupado p(o)r um sonho <†>
importante, procurava p(o)r toda parte q(ue)m
25 o explicasse: se o copeiro q(ue) tinha co-
nhecido na prizaõ a habilid(ad)e de José de
27 predizer o futuro, houvesse malignamente
- 4v 1 deixado de o fazer conhecer ao Rei, q(ue) des-
graças não produziria o seu silencio?
Elle de certo teria prolongado a injusti-
ça q(ue) se fazia ao innocente, e teria cau-
5 sado a desolação do reino todo, cuja
salvação dependia da fortuna de José.
Todos estes acontecim(en)tos antigos se bem
q(ue) m(ui)to distantes de nós, são com tudo a
historia de nossos dias: e se bem examinar-
10 mos conhecermos q(ue) todas as inimizadas,

- todas as desordens entre as familias [e na socied(ad)e↑] <,> saõ
 effeitos da maledicencia.
 Ninguem pensa, em q(ue) dissimulan-
 do o merito <de um só homem>, apartan-
 15 do o conhecim(en)to d'aquelles q(ue) o devem ter,
 prestando ás bôas qualid(ad)es testimu-
 nhos pouco exactos; affectando reservas,
 misterios, usando de um frio, e malig-
 no silencio sobre o q(ue) pode servir de van-
 20 tagem á aq(uel)les q(ue) se <naõ ama> [aborrece↑]: ninguem
 pensa q(ue) p(o)r isto som(ent)e m(ui)tas vezes se daõ
 golpes terriveis m(es)mo nos negocios publicos;
 e q(ue) um obstaculo á fortuna de um
 só homem é m(ui)tas vezes oppor-se ao bem
 25 de um Estado.
 Ninguem presta atençaõ a estas re-
 flexões: o q(ue) se quer som(ent)e é satisfazer
 28 sua paixãõ, contentar sua inveja, im-
- 5r 1 pedir a elevaçãõ de um inimigo.
 Ah! desgraçados de vós se o tendes
 feito! desgraçados de vós p(o)r q(ue) ainda q(ue)
 queiraes reparar os dannos jamais o
 5 podereis: e como? seria necessario pro-
 curar todos os ouvidos onde a maledi-
 cencia tem entrado, todas as bocas p(o)r
 onde tem passado, todos os corações
 onde tem feito impressãõ: seguir seus ef-
 10 feitos mas [conversasões,↑] <†> conhecer até
 onde tem penetrado o veneno, até on-
 de tem laborado o fôgo q(ue) lançastes:
 julgar entãõ a extensaõ do danno,
 e proporcionar a reparaçãõ.
 15 Mas, consultar a vós m(es)mos, maldizen-
 tes e dep(oi)s respondi-me: vós vos julgaes
 capazes de um tal exforço naõ só p(e)la
 vasta extensaõ da empreza m(a)s tambem
 p(o)r vossa propria fraqueza? Por mais
 20 generósons q(ue) sejaes podereis jam(ai)s vos re-
 solver a desacreditar-vos, a desmentir
 o q(ue) tendes affirmado; a passar p(o)r in-
 indiscreto, p(o)r um < imposttôr> [detrator, e↑] calum-
 niadôr? <†> Qual
 25 de vós se achará capaz de attrair sobre
 si estes vergonhosos titulos, e devorar a
 27 confuzaõ de se desdizer p(ar)a destruir a ma-

- 5v 1 ledicencia, e impedir seus progressos?
 Mas, q(ua)l mesmo o quizesseis fazer seria
 inutil p(o)r cauza da malignid(ad)e do mundo.
 Vós tereis presenciado o prazer, q(ue) se sente
 5 q(uan)do se desacredita <†> [a vosso irmão,↑] tereis achado
 ouvidos promptos sempre, e espiritos sem-
 pre dispostos: [a detração:↑] más p(ar)a o louvor, ah! q(uan)to
 elle é frio! q(ue) aborrecim(en)to da parte de
 quem o ouve! entretanto q(ue) a maledi-
 10 cencia entretém, diverte, e passa até
 delicadeza. Fer-vos-haõ acreditado so-
 bre o mal q(ue) disserdes, sem outra prova
 mais do q(ue) vossa audacia, mas não
 vos haõ-de acreditar sobre o bem q(ue) dis-
 15 serdes ainda q(ue) authorisado com o ju-
 ram(en)to: p(ar)a desacreditar-se a virtude na-
 da mais é necessario do q(ue) uma zomba-
 ria: apologias porem inteiras não po-
 deraõ restituir seu esplendôr: e quando
 20 emprehendesseis fazel-o não obterieis ou-
 tro effeito mais do q(ue) serdes desprezado
 p(o)r aquelles m(es)mos q(ue) tinhaõ aplaudido
 vossas bellas maledicencias.
 Elles deixaraõ recahir sobre vós todo
 25 o peso de q(ue) quizerdes descarregar vossa
 consciencia: e dir-vos-haõ como os
 Judeos a Judas, q(uan)do foi lançar a seus
 28 pés o preço de sua perfidia, confes-
- 6r 1 sando a innocencia de J(esus) C(hristo). Quid ad nos?
 q(ue) temos nós com isto? se vós o tendes
 calumniado, tanto peor p(ar)a vós.
 Tal é a linguagem do mundo, e a
 5 pertinacia das primeiras impressões, q(ue) re-
 cebem os espiritos: maledicencia fi-
 ca gravada em aço, a reparação po-
 rem na areia: a maledicencia tem
 um character de liberd(ad)e, confidencia,
 10 e verd(ad)e; a reparação ao contrario um
 character de equivoco, de suspeita, e de
 mentira. He p(oi)s necessario convir q(ue)
 tanto da parte do <maledizente> [detratôr↑], como da
 parte do mundo; ha obstaculos quasi
 15 invenciveis á reparação d'este peccado,
 e é justam(ent)e isto q(ue) augmenta sua enor-
 midade p(o)rtanto mais obrigação de restituir
 <†> [o credito q(ue) tendes defamado, mas co-↑]
 <†>

- 20 <†> mo sem vos desdizer?
 <Mas> nós não venceremos, direis vós
 a malignid(ad)e do mundo: elle não nos ha-
 de acreditar: não importa tereis vencido
 vossa fraqueza, q(ue) é o maior obstaculo
 25 á reparação. Se o mundo não vos
 der credito o peccado passará p(ar)a aq(uel)les
 q(ue) tendo acreditado na vossa m/aledi-*/
 28 cencia, não querem crer em sua (...)
- 6v 1 temperança, a blasfemia, a impiedade,
 pela penitencia de um coração verda-
 deiram(ent)e arrependido, não perdoará a
 maledicencia, e sobre tudo se ella impor-
 5 tar na defamação da honra, se o arren-
 dim(en)to não fôr apoiado em esforços suffi-
 cientes p(ar)a reparar o danno. <Em vão>
 innuteis serão as confissoes, as austeri-
 dades, as penitencias; tudo isto não res-
 10 titui a honra, tudo isto não poderá ti-
 rar do ris<p> /c\o da condemnação: vós se-
 reis comdenados ás penas do inferno
 se não trataes de restituir o credito e
 a honra daquelles a q(ue)m tendes defamado
 15 E não será bastante p(ar)a sobresaltar vos
 sa consciencia? os remorsos não produ-
 zem effeito em vosso coração? Quando
 vos amareis bastante p(ar)a não vos querer
 condemnar p(e)l(a) falsa vergonha de vos
 20 desdizer? Até q(uan)do baterá o S(enho)r as portas
 do vosso coração?
 Ah! lembraivos q(ue) os meninos de Israel
 foraõ devorados pelos Ursos p(o)r terem zombado
 dos <poucos> [pequeno n(umer)o dos↑] cabellos do homem de
 D(eo)s, e entre-
 25 tanto q(ue) eraõ indiscrições pueris taõ des-
 culpaveis [†] sua id(ad)e: O fôgo do céu des-
 cêo e consumio o official de Ochozias p(o)r
 28 ter chamado irrisoriam(ent)e a Elias o homem
- 7r 1 de Deos, e <†> no entanto era um cor-
 tezaõ de q(ue)m, parece, senaõ devia exigir gr(an)des
 respeitos a austerid(ad)e e simplicid(ad)e de um
 Profeta, e á virtude de um homem rus-
 5 tico na apparencia, e odiõso á seu mo-
 narca. Michal foi tocada de esteril-
 lid(ad)e p(o)r ter sensurado os santos excessos

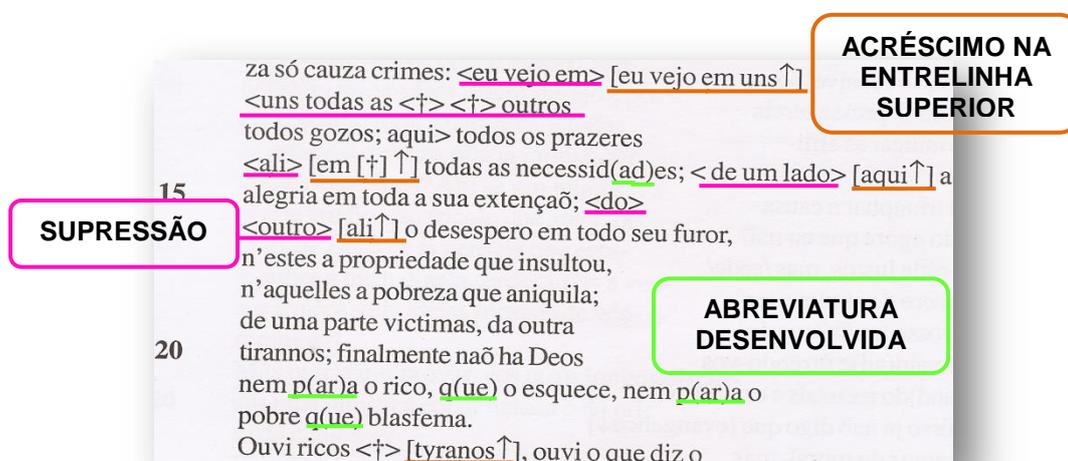
da alegria, e da pied(ad)e de David em pre-
 zença da Archa Santa, e entretanto não
 10 será senão a dilicadeza de <p> /m\ulher.
 <E o q(ue) esperais vos detratôres> <†>
 <E não temeis q(ue)> E julgaes vós q(ue) o S(enho)r
 perdoará vossas detrações, <'> p(o)r q(ue) elle não
 tem castigado severam(ent)e <n'esta vida> aos
 15 vos olhos os detratores? Se elle não
 toca de morte no mesmo instante,
 como antigam(ent)e, elle vos marca dêside
 esta vida com o furete da reprovação, e
 vos recuza o dom preciozo da graça, e da
 20 santid(ad)e; vossa condemnação será p(oi)s
 inevitavel; ah! e não vos horrorisa o
 <perigo> serdes condemnado? pois bem,
 eu vou mostrarvos o horrozo effeito da
 maledicencia, talvez q(ue) elle vos toque
 25 e vos inspire melhores sentim(en)tos.

5 EDIÇÃO MODERNIZADA: UMA PLURALIDADE DE VONTADES

É sabido que a Crítica Textual tem como objetivo principal buscar, através da edição, o texto mais fidedigno. Além disso, visa a permitir que esses textos antigos, especialmente os manuscritos, sejam passíveis de leitura e compreensão pelos leitores das mais variadas áreas do conhecimento. Esse foi um dos objetivos da edição dos Sermões, feita em 2009.

Contudo, contemplar os textos do Frei, apesar de causar grande alegria entre os seus admiradores e outros interessados no tema, gerou também frustração entre os leigos, que encontraram dificuldades de leitura e compreensão, em virtude das marcas da edição conservadora.

Fig. 29 – Edição conservadora do fólio 7v, *Sermão de Misericórdia*, p. 98, do livro *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira*



Fonte: Lose et al., 2009
Em destaque as marcas da edição conservadora

Assim, atendendo à solicitação do público leigo, em especial aquele ligado aos beneditinos, com base em trabalhos semelhantes desenvolvidos anteriormente pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia, deu-se a edição modernizada dos sermões, tarefa que, de acordo com Spina

(1994, p. 19), se consiste em reproduzir “[...] um texto antigo segundo padrões ortográficos e linguísticos modernos”. Vale lembrar que essa edição tem como objetivo fundamental “[...] levar ao alcance do público de hoje a fruição de uma obra extraordinária [...], sem desvirtuar o primitivo sabor de sua linguagem [...]” (SPINA, 1988, xv), garantindo, portanto, a legitimidade do texto e sua leitura fluente (TELLES, 2001).

Como o *corpus* dessa edição se constitui de rascunhos, ou seja, manuscritos em processo de construção, se tem como produto da edição modernizada uma versão que representa o que seriam tais textos em nível terminal, tomando-se, como base primeira, os movimentos de escrita presentes nos manuscritos. Com isso, deixa-se claro que o resultado final nem sempre condiz com o que se espera de um texto em estado de chegada.

Como já se esclarecera anteriormente, a proposta de edição modernizada dos Sermões de Frei Domingos surgiu no intuito de atender à vontade dos leitores e, para sua realização, se planejou trazer o que seria a última vontade do autor. A esse respeito – derradeira vontade do autor – Duarte (1994) considera “[...] *uma pluralidade de vontades*, uma vez que qualquer correção autógrafa entre a escrita de primeiro jato e o nível terminal do manuscrito representa sempre uma vontade que só deixa de o ser depois de substituída por uma nova vontade” (DUARTE, 1994, p. 338, grifo do autor). No meio dessas “vontades” há constantes movimentos de avanço e recuo – faz-se uma correção aqui e, adiante, se regressa à forma inicial. Com isso, cabe refletir: é possível verdadeiramente trazer a última vontade do autor de um texto inacabado? Acredita-se que não; pode-se, na verdade, “[...] deduzir uma matriz estilística que, embora não nos permitindo inferir um texto acabado, permite-nos olhar para os materiais textuais munidos de um conhecimento deduzido a partir de formas *a priori* existentes no manuscrito [...]” (DUARTE, 1994, p. 339, grifo do autor), tarefa que pode ser falaciosa, completa Duarte, pois “[...] perante um processo textual não terminado, o texto acabado é um futuro que apenas ao autor teria sido possível atingir, se ele o tivesse querido ou podido”.

5.1 CRITÉRIOS DA EDIÇÃO MODERNIZADA

Depois de concluída a revisão da edição conservadora dos sermões, estabeleceram-se os critérios da edição modernizada, de modo a respeitar as emendas feitas originalmente pelo autor e adequar o texto aos padrões linguísticos e ortográficos atuais. São eles:

- acatam-se os movimentos de correção apresentados no manuscrito;
- eliminam-se as marcas da edição conservadora;
- preserva-se o léxico original, até quando possível – desde que não comprometa a compreensão do leitor leigo;
- adequam-se as palavras às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (CNALP, 2008) no que tange à grafia, acentuação e notações léxicas;
- eliminam-se as palavras, expressões e linhas que foram suprimidas no manuscrito;
- corrige-se a pontuação do texto;
- corrige-se a concordância nominal e verbal;
- ajusta-se a grafia de nomes próprios, especialmente quanto ao uso de inicial maiúscula;
- quando o pronome “ele” é referente de “Deus” ou “Jesus” é iniciado com letra maiúscula, em conformidade com a orientação das religiões cristãs;
- quando estão no interior de frase, oração ou período, os nomes comuns são redigidos com letra minúscula, respeitando-se casos claros de estilística em que o autor usa a inicial maiúscula para dar ênfase;
- inserem-se as palavras sobrepostas no rascunho ao corpo do texto;
- quando se tem uma palavra sobreposto com valor semântico e sintático equivalente ao da palavra abaixo dela, as duas são incorporadas ao texto, lado a lado, sendo separadas por uma barra lateral (/);
- preserva-se a sintaxe original, até quando possível;
- as palavras em latim são apresentadas em itálico;
- as frases, orações e períodos são apresentados de forma corrida, ignorando-se a distribuição por linha original;
- para marcar o início do parágrafo, faz-se recuo de 1,25cm;
- não se informa o número dos fólhos, ao contrário do que se fez na edição conservadora;

- em situações nas quais não foi possível decifrar o texto original se adotou a leitura conjecturada.

Seguindo-se esses critérios se deu a edição modernizada dos sermões *Misericórdia, Paixão, São Sebastião, Nossa Senhora de Montserrat, Sobre o Escândalo e Sobre a Maledicência*, apresentada em suporte papel, com o texto sem quaisquer marcas de edição, o que garante ao público leigo uma leitura fluente. Tal edição constitui também uma das partes da edição digital que será tratada na próxima seção.

5.2 MOVIMENTOS DE CORREÇÃO NOS SERMÕES

Tomando-se ciência da real impossibilidade de se trazer o texto acabado de Dom Domingos, o que se apresenta aqui como “estado terminal” dos seus sermões é fruto de uma dedução, constituída de duas etapas: análise das formas *a priori* existentes nos manuscritos, que se apresenta na seção terciária intitulada *Movimentos de correção autoral*, e de uma atualização ortográfica e linguística de seu texto, a qual é detalhada na seção subsequente, *Movimentos de correção da editora*.

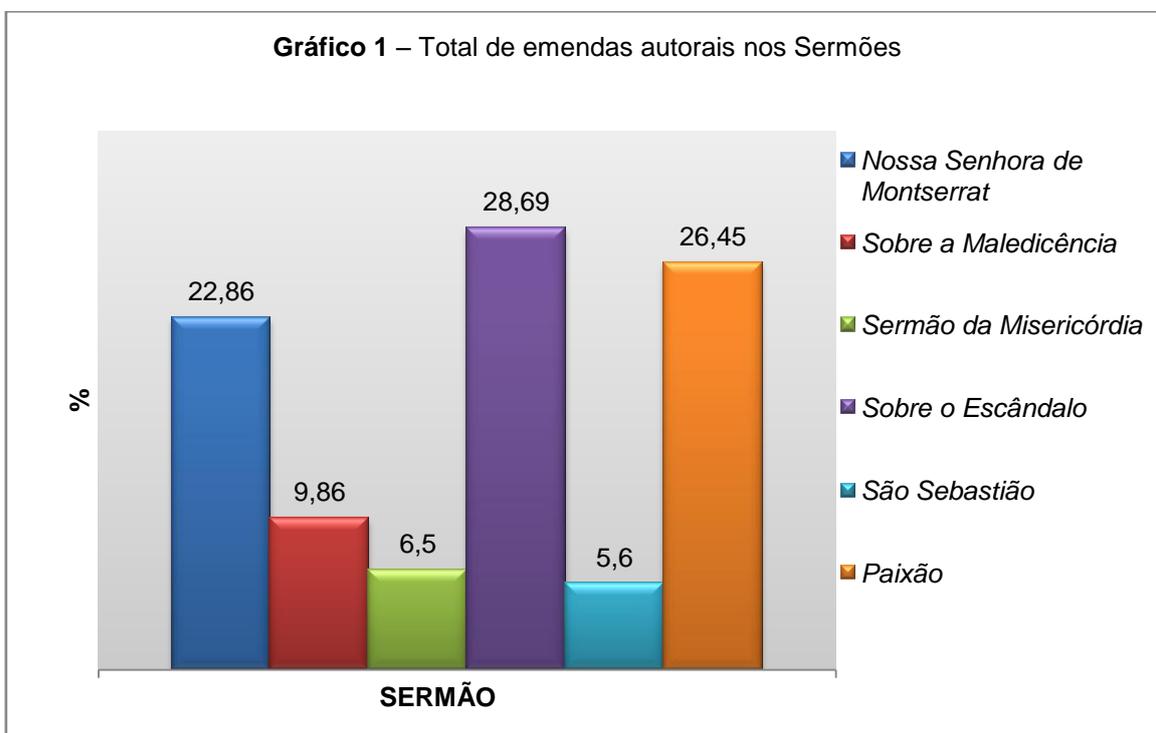
5.2.1 Movimentos de correção autoral

Tal como caracteriza Grésillon (2007, p. 103), os rascunhos de Frei Domingos evocam “[...] a ideia de uma escritura em gestação, atravessada de rasuras e de hesitações e de um preâmbulo necessário ao acabamento da obra.” Fazem parte desse preâmbulo os inúmeros movimentos de correção do monge, revelados sob forma de rasuras, supressões, acréscimos – na mesma linha, nas entrelinhas e nas margens –, além de substituições – por sobreposição ou por supressão seguida de acréscimo na entrelinha superior. Essas emendas demonstram as “[...] passagens dos manuscritos que se

caracterizam por não terem uma redação única, mas por comportarem sinais de que o Autor reconsiderou de alguma forma aquilo que inicialmente sentira ou escrevera” (DUARTE, 1993, p. 17).

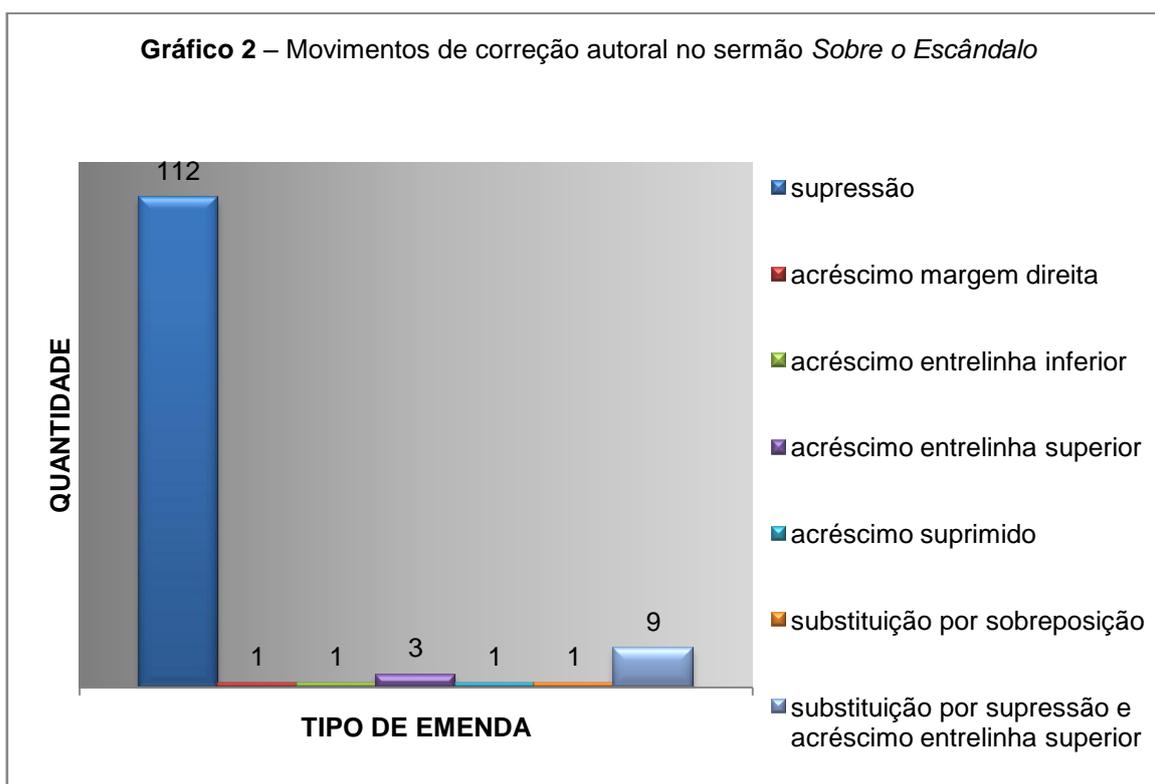
Ao se preparar a edição modernizada dos sermões de Frei Domingos, adotou-se como critério inicial o acatamento dos movimentos de correção apresentados no manuscrito. Entende-se por emenda ou correção toda “[...] reescritura que corrige erros de língua (gramaticais, sintáticos, ortográficos) e de escritura (lapsos), ou que repercute os efeitos de uma reescritura sobre os outros elementos sintáticos” (GRÉSILLON, 2007, p. 330).

No intuito de se ter uma noção mais concreta desse processo, os movimentos de correção de Dom Domingos foram quantificados e são apresentados, a seguir, através de alguns gráficos e análises. No gráfico 1 pode-se visualizar o percentual de movimentos autorais nos seis sermões, considerando-se todos os tipos de emendas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

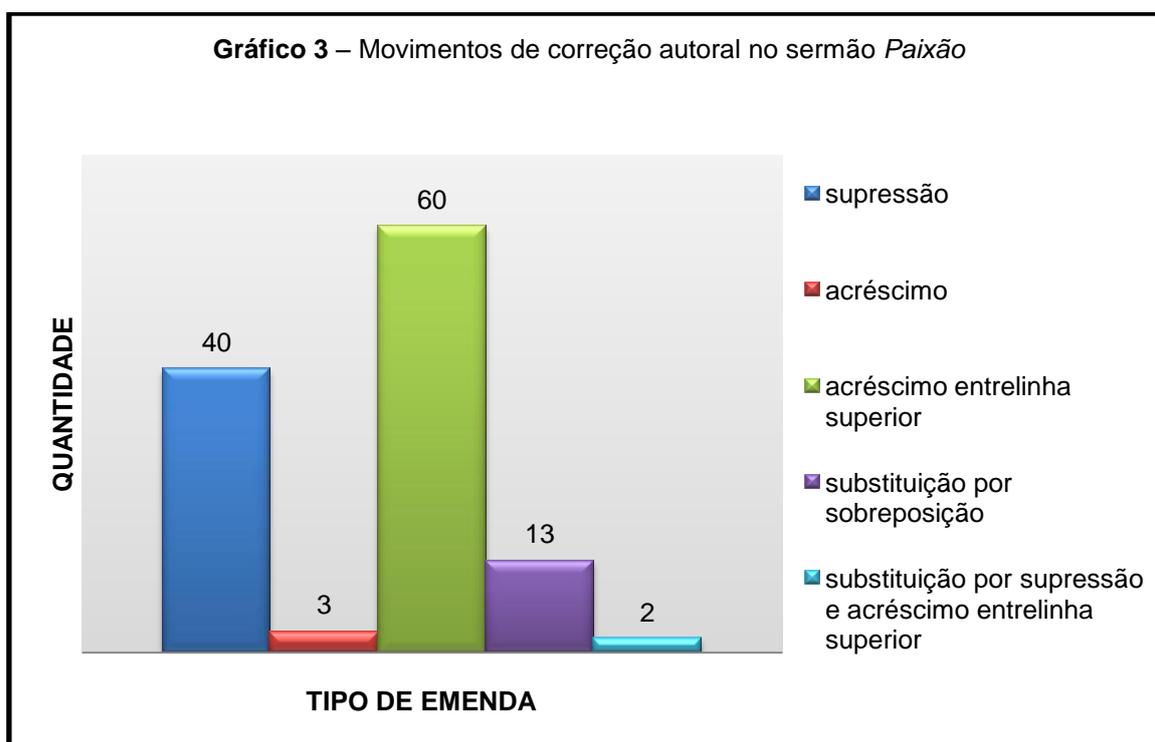
Entre os sermões analisados, *Sobre o Escândalo* é o que apresenta maior quantidade de emendas do autor (gráfico 2). Foram registrados 128 movimentos de correção, dos quais 112 são de supressão, que, segundo Duarte (1993, p. 20), “[...] é o elemento neutralizador, a força centrípeta redutora que contrabalança com a força centrífuga constituída pelo acrescentamento”. Cabe esclarecer que, a título de padronização metodológica, considerou-se como uma unidade, nessa contagem, tanto a linha inteira suprimida como uma palavra isolada. Assim, dessas supressões contabilizadas, 69 correspondem a linhas inteiras – o fólho 9r foi totalmente suprimido e o 9v, 60%. Ao longo de todos os sermões analisados, a única ocorrência de acréscimo na margem direita e na entrelinha inferior se dá no fólho 6v de *Sobre o Escândalo*.



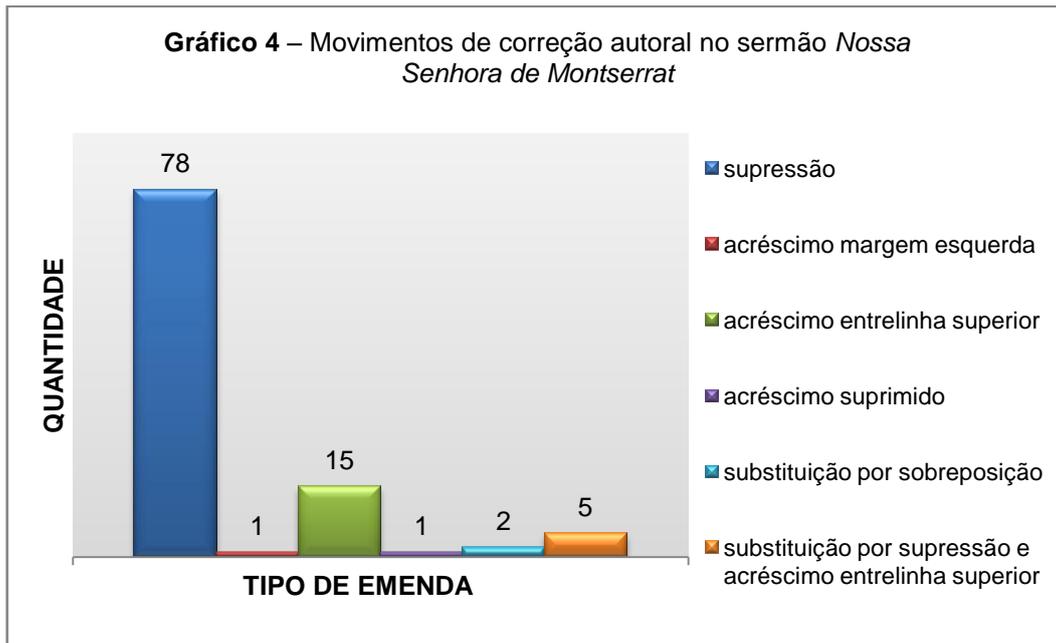
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Paixão, com 26,45% do total de emendas, foi o segundo sermão com maior incidência de movimentos (gráfico 3). Com 60 ocorrências, o acréscimo na entrelinha superior foi o tipo de emenda mais constante. É o que ocorre no

fólio 3r, l. 22-23, quando Frei Domingos acrescenta o autor de uma citação já escrita em seu texto: “*Deus não seria sábio, nem Santo, nem justo / nem mesmo bom, [diz Santo Agostinho↑] se o pecado pudesse ficar impune*”. Segundo Duarte (1993, p. 18), esse movimento de correção é muito comum “[...] por ocupar um espaço material deixado livre pelo texto primitivo [...]”, tratando-se, portanto, de uma emenda de segunda mão.

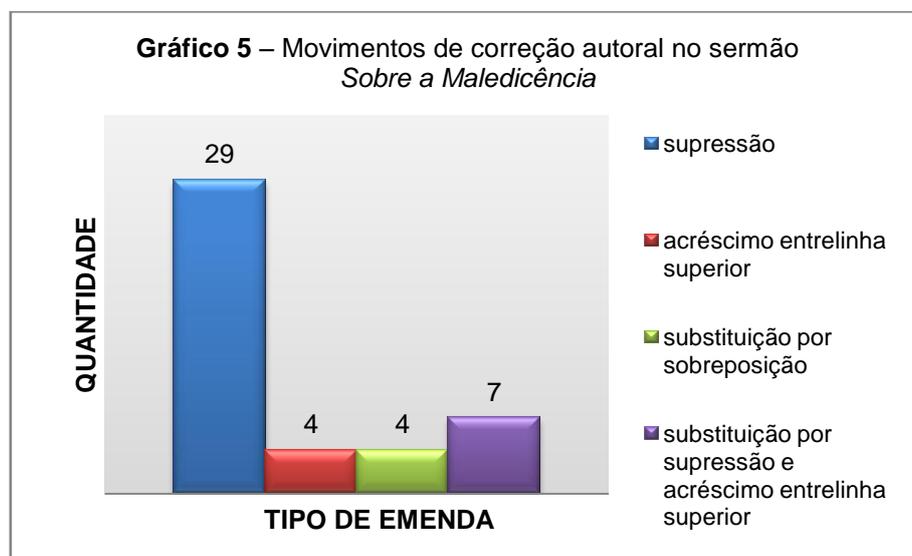


Depois de *Sobre o Escândalo e Paixão*, *Nossa Senhora de Montserrat* foi o manuscrito com maior incidência de emendas, com 22,86% (gráfico 4). Entre os tipos de correção, destacam-se supressão e acréscimo, com 78 e 15 ocorrências, respectivamente. Nesse sermão, no fólio 6r, l. 16, se observa o único acréscimo na margem esquerda: “[←*m(es)mo*] *silêncio*”. Já no fólio 6v, l. 17, se encontra um acréscimo suprimido – “[*M(ari)a*↑] *debaixo de <mi> /<di>\ [<ferentes>↑] <lhares>*” – uma emenda de terceira mão, o que denota um nível profundo de hesitação e burilamento textual.



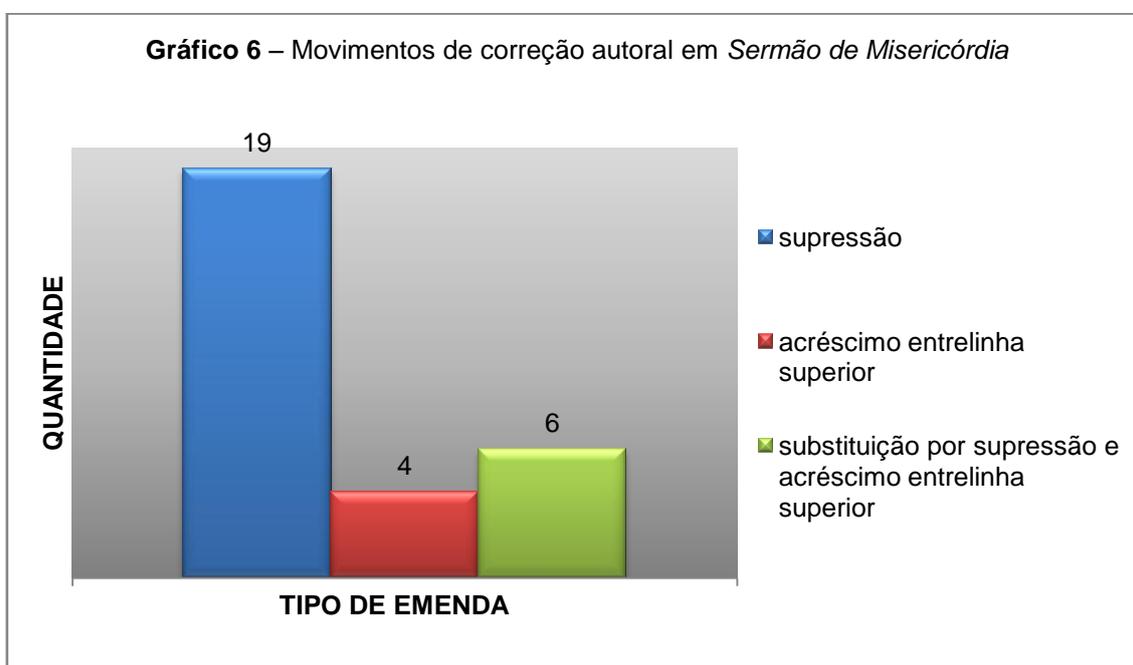
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Sobre a Maledicência apresenta 44 emendas, distribuídas entre quatro tipos de correção: supressões, acréscimos na entrelinha superior e substituições (gráfico 5). A baixa incidência de emendas revela um rascunho em estágio mais avançado de produção, com características mais próximas de um borrão passado a limpo – texto mais organizado, escrita pousada e clara e apresentação de título (GAMA; TELLES, 1996).



Fonte: Arquivo pessoal da autora

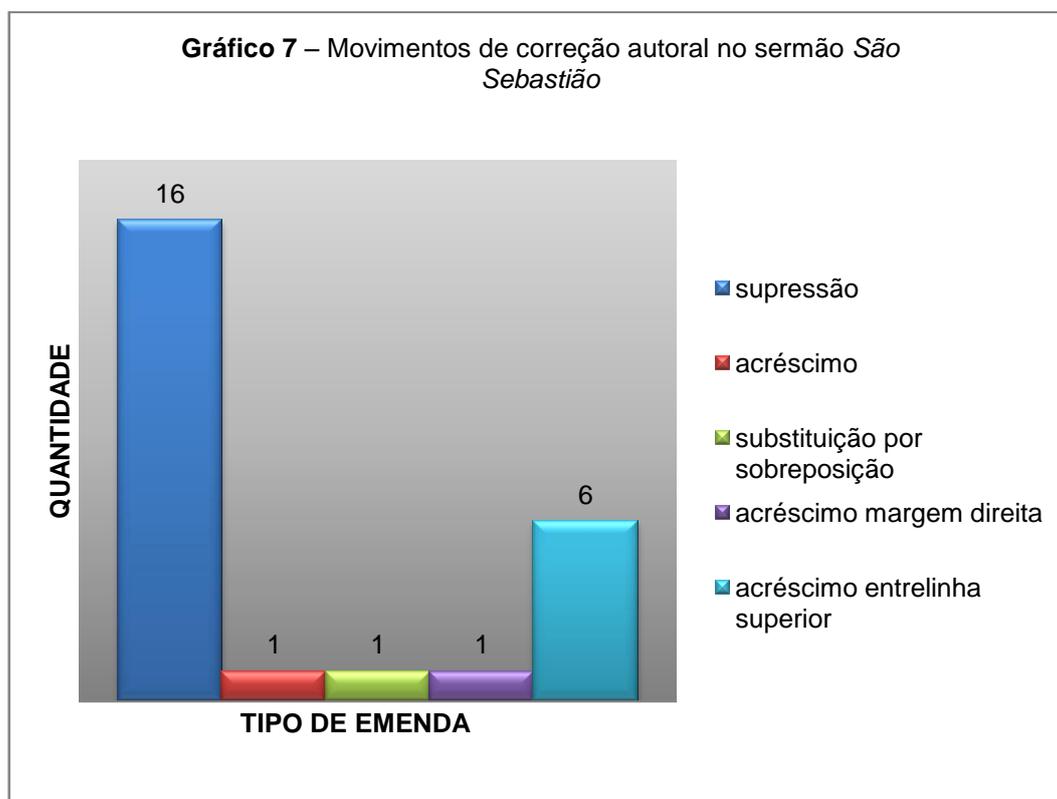
Sermão de Misericórdia também se assemelha a um borrão passado a limpo, apesar de não apresentar título. Tem apenas três tipos de emendas, totalizando 29, distribuídas entre supressão, acréscimo e substituição (gráfico 6). Os acréscimos na entrelinha superior, precedidas ou não de supressão, denotam uma emenda em segundo estágio de produção, quando o discurso já havia sido fixado pela escrita – essas ocorrências totalizam dez. No fôlio 3v, l. 11 se observa uma das substituições por supressão e acréscimo na entrelinha superior: “<eu vejo em> [eu vejo em uns ↑]”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

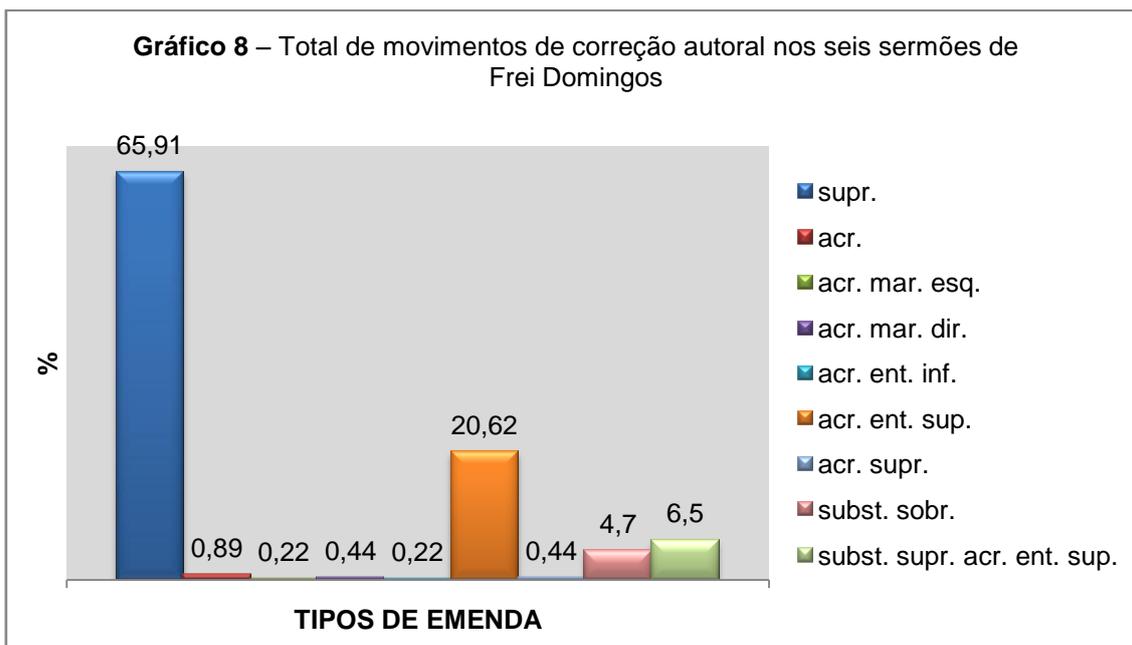
São Sebastião é o sermão com menor incidência de emendas – apenas dezoito, entre supressões, acréscimos e substituição por sobreposição (gráfico 7). No fôlio 4r, linha 19, se observa um caso de supressão – “os tormentos no <inno> corpo do innocente” – que se enquadra no tipo de correção que Duarte (1993, p. 21) classifica como adiamento e deslocamento, pois se consiste em “[...] o Autor suprimir uma palavra, (muitas vezes inacabada) para a recuperar mais adiante, depois de no intervalo ter produzido outras que terá achado necessárias.” Acredita-se que *São Sebastião* é um borrão passado a limpo, no

qual o autor imprime uma emenda, no fólho 4v, l. 8-9, através de números sobre algumas palavras, marcando, provavelmente, a correta sequência do enunciado que já havia sido fixado no papel, e no qual não desejava fazer demais supressões e acréscimos – “por[4↑] mais[5↑] ameaças[6↑], por mais [tormentos→] por mais[1↑] promessas[2↑] e carícias[3↑] que fizesse” – o uso de tais números mantém a aparência de limpeza do texto.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O gráfico 8 apresenta as emendas, considerando-se os seis sermões analisados. Percebe-se que, dos 446 movimentos de correção registrados, 65,91% foram de supressões, 20,62% de acréscimo na entrelinha superior, 6,5% de substituição por supressão com acréscimo na entrelinha superior e 4,7% de substituição por sobreposição.



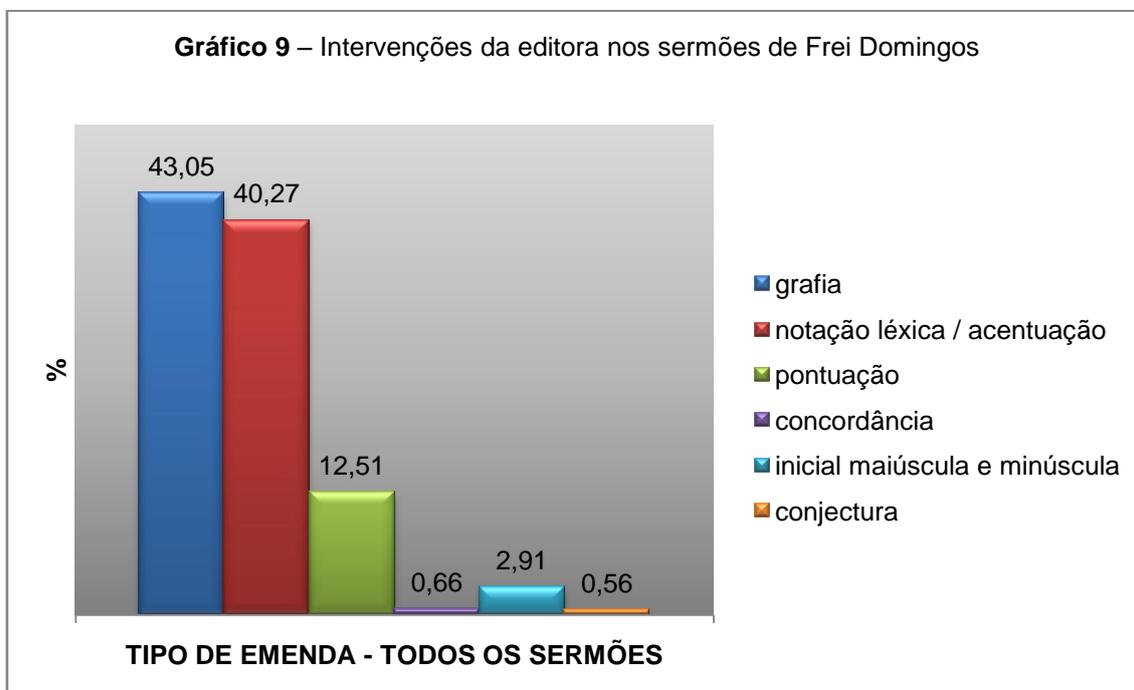
Fonte: Arquivo pessoal da autora

No decorrer dos sermões observados, o autor suprime desde letras, palavras, expressões, linhas completas até fólhos inteiros, revelando, assim, os diferentes estágios do processo de produção de seus textos. Em *Sobre o Escândalo*, por exemplo, a elevada ocorrência desse tipo de emenda mostra um rascunho repleto de hesitações, o qual, provavelmente, seria passado a limpo mais de uma vez até chegar a um estágio semelhante ao do sermão *São Sebastião*, que tem características próximas de um texto terminal. Esse índice de emendas revela ainda o perfil de um escritor atento, cuidadoso, minucioso em suas produções e revisões, características típicas de um monge beneditino.

5.2.2 Movimentos de correção da editora

Depois de concluída a primeira etapa do processo de modernização – movimentos de correção autoral – seguiu-se à fase seguinte, que se constituiu das intervenções da editora no que tange à adequação dos sermões aos padrões ortográficos e linguísticos modernos. Assim, se fez correção principalmente na grafia, acentuação e notação léxica, pontuação e

concordância nominal e verbal. O gráfico 9 apresenta o resultado geral das intervenções da editora no texto de Frei Domingos:



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Percebe-se que a maioria das intervenções da editora foi na grafia – 43,05% – o que se justifica pela diferença entre as normas vigentes no período de concepção do manuscrito e as atuais. É o que se observa nas ocorrências a seguir:

Quadro 21 – Intervenções na escrita

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
Sobre a Maledicência, 2v	azillos	asilos
Sobre a Maledicência, 5r	exforço	esforço
Sobre o Escândalo, 2r	commum	comum
Sobre o Escândalo, 2v	He	é
Nossa Senhora de Montserrat, 2v	abysmo	abismo
Nossa Senhora de Montserrat, 3r	character	caráter
Nossa Senhora de Montserrat, 4r	fexando	fechando
Paixão, 2r	signaes	sinais
Paixão, 2r	julgavaõ	julgavam
São Sebastião, 3r	começaõ	começam

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outra razão para o elevado índice de correção ortográfica é a própria natureza do texto – um rascunho – o que supõe uma escrita menos cuidada, com lapsos que seriam eliminados posteriormente, na fase de revisão e apresentação da versão definitiva. Palavras como “*valoroso*” que é grafada “*valeroso*” no fólho 4r do sermão *São Sebastião* e “*valorozo*” no fólho 5r, do mesmo sermão são um exemplo.

Quadro 22 – Correção ortográfica

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
<i>Nossa Senhora de Montserrat, 3v</i>	sumbersaõ	submersão
<i>Nossa Senhora de Montserrat, 5v</i>	pretigidos	protegidos
<i>São Sebastião, 4r</i>	valerozo	valoroso

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ainda em relação à grafia, observa-se que o autor usa um padrão diferente do atual para registrar os clíticos:

Quadro 23 – Diferença no registro de clíticos

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
<i>Sobre a Maledicência, 3r</i>	tornalas	torná-las
<i>São Sebastião, 1r</i>	temel-os	temê-los
<i>Nossa Senhora de Montserrat, 5r</i>	destruibuil-as	distribuí-las

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nos sermões, algumas palavras são escritas separadamente, ao contrário da grafia atual. Modernizou-se também a escrita de palavras grafadas no manuscrito com o uso de apóstrofo.

Quadro 24 – Modernização na escrita

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
<i>Sobre a Maledicência, 2r</i>	n'este	neste
<i>Sobre a Maledicência, 2v</i>	com sigo	consigo
<i>Sobre o Escândalo, 2r</i>	com migo	comigo
<i>Sobre o Escândalo, 6r</i>	em fim	enfim

<i>Paixão, 5r</i>	d'antemão	de antemão
<i>Nossa Senhora de Montserrat, 3v</i>	d'entro	dentro
<i>São Sebastião, 1v</i>	n'aquelle	naquele

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Emendas na acentuação e notações léxicas representam 40,27% das intervenções realizadas pela editora nos rascunhos de Frei Domingos. Esse percentual elevado pode ser explicado pelo hábito de o autor marcar o ditongo nasal com a colocação do til sobre a última letra, como em /naõ/, além de não costumar acentuar as palavras paroxítonas e proparoxítonas. Há variação ainda quanto ao uso do trema, abolido pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (CNALP, 2008), do acento grave e do circunflexo.

Quadro 25 – Emendas na acentuação e notações léxicas

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
<i>Sobre o Escândalo, 6r</i>	bôca	boca
<i>Sobre a Maledicência, 1v</i>	admiraçaõ	admiração
<i>Sobre o Escândalo, 5r</i>	aparencia	aparência
<i>Paixão, 1v</i>	á quantos	a quantos
<i>Paixão, 4r</i>	amôr	amor
<i>Sobre o Escândalo, 9v</i>	proselitos	prosélitos
<i>São Sebastião, 1v</i>	freqüentar	frequentar

Fonte: Arquivo pessoal da autora

E, como já se disse, esclarece-se que sempre que o pronome “*ele*” é referente de “*Deus*” ou “*Jesus*”, a editora optou por grafá-lo com inicial maiúscula, seguindo um padrão adotado entre os cristãos. Tal escolha se baseia, essencialmente, no tipo de texto editado – sermão religioso católico. Em relação aos nomes comuns iniciados com letra maiúscula – posicionados no interior de frases, orações e períodos – optou-se por fazer uma substituição pela respectiva letra minúscula quando se deduziu não tratar de questões estilísticas. É o que ocorre no fôlio 1v de *Nossa Senhora de Montserrat*, quando se substitui “*como Diz S(ão) Pedro*” por “*como diz São Pedro*”.

Por se acreditar que a pontuação “não deixa de ser um instrumento primordial e ineludível no plano interpretativo” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 115), evitou-se fazer intervenções nesse aspecto para não comprometer o sentido original do texto; optou-se, portanto, por efetuar emendas apenas em casos evidentes de lapso do autor ou em situações em que seu uso (normalmente, a ausência de pontuação) dificulta a compreensão do texto. Assim, correções na pontuação representaram apenas 12,51% das emendas da editora. É o que se observa em:

Quadro 26 – Emendas na pontuação

SERMÃO	FORMA ORIGINAL	EDIÇÃO MODERNIZADA
<i>São Sebastião, 1r</i>	he necessario ter tropas numerosas, disciplinadas, bem armadas, ambiciosas de reputação, e de gloria	é necessário ter tropas numerosas, disciplinadas, bem armadas, ambiciosas de reputação e de glória
<i>Sobre o Escândalo, 8r</i>	e onde vindes <offerecer> expôr vossas necessid(ad)es e implorar a, bençãos do Ceo He finalm(ent)te	e onde vindes expor vossas necessidades e implorar as bençãos do Céu. É finalmente

Fonte: Arquivo pessoal da autora

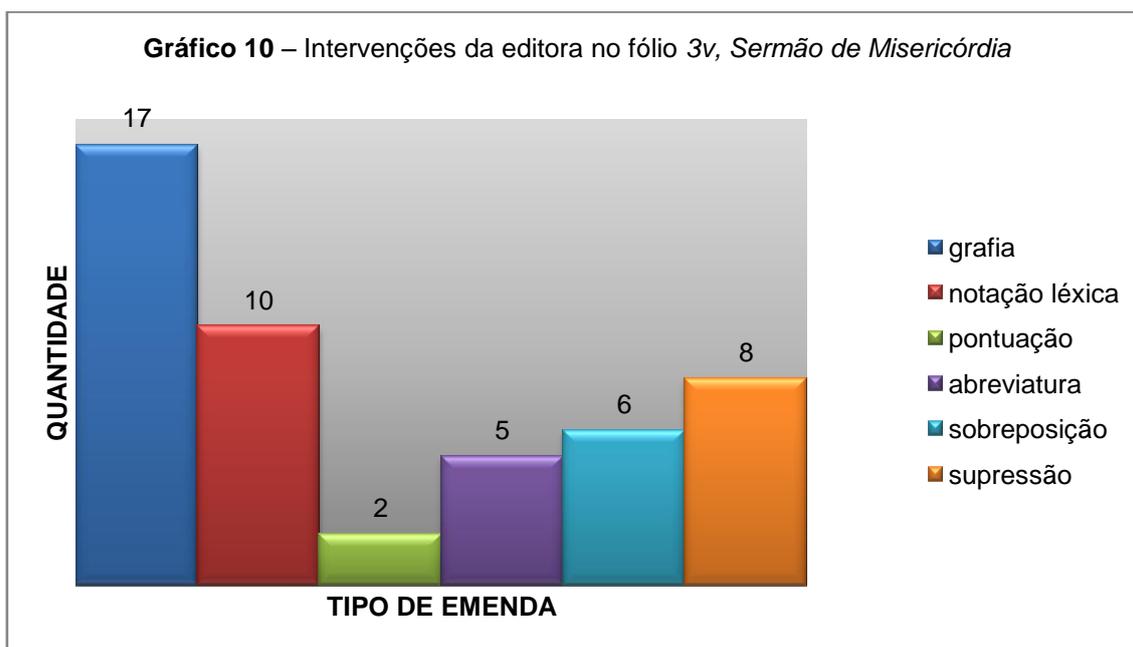
As demais intervenções não se fizeram tão constantes: 0,66% em concordância nominal e verbal e 0,56% como leitura conjecturada.

5.2.3 Modernização do *Sermão de Misericórdia*: alguns dados

A título de exemplificação dos resultados da edição modernizada, se apresentam, a seguir, alguns dados acerca da modernização do *Sermão de Misericórdia*. Aqui modernizar significa continuar o fluxo de produção do texto em direção a um estágio avançado. Significa decifrar o plano de construção traçado pelo autor, seguindo as formas *a priori* existentes no manuscrito – suas supressões, acréscimos, substituições e códigos diversos – e trazendo o texto

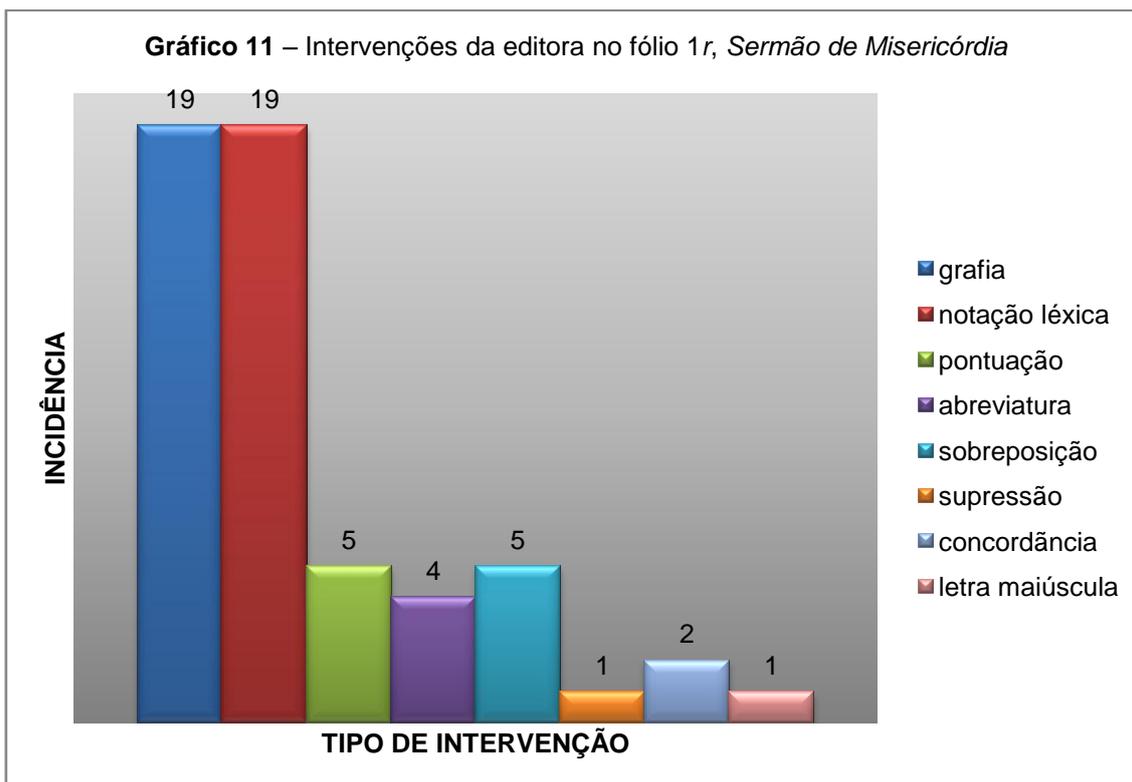
para os padrões da língua portuguesa do séc. XXI. Assim, se considera nesse breve estudo, tanto os movimentos de correção do autor como os da editora, a fim de perceber os resultados de tal edição modernizada.

Em *Sermão de Misericórdia*, alguns fólios apresentam muitas rasuras e acréscimos. É o que ocorre em 3v, como se pode perceber a partir do gráfico 10, que demonstra as intervenções de modernização feitas neste fólio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Entre os vinte e um fólios do *Sermão de Misericórdia* aquele que sofreu o maior número de intervenções foi o 1r. Grafia e notação léxica foram as mudanças mais frequentes, com alterações em palavras como: <taes> (*tais*), <althor> (*autor*), <liçoens> (*lições*), <condemna> (*condena*), <character> (*caráter*) e <Christaõ> (*cristão*).



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Vale ressaltar que, considerando todas as intervenções feitas no *Sermão de Misericórdia*, a maioria se deu na grafia. Observa-se que verbos flexionados na 3ª pessoa do plural comumente têm a desinência número-pessoal representada graficamente por *-õ* ao invés de *-m*. Pode-se inferir que tal uso faz menção ao ditongo nasal [ãw] (CUNHA; CINTRA, 2001). A troca de letras com sonoridade semelhante também é constante no Sermão, principalmente <n>/<m>, <s>/<z>, <j>/<g> e <f>/<ph>.

Quadro 27 – Intervenções na grafia: verbos e palavras com semelhança sonora em letras

DESINÊNCIA DA 3ª PESSOA DO PLURAL	LETRAS COM SEMELHANÇA SONORA
palpitaõ	aprezente
precipitaõ	tamto
pronunciaõ	triumpha
experimentaraõ	recuzais
elevaõ	quizerdes
despedaçãõ	magestade
comprehendaõ	formozura

chegaõ	cauza
armaõ	ceculo
acarretaõ	commun
abafaõ	dezalmados

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Mas, sem dúvida, ao se comparar o Novo Acordo Ortográfico (CNALP, 2008) com o *Sermão* a maior divergência gráfica se dá pelo uso de consoantes dobradas, especialmente <c>, <f>, <l>, <m> e <p>.

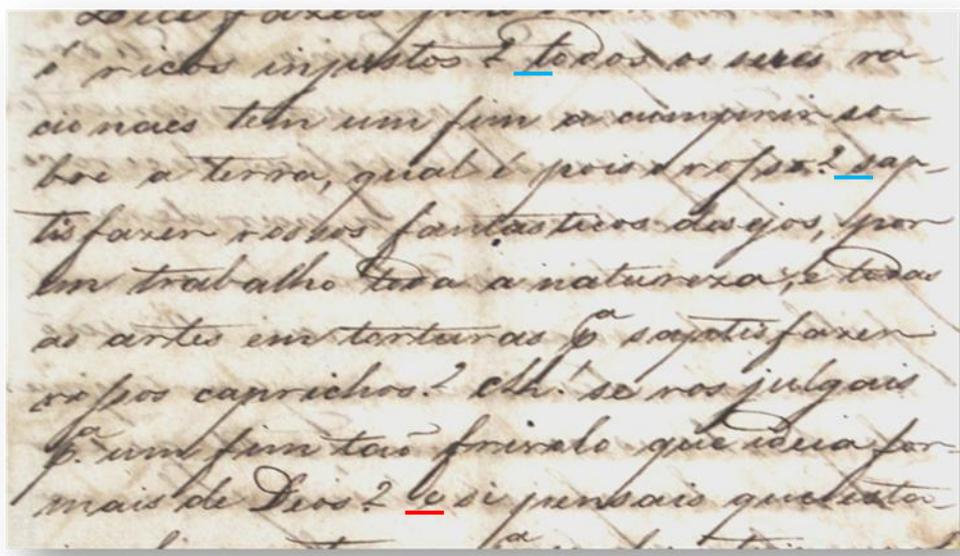
Quadro 28 – Intervenções na grafia: consoante dobrada

CONSOANTE DOBRADA	
accumulo	allivia
afflicoens	illudir
apparato	Applaudi-vos
attributos	collocasseis
deffendo	comettelas
congelado	fallai
intelligiveis	esmolla
flagellos	innocentissimo
immensos	offerece
n'aquelles	oppulencia
permitte	repellir
soccorrendo	soccorelos
tirannos	apparente
tranquillamente	supporto
attençaõ	soffrimentos
elles	commun

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em várias passagens do *Sermão de Misericórdia* Frei Domingos inicia frases usando letra minúscula. Por outro lado, ele grafa em maiúsculo o começo de substantivos comuns localizados no meio do período, sem aparente justificativa e em minúsculo a palavra “*elle*”, que, segundo o catolicismo, sendo referente dos nomes “*Deus*” ou “*Jesus*” deve-se iniciar com letra capitular. Tais ocorrências se deram nos fólhos 1r, 2v, 3v, 4v, 5r, 5v, 6r, 6v, 7v, 10r e 10v. Ao efetuar a modernização as devidas alterações foram realizadas.

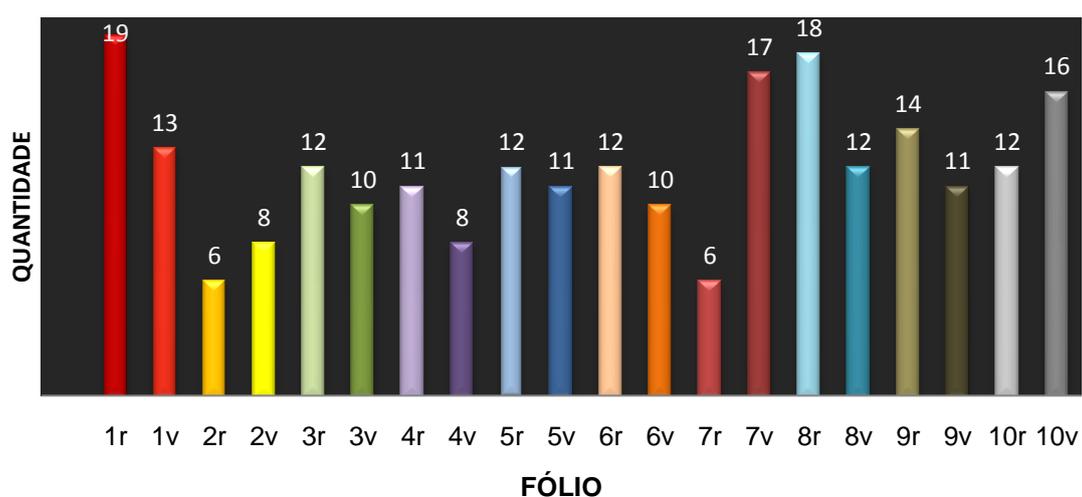
Fig. 30 – Uso de letra minúscula em início de frase, fac-símile *Sermão de Misericórdia*, 6v, l 7-15



Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Depois de grafia, notação léxica foi o item com maior quantidade de modificações. Nos fólhos 1r, 8r, 7v, 10v e 9r, com 19, 18, 17, 16 e 14 intervenções, respectivamente, isso se fez mais representativo.

Gráfico 12 – Incidência de intervenções em notações léxicas, *Sermão de Misericórdia*, 1r–10v



Fonte: Arquivo pessoal da autora

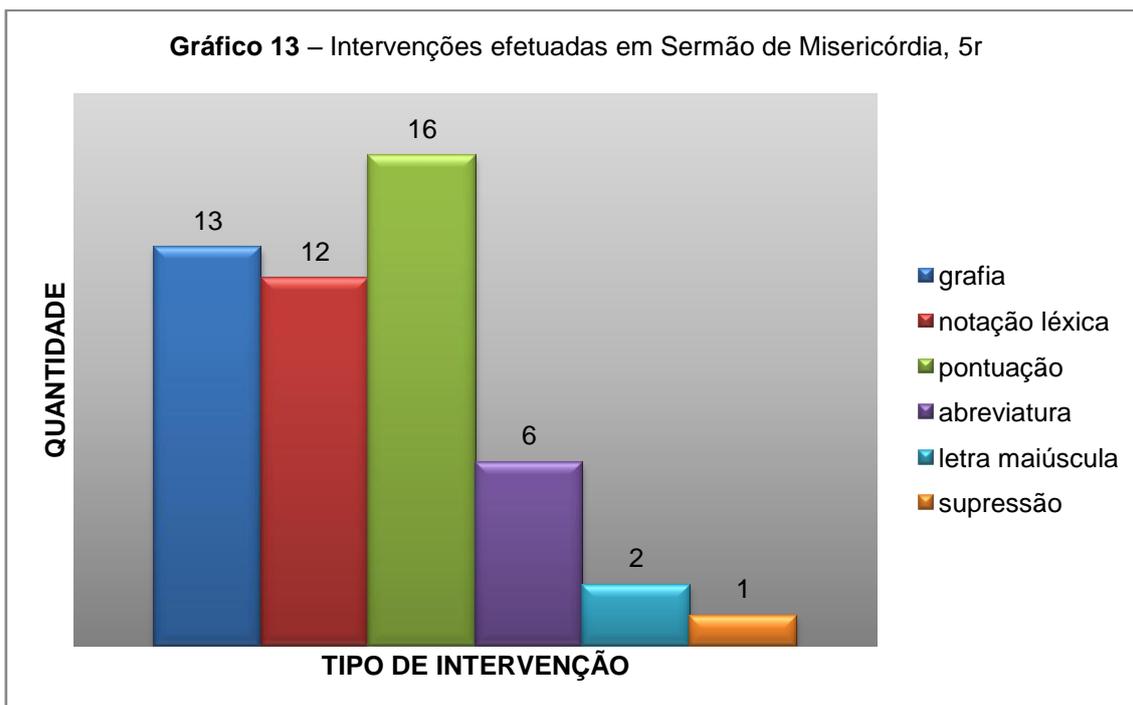
Curiosamente, isso se justifica pela ausência frequente de acento em proparoxítonos e em paroxítonos terminados em ditongo. Os verbos, de modo geral, também não são acentuados, especialmente aqueles no imperfeito do subjuntivo, no futuro do pretérito do indicativo e os acompanhados de pronome átono (ênclise). Nota-se também a colocação do til sobre a segunda letra do ditongo nasal [ãw].

Quadro 29 – Intervenções na acentuação e notação léxica, *Sermão de Misericórdia*

DITONGOS NASAIS	PAROXÍTONOS	PROPAROXÍTONOS	VERBOS
saõ	Misericordia	belissima	tem (plural)
religiaõ	oratoria	titulo	ha
imputaçãõ	agradavel	Santissimo	despojasseis
senaõ	sacrificio	exitos	colocasseis
Christaõ	miseraveis	interprete	dirieis
vaõs	Ministerio	evangelica	julgarieis
bençaõs	beneficencia	lagrimas	abaxarieis
uniaõ	insensiveis	barbara	envergonharieis
salvaçaõ	indigencia	habito	alivia-los
compaixaõ	auxilios	ceculo	desejaveis
extençaõ	util	espectaculo	comettelas
responderaõ	industria	chimerico	poderiamos
maõs	complacencia	fantasticos	possuimos
taõ	proheminencia	frivolo	develos

Fonte: Arquivo pessoal da autora

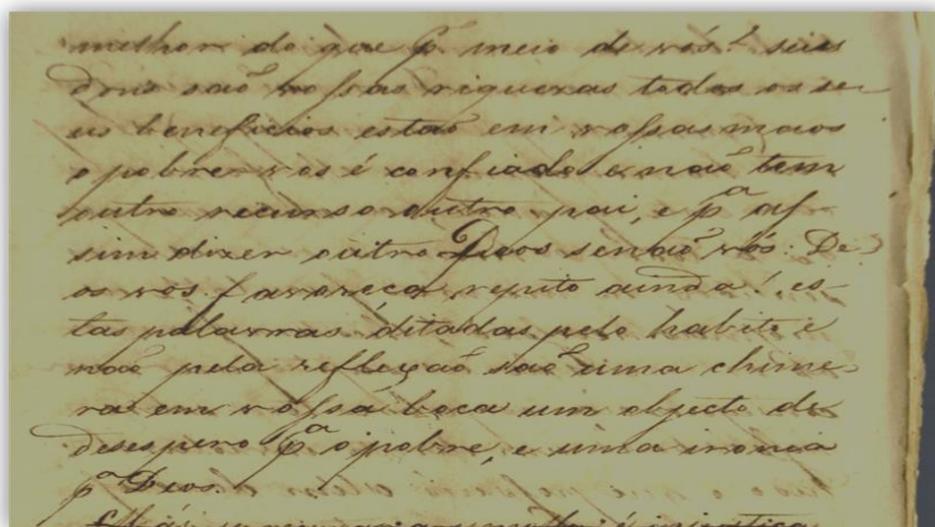
O fólio *5r* destaca-se por ter sido o único onde a quantidade de intervenções na pontuação superou a na grafia e notação léxica, com 42%.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A maior parte das ocorrências se deu pela inserção de sinais de pontuação, algo pouco utilizado no fólio analisado, como se percebe no trecho destacado no fólio 5r (figura 31), cujas transcrições conservadora e modernizada podem ser comparadas no quadro 30.

Fig. 31 – Fac-símile Sermão de Misericórdia, 5r, /1-12



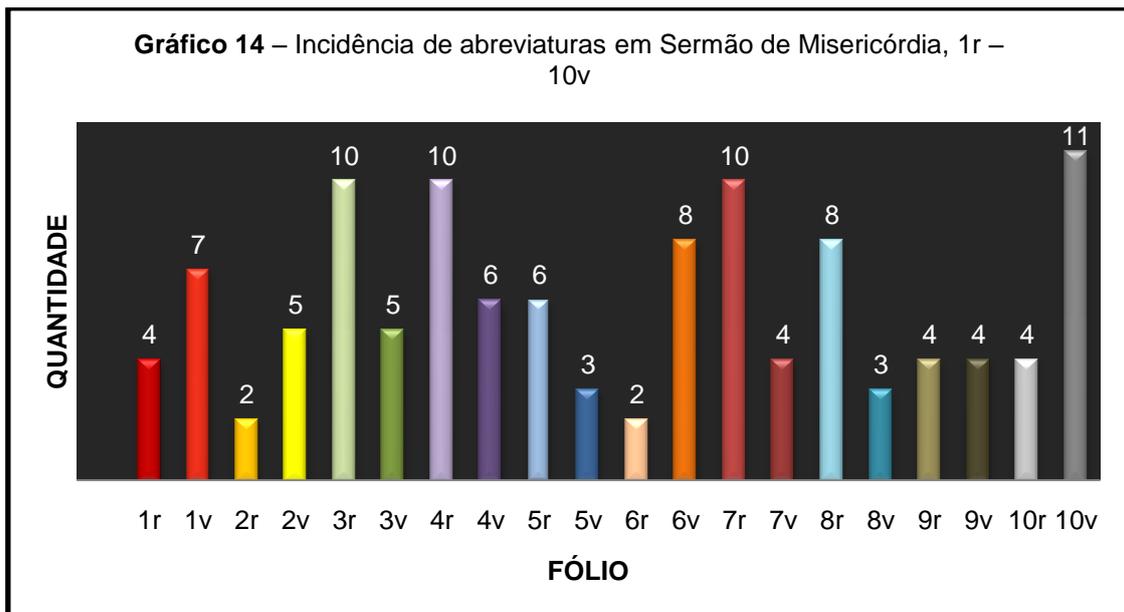
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Quadro 30 – Comparação entre edição semidiplomática e edição modernizada de *Sermão de Misericórdia*, 5r, l 1-12

EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	EDIÇÃO MODERNIZADA
<p>melhor do que p(o)r meio de vós? seus dons são vossas riquezas todos os seus beneficios estão em vossas mãos o pobre vos é confiado e não tem outro recurso outro pai, e p(ar)a assim dizer outro Deos senão vós: Deos vos favoreça repito ainda! estas palavras ditadas pelo habito e não pela reflexão são uma chimeira em vossa boca um objecto de desespero p(ar)a o pobre, e uma ironia p(ar)a Deos.</p>	<p>melhor do que p^r meio de vós? Seus dons são vossas riquezas todos os seus beneficios estão em vossas mãos o pobre vos é confiado e não tem recurso outro pai, e p^a assim dizer outro Deus senão vós: Deus vos favoreça repito ainda! Estas palavras ditadas pelo hábito e não pela reflexão são uma quimeira em vossa boca um objeto de desespero p^a o pobre, e uma ironia p^a Deus.</p>

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Sabe-se que as abreviaturas são um recurso usado pelo *scriptor* desde a época do Império Romano com a finalidade de economizar o material de escrita, devido à sua escassez e, conseqüentemente, seu custo elevado. Abreviar as palavras era muito corrente nas letras da Idade Média (a carolíngia, a gótica), pois tinham um desenho mais formal e padronizado, provocando a demora na produção do livro. Para agilizar esse processo, os amanuenses recorriam a elas (BERWANGER, LEAL, 1995). Este é um recurso muito usado também por Frei Domingos. Os tipos mais frequentes em seus sermões são abreviatura por suspensão – quando se escreve apenas o início da palavra – por exemplo, <J.> (Jesus) e <q.> (que), e por sobreposição – aquela em que as últimas letras da palavra são elevadas em caracteres menores – por exemplo, <m.^a> (mesma), <p.^a> (para), <m.^{tas}> (muitas), <fraterni.^{de}> (fraternidade). O gráfico que segue mostra a incidência do uso deste recurso entre os fólios de *Sermão de Misericórdia*.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ora, para a Filologia a ação de descarte é inviável, bem como a de aprisionamento. Não é à toa que Ivo Castro (1995, p. 516) afirma que “nenhum filólogo trabalha livre das condições de seu tempo”. Portanto, modernizar é sim um meio de preservar. A modernização ora realizada é ainda uma forma de levar ao conhecimento de pessoas de áreas assaz diversas o conteúdo desses textos, propiciando novas informações e discussões acerca do léxico, da história, de comportamentos, e, assim, garantir que essa obra siga o *continuum* da criação.

Finalmente, modernizar é atualizar, tornar hodierno, trazer para os tempos mais próximos. Modernização: restauração, preservação, salvação.

5.3 TRANSCRIÇÃO MODERNIZADA DOS DOCUMENTOS

5.3.1 Transcrição Modernizada de *São Sebastião*

São Sebastião

Nolite timere eos que occiducut corpus.

Não temais a aqueles que podem tirar a vida ao vosso corpo.

Para alcançar batalhas/vitórias contra os inimigos do estado é necessário ter tropas numerosas, disciplinadas, bem armadas, ambiciosas de reputação e de glória, é necessário ter experiência, aproveitar as menores vantagens e mesmo usar de astúcias.

Mas para alcançar vitórias contra os inimigos da Igreja, basta não temê-los; foi por este modo que a Religião Cristã alcançou imortais triunfos e se coroou de glórias imortais na sua primitiva; e foi para mais fortalecer os ânimos que Jesus Cristo recomendou que não temêssemos aqueles que podem tirar a vida a nosso corpo, porque se eles o podem fazer, jamais poderão perder a alma; *Nolite timere eos.*

Com as vistas nesta recomendação, era que os Mártires se apresentavam a seus tiranos sem os temer, ensinando a doutrina de Jesus Cristo e sofrendo todos os tormentos até acabar a própria vida, e por isso alcançaram a palma da vitória e se tornaram dignos de que a Igreja sempre solicita em louvar os que morrem pela Fé de Jesus Cristo apresenta a nossa veneração.

Mas, Senhores, se os Mártires da Fé são dignos de nossa veneração e de nossos elogios, eu descobro naquele que a Igreja hoje oferece aos nossos cultos, em Sebastião um motivo de maiores encômios.

Louvem-se os outros de ter combatido os inimigos da nossa Religião e padecido por amor dela o martírio: eu tenho para juntar ao louvor de Sebastião, que ele conservou pura a sua alma conservando sem cargos no meio de uma corte idólatra e que sobreviveu aos tormentos para por um segundo martírio,

fazer conhecer qual o seu valor e qual a onipotência de Deus que obrava nele tantos prodígios.

Mostrar por que se conservou puro e que sem temor sofreu até morrer pela Fé será o objeto do meu discurso.

Discurso

Da estirpe de Judá nasce o ilustre Daniel, e precisado de viver por muitos anos na régia sala de Nabucodonosor, de Baltasar e de Ciro, soube sempre distinguir os deveres para com seu Rei, dos deveres para com seu Deus; se o seu nascimento ilustre o fazia estimável aos Gentios, mais estimável o fazia a Deus a virtude com que sempre guardou ilesa a alma, e fiel o entendimento na pura distribuição de seus afetos: vigilante sempre em proteger os aflitos tornou-se respeitado dos mesmos Leões.

E o que vimos em Sebastião ainda quando empregado no serviço do cruel Diocleciano? No meio de uma corte pagã ele conserva sua alma pura: sabe dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus; sabe não confundir os respeitos, nem misturar as oblações: ao Rei serve como fiel militar, a Deus como verdadeiro e fervoroso Católico.

Ouvistes vós falar daquele bom velho Tobias, que orava com lágrimas, e sepultava os mortos no cativoiro de Babilônia, como consolava os cativos, como os fortalecia na Fé, como os firmava na Religião, sem temer o Rei idólatra que pretendia fazê-los cair na adoração dos ídolos dos Assírios? Pois eis o mesmo em que se emprega Sebastião, sem temer o Diocleciano, que podia tirar a vida a seu corpo, mas não perder sua alma, dá sepultura honrosa aos restos dos Santos Mártires, que ou haviam servido de pasto às feras, ou suspensos nas forcas, nos cadafalsos, atormentados nos cavaletes, ou queimados nas fogueiras daqueles tiranos, daqueles ímpios, daqueles bárbaros. Sem temer a perda da estima de seu Rei visita os Cárceres, em que fazia o bárbaro gemer milhares de Cristãos, que negavam adoração a seus ídolos; os exorta, os fortifica, os faz constantes na confissão da Fé: eu me

apresso a apresentar-vos um fato em que mostrou o seu zelo pela fé que professava.

Caminhavam para o Martírio Marco e Marciliano, quando lhe saem ao encontro, os objetos os mais os caros que possuíam sobre a terra, os caros pais, as amadas esposas, os queridos filhos, os parentes, os amigos, e todos banhados em lágrimas, com as palavras entrecortadas de gemidos lhes instam, lhes persuadem a voltar a adorar os Ídolos, porque só assim poderiam salvar a vida e livrar a tantos de tantos padecimentos.

No meio deste combate entre os sentimentos da natureza, os laços do amor e da amizade com os deveres de Cristão, qual de vós não ficaria perplexo? A vitória começa a decidir-se a favor da natureza: já Marco e Marciliano começam a enfraquecer, quando no meio do conflito se apresenta Sebastião, que mais se preza de ser Cristão do que Capitão da primeira Corte de Diocleciano; e assim fala aos enfraquecidos: que fazeis, diz ele, que fazeis vós que vos alistastes debaixo das bandeiras as mais triunfantes? Não queiras por estas falsas persuasões perder a coroa e palma da vitória que por momentos esperais.

Este socorro tão a propósito decidia a vitória e eles venceram os estímulos da carne e do sangue, que já se rebelavam contra as resoluções do espírito. Com seu discurso, não só fortaleceu os dois Mártires, que impávidos caminharam para o patíbulo, mas até converteu muitos dos Idólatras que ali se achavam.

Não se demorou o Céu em premiar esta obra. Já a notícia corre por toda parte, voa até o palácio de Diocleciano: que horror, que desordem, que rancor não imprimiu ela em seu bárbaro coração?! Ah! Eu não tenho palavras com que vos possa pintar o aspecto desse monstro sanhudo: terrível monstro, que brama desesperado, descarrega todo o furor de sua cólera no rosto de Sebastião, mas este compadecido de sua cegueira procura inutilmente fazer de um bárbaro um Cristão; mostra-lhe o engano em que está, prova a verdade e santidade da Lei de Jesus Cristo, mas tudo é baldado, são vagas que se despedaçam contra um duro rochedo: em vão se cansa Sebastião, o tirano lhe dá as costas e manda que seja traspassado de setas: chegai, chegai, feliz momento para onde se dirigem todos os desejos de Sebastião.

As setas disparadas em seu corpo abrem feridas por todas as partes, até que por morto o deixam os algozes; mas a providência divina o conserva para um novo combate e um novo triunfo, para dar mais um testemunho de suas maravilhas: por Irene foi ele achado no campo sustentado pelo Céu como Elias no deserto. O deixaram os algozes, porém ainda a Providência o conservava para um novo triunfo, para um outro martírio, e por dar mais um evidente testemunho de suas maravilhas: por Irene foi ele achado no Campo sustentado pelo Céu, como Elias no deserto.

Ainda uma vez Sebastião vai à presença de Diocleciano, ainda uma vez tenta a conversão do bárbaro: Diocleciano fica estático, entre assustado e furioso, vacilando nestas duas reflexões, se seria um fantasma ou se alguma falsidade teria corrompido os algozes para não executarem os seus decretos.

Depois de algum tempo de perplexidade resolve, abrasado em cólera, que se multipliquem os tormentos no corpo do inocente até fazer exalar os últimos alentos.

Chegai, algozes, vós achareis um valoroso Guerreiro sempre firme no seu posto, sempre pacífico e tranquilo. Em que parte do seu corpo quereis descarregar os vossos golpes? As setas já o têm rasgado todo e ele sobreviveu no Martírio, só para que se renovassem as feridas sobre as chagas antigas.

Morre enfim Sebastião, mas se o tirano pôde tirar a vida ao seu corpo, não pode por mais ameaças, por mais promessas e carícias que fizesse perder sua alma, ela vai receber a coroa da imortalidade, a palma do martírio.

Que mais claro testemunho do seu valoroso ânimo? Sebastião empregou-se em fortalecer os fracos, em enterrar os Cristãos, e sustou intrepidamente a fé de Jesus Cristo sem temer o tirano; e por isso alcançou imortais triunfos, glórias imortais: este é um dos testemunhos que a Igreja apresenta da santidade de sua doutrina. Imitai-o, pois, na caridade e, se for necessário, no seu alívio e alcançareis a mesma coroa, a mesma glória imortal que eu a todos vós desejo.

Ainda uma vez Sebastião vai à presença de Diocleciano, ainda uma vez tenta a conversão do bárbaro; mas ele abrasado em cólera manda que se multipliquem os tormentos no inocente, até que exalem os últimos alentos.

Chegai, algozes, vós achareis um valoroso guerreiro firme no seu posto, sempre pacífico e tranquilo: em que parte do seu corpo quereis descarregar os vossos golpes? As setas já o têm rasgado todo e ele sobreviveu ao martírio só para se renovarem as feridas sobre as chagas antigas.

Morre enfim Sebastião, mas se o tirano pôde tirar a vida a seu corpo, não pode por mais ameaças, por mais tormentos que o fizesse sofrer, não pode perder sua alma, ela recebeu a palma do martírio e a coroa da imortalidade.

Que mais claro testemunho de seu valor? Sebastião empregou os seus dias em socorrer os Cristãos, em tudo o que pôde, e sustentou intrepidamente a fé de Jesus Cristo sem temer o tirano, e por isso alcançou imortais triunfos, glórias imortais.

5.3.2 Transcrição modernizada de *Paixão*

Paixão

Consummatum est (João 19, 20).

Tais são as últimas palavras, com que o Salvador, expirando na Cruz, consuma hoje seu sacrifício; tais os últimos suspiros que as Santas mulheres e o discípulo amado recolhem de sua boca moribunda; tais as últimas instruções que recebem de seu bom mestre. É assim que Ele deixa a terra, e seus discípulos igualmente consternados tanto pela dor *da* perda, como pelo profundo mistério destas últimas palavras: *Consummatum est*.

Com efeito, o que podem eles compreender, coligir daqui? A quantos e quão tristes pensamentos seu espírito abatido e tímido se não abandona neste terrível momento?! Talvez que o sol que se eclipsa, a terra que se abala e se cobre de luto, os sepulcros que se abrem, os mortos que ressuscitam, toda a natureza que se perturba e parece querer voltar ao caos, talvez lhes persuadam que Jesus Cristo acaba de lhes anunciar que tudo vai a acabar com Ele; que o mundo não poderá sobreviver à morte de seu autor; que o atentado cometido contra sua pessoa não deverá ser expiado, senão com a ruína inteira

do universo; e tudo quanto Ihe tinha ouvido dizer, durante sua vida mortal a respeito da proximidade deste último dia, não contribui pouco a confirmá-los neste pavoroso pensamento. Eles julgavam que tudo ia a acabar. *Consumatum est.*

Quanto a nós, meus Senhores, nós sabemos que quando chegar a última consumação, ah! O Filho do Homem não aparecerá humilhado e coberto de opróbrios sobre uma Cruz, tal como nós o vemos hoje, mas virá sentado em uma nuvem de glória, rodeado de seus Anjos e precedido do poder, terror e majestade. Apliquemo-nos, pois, a desenvolver a santa obscuridade desta última palavra: ela encerra grandes instruções e toda a doutrina da Cruz.

Em primeiro lugar, o Senhor tinha muitas vezes declarado por seus Profetas, que os sacrifícios dos bodes e dos touros não Ihe agradavam; Ele rejeitava a imperfeição destas hóstias; e Ele não as teria suportado se não descobrisse nelas os sinais figurativos da imolação de seu Filho. Elas eram prelúdios grosseiros que suspendiam sua justiça, mas que não podiam satisfazê-la. A morte de Jesus Cristo satisfaz e preencheu tudo o que os antigos sacrifícios tinham de defeituosos; e a justiça de seu Pai nada mais tem a exigir do homem: primeira consumação.

Em segundo lugar, Jerusalém não tinha feito morrer senão os Profetas que Ihe tinham sido enviados e a medida de seus crimes ainda não estava cheia. Era necessário que o sangue do Filho de Deus fosse derramado e que a iniquidade deste povo ingrato fosse assim consumada: segunda consumação.

Finalmente, os Justos do Antigo Testamento que tinham rendido glória a Deus, morrendo pela verdade, não tinham oferecido senão uma vida triste e desgraçada, exposta às tentações da carne e dos sentidos, e um corpo sujeito à maldição da morte. Jesus Cristo, porém, renuncia a mais feliz de todas as vidas, que nenhum pecado poderia jamais manchar; Ele oferece uma alma que ninguém poderia arrancar-Ihe se Ele mesmo não quisesse livremente entregar; e, saboreando voluntariamente a morte da qual estava isento pela condição de sua natureza, dá a seu Pai a mais decisiva prova de amor que nenhum Justo Ihe tem ainda dado: terceira consumação.

Quero dizer que a morte do Salvador encerra três consumações que vão nos explicar todo o mistério deste grande sacrifício, cujo espetáculo a Igreja

renova, e cuja recordação ela hoje honra. Uma consumação de justiça da parte de seu Pai; uma consumação de malícia da parte dos homens; uma consumação de amor do lado de Jesus Cristo. Estas três verdades farão o objeto de todo o discurso e a história das ignomínias do homem Deus. Nós aí acharemos instruções sólidas e verdades que o mundo não conhece, porque o mundo não conhece a Jesus Cristo; e nós veremos que a Cruz é a condenação do pecador e a consumação de sua ingratidão.

Vós sois, portanto, Cruz adorável, o único asilo que nos resta; vós sustentais hoje nossa esperança, nossa salvação, nosso remédio, nossa lei, nosso Evangelho, tudo está suspenso em vossos braços; em vós está depositado o penhor divino de nossa paz, de nossa reconciliação com Deus; vós sois hoje um trono de misericórdia de que nós podemos aproximar com bastante confiança. É, portanto, aos vossos pés que nós nos prostramos com toda a Igreja – *O Crux, ave.*

Discurso

Deus não seria sábio, nem Santo, nem justo, nem mesmo bom, diz Santo Agostinho, se o pecado pudesse ficar impune. Ele deve à sua glória o vingar o ultraje que o pecador lhe faz por sua revolta; deve à sua sabedoria o estabelecer a ordem que o pecador perturba por sua transgressão; deve à sua bondade reter os crimes que o pecador impune autoriza por seus exemplos; deve à sua santidade não se comunicar mais a uma criatura envolvida no lodo do pecado e torná-la desgraçada, abandonando-a; em uma palavra, deve a todas as suas perfeições a punição do pecado.

Porém sua justiça, que exige a punição do pecador, nada acha que, tocando-o, possa repará-la e satisfazê-la; esta vítima não é digna dele. O homem tem podido ofendê-lo, mas não reparar a ofensa, porque o que é o homem, diz Jó, comparado com Deus? Era, pois, necessário que uma vítima de um grande preço viesse substituir o lugar do homem; que a terra, nada podendo oferecer que pudesse apaziguar o seu Deus e reconciliá-lo com o homem, os Céus se abajassem para produzir um Justo, que se tornasse o

reconciliador da terra; e que uma hóstia única, que fosse capaz de glorificar ao Senhor por suas humilhações mais do que o homem ultrajá-lo por sua revolta, viesse se colocar entre seus raios e nossos crimes e chamar sobre si todos os tratos que sua justiça tinha preparado contra nós. Tal é o desejo da sabedoria e da bondade de Deus no grande sacrifício que seu Filho hoje oferece por todos os homens.

E para melhor compreender esta verdade, adverte lembrai-vos, eu vos rogo, que o pecado encerra três desordens: uma desordem no espírito, pela falsa ideia que o pecador liga à ação proibida; uma desordem no coração, que se revolta contra a lei e não quer mais se submeter a seu Deus; uma desordem nos sentidos, que saem de seu uso natural, arrastando a razão a quem deviam seguir. Ora, o Salvador, em sua agonia, expia hoje estas três desordens por penas proporcionadas: primeiramente, a justiça de seu Pai se aplica a contristar o seu espírito, representando-lhe os mais vivos horrores do pecado; em segundo lugar, a humilhar a sua alma, cobrindo-a com toda a vergonha do pecado; a lançar o seu corpo no último desfalecimento, fazendo-lhe sentir de antemão todas as dores devidas ao pecado. A exposição simples da história nos fornecerá as provas destas verdades, o objeto mesmo interessa muito vossa atenção sem que seja necessário que eu vo-la peça.

Tendo-se aproximado a hora em que Jesus Cristo devia passar deste mundo a seu Pai, depois de ter dado a seus discípulos as últimas provas do seu amor na instituição da nova Páscoa, e os ter fortificado contra o escândalo de sua Paixão, pela graça desta nutrição celeste, e por todo quanto às últimas instruções de um pai e de um bom mestre tem de mais tocante, não ignorando tudo o que lhe devia acontecer, sai acompanhado por seus discípulos, como uma vítima que corre ao lugar onde deve ser imolada. Vai ao Jardim das Oliveiras tratar, pela última vez com seu Pai, do grande mistério da redenção dos homens.

Como seus discípulos eram ainda fracos, Ele quis lhes poupar o espetáculo de seus desfalecimentos e de sua agonia; separa-se deles e prosterna-se com a face por terra, e aceitando, em presença de seu Pai, toda a amargura de seu *Cálix* lhe diz: Pai justo, eis enfim o dia de vossa glória e de meus opróbrios; as vítimas e os holocaustos da lei não eram dignos de vós,

mas vós me tendes dado um corpo, cujo sacrifício e tormentos vão aplacar vossa justiça; eu não tenho vindo ao mundo senão para fazer vossa vontade santa, e a lei da morte que vós tendes pronunciado contra mim desde o princípio do mundo, tem sempre sido o mais ardente desejo de meu coração.

Apenas a alma santa do Salvador tem assim aceitado o ministério sangrento de nossa reconciliação, que a justiça de seu Pai começa a considerá-lo como um homem de pecado. Desde então, não vendo mais nele o Filho amado em quem tinha posto todas as complacências, não conhece mais do que uma hóstia de expiação e de cólera, carregada com todas as iniquidades do mundo, e a quem não pode mais deixar de imolar a severidade de sua vingança. É aqui que todo o peso de sua justiça começa a cair sobre esta alma pura e inocente; é aqui que Jesus Cristo, como verdadeiro Jacó, vai lutar toda a noite contra a cólera de um Deus mesmo, e onde vai se consumir de antemão seu sacrifício; mas de uma maneira tanto mais dolorosa quanto sua alma vai expirar, por assim dizer, sob os golpes da Justiça de um Deus irritado; entretanto, que sobre o Calvário, ela não será entregue senão ao furor e poder dos homens.

Porque, em primeiro lugar, a justiça de Deus aflige a alma de Jesus Cristo, desenhando nela os mais vivos horrores do pecado. E para melhor aprofundar esta primeira circunstância de sua agonia, lembrai-vos de que o que diminui de ordinário em nós o horror do pecado é, primeiramente, um defeito de luz. Ih! Nossa alma, toda abismada, mergulhada nos sentidos, quase que não é tocada senão pelo que é sensível; o horror do pecado que a mata e a separa eternamente de Deus não a toca; ela se assusta, aterrora-se com a lembrança da eternidade de suplícios que lhe estão preparados, mas não pela infâmia e horror à transgressão a qual estes suplícios são devidos; julga, ao contrário, que a pena excede a ofensa, e que Deus é muito severo, punindo infidelidades passageiras com tormentos eternos. Assim se considera o pecado que apaga de nossa alma o selo de nossa salvação, o caráter e os sinais de filhos de Deus, e que nos torna seus inimigos; considera-se como uma fraqueza, uma propensão da natureza, um desvario da idade, uma lei do temperamento; e como não se conhece nem a verdade eterna que o pecado ultraja, nem a justiça que arma contra si, nem a ordem que perturba, nem a caridade que

extingue, nem a Santidade que desonra, nem os bens eternos que rouba, nem mesmo toda a extensão dos males horríveis, em que nos precipita, pouco se o teme, porque não se o conhece.

Mas a alma santa do Salvador, cheia de graça, de verdade e de luz, ah! Ela vê o pecado em todo o seu horror, vê a desordem, a injustiça, a mancha imortal; vê as consequências deploráveis, a morte, a maldição, a ignorância, o orgulho, a corrupção, todas as paixões desta fonte fatal nascidas e espalhadas por toda a terra. Neste momento doloroso, a existência de todos os séculos se lhe apresenta, desde o sangue de Abel até a última consumação; vê uma tradição não interrompida de crimes sobre a terra. Percorre esta história horrível do universo e nada escapa aos secretos horrores de sua tristeza; vê as mais monstruosas superstições estabelecidas entre os homens, o conhecimento de seu Pai apagado; os crimes mais infames erigidos em divindades, os adultérios, os incestos, as abominações ter seus altares e seus templos; a impiedade e a irreligião tornadas o partido dos mais moderados e mais sábios. Se se volta para os séculos cristãos, descobre os males peteiros de sua Igreja, os cismas, os erros, as dissensões, que deviam um dia despedaçar o mistério precioso de sua unidade, as profanações de seus altares, o indigno uso de seus Sacramentos, a extinção quase da fé e os costumes corrompidos do paganismo restabelecidos entre seus Discípulos. Sei o que se oferece a esta sua alma santa.

Ela recorda-se em particular da história de cada um pecador; desde esse momento fatal, em que se arruinou vossa alma, até hoje nada lhe escapa de todos os horrores de vossa vida criminosa, vós que me escutais. Ela vê essa paixão vergonhosa, que vos tem acompanhado em todas as idades e que tem infeccionado todo o curso de vossa vida; vê suas graças sempre inúteis em vosso coração, suas luzes sempre requintadas; vossa preeminência, vosso nascimento, vossos bens, vossos talentos, que são benefícios de sua mão liberal, transformados, pela perversidade de vosso coração, em fonte e ocasião de todos os vossos crimes; vê os abismos secretos de vossa consciência, que vós abstendes/fugis de esclarecer neste dia de salvação; essas inquietações, essas agitações de uma mão que vos fazem balançar entre o dever e vãos temores; ela vê vossa alma tal qual é hoje, combatida talvez por uma mudança

de vida, agitada dos mais vivos remorsos e, entretanto, não podendo se resolver a despedaçar sua cadeia; fatigada pelo crime, mas não tendo a força de se declarar pela virtude; enfastiada do mundo, mas não podendo separar-se dele; desgraçada em sua infidelidade, porém sempre infiel; que direi eu, tocado da solenidade destes dias santos, e, entretanto, indo talvez destruir todo o fruto destes grandes mistérios, e das verdades ouvidas pregadas durante estes dias de penitência, pela profanação das coisas santas, e por uma Páscoa que coroará todos os vossos crimes.

Eis todos os horrores de que esta alma santa se acha carregada perante seu Pai. Não há vingança no Universo desde o sangue de Abel derramado, nem impudicícias monstruosas desde que os filhos fizeram alianças vergonhosas com as filhas dos homens; nem impiedade execrável desde que a posteridade de Caim começou a estabelecer Cidades e a achar no ferro e no cobre ídolos dignos de suas homenagens; nem blasfêmias, desde que os filhos de Noé empreenderam um edifício contra o Céu; nem atentado contra a piedade Paternal desde que Caim insultou a embriaguez misteriosa do Santo Patriarca; em uma palavra, não há monstruosidades sobre a terra em toda a extensão dos séculos passados e futuros, que neste momento terrível não se mostre a esta alma inocente. É sobre esta cruz terrível que ela abate seu chefe sagrado; todos os crimes de todos os homens tornam-se crimes próprios; ela leva um mundo de iniquidades, mas mil vezes mais pesado que o que ela leva pela força de sua palavra; e porque ela brinca sustentando o Universo, diz a Escritura, entretanto que aqui, ela se queixa no Profeta, que os pecadores têm agravado seu jugo, que eles têm posto sobre seus ombros o fardo de seus crimes, e que ela não tem podido sustentar/carregar.

A falta de zelo é a segunda causa que diminui em nós o horror do pecado. Nós somos pouco (ou nada) tocados dos ultrajes que se faz a Deus, porque nós pouco (ou nada) o amamos; por quanto o amor é a medida da dor: nós não somos sensíveis senão aos nossos interesses próprios, à nossa glória, aos nossos prazeres, a nossa fortuna, porque nós não amamos senão a nós mesmos, e é o grande vício dos grandes principalmente. A glória de Deus é para nós uma simples especulação, que nada deixa de real nem vivo em nosso coração; com tanto que sejam as pessoas que estão debaixo de nossa

dependência, fiéis em suas funções, obrigações vivas no que nos interessa, ligadas às nossas pessoas, atentas a nos satisfazer; que vivam sem costumes, sem regra, sem temor de Deus, tudo isto é contado por nada.

Mas a alma santa do Salvador, que não procura senão a glória de seu Pai, e que o ama com um amor imenso e mais ardente do que o de todos os Querubins; ah! Ela sente vivamente todos os ultrajes, que se faz a sua grandeza suprema.

A dor de David sobre as prevaricações da terra, a amargura e zelo de Elias sobre os escândalos e idolatria de Israel, a tristeza e lágrimas de Jeremias sobre as infidelidades de Jerusalém, não eram senão fracas imagens da tristeza da alma do Salvador à vista dos crimes de todos os homens, e como nada se pode acrescentar ao excesso de seu amor, nada falta também ao excesso de sua dor e de seu martírio.

Ah! Nós quereríamos saber algumas vezes se nós estamos de boa fé voltados para Deus e se vivemos em seu amor e em sua graça. Eu sei que ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio; mas se se pudesse assegurar nesta vida, seria perguntando a nós mesmos se os escândalos, de que somos todos os dias testemunhas, nos afligem e nos enchem de dor; se os discursos dos ímpios, as dissoluções dos mundanos, no meio das quais vivemos, os males da Igreja, as profanações dos templos e dos altares, a licença pública e a depravação dos costumes, enchem nosso coração de amargura. Se nós vemos com olhar tranquilo nossos Irmãos se desgarrarem e ultrajarem o Senhor, a quem pertencem, se nós achamos mesmo uma espécie de prazer em viver com eles, nós não amamos. Quando se ama a Deus, se é tocado dos interesses de sua glória, e o amor que não sente os ultrajes que se fazem ao que se ama não é senão uma indiferença criminosa, que mais se parece com ódio do que com amor.

Finalmente, a última causa que diminui em nós o horror do pecado é a falta de santidade. Como nós nascemos pecadores, nos familiarizamos com a idéia do crime: olhamos para o pecado com olhos pecadores, e ele nos parece menos hediondo, porque não nos assustamos do que ele nos parece. Mas a alma santa do Salvador em sua agonia, ah! Ela nada acha que a possa animar contra o horror do crime. Esta alma mais pura e mais Santa que todas as

inteligências celestes se vê carregada de todas as nossas iniquidades; de sorte que, com os olhos de um pudor divino, ela vê sobre si as mais vergonhosas impudicícias dos corações; com os olhos da denúncia, se vê enegrecida por seus ódios e furores; com os olhos da mais viva religião, se vê injuriada por suas impiedades e blasfêmias; em uma palavra, com os olhos da mesma virtude, se vê carregada de todos os seus vícios.

Ah! É então que ela se olha com horrores indizíveis, é então que ela não pode sofrer a vista de si mesma e que começa a cair em um desfalecimento e tristeza mortais, *Capit contristari et mollus esse*: (Mateus 26, 51). Ah! Ela quereria desviar pelo menos a inocência de suas vistas deste objeto horroroso, mas a justiça de seu Pai a obriga a se ocupar do mau grado seu a seu pesar; é uma luz rigorosa que a persegue, e que lhe não permite poupar-se por um só momento a suas vistas interiores, toda a ignomínia de que ela está coberta: e sem dúvida ela teria expirado sob o rigor destas provas se a justiça de seu Pai não o reservasse para tormentos mais longos e para um sacrifício mais estrepitoso.

Ó, vós, que me escutais, vede a alma de Jesus quase expirando de dor e de desfalecimento, e tocada de todo o horror que inspira o pecado, quanto se o vê com a luz de Deus! Eis a imagem da dor, que vós deveis levar ao tribunal, onde deveis nestes dias aplacar a justiça de Deus sobre vossos crimes. Jesus em sua agonia é o modelo dos penitentes e, entretanto, vós vos aproximais com os olhos enxutos, o coração tranquilo, mais sensíveis à vergonha de uma confissão do que à multidão e enormidade dos pecados de que vos devíeis envergonhar; entretanto, vós contaís a vergonhosa história de vossa vida como se contam fatos indiferentes, e nós precisamos empregar toda a energia da palavra divina para vos despertar de vosso letargo, para vos arrancar alguns fracos sentimentos de compunção; e é necessário questionar, contestar, conjurar, inflamar-se, relatar mesmo as regras para vos fazer aceitar os remédios; e se queremos abrir vossos olhos sobre o estado deplorável de vossa consciência, e vos obrigar a arrancar o olho que vos scandaliza, e vos apartar da ocasião onde perecereis, vós resistis, vos queixais, nos acusais de perturbar as consciências e de lançar os pecadores no desespero. Ó, Deus! É assim que se vos agrada? São estas as santas agonias da penitência? E

quando vossa graça faz sobre uma alma tocada essas impressões vivas e rigorosas que precedem a conversão, os Anjos da Igreja, os Ministros da reconciliação têm algum outro ministério que não seja como o do Anjo consolador, que hoje enviais a vosso Filho? O de sustentar o pecador na tristeza de sua penitência, de consolá-lo em seus temores, de enxugar suas lágrimas, de moderar o excesso de sua dor; e longe de despertá-lo de sua negligência/tibieza ou abater seu orgulho, e sua revolta lhe adoçar a amargura de seu *Cálix*, e a vergonha de sua humilhação?

Eis, meus Irmãos, a segunda circunstância da agonia do Salvador, a vergonha de que seu Pai o cobre; aniquilação que sua justiça dele exige para espiar o orgulho do pecado, isto é, para reparar a segunda desordem.

Porque, primeiramente, ele é humilhado no espírito de seus discípulos, testemunhos de seus temores e abatimento, tua alma santa perde perante eles toda a constância à vista da morte; ele que os tinha tantas vezes animado a sofrer, contradiz hoje sua doutrina por seu exemplo; é constrangido a lhes fazer uma confissão pública de seu temor e de sua tristeza; implora mesmo seu socorro e os lhes suplica conjura de não abandoná-lo em seu abatimento e no excesso de sua pena: *Sustinete hic, et vigilate mecum.*

Ah, meus Irmãos, Pedro pode ainda reconhecer o Cristo Filho de Deus vivo? Não retrata ele já em segredo a glória de sua confissão? E não começa já por suas dúvidas e por sua surpresa a renunciar seu divino Mestre? Eis toda a confusão que o Senhor Salvador é obrigado a sofrer/suportar: Ele não se contenta de carregar os nossos crimes, toma também sobre si toda a vergonha. E nós? Nós queremos que nossa penitência nos honre perante os homens; nós procuramos até nos sinais de nossa penitência arrependimento, os sufrágios louvores públicos; evitamos como imprudência e um excesso de zelo tudo o que nos poderia humilhar; nós limitamos nossa virtude aos deveres que o mundo aprova; nós tínhamos procurado a vítima dos homens em nossos desvios, nós a procuramos, ainda em nossa Penitência; de sorte que é a mesma vaidade que nos tinha feito pecadores quem nos torna penitentes.

Em segundo lugar, humilhação no socorro, que ele recebe de um Anjo. Seu desfalecimento é tão extremo, o terror da morte faz em sua alma impressões tão sensíveis, ou para melhor dizer, a mão de seu Pai pesa sobre

Ele com tanto rigor, que é necessário que um Anjo desça do Céu para o consolar, para o fortificar, para o ajudar, como Simão Cyrinio sobre o Calvário, a levar esta Cruz invisível: *Apparuit illi Angelus de colo confortaus cum* (Lucas, 22, 43). Anjo do Céu! Não era este certamente o vosso ministério! Vós não vos aproximáveis dele senão para o servir e adorar, e hoje Ele se tem humilhado abaixo de vós! Ele, que tudo sustenta pela virtude de sua palavra, não pode mais sustentar-se a si mesmo! Está em vossas mãos fraco, trêmulo, quase expirando, e não achando força senão em um socorro tão vergonhoso a sua glória!! Jesus Cristo não quer ser consolado por seus discípulos, e aceita o ministério de um Anjo consolador, para nos ensinar que em nossas aflições não devemos procurar consolação nos vãos discursos dos homens, que parecem interessar-se por nossas desgraças, mas na piedade e simplicidade dos ministros do Senhor, destes enviados do Céu, que nos expõem à sabedoria e à justiça de suas ordens sobre nós, para nos ensinar que o Senhor é zeloso sobretudo da fidelidade das almas que sofrem; que é tirar a glória de nossos sofrimentos, procurar doçuras que não sejam da fé e da religião; que o silêncio faz todo o mérito de uma alma aflita; que comunicar aos homens os nossos sofrimentos para enternecê-los sobre nossos males é, por assim dizer, revelar o segredo de Deus em nós e perder o direito de nos entreter e consolar com Ele.

Finalmente, humilhação no sono e na fuga de seus discípulos. O espetáculo de sua agonia não os toca; eles vêm com olhos indiferentes seu bom Mestre lutar contra a morte, e adormecem frouxamente; é necessário que o Salvador lhes exprobre sua indiferença: não podeis vigiar uma hora inteira comigo? *Dic nom potuistis una hora vigilare mecum?* (Mateus 26, 40.) Ele sofre tudo só; parece que tudo, até seus queridos discípulos, entram nos interesses da justiça de seu Pai. Ah! Nós somos tão delicados sobre a fidelidade de nossos amigos! O menor resfriamento nos desgosta; a mais leve/ligeira falta de atenção nos agrava; nós nos queixamos todos os dias que aqueles que nos são mais obrigados entram nos interesses opostos aos nossos; aprendamos de Jesus Cristo a nada esperar das criaturas, senão ingratidões. Demais os homens têm razão de esquecer nossos benefícios; a vaidade, o capricho, o interesse próprio têm de ordinário maior parte do que a amizade nos obséquios

que de nós recebem; nós nos procuramos a nós mesmos, obrigando-os; mas Jesus Cristo, escolhendo seus discípulos, não tinha consultado senão seu amor por eles; e sua ingratidão é tanto mais humilhante por Jesus Cristo que só sua ternura mais sincera para com eles.

Eis todas as humilhações, que o Salvador sofre em sua agonia; mas era necessário ainda expiar o prazer injusto, terceira desordem do pecado; assim, a dor violenta da sua alma à vista do suplício que seu Pai lhe prepara, é a terceira circunstância de sua agonia. Com efeito, todos sabem que esperar por um tormento que se vê presente e inevitável é sempre mais cruel que o mesmo tormento, e que se morre de uma maneira muito mais dolorosa pelo temor, do que pela dor. Ora a justiça do Pai apresenta distintamente à alma do Salvador todo o aparelho/aparato da Cruz: a noite do Pretório; os escarros, as bofetadas, os açoites, os escárnios, o linho fatal, estas imagens aterradoras o crucificam com antecedência. Em sua paixão, seus tormentos se sucederão uns aos outros, Ele não será ao mesmo tempo, esbofeteado, flagelado, coroadado, escarnecido/crucificado; aqui, porém, tudo se passa ao mesmo tempo: todas as suas dores se reúnem, e sua alma toda inteira está mergulhada em um mar de tribulação e de amargura. Sobre o Calvário, toda a natureza em desordem se interessa por Ele: seus mesmos inimigos o reconhecem por Filho de Deus, aqui Ele sofre nas trevas e no silêncio, e seus mais queridos discípulos o abandonam.

Assim, esta alma santa não podendo mais suportar o peso de seus males e retida em seu corpo pelo rigor da justiça divina; triste até a morte e não podendo morrer; sem poder dar fim às suas penas nem sofrê-las; parece combater pelo desfalecimento e dores de sua agonia contra a morte e a vida; e um suor de sangue que se vê correr por terra, é o triste fruto destes puníveis esforços, *Et factus est sudor ejus sicut gutto sanguinis decurrentis in terram* (Lucas 22, 44). Pai justo! Seria ainda necessário sangue a este sacrifício interior de vosso Filho? Não basta o que deve ser derramado por seus inimigos? É necessário que vossa justiça se apresse, por assim dizer, para vê-lo derramar-se?

Eis até onde este Deus que nós cremos tão bom, teve sua vingança contra seu próprio Filho que Ele vê carregado de nossos crimes. Que

obrigação por nós das reparações rigorosas da penitência, e de não viver senão para expiar os desregramentos de nossos primeiros costumes! Entretanto, são os mesmos sofrimentos de Jesus Cristo que servem de pretexto a nossa impenitência: nós julgamos que tendo Ele tudo sofrido por nós, nada nos tem deixado a fazer; e que não nos teria nos comunicado as vantagens de seus sofrimentos, se fosse necessário que nós sofrêssemos como Ele: Ó, meu Salvador! Vós não tendes, pois, sido o homem de dores, senão por nos autorizar a ser homens voluptuosos e sensuais? Vossos sofrimentos serão, pois, a negação de vossa doutrina? Vossa Cruz a dispensa de vossos preceitos crucificantes? E vossa morte dolorosa o adoçamento do vosso Evangelho?

Que, meus Irmãos, o preço que seu sangue tem dado a nossos sofrimentos, os torna inúteis? Jesus Cristo tem tudo sofrido por nós é verdade, isto é, nós éramos/seríamos todos condenados a sofrer; mas se Ele não tivesse sofrido por nós, nossos sofrimentos seriam rejeitados. Ele tem, portanto, oferecendo sua própria vida, disposto a justiça de Deus a aceitar o fraco sacrifício de nossa penitência; o mérito de seu sangue unindo nossas lágrimas e nossas macerações às suas, lhes tem dado um preço digno de Deus; depois que Jesus Cristo morreu pelo homem e no lugar do homem, o homem pôde sofrer por Deus; o homem não é mais indigno de Deus: eis o preço do sangue de Jesus Cristo; e é insensato o pretender que sua Cruz nos tem dispensado de sofrer, porque ela só quem nos tem tornado estios os nossos sofrimentos.

Entretanto, depois de ter sacrificado ao mundo e às paixões a mais bela parte de nossa vida, o mais leve sacrifício na penitência nos inquieta; depois de ter tudo sofrido pelo mundo, pela fortuna, pelos prazeres, nós nos lastimamos quando é necessário sofrer um só instante por Jesus Cristo; nós achamos seu jugo pesado; nossas paixões tinham sido difíceis e peníveis, nossa virtude torna-se/deve ser cômoda e tranquila; e ser/ter experimentado outros rigores em uma nova vida mais do que o ter deixado certos costumes desordenados, que talvez mesmo não nos convinhassem mais, nós julgamos que tudo está feito e que o Senhor nada mais pede. Como nós conhecemos tão pouco a justiça de Deus, meus Irmãos! Não há remissão, diz o Apocalipse, sem efusão de sangue

(Hebreus 9, 22). A penitência é um sacrifício sangrento; isto é, que suas dores devem passar até na/sobre uma carne rebelde, e que Deus não se vela para o pecador, senão quando o excesso de seu arrependimento o tem lançado em uma agonia de tristeza, e que as paixões têm expirado debaixo dos golpes de suas macerações e de seus sofrimentos. Nós vos adoramos, pois, ó meu Salvador, em vossa agonia, como o modelo dos Penitentes: eis o que deve nos valer para nos reconciliar com vosso Pai. Eu tinha, portanto, razão de dizer que a agonia de Jesus Cristo era uma consumação de justiça do lado de seu Pai, pois que Ele lhe fez sofrer todos os horrores, toda a vergonha e todas as dores devidas ao pecado; mas sua morte é ainda uma consumação de malícia da parte dos homens; é o que vamos ver no seguimento (continuação) desta história.

Segunda parte

A malícia dos homens se consuma hoje de duas maneiras pela morte de Jesus Cristo: ela se consuma primeiramente, porque tem chegado ao seu mais alto ponto e porque os Judeus enchem a medida de seus antepassados pelo maior de todos os crimes; em segundo lugar, ela se consuma, porque acha sua expiação e seu remédio.

É esta dupla consumação, que o Anjo predizia a Daniel, lhe anunciando a morte do Cristo: a prevaricação será consumada, lhe dizia ele, pela malícia daqueles que lhe darão a morte: *est consumetur pravaricatio* (Daniel 9, 24) e o pecado será destruído e achará a morte: *et finem accipiat peccatum, et deleatur iniquitas* (Ibid). Esta doutrina nada tem de espantoso desde que o Apocalipse nos ensinou que pelo pecado Jesus Cristo condenou o pecado e que Ele se tem servido da maior malícia dos homens para obrar neles a maior misericórdia.

Ora, eu digo que a malícia dos homens tem chegado hoje ao seu mais elevado ponto, quer a considereis na fraqueza e perfídia dos discípulos que renunciaram o Salvador, quer na má fé dos Padres e dos Doutores que o julgaram, na inconstância do povo que pede sua morte, na fraqueza de Pilatos, que o

condena, e, enfim, na humanidade dos algozes que o crucificam. Continuemos a narração de suas dores e considerai comigo todas estas circunstâncias.

Primeiramente, na fraqueza ou na perfídia dos discípulos que o traíram ou o abandonaram. Às penas, diz o Evangelho, Jesus Cristo, ao sair desta triste agonia, acabava de falar a seus discípulos, eis que Judas, um dos doze, chega à frente de uma tropa de soldados armados de espadas e faz que vem da parte dos Príncipes dos Sacerdotes e dos Anciãos, para prender o Salvador (Mateus 26, 47). Quem acreditaria, meus Irmãos, que um Discípulo elevado pela escolha do mesmo Jesus Cristo à sublime dignidade do Apostolado, o companheiro de suas jornadas, o confidente de seus segredos, a testemunha de sua inocência, de sua santidade e de seus prodígios, o honrado de sua familiaridade, nutrido há pouco com sua carne e o seu sangue, apareceria à testa de seus algozes, dirigindo o projeto de sua morte?! Que tristeza para o coração de Jesus Cristo, o ver um amigo, um Apóstolo destinado a fazer conhecê-lo e adorá-lo todos os homens, e a morrer por Ele e por sua doutrina, tornar-se o principal autor de sua perda? Ah! Meus Irmãos, quando uma vez se está ligado a Jesus Cristo, pela renovação dos costumes, como este Discípulo; quando se tem conhecido o abuso do mundo e as grandes verdades da fé, e que se torna como ele infiel, a infidelidade não conhece limites; torna-se capaz de tudo, desde que se tem tornado vã a graça que nos tinha retirado da desordem; o grão da virtude, a que tínhamos sido elevados, torna-se a medida do abismo que se cava em tornando a cair; não há excesso que se não deva esperar, daqueles, que depois de ter caminhado por algum tempo nos caminhos de Deus, voltam para o século e se declaram inimigos contra/de Jesus Cristo.

Considerai, com efeito, até onde este infiel discípulo leva a perfídia: ele vem à testa de uma corte para prender seu divino Mestre, ele oculta a enormidade de seu desejo com os mais ternos testemunhos de amizade; dá um ósculo sacrílego em Jesus Cristo, um ósculo, diz São Leão, que despedaça o coração de seu divino Mestre, de uma maneira mil vezes mais dolorosa do que a lança do Soldado sobre o Calvário; ele faz do mais doce sinal da paz, o sinal do mais infame de todos os atentados; ele ousa aproximar os lábios ímpios que acabavam de dizer aos Padres: que quereis vós me dar e eu vo-lo

entregarei? (Mateus 26, 15) dos lábios sagrados daquele que pode fulminar o pecador só com o sopro de sua boca; e apesar de sua perfídia, ele não ouve senão palavras de paz e de clemência; Jesus Cristo ainda o trata de amigo – *Amice* – querendo ignorar o seu desejo *ad quid venisti?* (Mateus 14, 45*), como para fazer-lhe compreender que ainda é tempo de arrepender-se, e que tudo para ele ainda não é desesperado; Discípulo infiel! Não sentes vos abrir-se o vosso coração e reviver toda a vossa ternura para um tão bom Mestre? Podeis vós sustentar a doçura de suas vistas, tão favoráveis aos discípulos infiéis, a majestade de sua pessoa, o resplendor divino de seu semblante, a afabilidade de suas palavras, sem cair a seus pés de dor, e sem lhe pedir com uma torrente de lágrimas que Ele esqueça vossa perfídia?

Quantos imitadores de seu exemplo nesta Santa solenidade! Quantos pérfidos, que não se aproximam de Jesus Cristo nos pés do altar, senão com um coração resolvido a traí-lo; que não lhe dão um ósculo de paz na participação do sacramento adorável, senão para salvar as aparências; senão porque a sua posição os expõem à vista dos homens por faltar a este dever; senão por mera decência e para não dar lugar aos discursos e às reflexões públicas; quantos Cristãos indignos a quem o Senhor dirá ainda quando os vê aproximar-se do altar santo: Infiéis, vós traístes o Filho do homem com um ósculo! Vós escolhestes o símbolo o mais precioso do meu amor para me carregar/cobrir de novos ultrajes! *Osculo Filina hominis tradis.* (Lucas 22, 48) Eis, pois, o Salvador do mundo entre as mãos de um traidor, de uma tropa de furiosos: aqui começa a história pública de suas ignomínias. Jesus Cristo preso, amarrado e tratado como um malfeitor. Pedro a princípio apresenta-se em sua defesa; e o Salvador lhe ordena que guarde sua espada, ensinando que as armas do seu Evangelho/sua Igreja são todas espirituais; que a paciência, a oração, a santidade são as mais seguras defesas de seus Ministros; que podendo Ele empregar as legiões dos Anjos para combater seus inimigos, Ele se tinha contentado de orar por eles; que sua doutrina não devia espalhar-se e sustentar-se senão pelas máximas da caridade, de doçura e da humildade que Ele ensina; e que, enfim, a espada que Ele nos coloca nas mãos não é destinada senão a destruir as paixões, e não os pecadores. Assim, Pedro se contradiz bem depressa: um zelo indiscreto, onde domina o assomo,

não se sustenta, e o primeiro perigo descobre sempre a ilusão e a fraqueza. Já ele não segue senão de longe a este divino Mestre, a quem esta tropa insolente conduz perante o pontífice: eis a ostentação de zelo e coragem que acaba por uma criminosa timidez. Não se segue a Jesus Cristo por muito tempo quando se o segue de longe e como que arrastado; nada é mais desgraçado do que colocar o assomo no lugar do zelo; julga-se defender a Jesus Cristo e não se procura senão satisfazer a si mesmo; e os vingadores indiscretos da verdade lhe causam algumas vezes maior dano por seus escândalos e quedas do que seus mesmos inimigos por sua revolta. Com efeito, eu ouço já este fraco discípulo protestar altamente em casa de Caifaz, que ele não conhece a Jesus Cristo; uma mulher o abala, uma simples interrogação o torna apóstata e perjuro; ele assegura até três vezes que ele não é discípulo de Jesus Cristo, e isto à vista de seu bom Mestre, atado, flagelado, escarnecido, caluniado; ele suscita esta nova dor a suas cadeias. Grande Deus! Que queda! O príncipe dos Pastores, a coluna das Igrejas, o Apóstolo da Circuncisão, o discípulo chamado bem-aventurado pelo mesmo Jesus Cristo e a quem o Pai celeste tinha revelado o Mistério do Cristo! Pedro, à testa do rebanho e falando em nome de todos os outros discípulos, confessa generosamente a Jesus Cristo; logo que está só e apartado dos Fiéis a quem deveria sustentar, reunir, animar nesta triste ocasião, ele cai! Os Pastores não estão em segurança senão quando rodeados de suas ovelhas; eles estão guardados, enquanto as guardam; mas logo que eles se apartam, que as abandonam, têm tudo a temer; é no meio de seu rebanho que o Senhor os reveste de força, os enche de luz e os acumula de bênçãos, porque então Ele os considera como seus e Ministros, a quem tem prometido sustentar nas funções peníveis de seu ministério; noutra parte, Ele não os conhece mais, não são mais do que homens fracos, comuns, sem força, sem firmeza, sem dignidade e como eles são inúteis à sua Igreja, eles se tornam indiferentes a si mesmos; as mesmas funções que são/fazem os seus deveres, são também toda a sua segurança e sua força. Mas uma queda tão covarde não risca do coração de Jesus Cristo este discípulo infiel; Ele o acha ainda digno de suas vistas; através das calúnias dos Padres, das imposturas das falsas testemunhas, dos ultrajes dos sacrílegos que o insultam, dos gritos

tumultuosos dos que pedem sua morte, Ele reconhece com uma atenção cheia de doçura e de bondade este fraco Apóstolo, Ele fixa seus olhos divinos sobre ele e com uma linguagem muda e que suas ignomínias tornam ainda mais tocante. É esta, Ihe diz Ele, a fidelidade que me tendes tantas vezes jurado? Se eu pude vos suster sobre as ondas, discípulo fraco, e vos garantir de toda a violência dos ventos e das tempestades, receais/temeis vós que eu não tenha a força para vos defender contra todo o poder dos homens? Vossa queda me tem humilhado mais do que todos os ultrajes de que me vedes carregado, vós acabais de jurar que me não conheceis! Mas eu assim mesmo ainda vos conheço, apesar disso ainda vejo em vós o chefe de minha Igreja e o Pastor de meus rebanhos; eu vos amo ainda, tão indigno como sois, e as lágrimas amargas que vejo correr de vossos olhos, são, ao mesmo tempo, o fruto de meu amor por vós e a expiação de vossa falta.

Apenas é feito o ultraje, é logo esquecido. E quantas vezes, ao sair mesmo do crime, Jesus Cristo tem lançado sobre nós, como sobre este Apóstolo infiel, uma vista de misericórdia, quantos têm crocitado em vossos corações remorsos vivos e pungentes, nos tem aberto os olhos sobre a indignidade de nossa vida, nos tem talvez mesmo feito vestir lágrimas de arrependimento, de tristeza, de desgosto de nós mesmos? Mas não tem sido então senão lágrimas passageiras, sensibilidades de um momento, uma tristeza, em que entrava mais amor próprio do que ódio do pecado.

Aflige-se pela demora de uma agonia secreta, por não se poder achar a felicidade nos prazeres dos sentidos; quereria ser-se feliz e tranquilo no crime, e se entristece por não sê-lo, desagrada-se de si mesmo por não se poder formar uma situação fixa e inabalável na iniquidade; desgosta-se de suas inquietações e não de suas desordens; se é tocado do vácuo e não do horror e da injustiça das voluptuosidades criminosas; não é por ser inimigo de Deus que se desagrada, é porque se é passado a si mesmo. É assim que a malícia é hoje consumada na ingratição dos seus discípulos, que entregam ou renunciam o Salvador.

Mas em segundo lugar, ela é ainda consumada na má fé dos Padres que o condenam. Porque primeiramente, o arrependimento de Judas não os toca; ele vem Ihe declarar, com o desespero no semblante, que ele tem pecado

entregando o sangue inocente; jamais houve testemunho menos suspeito, é o inimigo de Jesus Cristo que depõe em favor de sua inocência; é um traidor que ainda não gozou o fruto de sua traição e que vem restituir o preço funesto; é um infelizmente, que nada mais tendo a esperar de seu Mestre, e vendo-o humilhado, ultrajado, a ponto de ser condenado, não se pode lisonjear de que um dia ele reconhecerá sua volta; a força da verdade só lhe arranca a confissão de seu crime; que de mais favorável do que sua retratação? Entretanto estes Juizes de iniquidade que se tinham servido de sua fraqueza, fecham os olhos ao seu arrependimento: o negócio é vosso, lhe dizem eles; *tu videris*; não é deles a condenação de um/do inocente, não é deles o derramar o sangue do Justo e encher a medida pelo maior de todos os crimes; Ó Deus! Como sois terrível quando endureceis os corações.

Estes principais dentre os Judeus tinham resistido até aos milagres e aos ensinamentos de Jesus Cristo. O Parálítico curado, a Pecadora convertida, o Cego de nascimento esclarecido, Lazaro ressuscitado, tinham sido, pois, eles inúteis instruções; hoje o mesmo Judas morrendo desesperado não os toca, nem os espanta. É o abuso contínuo das graças que conduz sempre ao endurecimento.

Vós, que resistis a Deus desde longo tempo, chegareis a um ponto, que nem as mortes as mais medonhas, nem as verdades as mais terríveis, nem as solenidades as mais santas, nem as conversões as mais tocantes, jamais vos tocarão, e talvez já tenhais chegado a este estado. À força de abafar os vossos remorsos, de vos defender contra vossos próprios conhecimentos esclarecimento e de resistir às verdades que uma boa educação e um natural feliz tinha plantado mil sementes de virtude em vosso coração, vós viveis tranquilos em vossos crimes; nada vos desperta de vosso adormecimento, nem as verdades que nós anunciamos nem os Mistérios que celebramos; a libertinagem que não era antigamente em vós mais do que um arrebatamento ímpeto da idade e do temperamento, tem se tornado em horrorosa filosofia; o crime vos toca quase tanto como a virtude; os prazeres das paixões vos acham quase tão frio e tão filósofo como os santos atrativos da graça; vós ofereceis a Deus e ao mundo um fundo de desgosto, de insensibilidade, onde as paixões vos tem lançado, mil vezes mais terrível para a salvação do que os

arrebatamentos da desordem. Como estais longe do reinado de Deus, e quanto seríeis felizes se pudésseis somente compreendê-lo!

Em segundo lugar, o Príncipe dos Sacerdotes, admirado do silêncio de Jesus Cristo sobre todas as acusações de que se o carregava, descobrindo, (parece) em sua paciência, em sua doçura e na majestade de seu semblante, alguma coisa mais que humana, lhe diz: eu vos conjuro em nome de Deus vivo, que nos digais seu... Cristo Filho de Deus? Porém se é um desejo sincero de conhecer a verdade, para que interrogá-lo da santidade de seu Ministério? Perguntai a João Baptista que vós considerais como profeta e que tem confessado que Ele era o Cristo; perguntai a suas obras, que ninguém antes dele tinha feito, e que declaram que é o Pai que o tem enviado. Perguntai às testemunhas de sua vida e vereis se a impostura tem jamais sido acompanhada de tantos caracteres de inocência e de santidade; interrogai as Escrituras, vós que tendes a chave da sapiência, e vede se Moisés e os Profetas não lhe têm rendido testemunho; interrogai os cegos a quem tem dado a vista, os mortos que tem ressuscitado, os leprosos que tem curado, o povo que tem sustentado, as ovelhas de Israel que Ele tem guiado, e todos vos dirão que Deus jamais concedeu tal poder aos homens; interrogai ao Céu que se tem aberto tantas vezes sobre sua cabeça, para vos advertir que este era o Filho amado; e se estes testemunhos ainda vos não bastam, interrogai ao Inferno e aprendei dos demônios que lhe obedecem saturado dos corpos e confessando que Ele é o Santo de Deus.

Mas aqui não se procura seriamente a verdade; arma-se sim um laço à inocência; e o faz, como acontece quase sempre, prevenido de suas paixões, se consulta e não se quer ser enganado, parece querer instruir-se; e se desgostar de ser esclarecido.

Entretanto, o Salvador, para nos ensinar que as paixões e os prejuízos dos homens não devem nos impedir de render homenagem/glória à verdade (principalmente quando nosso caráter nos obriga a publicar que nós a devemos àqueles mesmos que querem fazer isso contra nós), e que não é necessário esperar que ela seja recebida favoravelmente; e Ele confessa que Ele é o Cristo prometido pelos Profetas, e anuncia a seus Juizes que eles verão o Filho do homem sentado à direita de Deus e vindo sobre as nuvens do Céu com

majestade dizendo-lhe: vós não quereis me reconhecer em mesma baixeza, vós me reconhecereis um dia quando eu aparecer sobre uma nuvem de glória arrodado de poder de terror de majestade; eu apareço agora como um criminoso, eu serei então vosso Juiz, e o das nações reunidas. Ela fala em Deus carregado como está de cadeias e de opróbrios, mas Ele nos faz também entender que no século futuro tudo mudará de face; que o pobre e o aflito estarão sentados sobre tronos de luz e de glória; que estes homens justos, a quem se calça aos pés e a quem se despreza como fracos de espírito, brilharão então no meio dos ares como astros puros, e julgarão o Universo como Jesus Cristo; entretanto, que os grandes e poderosos, os que julgam a terra, que parecem neste mundo os árbitros da fortuna e do destino dos povos e dos Impérios, estes heróis que o mundo tanto respeitava, e que não brilhavam senão com gloria humana, serão degradados, humilhados, considerados como o opróbrio dos homens, não aparecerão cobertos senão de seu orgulho e até seus crimes.

Entretanto, uma declaração tão terrível, e tão capaz de abrandar o furor destes Juízes, é para o Salvador uma resposta de mestre. Este Pontífice indigno rasga suas vestes sacerdotais e profetiza, sem o saber, por esta ação, diz São Leão, que está para sempre despojado da dignidade de seu sacerdócio do qual Jesus Cristo, novo Pontífice, vai entrar em possessão à direita de seu Pai no santuário verdadeiro onde Ele está sempre vivo a fim de interceder por nós. Blasfemou, gritou ele, não precisamos mais de testemunhas.

Este Juiz corrupto torna-se o acusador, todas as regras da equidade são violadas, ele não espera os votos, ele os inspira. Um só desta assembleia, antigamente a mais venerável do mundo, não ousa declarar-se protetor da inocência, tudo entra laxamente na paixão de seu chefe; aí não se acha um só Gamaliel, que por seus conselhos de moderação procure pelo menos suspender a iniquidade desta sentença (como é raro o ousar ser o único em favor da razão, e da justiça!) e sem que tenha precedido deliberação alguma, se elevam do meio desta assembleia iníqua vossos tumultos os que pronunciam que Jesus Cristo é digno de morte. *Reus est mortis* (Mateus 26, 66).

Ó meu Salvador, nesta sentença sacrílega vós adorais a sentença que vosso Pai pronuncia então contra vós; é de sua boca eterna que vós ouvis sair estas palavras irrevogáveis de vossa condenação: ele é digno de morte: *Reus est mortis!* Aqui não se faz senão prestar a voz pérfida ao oráculo celeste, assim vós não vos queixais de sua injustiça; vós vos calais como o cordeiro que se vai imolar, e vós respeitais na injustiça de sua sentença, as ordens justas e adoráveis de vosso Pai.

Aprendamos, pois, meus Irmãos, a não nos queixar dos homens dos tratamentos injustos que nós recebemos deles; consideremos nossos inimigos nos desejos de Deus e na ordem de nossa predestinação eterna. Reconheçamos, através dos golpes que suas paixões nos dão, a sabedoria e a mão invisível do soberano que os dirige; e recordemo-nos de que desde o momento em que os homens se têm tornado nossos perseguidores, eles se têm tornado mais respeitáveis para nós, porque se tem tornado os ministros da justiça de Deus a nosso respeito, e não fazem senão executar conosco neste mundo as suas ordens.

Mas continuemos. Todos os passos que vai dar daqui em diante o Salvador, não serão mais do que novas ignomínias; assim a malícia dos homens é, em terceiro lugar, consumada na inconstância do povo que pede a sua morte. Ao sair da casa de Caifaz, onde Jesus Cristo passava uma noite tão ignominiosa quanto amara; entregue à insolência e à brutalidade dos ministros e servos do Pontífice, exposto durante toda a noite aos opróbrios, cuja recordação faz estremecer a nossa fé e arrancar lágrimas à piedade, abandonado de todos os seus Discípulos, não esperando o dia senão para ver recomeçar com mais clareza a história de suas ignomínias aos olhos de toda Jerusalém; Ele é conduzido ao Pretório através das ruas desta cidade ingrata e inconstante, seguido como um celerado, de uma multidão sediciosa que o insulta. Que mudança nós o tínhamos visto entrar a poucos dias em Jerusalém ao ruído das aclamações públicas e como um Rei triunfante que vem entrar na possessão de seu Império; hoje que novo séquito (aparado) carregado de confusão de todos os anátemas deste mesmo povo sublevado e que pede sua morte com gritos estridentes.

Vós quereis, ó meu Deus, que vossos servos aprendam, neste exemplo, a não contar com a glória do mundo e com a estima dos homens tão inconstante e tão pouco sólida; ainda mais de não sacrificar o dever e a consciência a seus vãos julgamentos; a se unir unicamente a vós, que nos vedes sempre tais quais somos e cujos julgamentos só conservam-se eternamente.

Com efeito, até onde este povo infiel não leva o excesso de sua inconstância e cegueira? Quantos crimes não comete em um só? Primeiramente, uma injustiça monstruosa: se lhe propõem livrar a Jesus ou um indigno malfeitor cujos crimes públicos tinham tornado digno de morte (e objeto da execração geral). Que paralelo o Salvador dos homens com um celerado e homicida! Entretanto, Barrabás é o preferido pelos sufrágios públicos: pelos Padres, Anciãos, Doutores, pela multidão perante o Tribunal de um Juiz infiel, à face de toda a Judeia e no acontecimento o mais espantoso de que Jerusalém jamais tem ouvido falar.

Ah! Nós somos tão sensíveis à mais leve preferência que nos humilha! Nosso orgulho leva tão longe os ressentimentos; por pouco que se nos esqueça, que se refiram nossos concorrentes e nossos iguais, nós tanto clamamos contra a injustiça dos homens; nós censuramos a escolha de nossos maiores e rebaixamos o mérito daqueles que se nos referem. Aprendamos de Jesus Cristo que os julgamentos dos homens não decidem nada de real por nós, que a realidade está só no que se faz por Deus porque jamais fica sem recompensa; que, se a ambição tem sido o único motivo dos serviços prestados à pátria, é justo que sejamos punidos por nossa mesma ambição e que a verdadeira virtude pereça mais em tornar-se digna das graças do que em recebê-las.

Em segundo lugar um furor cego. Um Magistrado pagão não ousa a princípio condenar a Jesus Cristo, ele declara que tem as mãos puras do sangue deste Justo; e este povo furioso pede que seu sangue caia sobre Ele e sobre seus filhos/sua posteridade. Ele consente, pede/deseja que este anátema se conserve eternamente sobre a cabeça de seus descendentes: *sanguis ejus super nos et super filios nostros* (Mateus 27 – 25.).

E o acontecimento corresponde a seus desejos, ainda hoje tornados o opróbrio do universo, errantes fugitivos, desprezados; sem altar, sem lugar, sem sacrifício, eles levam por toda a parte sobre sua fronte o sinal deste sangue derramado (ferrete de sua reprovação).

É assim que os julgamentos injustos tornam-se fontes da maldição nas famílias; Deus exige até à quarta geração o sangue que a injustiça de um só de seus antepassados sessado sobre os tribunais e muito devotado às paixões de outrem, faz temerariamente derramar; vê-se essas casas tocadas por uma mão invisível, espantar o mundo por sua decadência, e até o fim, a posteridade levar sobre a fronte a iniquidade de seus pais. Em terceiro lugar, uma negra ingratidão. Antigamente, tocados dos benefícios de Jesus Cristo, eles tinham querido elegê-lo para seu Rei; hoje protestam altamente que não querem outro rei senão Cesar; rejeitam o Filho de Davi, o Rei cujo reinado deve ser eterno, e não querem que reine sobre eles *Nolumus hunc regem super nos* (Lucas 19, 14). *Non habemus regem, nisi Caesarem* (João, 19, 15).

Não é esta, meus Irmãos, (vós principalmente que habitais os palácios dos Reis) a linguagem que vós dirigis todos os dias a Deus no fundo de vosso coração? Quantas vezes tendes vós dito em segredo, resistindo a suas inspirações santas: nós não queremos que reineis ainda sobre nós; não é ainda tempo de vos servir, de renunciar ao mundo e a nossos desvarios; é necessário esperar uma idade mais avançada; agora é a estação de avançar e chegar aos lugares que nos são devidos; nós não podemos servir a outro Deus senão a Cezar, senão à corte e à nossa fortuna! Eis vossa única divindade. Um Príncipe religioso só quer que Deus reine sobre ele, depõe a seus pés o cetro, a coroa, o Império; todas as suas homenagens são somente para Deus, e todo o vosso culto se refere a Ele mesmo, aprendei pelo menos a merecer suas graças imitando seus exemplos.

Em quarto lugar, a malícia dos homens é ainda consumada na fraqueza de Pilatos, que apesar de sua consciência e luzes, não ousa declarar Jesus Cristo inocente; e considere/observai, eu vos rogo, na conduta deste magistrado corrupto, todos os sinais de uma indigna fraqueza, que sacrifica a consciência e o dever à fortuna. Primeiramente ele reconhece que lhe não pertence pronunciar sobre todas as acusações que se formam contra Jesus

Cristo; que não sendo instruído na Lei, não pode entrar em um negócio que parece pertencer somente à Religião dos Judeus, cujo julgamento só pertence ao Pontífice. Entretanto, para não desagradar aos principais dos Judeus, ele se coloca em estado de julgar sem autoridade e sem conhecimento. Sem conhecimento porque ignora a lei, sem autoridade porque o Senhor não tem constituído os Magistrados como juizes da verdade e da doutrina. Seu tribunal é o asilo e sustentáculo da Igreja, mas não a regra e a lei; a eles pertence prestar sua autoridade mas não as decisões e os sufrágios: e eles devem deixar a aqueles a quem o Senhor tem confiado o depósito da Fé, o cuidado de conservá-la, e de combater os erros que podem lhe prejudicar:

Em segundo lugar, não dizem a Pilatos, se vós reenviais este Jesus absolvido, vós sereis im-⁴ está no céu, que eles não terão sido sobre a terra senão reis de teatro, durante a cena curta e rápida de sua vida, se eles não têm em seu tribunal, a justiça e a piedade que só podem fazê-los reinar eternamente; que todos os títulos pomposos que os distinguem dos outros homens perecerão com eles, e que então perante o Juiz inexorável, onde aparecerão como criminosos, e despojados de todo o brilhantismo passageiro que os cerca, se lhes perguntará como Pilatos a Jesus Cristo: *Rex es tu?* Sois Rei? Não se vos perguntará se tendes descendido de sangue ilustre; se tendes ocupado altos postos sobre a terra; se tendes comandado exércitos; se tendes reinado sobre Províncias e Impérios; tudo não existe mais; não era mais do que uma decoração vã e uma cena passageira e não parecia grande e brilhante senão aos olhos daqueles a quem os sentidos iludiam, que confundiam o tempo com a eternidade, e que não julgavam senão sobre vãs aparências. Mas sois vós grandes a meus olhos e de meus escolhidos? *Rex es tu?* Que trazeis vós que vos distinga dos outros homens? Tendes reinado sobre vossas paixões injustas? Tendes vencido a vós mesmos? Tendes sido elevados acima dos outros homens pela inocência de vossos costumes, pela vivacidade de vossa fé, antes que pela eminência da vossa posição? Vossas paixões sempre levadas aos últimos excessos, porque em vossa elevação, elas não tinham jamais outro freio que vossos desejos insensatos, não vos tem degradado a

⁴ O texto assim se encontra no manuscrito, apesar de, aparentemente, carecer de sentido em relação ao fôlio seguinte.

meus olhos abaixo da mais vil população? Que sinais vos farão reconhecer senão as distinções do crime e ignomínia? *Rex es tu?* Ah! É então que a maior parte dos grandes confundidos, reconhecerão que sua grandeza e reinado não eram senão deste mundo. Que eles não têm sido Grandes no tempo, senão para serem humilhados e mais desgraçados na eternidade que tudo tem perecido para eles com o mundo; e que de tudo o que eles eram, nada mais resta do que o desespero eterno de ter abusado.

Mas estas grandes instruções surpreendem a Pilatos, mas não o tocam. O Salvador acabava de lhe declarar: só lhe pertencem aqueles que conhecem a verdade e ouvem sua voz; que os amantes da vaidade e da mentira nada compreendem de sua doutrina; que para conhecer a santidade e sublimidade de suas máximas é necessário amá-las; e que só o amor da verdade dá a inteligência. O que é a verdade, lhe pergunta este magistrado infiel: *quid est veritas?* (João 38) E sem esperar pela resposta de Jesus Cristo nos faz compreender que o conhecimento da verdade raras vezes torna-se negócio de importância para os grandes; que os discursos que os entretêm são mais ociosos do que instrutivos, que eles, se algumas vezes consultam, é mais para procurar sufrágios/apoio para suas paixões do que para instruir-se; que as verdades desagradáveis não chegam a eles, porque ninguém as ama assim, para ousar desagradá-los; e que pelos benefícios com que recompensam aos que os enganam, merecem ser enganados.

Tanta santidade e grandeza nas respostas de Jesus Cristo é para Pilatos uma linguagem nova que o surpreende e toca; ele declara ao povo que este homem não é criminoso, mas não o livra como inocente, ele se contenta em pedir que o absolvam, ou que o dispensem de condená-lo, flutuando sempre entre o dever e a fortuna; querendo sempre misturar a equidade e a paixão. Mas todos os temperamentos em matéria de dever são a temer: querer tudo conciliar é tudo perder; inocentar adoçamentos quando a lei é clara e precisa, não é salvar a regra mas nossas paixões, todo o acordo entre a mentira e a verdade se faz sempre à despesa da verdade, e o Evangelho principalmente é uma doutrina que propõem regras.

5.3.3 Transcrição Modernizada de *Nossa Senhora de Montserrat*

Dequa natus est Jesus.

Apenas um sopro divino anima nossos primeiros Pais, logo vêem eles desfazer-se por sua prevaricação as vantagens da inocência: só uma lembrança lhes resta então do seu primeiro estado, e esta lembrança só lhes serve para fazer sentir mais cruelmente a sua perda, e sua desgraça seria sem remédio se Deus, em quem a misericórdia é infinita, lhes não desse a mão para os levantar do abismo em que se haviam precipitado.

Ainda lhes não respira livre o coração e o sangue devera gelar-se em suas veias se a desgraça fosse irremediável, mas uma promessa é feita em nossos primeiros dias: uma mulher deve vir ao mundo e declarando “viva guerra” ao nosso inimigo, deve esmagar-lhe a cabeça soberba, e constituir-se nossa proteção, nosso refúgio, nossas esperanças.

E, com efeito, Senhores, esta promessa nos ligaram nossos Pais.

Em vós, Nossa Senhora, que a quem vem constituído.

Sim, Senhores, por mim falam todos esses templos e altares erigidos com tanta pompa e magnificência, em honra de Maria, em todas as aldeias, em todas as cidades, em todas as Nações do Mundo Cristão hoje! A devoção com que lhe prestais estes cultos solenes. Tudo, tudo nos está dizendo, o que dizem os Padres, a Igreja nos ensina e a experiência dos séculos nos confirma: isto é, que Maria é a desposadora de todas as graças e Misericórdias, que a ela devemos recorrer em nossas necessidades, que ela é a nossa poderosa Advogada, Advogada, como diz São Pedro Damiano, que chega ao trono de seu Filho, antes para mandar do que para pedir, mais como soberana do que como serva; *Non oram, sed inperam, domina, non ancilla.*

Continuemos, pois, Senhores, continuemos a prestar-lhes os solenes cultos que lhe são devidos de nossa eterna gratidão; e confessando à face do Céu e da terra a Glória e a Proteção de Maria, procuremos... a nossos Filhos a herança que muitas vezes reiterada tem sido: realizada na ordem dos tempos, e Deus tem baixado ao mundo para revestir-se da carne humana nas

puríssimas entranhas de uma Virgem, de uma Virgem cuja maior glória é ser a Mãe do mesmo Deus – *de qua natus est Jesus*.

E esta Vossa, sendo a Mãe do Deus, e, por consequência, superior a tudo o que é inferior ao mesmo Deus, por um excesso de amor verdadeiramente divino, nos tem tomado sob sua proteção, adotando-nos como Filhos ao pé da cruz no meio do turbilhão das angustias do Calvário.

Já daqui, Senhores, podereis coligir qual o objeto do meu discurso, e nem vos rogaríeis julgando que eu adquira fala, procure penetrar no abismo insondável da Glória da Mãe de Deus.

Não, Senhores, o meu fim é somente excitar a vossa devoção, a vossa piedade para com esta extremosa Mãe de quem temos recebido tantos benefícios e a quem hoje prestamos tão solenes cultos debaixo do título de Montserrat.

Discurso

Para melhor conhecermos a grandeza os benefícios, que temos recebido de Maria Santíssima, cumpre antes de tudo, Senhores, examinar a multidão de males que pesam sobre nós; cumpre conhecer bem o estado de fraqueza e de miséria a que nos tinha reduzido o pecado e os perigos que nos ameaçam por toda a parte; e então lembrando-nos que foi ela quem dissipou, por seu Filho, as trevas da nossa ignorância, nos restituiu os direitos de que fôramos despojados e carinhosa Mãe nos ampara e protege nos perigos; será fácil conhecer, ou ao menos avaliar, uma parte dos benefícios que temos recebido desta Mãe extremosa.

O berço, Senhores, é o primeiro teatro das misérias do homem e o aliado do seu nascimento, o que dá princípio à penosa carreira de sua infelicidade. Fracos mortais trazemos impresso o caráter da fragilidade. Ramos desgraçados de um tronco infeccionado temos dentro em nós o princípio de corrupção. Em uma palavra: o homem descendente de Adão nasce pecador e, em consequência, sujeito a todos os males e perigos que nos atropelam neste mundo.

Abramos a história a mais autêntica, e aí veremos em cada página, desde o berço do mundo, uma prova da nossa miséria e infelicidade.

Adão é o primeiro, que com suas lágrimas rega a terra sempre ingrata a seus suores. Abel, o inocente Abel morre banhado no seu próprio sangue às fratricidas mãos de Caim: este errando vagabundo traz estampado no seu rosto o pavor e sobressalto, julgando ver em cada um homem um assassino.

As águas do Dilúvio dão sepultura a todo o Mundo, e Noé apenas escapado da geral submersão serve de escárnio a um mau Filho, que é logo a um triste cativo condenado.

O Egito é castigado com pragas inauditas, e o mesmo Moisés vê muitas vezes lavar a morte em seu povo por mil calamidades diferentes.

Baltazar vê, no meio de sua corte esplêndida, uma prodigiosa mão lavar o decreto de sua morte, e nessa mesma noite é arrancado à vida nas delícias de seu festim. Sedícias é levado cativo para Babilônia sem ao menos ter olhos para chorar sua desgraça.

Finalmente todos estão expostos a milhares de perigos, como diz o Apocalipse nos campos, nos caminhos, nas cidades, nos Impérios, não achando em toda a redondeza mais do que hostilidades nos homens, mortandade nas feras, perigos e flagelos nos elementos conjurados. O Céu fechando seus diques nos deixa gemer na fome e na miséria. Eis, Senhores, eis o esboço das misérias do gênero humano!!

Grande Deus! E teremos nós de lutar sempre contra ventos tão contrários? Fracos baixéis lançados no encapelado mar de tantas desgraças, como navegar por meio de tantos cachopos sem termos quem nos guie?

Mas não, alegrai-vos, tristes filhos de Adão, eu já vejo a pura estrela da manhã mais brilhante que o Sol, em seu zínir, que nos vem conduzir à salvação, removendo os obstáculos, acolhendo benigna as nossas súplicas e nos protegendo e amparando em todos os perigos.

Desviemos, pois, as vistas do quadro lutuoso que acabei de traçar, e vamos apreciar as prerrogativas e reconhecer a proteção desta Virgem imaculada, origem de todos os benefícios.

Formada pela mão do Eterno para do seu sangue formar-se aquele que é a mesma caridade por essência e princípio de todo o Amor; destinada por

Deus para um dia ser Mãe do mesmo Deus, ela nasce sem que participe da desobediência: um muro de separação se levanta entre ela e o pecado; e a torrente de iniquidades, que desde princípio do mundo tem assolado a terra, passa por ela sem a tocar, e respeitando-a como Templo de Deus vivo, não se atreve a atacar o seu Espírito.

A terra que a vê nascer a bafeja com os negros vapores do crime: a vaidade; a cobiça, a vingança e todas as demais paixões, que nos fazem gemer debaixo de sua tirania, jamais perturbam a paz de sua alma; semelhante à Esposa dos Cantores ela fica reclinada em um leito de flores, enquanto todos os mais filhos de Israel vagam pelo escabroso da montanha.

Nascida, pois, cheia da Graça de Deus, é prodígio das Graças e Santidade; não conhecendo os princípios por onde passa o Justo para chegar por degraus à perfeição, toca logo ao seu mais alto grau, e por premissas da Graça recebe logo a enchente de toda ela e o poder de distribuí-la em nosso favor.

Santos Patriarcas, Profetas santos, Justos da antiga lei, vós a reconhecestes, e por isso ao Céu a implorastes com lágrimas e suspiros como o único refúgio, fortaleza e consolação em que depositáveis toda a vossa confiança. O que poderemos pois rezear sendo protegidos por tal Mãe? E não foi o mesmo Jesus Cristo que próximo a expirar declarou, do alto da cruz, que em Maria Santíssima nos deixava uma Advogada, uma Protetora, e o que é mais ainda, uma extremosa Mãe, *Ecce mater tua?*

E poderá ela esquecer-se por um só momento dos filhos recomendados na última hora das agonias do nosso Redentor?

Não, Virgem Santíssima, vós sois a Mãe do mais perfeito amor; em vós nada é austero, nada terrível, mas tudo ternura, tudo suavidade. Poderosíssima diante de Deus, de quem formais as Castas delícias, vós sois ao mesmo tempo nossa Mãe, e por isso cheios de confiança nós vos invocamos em nossas tribulações.

E quem jamais poderá duvidar do interesse que ela toma por aqueles que a invocam com a verdadeira devoção?

Consagrado à Senhora do Montserrat, ereto no cimo desta montanha, como uma atalaia para vigiar e dirigir com segurança os navegantes ao Porto e

proteger aos habitantes desta Cidade... estes quadros, estes sinais de reconhecimento que eu vejo como servindo de adorno às paredes deste Templo são outros tantos padrões de glória, públicos testemunhos dos benefícios que dela recebemos todos os dias.

O que, pois, poderei eu mais dizer à vista de tais provas, mais eloquentes em seu mesmo silêncio do que a língua do Orador ainda o mais sábio e o mais sublime?

E já que estais constituída nossa Mãe e protetora, continuai a mitigar os nossos males e a proteger àqueles que vos invocam com piedosa devoção; estendei o vosso manto sobre estes devotos que com tanto fervor vos consagram tão solenes cultos; Continuai, senhora, ainda vos suplico, continuai a inflamar os seus corações prodigalizando vossos benefícios e vossas Graças, porque se tornem dignos de cantar louvores em vossa honra na Glória eterna que eu a todos desejo.

Com efeito, enfim, espalhados pelo Universo, Senhores, todos esses templos dedicados a Maria debaixo de títulos diferentes.

5.3.4 Transcrição Modernizada de *Sermão de Misericórdia*

Tais são os tocantes exemplos e as lições de misericórdia, que nos deu o Salvador do mundo: Ricos do século, eis o vosso modelo, reconheceis nele o caráter de vossa religião. Semelhar-te a seu divino autor, ela não é senão amor e caridade; estabelece e estreita os laços da fraternidade tornando-os mais respeitosos e mais santos; condena estes êxitos contempladores, que servem do pretexto de amar a Deus para se esquecerem dos homens. Ela nos diz que o Evangelho não desceu do Céu senão para fazer a felicidade da terra; que quanto mais se é Cristão tanto mais se é sensível; que Deus não recebe honra maior do que quando se aliviam os desgraçados, e finalmente, que a misericórdia é mais agradável e mais eterna do que o sacrifício. Misericórdia bolo. Ministro desta Santa Religião ou me não considera digno de ser seu

intérprete, senão quando advogar a causa dos miseráveis, e é sem dúvida ao meu Ministério antes do que aos vãos sofistas do século, que pertence o fazer retumbar estas palavras tão frequente e friamente celebradas – a beneficência, e a humanidade.

Esforçar-me-ei pois hoje a fazer falar em favor dos pobres o sentimento, e a favor, o Evangelho, e a natureza; farei se é possível, que corem esses ricos mundanos, que jamais experimentaram o prazer de ser humanos, e que acarretam a vergonha de ser insensíveis; reclamarei com uma santa liberdade os sagrados direitos da indigência fazendo sentir a todos vós que quando recusais a esmola sois tão injustos quanto cruéis, tanto para com Deus, como para com os pobres.

Deus de Misericórdia, agora mais que nunca necessita vosso indigno Ministro dos vossos auxílios; vinde, pois, em meu socorro; preparai também a alma dos meus ouvintes, e fazei que eles compreendam que é necessário usar de misericórdia para com os pobres a fim de poderem alcançar a vossa; e vós, Cristãos, prestai-me atenção.

Discurso

A principal causa do nosso erro nesta matéria é não nos remontarmos a verdadeira fonte de todos os nossos bens: transmitidos por nossos Pais, ou adquiridos por nossos cuidados, nós julgamos devê-los ou ao Nascimento, ou a indústria: tocados pelo aparato de tantas leis, que nos garantem sua possessão, e punem os raptos, não julgamos haver pobres sobre a terra, a quem pertence parte dos nossos bens; contemplamos nossos vastos domínios, os percorremos cheios de complacência, e à vista de tão ricas possessões gritamos na alegria do nosso coração; tudo isto é meu. E quando pronunciamos estas palavras milhares de homens morrem de fome; nós o sabemos. Ah! E poderíamos ignorar e todavia, ou esta ideia tocante não desperta nossos remorsos, ou as paixões os abafam: estranha cegueira que nos torna injustos para com Deus e para com os homens.

Sim, Cristãos, Deus quer que o homem seja útil ao homem; que o pobre e o rico se encontrem; que o mais opulento seja também o mais misericordioso; que substitua providência; que faça com o seu supérfluo o que ela julga não dever fazer por si mesma; que esta diversidade de bens e de riquezas faça nascer a necessidade da união, as relações; e os socorros mútuos; que uma harmonia real resulte de uma aparente desordem; que esta mesma desordem seja um meio de salvação; que faça germinar as mais nobres virtudes; que produza em uns a generosidade, em outros o reconhecimento; em uns o prazer de dar, em outros o de receber; nestes uma terna compaixão, naqueles a confiança, e em todos o respeito ao Pai comum.

Reconhecei agora vosso crime, ó ricos insensíveis.

Deus quer dar nas vossas pessoas consoladores à terra, e vós vos tornais seus flagelos; Ele tem julgado tirar a uns o supérfluo, e vós os privais do necessário; Ele tem permitido que a partilha dos bens seja desigual e vós a tornais monstruosa; ela devia fazer pobres unicamente, e vós fazeis desgraçados; não devia produzir senão virtudes e vossa dureza só causa crimes: eu vejo em uns todos os prazeres em outros todas as necessidades; aqui a alegria em toda a sua extensão; ali o desespero em todo seu furor; nestes a propriedade que insulta, naqueles a pobreza que aniquila; de uma parte vítimas, da outra tiranos; finalmente, não há Deus nem para o rico, que o esquece, nem para o pobre que blasfema.

Ouvis, ricos tiranos, ouvis o que diz o Senhor: é por vós ricos injustos que o meu nome é blasfemado, e ultrajado da maneira a mais insultante, e mais cruel; *propter vós nomen Dei blasphematur*: os ultrajes que mais despedaçam meu coração, e minhas entranhas paternas, são as lágrimas e as murmurações sacrílegas, que vossa bárbara insensibilidade arrasta dos desgraçados, porque é então, que é atacada a mesma misericórdia, o principal de meus atributos, a alma dos meus desejos, a essência da mesma essência: eu dissimulo todos os outros crimes, os suporto com paciência, esperando a inevitável eternidade; mas vossa inflexível dureza excita mesma indignação, e para assim dizer, não permite repouso a mesma justiça: em todos os momentos os gritos dos pobres chegam no meu trono armam meu braço, e precipitam mesma vingança; eu conto todos os suspiros, e lágrimas dos

desgraçados, eu ouço suas imprecações, e acumulo sobre vossas cabeças tantos anátemas, quantos gemidos eles soltam: *propter gemitum pauperum nunc exurgum*.

Deus vos favoreça! Dizemos nós friamente ao pobre que nos importuna: mas pergunto eu: são bem inteligíveis estas palavras tanto para vós como para eles? Deus vos favoreça! Isto é, esperai que Deus faça um milagre em vosso favor, que para vos socorrer transtorne todas as leis da natureza e todas as regras da providência. Que horrível consolação! Deus vos favoreça! Quereis que Deus renove constantemente as maravilhas do deserto, que mude as pedras em pão; que envie seus anjos aos pobres como muitas vezes fez a seus profetas? Pode Ele, conforme o plano ordinário de sua sabedoria, socorrê-los melhor do que por meio de vós? Seus dons são vossas riquezas, todos os seus benefícios estão em vossas mãos; o pobre vos é confiado e não tem outro recurso, outro pai, e para assim dizer, outro Deus senão vós: Deus vos favoreça, repito ainda! Estas palavras ditadas pelo hábito e não pela reflexão são uma quimera em vossa boca, um objeto de desespero para o pobre, e uma ironia para Deus.

Ricos, grandes, poderosos do século, de qualquer forma que se vos chame, eis vossos irmãos; multiplicai as barreiras, criai distinções, imaginai novas distâncias, eis vossos irmãos; falai-me de vossos títulos, de vossas honras, de vossos escravos, eis vossos irmãos; Eles são o osso do vosso osso, a carne da vossa carne; toda preeminência que não tende a seu alívio, é um título bárbaro, uma quimera monstruosa: o mesmo Deus não seria digno (permite que assim diga) de nossas homenagens se Ele fosse unicamente grande; a natureza que dá a todos os homens os mesmos sentidos, as mesmas faculdades, e as mesmas necessidades, lhes tem fornecido os meios de as satisfazer e, em consequência, os pobres têm sobre vossos bens um direito inviolável: tudo o que possuis além do necessário formou seu patrimônio e, em consequência, dar-lhes uma esmola é restituir-lhes uma parte do que é seu... E quem poderá ver a sangue frio um punhado de ousados soberbos invadir o universo e deserdar seu pudor a maior parte dos homens dos bens que a natureza lhes tem concedido?

Conheceis vós a força deste raciocínio, vós que gozais tranquilamente de vossos imensos tesouros? Não, certamente: a voz da natureza tão poderosa, e tão forte não pode ser ouvida no meio do ruído da opulência: Ah! Se fosse possível que ela penetrasse através desses orgulhosos saberes onde a voluptuosidade reina em todos os sentidos ou se por um momento vos despojásseis de vossas decorações e vos colocásseis a par de um pobre, vós diríeis; – todos nós somos filhos da mesma mãe, eles são como nós destinados a participar de seus bens comuns, e de gozar de seus benefícios; é sua pobreza que faz nossa opulência, e entretanto nós habitamos debaixo de dourados tetos, e eles não têm onde reclinar suas cabeças!!!!

Parece-me que a esta ideia bem longe de vos encher de orgulho o fausto que vos cerca, vos arguiria de um crime; vós vos julgaríeis injustos para com os pobres, abaixaríeis os olhos em sua presença, e vos envergonharíeis de vossa pretendente felicidade

Que fazeis, pois, sobre a terra, ó ricos injustos? Todos os seres racionais têm um fim a cumprir sobre a terra, qual é, pois, o vosso? Satisfazer vossos fantásticos desejos, por em trabalho toda a natureza, e todas as artes em torturas para satisfazer vossos caprichos? Ah! Se vos julgais para um fim tão frívolo que ideia formais de Deus? E se pensais que estais sobre a terra para serdes úteis a vossos irmãos, que ideias formais de vós mesmos?!

Mas para que provar-vos por longos discursos uma injustiça condenada pelo grito da natureza?

Em vão procurareis desconhecer os direitos que têm os pobres sobre o vosso supérfluo; o sentimento os reclama, e é por isso que a causa dos pobres sempre triunfa. Em vão procurareis vos iludir, a vossa injustiça vos estará sempre presente, e é por isso que o pobre é um objeto, que vos aflige e de que procurais vos desembaraçar como vosso inimigo; seu aspecto vos importuna; o recusar aliviá-los vos humilha secretamente, e sua presença vos pune horrivelmente.

Mas dir-me-eis vós, nós bem conhecemos que somos obrigados a socorrer os pobres, mas nós não temos obrigação de dar-lhes o que nos é necessário e tudo quanto possuimos nos é preciso para conservar a nossa dignidade e a decência do nosso estado *Pois bem, explicai-me qual o segredo

de que se servem muitas pessoas elevadas a maiores dignidades e que, tendo uma fortuna muito inferior a vossa, honram a Deus nas pessoas dos pobres: dissei-me qual o prodígio ou, se quiserdes, a magia de que se servem muitos artistas que, possuindo unicamente o seu jornal, socorrem a indigência?! Interrogai a estas almas benfazejas, e elas vos responderão que a caridade é industriosa e que em suas mãos tudo se parece multiplicar: tendes um coração sensível, vos dirão elas, e bem depressa tereis muito com que mitigar as aflições do pobre.

Agora, pois, vai triunfar a causa que eu defendo agora que eu não mais vos digo sede justos, mas sede humanos: eu quero, de alguma sorte, comover vosso amor próprio e irritar vossa vaidade fazendo-vos sentir que quando recusais a esmola violais sem remorso já não digo que as principais regras da moral evangélica, mas as mais doces inclinações de uma alma bem nascida, e que nada vos pode subtrair à vergonha de serdes cruéis, por que vós resistis ao mais doce sentimento, e ao mais tocante espetáculo.

Dai-me um coração que ame, dizia Santo Agostinho, e ele sentirá o que eu digo: eu não exijo tanto: não quero um coração que ame, um coração terno e sensível, não; dai-me somente um coração que não seja bárbaro, e ele compreenderá o que eu profiro; ele sentirá que não há na terra doçuras incomparáveis às que a caridade nos ministra, que um só instante consagrado às obras de misericórdia oferece à alma mais contentamento, e mais alegria do que todas as delícias do libertino, e do voluptuoso; que bem diversos dos prazeres de uma alma corrupta, os de um coração caritativo são tão vivos quanto duradores; que o homem jamais se julga tão elevado e tão nobre como quando se vê compadecido; finalmente, que o rico tão desgraçado que não pode ser flexível à compaixão; tanto ignora o preço das riquezas como os prazeres que elas lhe podem ministrar.

Que coisa mais consolante do que dar uma esmola, que sem destruir o meu luxo nem o meu fausto pode levar a alegria ao seio de uma família honesta e virtuosa?

Eu me figuro socorrendo a essa família; parece-me ouvir que todos pronunciam o meu nome com tanto acatamento como se fosse o de um Santo ou de um anjo, que cheios de transpostos me cobrem de bênçãos, que elevam

do fundo de suas almas uma oração fervo rosa implorando em meu favor eu veja sua puras mãos elevadas ao Céu, a imagem da serenidade brilha em seus rostos, todos os corações cerrados até então pela miséria se dilatam e palpitam de alegria.

Ah! eu os vejo todos, a mãe apertando ao seu seio os filhinhos, cujas carícias ela tinha sido obrigada a repelir, os filhos rindo-se para sua mãe; o pai cheio de alegria no meio desta cara família de quem havia fugido amargurado para não mais ver seus sofrimentos; mais que nunca ele goza então da felicidade de ser pai. Ah! E haverá uma alma tão fria, que não se sinta comovida à vista de um quadro tão tocante?!!

Dizei-me; qual de vós tem uma alma tão feroz que se não comova à vista de um tão tocante espetáculo? Se há neste auditório uma tal fera que se apresente.

Ninguém aparece, ninguém ergue a voz para me responder!

Vinde vós, Senhor, vinde nesta cruz concluir o que eu tão indignamente hei principiado. Que é isto, meu Divino Jesus? É, pois, esta a imagem verdadeira do Deus de grandeza e majestade, de onipotência e de glória, que eu devo reconhecer e adorar? Sois vós o especioso em formosura entre os filhos dos homens? Eu só vejo em vós a imagem de um pobre: vosso corpo despido, e coberto de chagas, e não tendo por leito mais do que uma cruz, me representa o de um pobre que implora no leito da morte a compaixão dos ricos, e alívio para seus males...

Ah! e não há quem se apresse a mitigar suas dores?...

Aplaudi-vos, ricos desumanos, cantai vitória vós desejáveis que não houvesse um Deus que pudesse ver e castigar vossas injustiças, e crueldades.

Fazei agora o que quiserdes, bebei, algozes, desalmados, bebei tigres sanhudos, bebei desse sangue de que estais tão sequiosos; feri, rasgai, acabai de despedaçar este Santíssimo cadáver.

Aqui o tendes sem vista para observar vossos delitos; com as mãos pregadas em uma cruz para não vos castigar, saciai a vossa crueldade...

Mas que tenho eu dito?... Eu deliro... Não, não vos feliciteis, não vos feliciteis do vosso quimérico triunfo.

Temei agora mais que nunca os gritos dolorosos deste sangue, a imputação desta morte, assim como a de todas aquelas, cuja causa tem sido a vossa bárbara insensibilidade. Temei a Justiça deste Deus.

Assim mesmo morto como o vedes, é sempre o Deus de justiça, e de vingança.

Estes olhos assim mesmo fechados ainda estão sondando o vosso coração feroz e insensível. Esta boca assim mesmo muda ainda profere a condenação contra a vossa indiferença; estas mãos assim pregadas ainda têm poder para vos castigar, este sangue frio e congelado ainda clama justiça contra vos...

Mas aí, que a minha perturbação me engana! Não, meu Divino Jesus, eu não ouço mais do que gritos de misericórdia, e de perdão neste sangue inocentíssimo.

Vinde, pois, pecadores, vinde aproveitar-vos deste precioso sangue vinde prostrar-vos aos pés de Jesus e dizer comigo:

Meu Deus, meu Divino Jesus, meu bom Redentor, tende misericórdia de nós, de nós que tantas vezes temos negado ao pobre o pão necessário para seu sustento. Ah! Senhor, nós confessamos nossas iniquidades, e protestamos que nunca mais haveremos de cometê-las, perdoai-nos, pois, por vosso amor, por vosso sangue, e por vossa infinita Misericórdia.

5.3.5 Transcrição Modernizada de *Sobre o Escândalo*

Sobre o escândalo

Beatus qui non purit scandalis atus in me.

Feliz aquele que não fizer de mim um objeto de escândalo. (São Mateus, 11)

Obrar prodigiosos mais brilhantes, restituir as vistas aos cegos, fazer andar os aleijados, curar os leprosos, fazer falar os mudos, ouvir os surdos, ressuscitar os mortos, instruir os pobres, não passar, em fim, sobre a terra senão para enchê-la de seus benefícios será porventura objeto de escândalo?

Não, sem dúvida; por que, pois, que, depois da enumeração de todos estes milagres, nos adverte que não os tomemos como um motivo de queda? Por que promete uma recompensa a aqueles que não se escandalizarem de sua doutrina e de sua moral? *Beatus qui non purit scandalis atus in me*. Não é para condenar nas pessoas dos Fariseus, a malignidade de uma infinidade de Cristãos igualmente solícitos de sua perda e da de seus irmãos? Ah! Quanto não é comum esta desgraça hoje na Igreja de Jesus Cristo?!

Não é mais contra a Seita Farisaica que a Religião deve se por em guarda: é sobre seus próprios filhos que ela se vê obrigada a chorar, são os Cristãos escandalosos, isto é, ímpios e libertinos, de profissão, que ela se vê forçada a condenar, gemendo sobre sua perda. Penetrado dos sentimentos desta terna mãe, venho mostrar ao ímpio e ao libertino, que atacando a doutrina do Evangelho e sua moral, eles cavam a sua ruína, e escandalizando seus irmãos, a causa de sua ruína, e portanto réus de crimes enormes, conforme o que diz Jesus Cristo, Desgraçado daquele que o escandalizar – *sy homini illi per qum scar dalen venis*.

É segundo estas ideias que tenho desígnio de vos falar hoje, mas de que servirão, ó meu Deus, as minhas palavras, se vós mesmos não tocardes os corações de meus ouvintes, e os não despenderdes? Descei, pois, ó Divino espírito, para preparar os corações e ajudar-me a inspirar-lhes o horror à impiedade e ao escândalo.

Os caracteres da Divindade estão de tal sorte e tão distintamente gravados em todas as criaturas e no coração de todos os homens, que o incrédulo não pode recusar-se aos brilhantes raios desta luz; mas reconhecendo o Ser supremo, que monstro senão torna ele?

Guiado unicamente por uma razão corrompida, não admite em Deus nem providência, nem justiça, despojando-o assim dos atributos; pelos quais rendemos homenagens ao seu soberano domínio, e à contínua influência sobre as criaturas, ele o constitui tranquilo expectador de suas ações, e cúmplice de seus crimes.

O Deus que nós adoramos, repete ele sem cessar, tem sua glória para si mesmo; e seria indigno de sua majestade ocupar-se de mortais. Onde estão eu? São homens que assim falam ou espíritos infernais que ousam assim

insultar a Divindade? A criatura não é feita pelo criador? O criador esquece-se de sua obra? Que contradição! Que absurdo! Que impiedade!

Eles blasfemam o que ignoram, rejeitam os mistérios porque lhes parecem inconcebíveis, como se não pudesse haver coisas possíveis, que excedam a compreensão dos homens.

E depois disto deverá parecer espantoso o ouvir o incrédulo menosprezar a ideia de um Deus feito homem, de um Deus redentor?

Na opinião do ímpio, diz São Gregório Papa, é uma irrisão crer que o Autor da vida tenha dado a sua pelos homens: assim eles se escandalizam daquilo mesmo que deveriam considerar como a fonte de todos os bens; semelhantes aos Judeus, que pediam a morte de Jesus Cristo, proferem todos os dias contra Ele as mesmas imprecações; como reconhecer, gritam eles, um Deus no filho de um vil mecânico, e submeter-se a seu império? *Nolumus huic regem se per nos.*

Ah! E quais as funestas consequências desta cegueira? Eu lançarei, diz o Senhor por boca de Isaías, eu lançarei um véu sobre seus olhos para que não vejam a verdade; e para acúmulo de sua desgraça eu endurecerei seu coração, a fim de que ele pereça em sua iniquidade: *indur atro cor*. Quanto mais eu fizer brilhar a seus olhos os meus prodígios, tanto menos perceberás a mão poderosa que os opera, quanto mais falar a seu coração pela voz de sua consciência e de meus ministros, menos ele escutará, *et non exaudiet*. Desprezando tudo o que eu tenho feito por eles, reconhecerão, porém já tarde, que eu sou o Soberano dos Céus e da terra: *et scunt quia ego Dominus*; ameaças tanto mais terríveis, quanto elas não fazem impressão alguma no coração do ímpio.

De que serviram, com efeito, os milagres que Moisés da parte de Deus fez em presença de Faraó? De conduzir mais seguramente este desgraçado Príncipe à sua perda. E de que serve hoje aos incrédulos, o que a Religião tem de mais augusto e de mais sagrado? De fortificá-lo na perversidade.

Com efeito, que ideia forma o ímpio da Oração? Ele a considera como o refúgio dos espíritos fracos e tímidos. Como fala a respeito dos sacramentos? Ah! Eles servem todos os dias em suas sociedades profanas, de objeto de seus escárnios. Como considera a palavra de Deus? A eloquência e os rasgos

de um Pregador puderam agradar-lhe, sem que as verdades as mais respeitáveis e as mais tocantes do Evangelho cheguem à sua alma. Como trata as decisões e as leis da Igreja? Ele as considera como efeitos de uma política, aos quais julga não dever submeter-se, senão quanto é necessário para salvar as aparências.

Há, finalmente, na Religião alguma coisa de sagrado que ele respeita, ele que esparge todos os dias sobre os ministros do altar, e sobre nossas cerimônias, a mais insultante?

Ah! Que glória pode-se colher do vão título de espirituoso, porque eles se chamam espíritos sutis quando ele é adquirido por tais horrores? Em sua aparente tranquilidade não impõem a seus prosélitos; é no artigo da morte que o espero; é ao tribunal de Deus que apelo.

A moral evangélica tem tanta ligação com a doutrina, que eles rejeitam quase sempre os dogmas de uma para combater maliciosamente os preceitos da outra: escravos das paixões eles dizem em seu coração, que não há Deus; isto é, unidos unicamente aos objetos terrestres, obram como se não houvesse Deus: *dixit insipiens in corde suo, non est Deus*.

Eis porque eles se têm corrompido, eis por que eles têm voltado todas as suas vistas, e todos os seus pensamentos para a iniquidade: *corrupti sunt, et abominabiles facti sunt in studis suis*. Segundo a moral do Evangelho, é necessário ser casto, isto é, reprimir e domar os movimentos da carne; renunciar inteiramente os objetos encantadores, que seduzem e cativam; evitar as ocasiões do pecado; e fugir até da aparência do vício. *Abomim specie mali abstinete*.

E como se comporta o libertino a respeito de uma lei, que ele tem o prazer de menosprezar? Se conforme o oráculo de Jesus Cristo, aquele que olha para uma mulher com desejos corrompidos é culpável, haverá um só dia em sua vida, em que ele não caia na impureza?

O que busca ele nos espetáculos, nos passeios, nos teatros senão novos objetos capazes de irritar uma paixão enfraquecida pela libertinagem? Subornar a inocência do sexo fraco, iludir a simplicidade ou a vigilância dos pais, tentar a fidelidade das domésticas, violar os laços do sangue e da amizade, sacrificar enfim a saúde e a fortuna para passar vergonhosamente

(mesmo conforme o mundo) seus dias com pessoas sem honra, sem pudor, eis a corrupção e a vida do libertino: *corrupti facti sunt, e abominabiles facti sunt*.

Segundo a moral do Evangelho é necessário ser sóbrio, isto é, moderado na comida, e na bebida: é necessário nutrir o corpo sem o tornar nosso mais cruel inimigo, inflamando seus apetites desordenados. Bebamos e comamos, diz o libertino; embriaguemo-nos nas delícias da voluptuosidade, aproveitemos nossos momentos, eles são curtos, e talvez a morte não nos deixe gozar do dia de amanhã: *Oras enim moriemini*. Insensatos, vós não contais em o número de vossos dias senão aqueles em que tendes perdido a razão com o vinho?

Receber como provas as desgraças que nos vêm de nossos irmãos; dominar a cólera, abater o orgulho do coração, moderar a ambição, fazer justiça, amar o próximo, perdoar de todo o coração a seus inimigos, em resumo a moral do Evangelho – *Diligite inimicos vestros*.

Menosprezar, ao contrário, a humildade, considerar como almas baixas aqueles que a praticam, não dar a conhecer aos outros suas desgraças senão por murmurações e imprecções contra o Céu, entregar-se a todos os movimentos da Cólera, despedaçar todas as leis da equidade, maldizer e caluniar o próximo, não poupar mesmo aqueles que o sangue e a amizade deveriam nos tornar caros, por o cúmulo da desgraça de um rival ou de um inimigo infortunado, fazer enfim consistir a honra em uma baixa vingança, eis as máximas do libertino, *corrupti et abominabiles facti sunt*. Ah!

Embriagado em seus prazeres o libertino não conta os dias senão por suas prevaricações: elas se aumentam cada vez mais, e esses tesouros de iniquidades pesando sobre sua cabeça, assegura sua perda, consequência quase sempre infalível necessária.

Semelhantes a esses animais prontos sempre a lançar em torno de si o veneno que extraem das mais salutíferas ervas, e das mais belas flores, estão sempre empenhados a insuflar em seus irmãos a impiedade e a corrupção: sua língua contém o veneno da serpente; sua boca é como um sepulcro aberto, donde só saem palavras de morte; monstros de iniquidades, autores da mentira, não tendem senão a perder aqueles que têm escapado à corrupção do mundo; nascidos para a desgraça do gênero humano, vêm com alegria o

cumprimento da terrível predição do Filho de Deus sobre a necessidade dos escândalos, sem contudo se lembrar de suas funestas consequências, *Vos homini illi, per quem scandalum venit.*

Não contentes de se perder, empregam todos os esforços para desviar as almas inocentes do caminho da verdade e da virtude, e acham uma espécie de consolação em conduzir os outros pelos caminhos da corrupção e da iniquidade, porém facilmente começam conduzi-los à perdição.

Com efeito, Cristão, sentir-se culpado de crimes os mais odiosos e vir a parecer no lugar o mais santo da terra, vir apresentar-se ante Deus sem ser tocado pelo menos de vergonha e dor, sem pensar ao menos nos meios de sair de um estado tão deplorável; sem formar ao menos alguns sentimentos de religião.

Mas se contudo de crime sem remorsos, sem desejo algum de arrependimento. Grande Deus!

É nos templos que o Senhor vos chama para vos lavar da culpa original; e quando depois manchardes por crimes pessoais, vós aí achais os tribunais onde vindes receber o perdão de vossas culpas, quando o Ministro do Senhor tocado de vossas misérias e instruído de vossos arrependimentos, vos diz vais sair absolvidos de vossos crimes. É aí que Jesus Cristo por boca de seus ministros vos distribui o pão da palavra; e onde vindes expor vossas necessidades e implorar a bênçãos do Céu.

É finalmente nos Templos que Jesus Cristo se oferece sem cessar a seu Eterno Pai, como vítima imolada por nossas culpas: onde ele nos dá no sacramento do amor sua própria carne por nosso sustento.

Para não revoltar seus prosélitos começam por estabelecer a malignidade de uma Religião; na intenção de render a Deus uma homenagem mais pura se julgam autorizados para examiná-la; depois ridicularizam todos os cultos, sem excetuar o do Evangelho, confirmando desta sorte na irreligião aqueles cujos prejuízos fingem eles a princípio querer corrigir, cuja crença fingem esclarecer.

Oh! Depravação do espírito humano! Houve jamais um tempo em que se tenha tratado tão indecentemente as verdades as mais augustas e as máximas as mais santas? Que digo eu? É na missa, no meio dos excessos do vinho que

se discutem os pontos os mais sublimes da doutrina e da moral; e que decisões poderão sair de tais concílios perturbados pelo vinho? Completas iniquidades.

Ah! Tremamos à vista das funestas consequências da irreligião; os filhos imitadores de seus pais que previnam a razão para sacudir o jugo da religião; o tímido filho constante em seu erro, que recuse as consolações, que só a Religião pode operar; a idade viril arrebatada pelo fogo das paixões que se revolte contra suas máximas, o sexo antigamente tão recomendou se por sua submissão e seus fervores, sacuda o jugo, e dispute abertamente os corações que ainda estão unidos à Religião. Mas temam-lhes desde este mundo a sua desgraçada sorte; no dia do julgamento o nosso tribunal, ó mentes carregadas de suas iniquidades e daquelas que houveram inspirado aos outros; eles reconhecerão, porém tarde, todo o horror de seu estado: *Vos homini illi per quem scandalum.*

Uma outra sorte de ímpios dignos das mesmas maldições, infesta a Igreja de Jesus Cristo: são os libertinos escandalosos; isto é, esses inimigos declarados da moral evangélica, que por suas ações, discursos e promessas arrastam os outros a violar as máximas do Evangelho. E como são comuns esses doutores da sedução neste nosso século, em que parece que uma parte dos homens está ocupada da perda da outra?

Ah! Que glória colhem eles de espalhar a corrupção? Que vantagem acham em fazer desgraçados?

E que prazer cruel colheis vós, que não respirais senão a libertinagem de esmolar essas tenras vítimas, lhes insuflando a mocidade, o veneno da impureza? Por que vos servir de sua fraqueza para seduzi-las pelos encantos da voluptuosidade? Por que vos cabe ir coser a lã do cordeiro quando ocultais a voracidade do lobo? Ah! Traidores, vossas promessas são quimeras, vossos juramentos perjúrios, vossos presentes dons funestos!

Vós, Pais e Mães, por que por uma conduta desregrada ensinam a vossos filhos a não herdar de vós senão os vícios? O que podereis exigir da virtude e da sabedoria dessa filha que expondes à sedução, sob pretexto de instruí-la no mundo? Por que deixá-la frequentar esses mesmos espetáculos,

esses mesmos passeios e divertimentos onde começastes a vos corromper? Se são filhas de vossa ternura, ah! O vosso ódio seria preferível.

Perniciosas e pérfidas Dalilas, qual é o fim desses enfeites indecentes, desses gestos imodestos, desses olhares encantadores, desses discursos apaixonados? Por que sem vos contentar dos espetáculos, dos passeios, das reuniões para exercer o império de vossos encantos e subtrativos, acumulais os vossos crimes vindo aos templos apresentar ao Todo Poderoso vossos adoradores? Por que profanar a santidade de nossos mistérios para triunfar mais seguramente da fraqueza dos homens?

Vós, malvados de profissão, por que induzir os outros com vosso sorriso maligno e com vossos gestos de aprovação a desacreditar vossos irmãos? Ignorais, todos vós, que por vossos exemplos e por vossos escândalos causais a perda de vossos irmãos?

Mas direis vós, somos porventura o guarda, de nosso Irmão para responder por suas ações? Ah! Como ousais vos servir da mesma linguagem do fraticida Caim? O sangue de vosso irmão que tendes derramado: quero dizer, a sua alma que tendes corrompido por vossos exemplos de lascívia por vossas promessas encantadoras, por vossos conselhos sedutores, por vossas pérfidas aprovações, clama vingança ao trono do Senhor assim não menos criminosos do que esse primeiro reprovado Caim, vós não tendes a esperar senão maldições. *Nunc igitur maledictus eris.*

Ainda ajuntareis que vossos exemplos não tiram a liberdade de vossos irmãos e que assim é injustamente, que se lança sobre vós as folhas de que eles se tornam culpáveis.

Ah! Será melhor que em lugar de procurardes vãs escusas, senis, libertinos de profissão de escandalizar vossos Irmãos é o único meio de subtrair vossas cabeças às desgraças de que estão ameaçados aqueles que não contentes de sua perda se encarregam ainda da condenação dos outros: *vo homini illi per scandalum venit.*

Será melhor que prostrados aos pés de vosso Deus, imploreis o perdão de vossos escândalos; e penetrados de um verdadeiro arrependimento, com o coração de dor digais comigo.

5.3.6 Transcrição Modernizada de *Sobre a Maledicência*

Sobre a maledicência

Cuidam dicebant, quia bonus est: alii autem dicebant, non, sed seducit turbas: nemo tamen palam loquebatur propter metu Judgorum.

Alguns diziam de Jesus Cristo, ele é um bom homem; outros diziam, não pois seduz o povo; ninguém ousava porém falar com liberdade, pelo temor, que tinham dos Judeus. (São João, capítulo 7)

Se a nova doutrina de Jesus Cristo não podia deixar de servir de matéria aos discursos dos Judeus, suas virtudes e seus benefícios não deviam produzir senão testemunhos de reconhecimento e sentimentos de admiração; entretanto, o público estava dividido sobre este objeto: os mais sensatos o reconheciam como um homem reto, *quidam dicebant, quia bonus est*; os mais temerários o chamavam sedutor, *seducit turbas*; e aqueles que tinham em suas mãos o poder da força da autoridade impunham silêncio aos outros e os privavam de expor o seu juízo com liberdade. *Nemo tamen palam loquebatur propter metu Judgorum.*

Os Fariseus, os maiores inimigos de Jesus Cristo, empregavam todos os meios de desacreditar no espírito do povo a conduta de Jesus Cristo, de envenenar a inocência, e santidade de suas palavras, fingindo porém acreditar neste, e ser do número de seus discípulos: tal é o caráter do detrator, ele oculta debaixo do véu de estima, e das doçuras da amizade o fel e a amargura da maledicência.

Ora posto que este vício seja tal que nenhuma circunstância o pode escusar, é entretanto ele o mais engenhoso em se disfarçar e a quem o mundo mais adota. Não é que o caráter do maldizente deixe de ser tão odioso aos homens, como abominável aos olhos de Deus, conforme a expressão do Espírito Santo, mas é que neste número não se compreendem senão certos maldizentes de malignidade mais negra e mais grosseira, que censuram sem

arte e sem graça e que, tendo bastante malícia para censurar, não têm aquela doçura e espírito necessários para agradar: estes são odiosos aos olhos de todos e também um pouco raros; e se eu houvesse de falar somente a eles bastaria expor o que a maledicência tem de indigno à reza e à religião e inspirar horror a aqueles que se sentissem culpados. Mas há uma outra sorte de maldizentes, que condenando este vício, caem também nele; que desacreditando sem respeito seus irmãos, se aplaudem de sua moderação; que tirando o veneno adocicado até o coração, não olham para o estrago que fazem: é deste gênero de maldizentes que o mundo está cheio, os asilos Santos mesmos não estão isentos deste vício e pode-se até dizer que não há uma só pessoa que tenha conservado sua língua pura.

Importa pois falar a todos sem exceção, e mostrar-lhes quanto há de baixo, de cruel e de irreparável no vício da maledicência; as consequências que ele traz consigo e o perigo de condenação eterna, por isso que é quase irreparável os danos por ele causados. A língua, diz o sábio, tem feito mais estragos do que a espada: *multi ceciderunt in sre gladii, sed non sic quasi qui interierunt per linguam*. Ela é, conforme o Apóstolo São Tiago, um mundo inteiro de iniquidades. *Lingua universitas iniquitatis*: ela põe em movimento e inflama o curso de nossa vida com o fogo mesmo do inferno: *inflammat rotam nativitatis inflamata a gehenna*. Nossa vida, pois, agitada por uma diversidade contínua de acontecimentos, se desenvolve ao movimento e grão de nossa língua, que a enche de iniquidades.

E quantos males não tem ela produzido tanto aos particulares como à sociedade, mudando o bem em mal, sugando, diminuindo, ou mesmo calando? Todos bem o conhecem e entretanto nada há mais comum do que tornar suspeitas as ações as mais inocentes; ainda mais nada há tão comum como envenenar ações virtuosas a ponto de torná-las odiosas, do que chamar os mais retos, ou mais modestos orgulhosos, os mais inocentes hipócritas; em todas as conversações não se trata senão em desacreditar o próximo: e haverá coisa alguma que maiores danos cause? Abramos a história e vejamos.

Que nomes, que cores deram os Fariseus às obras de Jesus Cristo? Eles faziam passar sua maneira de viver comum e sem singularidade por uma conduta relaxada; sua condescendência em sentar-se à mesa com os

publicanos por um escândalo, seu zelo em instruir o povo e seus sucessos em se fazer ouvir por insinuações de revolta, e sedição; seu ardor em se declarar contra as tradições supersticiosas por insultos à lei; seus milagres enfim por obras combinadas com Belzebu; e o que pretendiam eles? Nada menos do que atrair sobre Jesus Cristo o ódio da nação, a vingança dos Romanos, as imprecações dos sacerdotes, em uma palavra, a cruz e a morte! E, com efeito, chegaram ao fim apetecido: eles o crucificaram não com as mãos, mas com a língua; nada mais lhes custou do que maldizer mudando em mal o bem que Jesus Cristo fazia. Mas sem mesmo desfigurar o bem, tratando somente de diminuir em ocasião oportuna o mérito e o valor, seguem-se os mesmos efeitos. Assuero lendo os anais de seu reino e achando que Mardoqueu havia descoberto uma grande conspiração perguntara a seus oficiais que recompensa tinha ele recebido. Ora, se esses oficiais, por inveja à elevação de um estrangeiro, tivessem procurado cores para escurecer a importância de um tal serviço e tão grande prova de fidelidade, Mardoqueu teria ficado sem recompensa; teria mesmo sido morto na forca que Aman mandara fabricar; e todo o povo judeu teria sido degolado em todo o reino.

Finalmente sem mesmo abrir a boca, sem falar, há meio de maldizer com o silêncio: uma afetação de dissimular o bem é muitas vezes mais funesta do que a maledicência declarada.

Faraó preocupado por um sonho importante, procurava por toda parte quem o explicasse; se o copeiro que tinha conhecido na prisão a habilidade de José de predizer o futuro, houvesse malignamente deixado de o fazer conhecer ao Rei, que desgraças não produziria o seu silêncio? Ele de certo teria prolongado a injustiça que se fazia ao inocente e teria causado a desolação do reino todo, cuja salvação dependia da fortuna de José.

Todos estes acontecimentos antigos se bem que muito distantes de nós, são, contudo, a história de nossos dias; e se bem examinarmos conhecermos que todas as inimizades, todas as desordens entre as famílias e na sociedade são efeitos da maledicência.

Ninguém pensa em que dissimulando o mérito, apartando o conhecimento daqueles que o devem ter, prestando às boas qualidades testemunhos pouco exatos; afetando reservas, mistérios, usando de um frio e

maligno silêncio sobre o que pode servir de vantagem a aqueles que se aborrece; ninguém pensa que por isto somente muitas vezes se dão golpes terríveis mesmo nos negócios públicos; e que um obstáculo à fortuna de um só homem é muitas vezes opor-se ao bem de um Estado.

Ninguém presta atenção a estas reflexões: o que se quer somente é satisfazer sua paixão, contentar sua inveja, impedir a elevação de um inimigo. Ah! Desgraçados de vós se o tendes feito! Desgraçados de vós porque ainda que queirais reparar os danos, jamais o podereis: e como? Seria necessário procurar todos os ouvidos onde a maledicência tem entrado, todas as bocas por onde tem passado, todos os corações onde tem feito impressão; seguir seus efeitos nas conversações, conhecer até onde tem penetrado o veneno, até onde tem laborado o fogo que lançastes; julgar então a extensão do dano e proporcionar a reparação.

Mas, consultai a vós mesmos, maldizentes, e depois respondei-me: vós vos julgais capazes de um tal esforço não só pela vasta extensão da empresa mas também por vossa própria fraqueza? Por mais generosos que sejais podereis jamais vos resolver a desacreditar-vos, a desmentir o que tendes afirmado; a passar por indiscreto, por um detrator e caluniador? Qual de vós se achará capaz de atrair sobre si estes vergonhosos títulos e devorar a confusão de se desdizer para destruir a maledicência e impedir seus progressos? Mas, qual mesmo o quisésseis fazer, seria inútil por causa da malignidade do mundo.

Vós tereis presenciado o prazer, que se sente quando se desacredita a vosso irmão, tereis achado ouvidos prontos sempre e espíritos sempre dispostos à detração; mas para o louvor, ah! Quanto ele é frio! Que aborrecimento da parte de quem o ouve! Entretanto que a maledicência entretém, diverte e passa até delicadeza. Fer-vos-ão acreditado sobre o mal que disserdes, sem outra prova mais do que vossa audácia, mas não vos hão de acreditar sobre o bem que disserdes ainda que autorizado com o juramento; para desacreditar-se a virtude nada mais é necessário do que uma zombaria; apologias porém inteiras não poderão restituir seu esplendor; e quando empreendêsseis fazê-lo, não obteríeis outro efeito mais do que serdes

desprezado por aqueles mesmos que tinham aplaudido vossas belas maledicências.

Eles deixarão recair sobre vós todo o peso de que quiserdes descarregar vossa consciência; e dir-vos-ão como os Judeus a Judas, quando foi lançar a seus pés o preço de sua perfídia, confessando a inocência de Jesus Cristo. *Quid ad nos?* Que temos nós com isto? Se vós o tendes caluniado, tanto pior para vós.

Tal é a linguagem do mundo e a pertinência das primeiras impressões que recebem os espíritos: maledicência fica gravada em aço, a reparação porém na areia; a maledicência tem um caráter de liberdade, confiança, e verdade; a reparação, ao contrário, um caráter de equívoco, de suspeita e de mentira. É pois necessário convir que tanto da parte do detrator, como da parte do mundo; há obstáculos quase invencíveis à reparação deste pecado, e é justamente isto que aumenta sua enormidade, portanto mais obrigação de restituir o crédito que tendes difamado, mas como sem vos desdizer?

Nós não venceremos, direis vós, a malignidade do mundo, ele não nos há de acreditar; não importa, tereis vencido vossa fraqueza, que é o maior obstáculo à reparação. Se o mundo não vos der crédito, o pecado passará para aqueles que tendo acreditado na vossa maledicência, não querem crer em sua temperança, a blasfêmia, a impiedade, pela penitência de um coração verdadeiramente arrependido, não perdoará a maledicência, e sobretudo se ela importar na difamação da honra, se o arrependimento não for apoiado em esforços suficientes para reparar o dano. Inúteis serão as confissões, as austeridades, as penitências; tudo isto não restitui a honra, tudo isto não poderá tirar do risco da condenação: vós sereis condenados às penas do inferno se não tratais de restituir o crédito e a honra daqueles a quem tendes difamado.

E não será bastante para sobressaltar vossa consciência? Os remorsos não produzem efeito em vosso coração? Quando vos amareis bastante para não vos querer condenar pela falsa vergonha de vos desdizer? Até quando baterá o Senhor as portas do vosso coração?

Ah! Lembrai-vos que os meninos de Israel foram devorados pelos Ursos por terem zombado do pequeno número dos cabelos do homem de Deus, e

entretanto que eram indiscrições pueris tão desculpáveis em sua idade. O fogo do céu desceu e consumiu o oficial de Ochozias por ter chamado irrisoriamente a Elias o homem de Deus, e no entanto era um cortesão de quem, parece, senão devia exigir grandes respeitos à austeridade e simplicidade de um Profeta, e à virtude de um homem rústico na aparência e odioso a seu monarca. Michal foi tocada de esterilidade por ter censurado os santos excessos da alegria e da piedade de David em presença da Arca Santa, e entretanto não era senão a delicadeza de mulher.

E julgais vós que o Senhor perdoará vossas detrações, porque ele não tem castigado severamente aos vossos olhos os detratores? Se Ele não vos toca de morte no mesmo instante, como antigamente, ele vos marca desde esta vida com o furor da reprovação e vos recusa o dom precioso da graça e da santidade; vossa condenação será pois inevitável; ah! E não vos horroriza o serdes condenado? Pois bem, eu vou mostrar-vos o horroroso efeito da maledicência, talvez que ele vos toque e vos inspire melhores sentimentos.

6 EDIÇÃO DIGITAL: UMA REALIDADE VIRTUAL

É difícil imaginar um pesquisador que trabalhe hoje sem utilizar qualquer ferramenta tecnológica, seja no manuseio do seu objeto, na etapa de coleta de informações, na sua análise ou na apresentação dos resultados. E

A Filologia, a exemplo de várias outras ciências, também está inserida no mundo cibernético, sem que, para isso, seja obrigada a se desvencilhar do mundo antigo. Portanto, o moderno e o tradicional têm seu papel e valor garantidos, são complementares, podem ser aliados na busca pelo êxito do labor filológico (NUNES; LOSE, 2010, p. 6).

Essa tecnologia trouxe mudanças no comportamento do filólogo e no tipo de documento usado em suas edições. Hoje, Cirillo (2012) divide os documentos em dois grupos: tradicionais e virtuais. Os primeiros são aqueles constituídos em suportes clássicos e com grafias de instrumentos materiais, como lápis e caneta; já os virtuais – documentos que se encontram no meio digital – são divididos em dois subgrupos: digitalizados e digitais.

Os arquivos digitalizados são aqueles que nascem na materialidade dos documentos tradicionais e são [...] posteriormente, [...] numeralizados, transformados em bits – o que sujeita a matéria a uma existência binária condicionada à capacidade de armazenamento e processamento dos dados numéricos (CIRILLO, 2012, p. 153),

enquanto os documentos digitais são concebidos em “[...] meio mecânico de representações numéricas (*bits*) [...]” (CIRILLO, 2012, p. 156), a partir de ferramentas virtuais (*hardwares* e *softwares*).

Cirillo considera ainda que os documentos digitalizados podem constituir uma categoria intermediária – a dos híbridos, por serem inicialmente tradicionais, depois virtuais, e, posteriormente, poderem voltar a ser tradicionais, se reimpressos. A digitalização de documentos tem como um dos grandes benefícios a preservação do original, visto que evita o contato direto e constante com esse original, que, muitas vezes, é antigo e se encontra deteriorado. Ela permite, ainda, a flexibilidade desses documentos, que podem

ter ajuste na cor, brilho, contraste, tamanho, facilitando, por exemplo, sua leitura e transcrição.

Porém, a tecnologia possibilita ao editor ir além da digitalização, não se constituindo apenas como mais uma ferramenta, assim como se configurava, por exemplo, a lupa; também não se limita a desempenhar o papel de suporte, como foi o pergaminho no passado. Essa tecnologia permite a concepção de outro tipo de edição: a digital.

A edição digital, e não edição meramente em formato digital, mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse esse texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza. O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana (LOSE et al., 2011, p. 88).

Para se produzir essa edição, faz-se necessário adotar uma metodologia peculiar, visto que o contexto de concepção é diferente do das edições anteriores, concebidas em papel. Ao se efetuar, por exemplo, a descrição de um documento digitalizado, faz-se necessário apresentar informações acerca das suas propriedades digitais (*pixels* da imagem, tipo de intervenção na cor, brilho, contraste, entre outras, além dos metadados do arquivo), o que não ocorreria em uma edição tradicional. Portanto, o contexto de produção é relevante, afinal,

Todos os textos podem ter (virtualmente) a mesma constituição linguística, podem até ter, em certa medida, formas bibliográficas análogas ou semelhantes. No entanto, todos são diferentes, radicalmente. O transcrito, conservado na Biblioteca não é de modo algum o mesmo que este texto digitado que está diante de mim agora, porque o texto linguístico, em cada caso, terá sido socialmente constituído de formas totalmente diferentes. [...] Os textos estão sempre ligados ao contexto [...] (MCGANN, 1991, p. 183-184, tradução nossa)⁵.

⁵ All of these texts may have (virtually) the same linguistic constitution, may even have, to a certain varying degree, similar or analogous bibliographical forms. Nonetheless, all are different, radically so. This typescript preserved in the Library of Congress is not at all the same as this typescript which lies before me now because the linguistic text, in each case, will

Sendo assim, pode-se considerar equivocada a postura de quem acredita que ao publicar uma edição tradicional no meio eletrônico está dando origem a uma edição digital. É preciso ir muito além para alcançar esta empreitada. Essencialmente,

O trabalho é o de buscar maneiras de se dispor (d) o texto na tela do computador, aproveitando as cadeias argumentativas e fazendo uso das possibilidades de ligação dos textos eletrônicos, multiplicando percursos, planos e possibilidades de leitura (SANTOS, 2001, p. 53).

Essas ligações são estabelecidas por meio de *hiperlinks* que dão acesso aos hipertextos.

O termo "hipertexto" foi cunhado em 1960 por Ted Nelson (LANDOW, 1992) e refere-se ao meio de associar documentos ou seções de documentos, permitindo que o leitor navegue pelo seu próprio caminho através de uma série de trilhas de um forma não-linear (ABRAM, 2002, tradução nossa)⁶.

Na busca pelo bom funcionamento da edição, se podem considerar os oito princípios gerais propostos por Peter Shillingsburg (1993): acessibilidade, para que seja usada de forma simples e democrática; transportabilidade, sendo compatível com as várias plataformas existentes; design lógico e agradável; segurança, a fim de impossibilitar alterações não autorizadas; integridade; expansibilidade; possibilidade de impressão; e fácil navegação. Considerando-se tais fundamentos, é possível compreender o funcionamento da edição digital e perceber algumas de suas vantagens. Nessa edição, uma quantidade infinita de informações, com formatos variados – incluindo imagem, som e vídeo – pode ser apresentada em hipertextos, acessada por meio de *hiperlinks*, de forma rápida e interativa.

A principal vantagem da representação digital reside na universalidade da própria representação. A partir do momento em que todo meio, texto, imagem ou som, é codificado num formato único convertível para uma sequência de bits, todos os diferentes tipos de

have been socially constituted in utterly different ways. [...] Texts are always linked to contexts [...].

⁶The term 'hypertext' was coined in the 1960s by Ted Nelson (Landow 1992) and it refers to a means of linking documents or sections of documents and allowing a reader to navigate his or her own way through a series of paths in a non-linear way (ABRAM, 2002).

informação podem ser tratados da mesma maneira e pelo mesmo tipo de equipamento (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p. 11).

Com isso, pode-se ter um rico e diversificado paratexto comungando com diferentes tipos de edição – paleográfica, semidiplomática, genética, interpretativa, fac-similar, crítica etc. – que podem ser melhor visualizados e comparados.

Outra vantagem da edição digital é o seu amplo alcance, garantindo-lhe um caráter democrático, visto que, quando disponibilizada em rede, seja em ambientes internos, para redes específicas de faculdades e centros de pesquisa, por exemplo, ou em ambientes abertos, como a internet, chega rapidamente a todos os lugares do mundo. Consequentemente, pesquisadores diversos podem contribuir para a atualização e complementação do conteúdo nela apresentado, o que pode ser feito de forma bem prática através das ferramentas digitais, como já afirmara Tammaro e Salarelli (2008).

Contudo, talvez a maior vantagem da edição digital seja o seu caráter libertador. Finalmente, tem-se uma edição que liberta o leitor-navegador da influência do editor, ainda que parcialmente. Isso porque o editor escolhe a(s) edição/edições a ser(em) apresentada(s) e o conteúdo do paratexto, mas cabe ao leitor definir o caminho a trilhar na edição digital, decidir quais *hiperlinks* acessar, estabelecer a sequência de sua leitura. Assim, a edição digital é única não apenas para seu editor, mas também para os leitores-navegadores que, em certa medida, se tornam também autores de tal texto. Esse caráter interativo assegura à edição digital leituras sempre diferentes, mesmo quando feitas pelo mesmo leitor, em distintos momentos.

Diferentemente do texto escrito, que em geral compele os leitores a ler numa onda linear – da esquerda para a direita e de cima para baixo, na página impressa – hipertextos encorajam os leitores a moverem-se de um bloco de texto a outro, rapidamente e não sequencialmente (SNYDER, 1996, p. 9).

A autonomia do leitor pode se fazer presente em momentos cruciais de uma edição: quando se tem, por exemplo, algumas variantes de um dado documento, é possível, na edição digital, apresentar todas e deixar que o leitor-navegador escolha aquela que atende seus objetivos e necessidades

particulares; a visualização e comparação dessas variantes torna-se tarefa mais fácil nesse tipo de edição digital.

A despeito da variedade de informações apresentadas na edição digital, Everest (2000) afirma que “[...] este acumular de informação não é útil senão para especialistas e que é mesmo uma atividade fútil devido à dificuldade em ser concluída”. É preciso considerar, contudo, que cabe ao editor selecionar o(s) tipo(s) de edição mais adequado(s) aos seus objetivos filológicos e o conteúdo pertinente ao seu paratexto, além de definir seu público-alvo. Vale salientar ainda que o manuseio de *hiperlinks* é uma prática comum entre o leitor-navegador dessa era cibernética, o que invalida a observação de Everest. Da mesma forma que as características do texto, contexto e edição mudaram, também mudou o perfil do leitor, hoje habituado a criar e trilhar seus próprios labirintos.

Há também escritores, como Sutherland (1997), que acusam a edição digital de criar localizadores em lugar de leitores, visto que se acumula muita informação sem transformá-la em compreensão. Ela afirma também que esse tipo de edição exige mais do leitor que uma em livro, face às escolhas que precisa fazer. É preciso, no entanto, não subestimar o potencial do leitor dessa era cibernética, afinal, o advento da internet democratizou e facilitou bastante o acesso às informações no mundo inteiro; hoje existem inúmeras bibliotecas virtuais, com excelentes e confiáveis fontes de pesquisa das mais diversas áreas, portanto, ficar na superficialidade dos conteúdos é uma escolha, não uma necessidade do leitor-navegador de uma edição digital.

Outra crítica acerca da edição digital refere-se ao temor de que ela fique rapidamente obsoleta e incompatível com os novos formatos digitais. Considerando as intensas e cada vez mais rápidas modificações que a tecnologia sofre, alguns cuidados devem ser adotados ao se tratar da edição digital proposta. Entre eles a precaução de salvar mais de uma cópia de todo material editado, usando-se para isso *pen drive*, *CD-Rom*, programas de diferentes computadores, página eletrônica, *e-mail*, além, é claro, de manter-se sempre atualizado quanto aos novos formatos de mídia desenvolvidos, através de *upgrades* dos programas em que foram geradas.

“Ao contrário do espaço linear e de mesmo nível do texto impresso, o espaço virtual do texto eletrônico opera em dimensões múltiplas (textuais, auditivas, visuais) e simultâneas” (BELLEI, 2002, p. 133) – é esse o universo da edição digital, um ambiente no qual palavras, sons, cores, imagens e vídeos dialogam harmoniosamente, se constituindo, a todo instante, em um instigante convite ao leitor e em uma nova forma de transmissão (e de diálogo) do saber.

Diante dos diferentes aspectos ora analisados, defende-se a validade do conceito de edição digital. Reconhece-se que este ainda é um campo vasto para discussões acerca de vantagens e desvantagens, mas sua pertinência no labor filológico é evidente e já inquestionável.

Optar por fazer uma edição digital não significa aderir ao modismo da era cibernética. Adequar a Filologia aos tempos modernos também não significa que tudo o que se fazia no passado (até bem pouco tempo) deve ser descartado, abandonado, desconsiderado. Essas novas possibilidades precisam, na verdade, ser assimiladas como aliadas daquelas disponíveis anteriormente, cabendo ao filólogo ter bom senso e equilíbrio no ato das suas escolhas, a fim de usar a mais adequada ao seu objetivo.

6.1 EDIÇÃO DIGITAL DE SERMÕES DE FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO: UM *HIPERLINK* PARA SALVAÇÃO

Já é sabido que o homem do século XXI, atualizado e atuante, extrapola o conceito tradicional de leitor, sendo, na verdade, um leitor-navegador-autor. Afinal, com as ferramentas disponibilizadas no espaço eletrônico, ele constrói o seu caminho de leitura, recepção e concepção do texto, de acordo com as escolhas que faz ao navegar por esse ou aquele *hiperlink*, associando sons, imagens, vídeos, palavras, tudo de maneira dinâmica e interativa. Com vistas a atender esse perfil de leitor, se concebe a intitulada *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para a salvação*.

Paralelo a isso, se acredita que as peculiaridades do objeto deste estudo – textos em fase de criação – são mais claramente compreendidas quando se

utilizam os recursos de uma edição digital, que podem evidenciar o processo de progressão dos sermões, estabelecidos inicialmente como rascunhos e elevados ao estado “virtual” de textos “terminais”.

Assim, se tem as seguintes páginas principais na edição digital:

- Filologia e o texto;
- biografia;
- o Mosteiro;
- os sermões;
- descrição;
- edição conservadora;
- edição modernizada;
- edição digital;
- comparação entre transcrições;
- galeria de fotos;
- *links*;
- referências;
- a autora.

Dentro dessas páginas principais o leitor pode acessar outros *links* que remetem às páginas secundárias, que podem, por sua vez, remeter a novos *hiperlinks*, ou retornar para a página anterior, ou ainda ir para a página inicial – os *links* são sempre reversíveis. Entre as páginas secundárias têm-se:

- argumentação nos sermões;
- fac-símiles;
- *São Sebastião*;
- *Paixão*;
- *Nossa Senhora de Montserrat*;
- *Sermão de Misericórdia*;
- *Sobre a Maledicência*;
- *Sobre o Escândalo*;
- *São Sebastião*: descrição do documento digitalizado;
- *Paixão*: descrição do documento digitalizado;
- *Nossa Senhora de Montserrat*: descrição do documento digitalizado;

- *Sermão de Misericórdia*: descrição do documento digitalizado;
- *Sobre a Maledicência*: descrição do documento digitalizado;
- *Sobre o Escândalo*: descrição do documento digitalizado;
- critérios da edição conservadora;
- critérios da edição modernizada;
- movimentos de correção nos sermões;
- metodologia da edição digital.

Em uma edição digital o design gráfico também é relevante e deve ser portador de sentidos. A página inicial de *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para salvação* cumpre o papel do sumário e está assim constituída: tem em seu plano de fundo, através do *software Photoshop CS6*, uma montagem de três imagens: do Mosteiro de São Bento no séc. XIX, do Mosteiro no séc. XXI e, à frente, uma de Frei Domingos – tal composição sofreu intervenção no brilho e contraste para ficar mais clara, a fim de exercer a função de uma marca d'água. Em seguida, também usando-se o *Photoshop*, aplicou-se na imagem o efeito quebra-cabeça – um jogo originado no séc. XVIII ainda muito usado na atualidade e que prima pelo raciocínio na sua execução – e em volta das peças desse quebra-cabeça, com o programa *Dreamweaver*, foram inseridos *hiperlinks* – uma marca da era digital – os quais remetem às várias páginas da edição. A escolha do design dessa página corrobora a ideia de harmonia e completude que se acredita existir entre o antigo e o moderno, entre as edições tradicionais e a digital. Ainda em relação a essa comunhão de épocas, Chartier (2002, p. 106) observa uma semelhança interessante entre a constituição de um texto em pergaminho e em uma edição digital:

Ao ler na tela o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas [...] ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente que é dotado de todos os pontos de referência da forma do livro, desde os primeiros séculos da era cristã: paginação, índice, tabela etc. É o cruzamento das duas técnicas: a do rolo e a do códex.

Tem-se, portanto, a seguinte página inicial:

Fig. 32 – Página inicial de *EDIÇÃO DIGITAL DE SERMÕES DE DOM FREI DOMINGOS DA TRANSFIGURAÇÃO MACHADO: um hiperlink para a salvação*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Há outro elemento carregado de significado nessa edição: seu subtítulo. Ora, acredita-se que a edição digital é um “*hiperlink* para a salvação” por se entender que ela possibilita que os sermões de Frei Domingos, datados dos séculos XIX e início do XX, estejam salvos da ação do tempo, umidade, bactérias e demais agentes danosos, bem como do esquecimento, visto que permite a rápida difusão da vida e obra do beneditino Dom Domingos da Transfiguração Machado. Enfim, a edição digital é uma garantia de que tais relíquias estarão por bastante tempo à disposição de todos que, por algum motivo, se interessam pelo assunto.

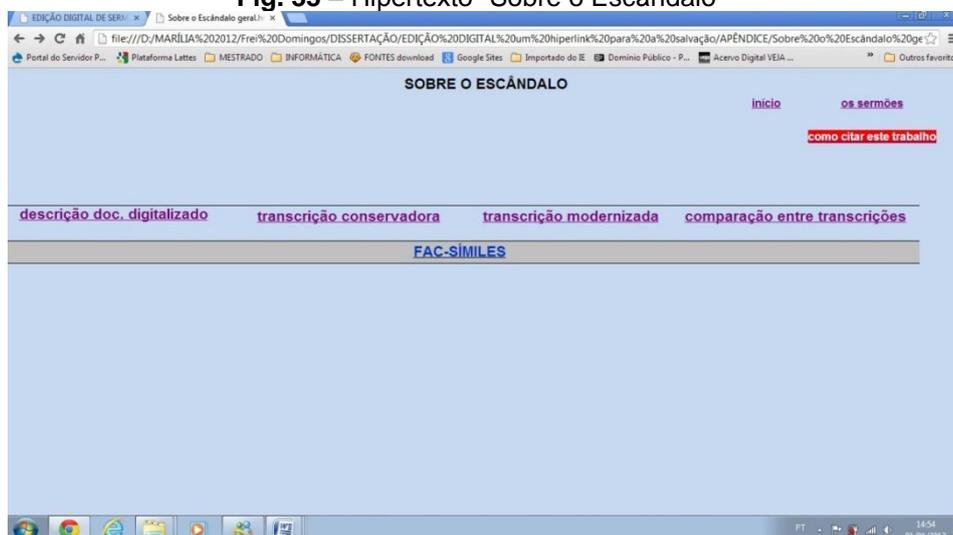
Devido à natureza do trabalho apresentado, tem-se como leitor-alvo desta edição digital tanto o público especializado como o leigo. Imagina-se que o acesso à edição semidiplomática seja feito principalmente pelo público

especializado, que poderá acompanhar o processo de criação dos sermões, comparando os fac-símiles com as lições conservadora e modernizada, além de observar peculiaridades da língua da época e o resultado dos estudos linguísticos acerca da modernização e das considerações sobre o gênero sermão e as estratégias argumentativas. McGann (1991) afirma que essa possibilidade de comparação entre edições é uma grande vantagem da edição digital.

Acredita-se que o público leigo opte por acessar a edição modernizada, que traz os sermões em linguagem atualizada, apresentando a versão livre daquelas marcações características da edição semidiplomática. A seção que trata do Mosteiro de São Bento da Bahia também deve atender os anseios de tal público, bem como a biografia de Frei Domingos. O leitor-navegador pode também ver uma seção com fotos do Mosteiro e da Bahia referentes ao período e episódios mencionados neste trabalho, na segunda seção.

O leitor-navegador, leigo ou especializado, pode optar também por explorar a edição digital a partir de determinado sermão. Se, por exemplo, quiser analisar o sermão *Sobre o Escândalo*, basta acessar o *hiperlink* intitulado *Os sermões*, e lá encontrará seis *hiperlinks*, referentes a cada sermão, que remetem aos fac-símiles de tal texto, à descrição do documento digitalizado e às transcrições conservadora e modernizada. Muitas outras possibilidades de navegação podem ser traçadas pelos leitores.

Fig. 33 – Hipertexto “Sobre o Escândalo”



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fig. 34 – Hipertexto “Sobre o Escândalo: características do documento digitalizado”

FÓLIO	DIMENSÕES (em pixels)	AJUSTES NO BRILHO	AJUSTES NO CONTRASTE	AJUSTES NO MEIO-TOM
 1r	1848 x 2391	-20	-30	50
 1v	1715 x 2383	-20	70	40

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fig. 35 – Hipertexto “Comparação entre transcrições conservadora e modernizada – Sobre o Escândalo”

	transcrição conservadora	transcrição modernizada
1r	1 Sobre o escandalo	Sobre o escândalo
1v	1 Beatus qui non purit scandalis atees in nu. Feliz aquele q(ue) naõ fizer de mim um objecto de escandalo. S(aõ) Mat(eus) 11. 5 Obrar <os> prodigiosos m(ai)s brilhantes, restituir as vistas aos cegos, fazer andar os aleijados, curar os leprosos, <fallar> fazer fallar os mudos, 10 <ressuscitar os mortos> ouvir os surdos, ressuscitar os mortos, instruir os pobres, naõ	1 Beatus qui non purit scandalis atus in me. Feliz aquele que naõ fizer de mim um objeto de escândalo. São Mateus, 11. 5 Obrar prodigiosos mais brilhantes, restituir as vistas aos cegos, fazer andar os aleijados, curar os leprosos, fazer falar os mudos, ouvir os surdos, ressuscitar os mortos, instruir os pobres, naõ

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Por fim, o navegador, leigo ou especializado, tem uma lista de *links* interessantes acerca da temática deste trabalho, como a página do Mosteiro de São Bento da Bahia e da CIMBRA (Conferência de Intercâmbio Monástico do

Brasil) que contemplam a segunda seção desta dissertação; o Glossário de Crítica Textual que contempla conceitos da área de Filologia tratados em todas as seções; o projeto Enciclopédia e Hipertexto que traz enriquecedoras informações relacionadas à edição digital; o documentário sobre o Mosteiro de São Bento, que trata da sua história e de Frei Domingos, entre outros.

Vale ressaltar que a distinção entre interesses do público leigo e do especializado ora apresentada se constitui apenas de estimativa, considerando as características gerais de cada grupo, afinal, assim como o editor prepara uma edição segundo seus objetivos, também o leitor determina o acesso aos *hiperlinks* de acordo com seus anseios e necessidades. A apresentação de fac-símiles, por exemplo, pode interessar, primordialmente, aos pesquisadores da área filológica, mas pode também despertar a atenção de estudiosos do ramo da psicologia, por buscarem no traçado da letra elementos referentes à personalidade de seu autor. Sousa (2004) pondera que “[...] quando lidamos com uma obra que foi escrita depois da invenção da imprensa, não é muito importante lidar com um fac-símile. O mesmo não sucede com os manuscritos”. A seção que trata da argumentação nos sermões, por sua vez, pode despertar interesse de pesquisadores da área de Análise do Discurso que podem fazer um estudo mais aprofundado da questão; as descrições extrínseca e intrínseca podem servir de base para os linguistas históricos, arquivistas, especialistas em patrimônio; o levantamento biográfico de Frei Domingos pode suscitar o interesse de historiadores ou teólogos. Essa diversidade de áreas a serem contempladas por tal trabalho filológico corrobora o pensamento de Auerbach (1972) acerca do conceito abrangente de Filologia.

Ora, se opta aqui pela edição digital devido ao seu caráter democrático que pode alcançar, simultaneamente, públicos distintos; que tem espaço ilimitado e abarca diferentes formatos e linguagens textuais; e que liberta o leitor da influência direta do editor. Além disso, a edição digital facilita a conexão entre outros textos afins, como sermões de outros beneditinos da mesma época, por exemplo. Quanto aos sermões de Frei Domingos, acredita-se que a edição digital seja adequada e contemple o objetivo de trazer ao público leigo e especializado tais textos, garantindo seu estabelecimento e difusão.

Do ponto de vista filológico, fazer uma edição digital é convergir com Ivo Castro (1995, p. 516), que afirma que “[...] nenhum filólogo trabalha livre das condições de seu tempo”, por isso é compreensível e necessário que ele se utilize das ferramentas disponíveis em sua época em prol do bom desenvolvimento de seu trabalho, uma postura desejável aos profissionais das mais diversas áreas. Enfim, essa edição significa novos horizontes alcançados em meio às infinitas fronteiras constantemente estabelecidas.

“Há momentos corais que juntam o que está dividido ou revelam a matéria comum ao que até aí fora percebido como separado” (DIONÍSIO, 2006). Acredita-se que seja esse o papel de *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para salvação* – juntar, com harmonia, épocas, edições e estudos distintos e, dessa forma, revelar a completude de sua essência.

6.1.1 Metodologia da Edição Digital

Esta edição digital foi preparada no *software Word 2007*, programa da *Microsoft* comumente usado para produção e edição de textos. Tal escolha se deu em consideração a algumas questões relevantes: i) é um programa consolidado no mercado, o que supõe que não sairá de circulação tão rapidamente, e com isso, garante a possibilidade de se editar os documentos sempre que preciso e desejado; ii) tem ferramentas bastante simples e de bastante familiaridade, facilmente usadas até mesmo por filólogos que não disponham de muitas habilidades na área da informática, não sendo necessário, portanto, delegar a terceiros a tarefa de construção da edição digital, afinal, a produção de uma edição deve ser de inteira responsabilidade do seu editor; iii) permite que se manuseiem e se coloquem em diálogo diferentes formatos de documento, como imagens, sons e vídeos.

Para se produzir uma edição digital é necessário usar a linguagem *HTML – Hyper Text Markup Language* – que significa *Linguagem de Marcação de Hipertexto*.

HTML é uma linguagem de formatação que diz exatamente como o documento foi construído por seu autor. Por exemplo, especifica a posição e tamanho das figuras; o tipo, cor, e tamanho da fonte; a cor do fundo; o tamanho das margens etc. O navegador, ao ler o arquivo HTML, tem condições de reproduzir exatamente, no computador local, a página que está em outro computador (ICB-UFPA, 2012).

Adotou-se a metodologia apresentada por Andrade (2010), que assim orienta, em uma espécie de tutorial:

1. abre-se uma pasta específica para os documentos que ficarão em formato *HTML*; depois todos os arquivos que serão relacionados em *hiperlink* (separadamente, um a um) deverão ser salvos nesse mesmo formato, dentro de tal pasta. Para isso deve-se clicar em **salvar como** (em cada arquivo) e escolher a opção **outros formatos**; será aberta uma caixa na qual se deve escolher no local **tipo** a opção **página da web**. Nesse momento o *Word* abrirá pastas com os nomes de cada arquivo em linguagem de internet, dentro da pasta já criada anteriormente;
2. depois se escolhe um desses arquivos em formato *HTML* para começar a inserir os *hiperlinks*. Para criar os *hiperlinks* dentro desse arquivo é necessário abri-lo em *Word* (clica com o botão direito no nome do arquivo e seleciona **Abrir com Word**);
3. em seguida, se escolhem as palavras que levarão ao *hiperlink*. Clica-se com o botão direito em cada palavra e manda-se inserir *hiperlink*; escolhe-se qual o arquivo deve ser relacionado (para se tornar o link), um daqueles que já está salvo em *HTML* dentro da pasta. Depois basta repetir a mesma operação com os outros arquivos;
4. se desejar, é possível também colocar um *link* nos outros arquivos, que sirva de retorno a uma determinada página, que pode ser um sumário. Todos os arquivos podem estar em *hiperlink* com o sumário caso o leitor deseje enxergar o todo. Após colocar todos os *hiperlinks*, fazendo o mesmo processo, a edição estará pronta.

Seguindo tais orientações se deu origem à *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para a salvação*.

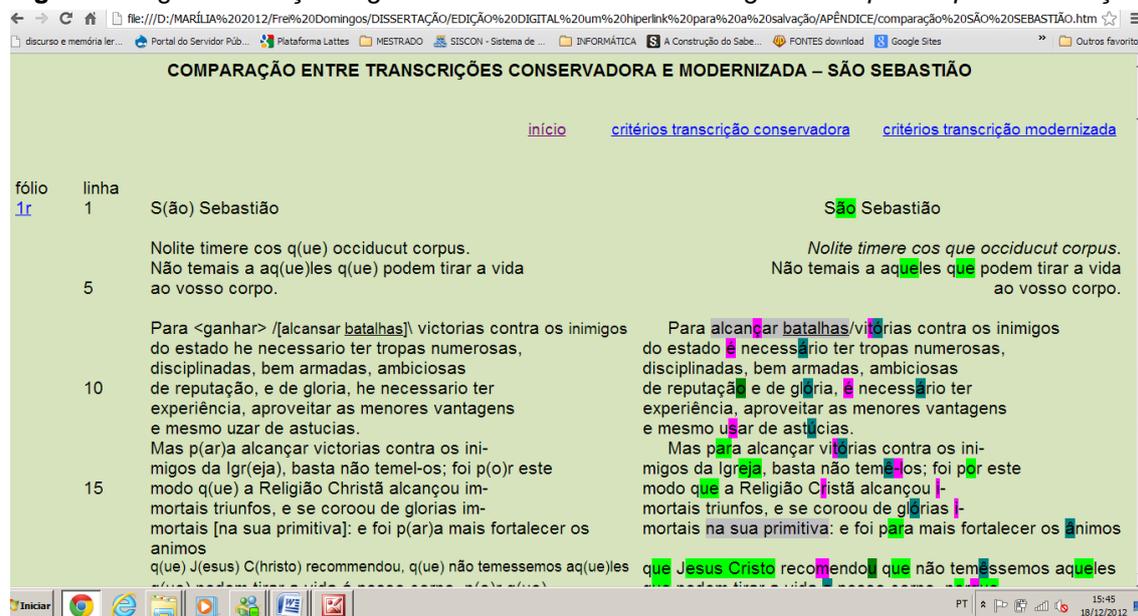
Como já se ponderou anteriormente, a edição digital não se constitui de transposição de uma edição em suporte tradicional para um suporte eletrônico. Algumas ações só podem ser viabilizadas na edição digital. Tem-se como exemplo, o trabalho feito com a edição modernizada. Na edição em papel, se apresenta o resultado final da modernização, mas não se acompanham as mudanças efetuadas em cada sermão. Na edição digital isso se torna possível. Para tanto, são adotados, além dos critérios já mencionados na quinta seção desta dissertação, alguns outros peculiares, a saber:

- ao comando do operador, é possível acessar uma página com a transcrição modernizada e conservadora de um fólio, lado a lado; o operador pode se remeter também ao fac-símile do fólio editado;
- todas as correções são evidenciadas através de um destaque colorido correspondente ao movimento de correção efetuado, conforme a legenda a seguir:

	adequação da grafia
	ajuste do uso de letras minúsculas
	ajuste do uso de letra maiúscula
	acentuação
	abreviatura desenvolvida
	inserção de palavra sobreposta
	escrito não identificado
	substituição por sobreposição
	adequação da pontuação
	ajuste na concordância nominal e verbal
	leitura conjecturada
	linha de texto suprimida

O uso desses destaques facilita a percepção e compreensão dos movimentos de correção efetuados na modernização.

Fig. 36 – Página da *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para a salvação*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para garantir uma boa visualização da Edição Digital, recomenda-se que se usem os navegadores *Internet Explorer 7/8/9*, *Mozilla Firefox* ou *Google Chrome*, com resolução de tela mínima de 1024 por 768 píxeis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESEJO DE RECOMEÇO

Tomou-se como epígrafe desta dissertação as providenciais palavras de Saramago (1985), por acreditar que elas situam a motivação deste trabalho. Retoma-se aqui, na seção final, tal citação, com dois propósitos. Primeiramente, se objetiva analisar sua similitude com o caminho trilhado nas seções anteriores. Veja-se:

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes poderão prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, sabia que não era assim. O fim de uma viagem é sempre o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com Sol onde primeiramente a chuva caíra, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. (SARAMAGO, 1985, p. 233)

Foi com tal certeza que se percorreu os caminhos da escrita de Frei Domingos. Com o intuito de prolongá-lo em memória se editou seus textos e, na segunda seção deste trabalho, se delineou um breve levantamento biográfico, acompanhado de contextualização da época e local onde/quando ele viveu. Assim, espera-se ter atingido a função adjetiva da Filologia, que busca nos arredores pistas que desvendem o texto em sua totalidade.

Para “*ver outra vez o que se viu já*”, a quarta seção trouxe a revisão da edição semidiplomática preparada em 2009, pois, assim, é possível conseguir “*ver o que não foi visto*” e, talvez, trazer um texto mais fiel ao manuscrito original – um propósito fundamental do labor filológico. Com descrições extrínseca e intrínseca, se registrou o que se percebeu ao olhar de novo os manuscritos.

Para entender como se deu o processo de construção dos sermões foi “*preciso voltar aos passos que foram dados*” por Dom Domingos, analisando suas rasuras, acréscimos, adiantamentos, sobreposições, substituições, suas emendas diversas. Com isso, se almejou desvendar a “pluralidade de vontades” (DUARTE, 1994, p. 338) do autor e, com base nessas, constituir a

versão virtualmente acabada dos textos (sob a pele de uma edição modernizada, apresentada na quinta seção), afinal a versão realmente acabada somente o autor poderia produzir.

Essa jornada percorrida com os textos, desde sua forma primeira, revelada pelo autor em rascunhos, até chegar à suposta versão última, na edição modernizada, permite compreender quão vivos continuam os sermões, mesmo com a fragilidade material de muitos fólhos, já deteriorados por agentes variados, como tempo, umidade e papirófagos.

Também continua viva a Filologia, ciência com origens tão antigas, mas que se vale das benesses da modernidade para aprimorar o labor do filólogo. Assim, se apresentou, na sexta seção deste estudo, a *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para a salvação*.

O trabalho que ora se finaliza, certamente apresenta algumas lacunas e equívocas, portanto, está distante da utópica dissertação ideal e necessita de algumas intervenções. Reconhece-se que as análises poderiam ser mais profundas – planeja-se, posteriormente, aprimorar as descrições extrínseca e intrínseca, lançando olhar minucioso sobre cada fólho dos seis cadernos manuscritos.

Ampliar as pesquisas em torno da história da Congregação Beneditina Brasileira e, em especial, do Mosteiro de São Bento da Bahia, pode propiciar uma compreensão mais ampla tanto do cenário sócio-histórico-político-econômico no qual viveu Dom Frei Domingos como da relevância dos trabalhos dos beneditinos para a constituição e preservação da memória baiana e brasileira.

Pretende-se fazer um estudo mais aprofundado acerca do gênero sermão, comparando-se a oratória de Frei Domingos com a de outros beneditinos e religiosos de diferentes congregações, a fim de perceber possíveis semelhanças e peculiaridades; ainda em relação à sermonística, a exemplo do que se fez com *Sermão de Misericórdia*, os outros cinco textos devem ser estudados no que tange às estratégias argumentativas adotadas.

Deseja-se aproximar ainda mais do público leigo a linguagem da edição modernizada, construindo, para isso, um glossário de vocábulos pouco usuais

presentes nos sermões; almeja-se também fazer um estudo da língua da época, a fim de traçar um panorama sócio-linguístico e perceber marcas dessa língua – tanto oral como escrita – no discurso “dominguiano”.

Em relação à edição digital, busca-se maior domínio das ferramentas virtuais, com vistas a oferecer ao leitor-navegador uma edição mais interativa, dinâmica e interessante, a fim de estabelecer todas as relações e diálogos possíveis ao objeto deste trabalho.

Com tais ponderações, confessa-se que a autora da dissertação continua sendo alimentada pela inquietação de adentrar mais e mais o texto. Confessa-se também a satisfação de se perceber quão diversificados foram os caminhos percorridos durante o estudo dos sermões de Frei Domingos; a satisfação de, através de tal objeto, ter dado voz a um memorável passado que já serve ao presente e se lança para o futuro.

Acredita-se, com isso, que a Filologia continua sendo aquela ciência antiga que tem por objeto as palavras e que, como tal, estabelece diálogo com diferentes áreas com vistas a compreender essas palavras; acredita-se ainda que a Filologia continua se renovando, haja vista sua justificada inserção no mundo das tecnologias, que facilitam e aprimoram o labor do filólogo e lhe permitem novas abordagens, a exemplo da edição digital.

Finalmente, retoma-se as palavras de Saramago (1985) no intuito de revelar a essência desta última seção e relembrar um sentido inerente à Filologia: o recomeço, o refazer, o rever, o aprimorar. Assim, se conclui essa dissertação, mas já com desejo de retomá-la, afinal, “*é preciso recomeçar a viagem. Sempre*”. Do rascunho ao hipertexto, do hipertexto...

REFERÊNCIAS

- ABRAM, Kathryn. Eletronic text: a bibliographic essay. *Mantex*, UK, v. 19c, 2002. Disponível em: <<http://www.mantex.co.uk/2009/09/30/electronic-textuality-a-bibliographic-essay/>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: EDUFPE; FJN; Massangana, 1994.
- AMARAL, Dom Emanuel d'Able do, OSB. *Introdução à história monástica*. Salvador: Edições São Bento, 2006.
- ANDRADE, Marla Oliveira. A filologia na era digital. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA UFBA (SePesq), 2010, Salvador. (Texto não publicado).
- _____. *Uma porta para o passado: edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. 2009. 342 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ANDRADE, Marla Oliveira; LOSE, Alícia Duhá. Pesquisas filológicas nos acervos da Biblioteca Histórica do Mosteiro de São Bento da Bahia. *Scripta Philológica*. Salvador, n. 3, 2007. 1 CD-ROM.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A biblioteca virtual, a utopia digital e o leitor tropical. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 5., 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2002. p. 133-137.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. 2. ed. Santa Maria: EDUFMS, 1995.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Establecimiento del texto. In: _____. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: GEDISA, 1998. p. 129-150.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, & latino*. Pascoal da Sylva: Lisboa, 1720.
- CAGNAT-DEBOEUF, Constance. Prefacio. In: BOSSUET, Jacques-Bènigne. *Sermons: Le carême du Louvre*. Paris: Gallimard, 2001.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*. Madrid: Editorial Castalia, 2000.

- CASTRO, Ivo. O Retorno à filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 516.
- CHARTIER. Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.
- CHIARI, Alberto. La edizione critica. In: FUBINI et al. (Org.). *Tecnica e teoria letteraria*. 2. ed. Milano: Carlo Marzorati, 1951. p. 235-236.
- CIRILLO, José. Acervos digitais e Crítica Genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012.
- CNALP. Boletim da Comissão Nacional da Língua Portuguesa. In: GOMES, Francisco Álvaro. *O Acordo Ortográfico*. Porto: Edições Flumen, 2008.
- CONFERÊNCIA DE INTERCAMBIO MONÁSTICO DO BRASIL. *A Ordem no Brasil*. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.osb.org.br/cimbra/ordemHistorico.asp>>. Acesso em: 25 maio 2012.
- CUNHA, Celso. O ofício do filólogo. In: _____. *Sob a pele das palavras: dispersos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 341-59.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lidley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIONÍSIO, João. Ab la dolchor del temps novel? In: DIONÍSIO, João et al. *Enciclopédia e Hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/jdionisio/index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica de textos*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- _____. *Glossário de Crítica Textual*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997-]. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#73>>. Acesso em: 5 out. 2012.
- _____. Prática de Edição: “Onde Está o Autor?”. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES: GÊNESE E MEMÓRIA, 4, 1994. *Anais...* São Paulo: Annablume; APML, 1994. p. 335-358.
- EVEREST, Kelvin. Historical Reading and Editorial Practice. In: BRAY, Joe; HANDLEY, Miriam; HENRY, Anne (Org.). *Ma(r)king the Text: the presentation of meaning on the literary page*. Aldershot, ENG: Ashgate, 2000. p. 193-200.

- FARIA, Maria Isabel; PERIÇÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, a edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc.* Lisboa: Guimarães, 1988. p. 105-9.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX.* 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* Paris: Gallimard, 1971.
- GAMA, Albertina Ribeiro; TELLES, Célia Marques. Os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc (Rep. Tcheca), v. 69, n. 6, p 61-5, 1996.
- GOMES, Ricardo. Construtores da história. *Folhablu*, Blumenau, ano 5, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.folhablu.com.br/ler.noticia.asp?noticia=1564&menu=10>>. Acesso em: 25 maio 2012.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética.* Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- GRIZE, Jean-Blaise. *Lógica e Linguagem.* Paris: Ophrys, 1990.
- HERNÁNDEZ, Maria Herminia Oliveira. O legado beneditino na arquitetura e construção do edifício do Mosteiro de São Bento da Bahia. In: PAIXÃO, Dom Gregório (Org.). *O Mosteiro de São Bento da Bahia.* Salvador: Versal Editores, 2011. p. 161-212.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita.* Trad. da 10. ed. corrig. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.
- INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. Universidade Federal do Pará. *A linguagem HTML.* 2012. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/dicas/htm/htm-intr.htm>>. Acesso em: 18 out. 2012.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária.* 5. ed. Lisboa, 2004.
- LÁZARO CARRETER, Fernando. *Diccionario de terminos filológicos.* 2. ed. aum. Madrid: Gredos, 1962. p. 154.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: ENCICLOPEDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa nacional / Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 11-50.
- LOSE, Alícia Duhá et al. *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira.* Salvador; Rio de Janeiro: Edições São Bento; Lumen Christi, 2009. 159 p.
- LOSE, Alícia Duhá; OLIVEIRA, Jaqueline M. C. de; MAGALHÃES, Livia B.; NUNES, Marília Andrade; ANDRADE, Marla O. Edições digitais de manuscritos: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie-

Hélène Paret (Org.). *Materialidade e virtualidade no processo criativo*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2011. p. 77-99.

MAINGUENEAU, Dominique. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1.

MCGANN, Jerome. *The Textual Condition*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1991. p. 177-186.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 166.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA. *Biblioteca Monástica: um elogio ao saber*. Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.saobento.org/Biblioteca/biblioteca1.html>>. Acesso em: 25 set. 2012.

MÜLLER, Dom Gregório (OSB). *Os beneditinos na Bahia 1581-1947: Histórico da Abadia de São Sebastião da Cidade do Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1947.

NUNES, Marília Andrade; LOSE, Alícia Duhá. Edição digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: uma nova etapa. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 5, 2010, Salvador. *Anais...* Salvador: Quarteto, 2010.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *A Lição do texto: filologia e literatura (Idade Média)*. Lisboa: Edições 70, 1979. (Coleção Signos, 20).

PLANTIN, Christian. *A argumentação*. Trad. de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REIS, C.; MILHEIRO, M. R. *A construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: IN/CM, 1989.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. O livro eletrocutado: tratamento e leitura de textos através do hipertexto. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 4., 1999, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2001. p. 53-56.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 10. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1993.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 1985.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de lingüística geral*. Trad. de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SENNA, Francisco. Os beneditinos da Bahia. In: PAIXÃO, Dom Gregório (Org.). *O Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: Versal Editores, 2011. p. 105-160.
- SHILLINGSBURG, Peter L. General Principles for Electronic Scholarly Editions. *MLA Committee on Scholarly Editions*, Toronto, 1993. Disponível em: <<http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- SNYDER, Ilana. *Hypertext: the electronic labyrinth*. Washington: New York University Press, 1996.
- SOUSA, Ana. Análise do sítio The Geoffrey Chaucer Website Homepage. *DigLitWeb*, 2004. Disponível em: <<http://www.ci.uc.pt/diglit/DigLitWebEdeEdicaoElectronicaEnsaio22.html>>. Acesso em: 7 jun. 2012.
- SOUZA, Walter Nilton. Cidade do Salvador: Mosteiro de São Bento da Bahia. *Nilton Souza Fotografias*, [online], [2008]. Disponível em: <<http://www.niltonsouza.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.
- _____. *Normas gerais para os trabalhos de grau: um breviário para o estudante de pós-graduação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Prefácio. In: MEGALE, Heitor (Edit.). *A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII*. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1988.
- SUTHERLAND, Kathryn (Ed.). *Electronic Text: Investigations in Method and Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- TAMMARO, A. M; SALARELLI, A. *A Biblioteca Digital*. Trad. Antonio A. B. Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- TAVANI, Giuseppe. A recuperação do texto. In: ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA E LITERATURA: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 565-72.
- _____. Teoría y metodología de la edición crítica. In: SEGALA, Amos (Org.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX. siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p. 35-51.

TE CONHEÇO pelas imagens. *Professor Cid Teixeira*, Salvador, 2008.
Disponível em: <<http://www.cidteixeira.com.br/site/foto.php?id=298>>. Acesso em: 10 out. 2012. (Site).

TELLES, Célia Marques. A chamada lição conservadora na edição de textos. *Scripta Philologica*, Salvador, n. 5, p. 253-266, 2009.

_____. A lição conservadora e a análise linguística do texto. *Boletim da ABRALIN*, Fortaleza, v. 26, n. especial, p. 463-65, mar. 2001.

_____. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 25-26, p. 94-5, jan.-dez. 2000.

TELLES, Célia marques; LOSE, Alícia Duhá. Escrita e fala: o que ensinam os textos não literários. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 11, n. 20, p. 107-132, 1º sem. 2010.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. Introdução a lições de Filologia Portuguesa. *Revista Lusitana*, Coimbra, v. XXI, n. 1-2, p. 5-32, 1918.

VIGNAUX, Georges. Énoncer, Argumenter: opérations du discours - logiques du discours. *Langue Française*, Paris, n. 50, p. 91-116, mai 1981.